unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARIA BEATRIZ GAMEIRO

A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio:

uma avaliação de fatores linguísticos e sociais.

ARARAQUARA – S.P.
2009

MARIA BEATRIZ GAMEIRO

A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio:

uma avaliação de fatores linguísticos e sociais.

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Profª Drª. Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos.

Bolsa: Programa Bolsa Mestrado/Doutorado-Incentivo da Secretaria da Educação do Governo do Estado de São Paulo aos professores da rede pública.

ARARAQUARA – S.P.
2009

GAMEIRO, Maria Beatriz

A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais. Maria Beatriz Gameiro (Araraquara)

220 f ; 21 cm

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

1. Teste de percepção. 2. Concordância verbal. 3. Sociolinguística. I. Maria Beatriz Gameiro. II. Orientadora: Profª Drª Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos. A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio

MARIA BEATRIZ GAMEIRO

A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio:

uma avaliação de fatores linguísticos e sociais.

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de doutor em Linguística e Língua Portuguesa.
Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.
Orientador: Profª Drª. Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos.
Bolsa: Programa Bolsa Mestrado/Doutorado-Incentivo da Secretaria da Educação do Governo do Estado de São Paulo aos professores da rede pública.

Data da defesa: 25/08/2009

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Odette Gertrudes Luiza Altamann de S. Campos
Presidente e Orientador. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Profª Drª Beatriz Nunes de Oliveira Longo
Membro Titular. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Profª Drª Rosane de Andrade Berlinck
Membro Titular. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Profª DrªVanice Maria Oliveira Sargentini
Membro Titular. Universidade Federal de São Carlos -UFSCAR-

Profª Drª Ana Maria Souza Lima Fargoni
Membro Titular. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho aos meus pais, Lúcia e Luiz, pelo amor incondicional, por serem exemplo de dedicação, amor, carinho e bondade. Por serem minha fortaleza, meu refúgio e porto seguro. Sem a educação e amor de vocês, não teria chegado até aqui. Agradeço a Deus por ser presenteada com pais inigualáveis, se todos fossem como vocês o são, a sociedade certamente seria mais humana e melhor. Obrigado por todo esforço desempenhado para a realização deste trabalho, pela alegria de viver, pela fé em Deus, por me ensinarem a respeitar as pessoas e a ter disposição para ajudar os outros. Esta conquista é de vocês!

À minha irmã Carol e ao seu marido por me acolherem, aconselharem, me escutarem, pelo apoio, força, enfim, por me amarem de verdade.

À minha sobrinha, Maria Eduarda, pela sinceridade, amizade e companhia.

À minha irmã Tereza e seu esposo Rafael, pelos momentos de descontração.

Aos meus amigos e familiares que compartilharam minhas angústias, momentos de felicidade e torceram pela realização deste trabalho, em especial à avó Maria pelas orações ao Pai Eterno.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me concedido força, inteligência e saúde para a concretização deste trabalho.

Agradeço também, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado, especialmente:

À Profª. Drª. Odette Gertrudes Luiza A. de Souza Campos, minha orientadora, por acreditar em mim desde o início, por me compreender e me auxiliar nos momentos difíceis. Obrigada pela paciência, amizade e valiosos ensinamentos.

Agradeço também ao Prof. Joaquim, uma pessoa tão especial, culta e inteligente.

Aos professores da Banca de Qualificação, à profª. Drª Ângela Cecília Rodrigues e à Profª. Drª Rosane de Andrade Berlinck, pelas preciosas contribuições e sugestões.

À direção da Escola Estadual Profª Zita de Godoy Camargo por autorizar esta pesquisa e por entender minhas ausências.

Aos meus informantes, alunos desta escola, que prontamente se disponibilizaram a me ajudar.

À direção e amigos do Colégio Koelle, renomada instituição de ensino, exemplo de seriedade, objetividade, comprometimento e eficiência.

À direção e amigos da Faculdade Interativa COC, que me concedeu a oportunidade de lecionar no Ensino Superior a Distância.

A toda a minha família que sempre me apoiou com muito amor e carinho. À minha tia Verinha, pela garra, luta e guloseimas.

Aos meus pais, pelo amor e apoio total.

À minha tia Elisa, pela alegria de estar em casa.

Às minhas queridas irmãs, pela paciência e compreensão.

Aos meus cunhados, Rafael e Ricardo, que também fazem parte da minha família.

Ao meu querido casal de amigos, Vanessa e Guilherme, pela amizade, por estarem sempre presentes e dispostos a me ajudar! Vocês são preciosos amigos.

Ao meu querido colega Alexandre, que me socorreu em momentos de desespero.

À professora Marta Scherre, que sempre prontamente responder meus e-mails.

Ao Fernando, por ser amigo em todos os momentos, por me ouvir com paciência e pelo carinho a mim dedicado.

Aos amigos de Limeira, em especial a Dani, por estarem presentes nos momentos de lazer.

À Anna Patrícia, pela revisão do abstract.

A todos os meus alunos que souberam compreender meu cansaço e preocupação muitas vezes.

Aos funcionários do programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa e do pólo computacional pela atenção sempre constante.

Às bibliotecárias, Ana Paula e Sandra Pedro, por prontamente me auxiliarem na revisão das normas da ABNT.

À Secretaria da Educação do Governo do Estado de São Paulo pelo apoio financeiro.

As pessoas só observam as cores do dia no começo e no fim, mas, para mim, está muito claro que o dia se funde através de uma multidão de matizes e entonações, a cada momento que passa. Uma hora só pode consistir em milhares de cores diferentes. Amarelos céreos, azuis borrifados de nuvens. Escuridões enevoadas. [...]

Markus Zusak (2007, p.10)

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a variação da concordância verbal na língua escrita de informantes da região central do Estado de São Paulo, especificamente, Rio Claro. Para tanto, utilizamos um *corpus* composto de redações elaboradas por alunos da Escola Estadual Zita de Godoy Camargo. Este estudo é baseado na teoria sociolinguística, que considera a língua em seu contexto social. Partindo do pressuposto de que a concordância verbal do português do Brasil é uma regra variável, na qual há a variante de prestígio (marcada com o plural), e a variante desprestigiada (sem a marca de plural) em competição entre si, procuramos não só verificar esta variação como também identificar os fatores linguísticos e sociais que estão influenciando, condicionando esta variação na escrita formal. O uso das variantes foi analisado de acordo com fatores linguísticos e sociais já postulados por outros estudiosos. Dentre os fatores linguísticos, destacamos: a saliência fônica verbal, o paralelismo formal, e características do sujeito e do verbo. Os fatores extralinguísticos analisados foram: o sexo, a etnia, o nível social e o grau de escolaridade dos informantes. Realizamos uma análise quantitativa destes fatores através do programa computacional GOLDVARB 2001. Além da análise objetiva, realizamos uma investigação sobre a percepção dos informantes acerca do fenômeno estudado com base na avaliação subjetiva realizada por Labov (1983). Elaboramos nosso próprio questionário para relacionar a percepção que os informantes apresentam sobre a CV a fatores sociais e linguísticos, o que chamamos de teste de percepção. Tais questionários foram analisados qualitativa e quantitativamente, e demonstraram que fatores como, por exemplo, o número de livros que leem, a produção e "correção" da CV, bem como a expectativa do informante influenciam sua percepção em relação à CV. Pudemos observar que a concordância verbal é uma regra variável condicionada principalmente por fatores internos, como o princípio de saliência fônica e a posição do sujeito. Outros fatores, como o paralelismo formal, a presença/ausência do sujeito pronominal e o traço semântico do sujeito também se revelaram muito importantes para o uso da concordância verbal.

Palavras – chave: Teste de percepção. Concordância verbal. Sociolinguística. Variação. Labov.

ABSTRACT

This work presents a social and linguistic study about the subject-verb agreement, as it is presented at the written language of individuals from SP state, Rio Claro. For this, we used a corpus composed of essays prepared by students of the State School of Zita Camargo Godoy. This study is based on Sociolinguistic, witch analyzes the language in social context. We assumed that subject-verb agreement of Brazilian Portuguese is a variable rule in the third person, in which formal (with plural) and informal variants (without plural) compete. Therefore, we tried not only to verify this variation, but also to identify the linguistic and social factors that lead to such variation in our region. It is important to mention that the use of the variants was analyzed according to linguistic and social elements, such as phonetical salience of the verb, formal parallelism, and characteristics of the subject and verb. Extra linguistic factors analyzed were: gender, social level and the level of education of the informants. We made a statistical analysis of these factors using the computer program GOLDVARB 2001, which selected the most important factors. Besides the objective analysis, we carried out an investigation concerning the informants' perception about the phenomenon studied, based on the subjective evaluation carried out by Labov (1983). We prepare our questionnaire itself in order to list the perception that the informants present about Subject-verb agreement (SVA) regarding social and linguistic factors, which we called perception test. These questionnaires were analyzed qualitative and quantitatively, and demonstrated factors such as, the number of books they read, the production and " correction " of the SVA, as well as the expectation of the informant and how this influences his perception regarding the SVA. We observed that the subject-verb agreement is a variable rule conditioned mainly by internal factors, such as the principle of phonet salience of the verb and position of the subject. Other factors, such as the parallel form, the presence / absence of the pronominal subject and the semantic feature of the subject were also very important for the use of verbal agreement.

Keywords: Perception test. Subject-verb agreement. Sociolinguistic; Variation, Labov.

.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Percentual geral de concordância	p.114
Gráfico 2	Percentual de percepção às formas padrão e não padrão	p.160

LISTA DE TABELAS

Tabelas da seção 5.1

Tabela 1	CV e o grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural	p.123
Tabela 2	CV e o princípio do paralelismo discursivo	p.129
Tabela 3	CV e o paralelismo discursivo com o grau de saliência fônica	p.131
Tabela 4	CV e a posição do sujeito em relação ao verbo	p.132
Tabela 5	CV e a posição do sujeito com a saliência fônica verbal	p.135
Tabela 6	CV e a posição do sujeito com a animacidade do sujeito	p.136
Tabela 7	CV e o termo à direita do verbo	p.138
Tabela 8	CV e a presença/ausência do sujeito pronominal	p.141
Tabela 9	CV segundo a presença/ausência do sujeito pronominal e a saliência fônica verbal	p.144
Tabela 10	CV e o paralelismo formal	p.146
Tabela 11	CV e o valor semântico do sujeito	p.148
Tabela 12	CV e o valor semântico do sujeito com a saliência fônica verbal.	p.150
Tabela 13	CV e o sexo dos informantes	p.151
Tabela 14	CV e a presença/ausência do *que* relativo	p.152
Tabela 15	CV e a presença/ausência do *que* relativo com a saliência fônica verbal	p.153
Tabela 16	CV e a escolaridade dos informantes	p.155
Tabela 17	Distribuição percentual dos alunos no nível de proficiência do SARESP	p.156
Tabela 18	CV e o papel semântico do sujeito	p.156

Tabela **Tabelas da seção 5.2**

Tabela 1	Percepção das FPNP em relação aos tipos de frases	p.161
Tabela 2	Percepção das FPNP em relação às correções feitas às ausências de CV	p.165
Tabela 3	Percepção das FPNP em relação aos tipos de frases e a correção das ausências de CV	p.168
Tabela 4	Percepção das FPNP em relação à produção de frases com e sem marcas formais de plural	p.170
Tabela 5	Percepção das FPNP em relação às correções feitas às ausências e à produção de formas com e sem CV	p.173
Tabela 6	Percepção das FPNP em relação à escolaridade dos informantes	p.177
Tabela 7	Percepção das FPNP em relação ao sexo dos informantes	p.178
Tabela 8	Percepção das FPNP em relação à escolaridade dos responsáveis	p.179
Tabela 9	Percepção das FPNP em relação ao nível social dos informantes	p.180
Tabela 10	Percepção das FPNP em relação ao número de livros lidos pelos informantes	p.181
Tabela 11	Percepção das FPNP em relação ao número de livros lidos pelos informantes e os tipos de frases	p.183
Tabela 12	Percepção das FPNP em relação à expectativa de vida dos informantes	p.186
Tabela 13	Percepção das FPNP em relação à expectativa de vida dos informantes e os tipos de frases	p.186

LISTA DE QUADROS

Quadro introdutório	Principais diferenças entre a Gramática Formal e Funcional, baseado em Dik	p.23
Quadro 1	A variável dependente	p.88
Quadro 2	Variável saliência fônica verbal.	p.89
Quadro 3	Variável posição do sujeito em relação ao verbo.	p.91
Quadro 4	Variável paralelismo formal.	p.92
Quadro 5	Variável elemento à direita do verbo.	p.93
Quadro 6	Variável paralelismo Discursivo	p.94
Quadro 7	Variável Presença/ausência do sujeito pronominal	p.95
Quadro 8	Variável presença/ausência do *que* relativo	p.96
Quadro 9	Variável papel semântico do sujeito	p.97
Quadro 10	Variável animacidade do sujeito	p.99
Quadro 11	Variável escolarização	p.100
Quadro 12	Variável sexo do informante	p.101
Quadro 13	Variáveis dependente e independentes em relação à percepção do informante	p.111

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... **p.14**

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Considerações iniciais..... **p.20**

2.1.1 Aspectos gerais do Funcionalismo..... **p.22**

2.1.2 Halliday e o Funcionalismo..... **p.30**

2.1.3 Simon Dik e suas ideias funcionalistas..... **p.32**

2.2 O desenvolvimento da Sociolinguística **p.33**

2.2.1 A Sociolinguística..... **p.40**

3 O FENÔMENO EM ESTUDO

3.1.1 As definições da CV sob o olhar da Gramática Normativa..... **p.48**

3.1.2 As definições da CV sob o olhar da Linguística..... **p.52**

3.1.2.1 A CV sob um olhar funcional..... **p.56**

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1. O *corpus* sob análise..... **p.62**

4.1.1. O SARESP..... **p.62**

4.1.2 A seleção do corpus..... **p.71**

4.1.3 O texto narrativo..... **p.73**

4.1.4 A amostra..... **p.75**

4.1.5 Informações gerais sobre a escola e sua clientela.....

4.1.5.1 Localização..... **p.76**

4.1.5.2 Clientela escolar..... **p.76**

4.1.5.3 Situação socieconômica e cultural..... **p.77**

4.1.5.4 O prédio Escolar..... **p.78**

4.1.6 A seleção dos dados..... **p.78**

4.1.6.1 Dados selecionados para análise quantitativa..... **p.78**

4.1.6.2 Casos "especiais"..... **p.81**

4.1.7. Descrição das variáveis..... **p.86**

4.1.7.1 A variável dependente..... **p.88**

4.1.7.2 As variáveis independentes linguísticas..... **p.89**

4.1.7.3 Grupos de fatores sociais..... **p.99**

4.1.8 **Descrição das variáveis utilizadas no teste de percepção**..... **p.102**

4.1.8.1 Lista de variáveis dependentes e independentes do teste de percepção..... **p.110**
4.1.9 Goldvarb: programa utilizado no tratamento estatístico..... **p.113**
5 ANÁLISE DOS DADOS
5.1 AVALIAÇÃO OBJETIVA..... **p.114**
5.1.1 Considerações gerais sobre a CV e sua variação..... **p.114**
5.1.2 Notas introdutórias..... **p.122**
5.1.3 Análise da atuação dos fatores conforme a frequência e o peso relativo dos grupos selecionados pelo GOLDVARB..... **p.123**
5.1.4 Análise da atuação dos fatores conforme a frequência e o peso relativo dos grupos excluídos pelo GOLDVARB..... **p.154**
5.2 ANÁLISE DA AVALIAÇÃO QUE OS INFORMANTES FAZEM DA CV.....
5.2.1 Considerações iniciais..... **p.158**
5.2.2 Análise da percepção dos alunos em relação à CV..... **p.160**
6 CONCLUSÃO..... **p.188**
REFERÊNCIAS..... **p.197**
APÊNDICES.....
APÊNDICE A – Questionário "avaliação social" preenchido por um informante do *corpus*..... **p.208**
APÊNDICE B – "Teste de percepção" preenchido por um informante do *corpus*..... **p.209**
APÊNDICE C – Questionário de "correção" preenchido por um informante do *corpus*..... **p.211**
APÊNDICE D – Questionário "avaliação social" preenchido por um informante do *corpus*..... **p.212**
APÊNDICE E – "Teste de percepção*"* preenchido por um informante do *corpus*..... **p.213**
APÊNDICE F – Questionário de "correção" preenchido por um informante do *corpus*..... **p.215**
ANEXOS.....
ANEXO A- Amostra 1 de redação produzida pelos informantes..... **p.217**
ANEXO B– Amostra 1 de redação produzida pelos informantes..... **p.218**
ANEXO C– Amostra 1 de redação produzida pelos informantes..... **p.219**
ANEXO E–Autorização para uso dos dados da Escola..... **p.220**

1 INTRODUÇÃO

Hodiernamente, vários fenômenos em variação no português brasileiro (doravante PB) têm sido analisados pelos estudiosos da Linguística, porém, a questão da concordância é um dos fenômenos morfossintáticos da gramática da fala brasileira que tem sido estudado com mais precisão e rigor entre os sociolinguistas. Iniciados esses estudos por Naro (1981), com seu trabalho clássico *The social and structural dimensions of a syntatic change*, atualmente, o autor, junto a outros estudiosos e com a linguista Marta Scherre, continua dedicando-se ao assunto.

A proficuidade de trabalhos envolvendo a questão da CV em 3ª pessoa do plural reflete sua importância para os estudos linguísticos e sua fecundidade como campo de análise. Dentre os trabalhos mais conhecidos sobre CV, podemos destacar o de Rodrigues (1987) em São Paulo, o de Lemle e Naro, no Rio de Janeiro (1977), o de Monguilhott (2001) em Florianópolis, o de Bortoni (1981) em Brasília, o de Nicolau, (1984) em Belo Horizonte, dentre outros, além dos recentes artigos publicados por Scherre e Naro sobre o português escrito do Brasil e também de Portugal. Estes trabalhos já possibilitaram a descoberta das inter-relações entre fatores estruturais e sociais definidores dessa regra variável, mas é importante verificar como estas relações ocorrem em outras regiões, se apresentam um comportamento semelhante configurando ou não uma tendência geral do PB ou se há diferenças regionais

Em geral, os trabalhos sobre a variação na CV contemplam apenas a variedade não-padrão do PB, isto é, analisam a fala dos segmentos menos escolarizados. Por isso, analisamos a aplicação da regra de CV na escrita dos segmentos de escolaridade menor (6°ano do Ensino Fundamental) até o último ano do Ensino Médio, em uma situação formal, de avaliação, para verificarmos como a variação na aplicação da regra de CV ocorre nestes segmentos. Eles se baseiam no pressuposto de que o português popular brasileiro, ou não-padrão, é aquela variedade de português utilizada por brasileiros do mundo rural ou do mundo urbano, analfabetos ou de baixo nível de letramento.

Uma característica desta variedade é a redução do paradigma de concordância verbal, fato que também se verifica na fala mais descontraída de falantes cultos, em situações mais informais. Contudo, vale ressaltar o estudo realizado por Preti (1998), que demonstrou haver escolhas que não coincidiam com a norma padrão mesmo em um diálogo em que os falantes assumiram uma posição formal.

Rodrigues e Campos (2002) analisaram a ausência de concordância no português culto do Brasil utilizando o *corpus* do NURC e constataram que, embora haja variação na fala de tais informantes, houve forte tendência à aplicação da regra padrão de CV.

Com exceção dos trabalhos de Scherre e de Naro (1999, 2000) sobre a variação da CV na língua escrita, não encontramos outros que tratem do fenômeno em diferentes regiões do país nesta modalidade de língua, fato que justifica a relevância de nossa pesquisa.

Como está no centro das discussões travadas pelos diversos linguistas mencionados, seus estudos já indicaram que a regra de concordância entre o verbo e o sujeito é variável na língua escrita e falada tanto de pessoas mais escolarizadas, bem como das que não frequentaram muito a escola, o que muda é a frequência e o contexto desta variação.

Sabemos também que estas variações linguísticas ocorrem primeiramente e principalmente na língua falada espontânea, informal, pois nela, os momentos de planejamento e produção coincidem. Assim, formas verbais não pertencentes ao padrão aparecem mais comumente na fala do que na língua escrita mais formal, em que há o planejamento prévio e a possibilidade de correção, revisão. É importante relevar, também, que, embora a língua esteja em constante variação, a efetiva mudança ocorre de modo gradual e lento até que se consolide. Esta consolidação dependerá, por sua vez, da variante linguística, pois, se for estigmatizada, como acreditamos ser a ausência de CV, dificilmente será totalmente aceita pelos falantes, e assim, a mudança não irá se concretizar. A questão do estigma que a ausência de CV carrega é um dos grandes questionamentos deste trabalho, muito se diz que ela é estigmatizada, mas poucos estudos realizaram testes para medir seu grau de estigma. Desta forma, criamos questionários com a finalidade de averiguar a percepção que os informantes de nosso *corpus* possuem sobre a CV.

Em nosso trabalho de mestrado, intitulado *A Concordância Verbal na língua falada da região central do Estado de São Paulo* (GAMEIRO, 2005) realizamos a análise da variação na CV com sujeito na 3ª pessoa do plural da fala de pessoas de diferentes graus de escolaridade. No referido estudo, observamos um percentual genérico de 55% (772/1399) de ausência de marca formal de plural nos verbos, isto é, uma tendência comum à mudança, no sentido de passar a constituir uma regra variável. Dentre outros fatores, como a saliência fônica da desinência verbal e a posição do sujeito, verificamos também a importância da escolaridade dos informantes para a aplicação da regra, pois os falantes de escolaridade nula apresentaram os índices mais altos de ausência de CV, (74%). Percebemos, portanto, que há, de um lado, a pressão de fatores internos, como a baixa saliência fônica e a posposição do sujeito, por exemplo, influenciando a não concordância. Por outro lado, fatores externos,

como o maior nível de escolaridade, juntamente a fatores internos, como a alta saliência dos verbos, pressionam a realização da concordância segundo o padrão. Acreditamos que se não houvesse tanta pressão social, da escola, da mídia e da sociedade, de um modo geral, no sentido de "combater os erros, os desvios, o português informal", os fatores internos ajudariam a variante sem a marca formal de plural a vencer a batalha contra a padrão, que traz as marcas de plural.

Assim, constatada a grande importância da escolaridade para a aplicação da regra, neste trabalho, analisamos, por meio da metodologia da Sociolinguística, como fatores linguísticos e sociais interagem para favorecer ou desfavorecer o uso da regra de CV em um *corpus* escrito elaborado por informantes que estão frequentando a escola. Os dados do *corpus* utilizado pertencem a redações elaboradas por alunos do Ensino Fundamental II e Médio da Escola Estadual Zita de Godoy Camargo[1]. Este estudo resulta, dessa maneira, da ampliação da pesquisa por nós já realizada, pois a análise da CV na língua escrita pode demonstrar alguns dos fatores que determinam a variação existente, e se esta variação está caminhando para um possível processo de mudança linguística. Além de nos revelar os caminhos pelos quais esta possível mudança estaria se difundindo, podemos também isolar os fatores que deram início a tal processo.

Trata-se, portanto, de um trabalho cuja principal preocupação é a língua, porém, a língua em seu funcionamento, efetivamente utilizada pelas pessoas em situações de maior grau de formalidade, já que os dados pertencem a textos produzidos para uma avaliação.

Este estudo procurou evidenciar a alternância entre a presença de marca explícita de plural nos verbos de terceira pessoa do plural em contraposição à sua ausência sob dois aspectos diferentes:

-análise das ocorrências produzidas pelos informantes com e sem flexão verbal, (análise objetiva);

-análise da percepção que os discentes fizeram de frases com e sem marcas formais de plural no verbo e nos sintagmas nominais, o que denominamos "teste de percepção".

Assim, o principal objetivo deste trabalho é apresentar uma análise desenvolvida à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas sobre a variação na concordância verbal em redações escolares da Escola Estadual Profª Zita de Godoy Camargo.

Tais análises têm como fundamento teórico-metodológico as contribuições da Sociolinguística Variacionista, área da Linguística que postula que a escolha de uma ou outra

[1] Localizada na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, no bairro Jardim Chervezon, periferia do município.

forma da língua é condicionada por fatores diversos, sejam eles internos à sua estrutura, como os morfológicos, sintáticos e/ou semânticos, ou extralinguísticos - socioculturais e inerentes ao indivíduo.

Em relação aos aspectos internos, esperamos a confirmação de fatores já postulados por outros estudos, tais como a saliência fônica verbal, a posição e a presença do sujeito, o paralelismo discursivo, o paralelismo oracional e a animacidade do sujeito. Quanto aos aspectos socioculturais, extralinguísticos, analisamos apenas a escolaridade e o sexo dos informantes na avaliação objetiva. No teste de percepção, que avalia a reação dos falantes frente às construções linguísticas propostas, outros aspectos que revelam distinções de classe social, sexo e nível de escolarização foram avaliados também.

O trabalho está dividido da seguinte maneira. A primeira seção traz as informações gerais sobre a pesquisa, seu objetivo e organização. A segunda apresenta reflexões sobre a Sociolinguística Variacionista, suporte teórico e metodológico que orientou esse estudo. A terceira parte constitui-se de um levantamento dos registros gramaticais relativos à concordância entre verbo e sujeito, fornecidos por algumas gramáticas da língua portuguesa. Nesse levantamento, são evidenciados aspectos importantes para a compreensão dos dados em termos da previsibilidade da variação.

Na quarta seção, apresentamos a metodologia por nós empregada na presente análise, tratando desde a constituição do *corpus* até a forma de quantificação dos dados. Há também, uma breve exposição das variáveis linguísticas e sociais por nós elencadas como o conjunto de fatores condicionadores de uma frequência maior ou menor da concordância verbal. Por fim, trouxemos informações sobre a comunidade analisada, destacando dados sobre o bairro, a população, bem como sobre a estrutura e funcionamento da escola, onde a pesquisa foi realizada. Uma explanação concisa do programa computacional que permitiu a análise quantitativa dos dados também se inclui nesta parte do trabalho.

Dedicamos a última parte à análise dos dados, realizada com base nos resultados estatísticos tratados pelo programa GOLDVARB 2001. Esta, por sua vez, é subdividida em duas seções. Na primeira, apresentamos uma análise objetiva dos casos de CV por meio da discussão das variáveis linguísticas e extralinguísticas que favorecem a aplicação da regra no português em sua forma culta, na escrita formal de informantes, todos estudantes de uma escola de periferia da cidade de Rio Claro. Para tanto, investigamos as variáveis selecionadas pelo GOLDVARB à luz dos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística. A segunda parte deste tópico compreende a análise e discussão da avaliação, julgamento que tais informantes possuem sobre a variação na CV por meio de testes por nós elaborados. Nesta

seção, procuramos averiguar a percepção dos informantes acerca do fenômeno linguístico em foco. Para tanto, criamos dois questionários, um composto de diferentes usos de nossa variável dependente (ausência e presença de CV), em que os informantes tinham que julgar se cada uma das frases estava "certa ou errada". O segundo questionário, composto de três trechos de redações escolares em que havia ausência de CV, propunha aos informantes que corrigissem os possíveis "erros" de tais frases propostas. Vale destacar que embora não seja adequada, utilizamos a nomenclatura "certa/errada" para os testes a fim de facilitar a compreensão dos informantes, pois muitos ainda desconhecem os conceitos de norma padrão e de linguagem culta e seria inviável explicá-los a todos os informantes. Estes testes foram feitos com o objetivo de averiguar nossa hipótese de que a ausência de CV é um fato linguístico estigmatizado, muito corrigido não só na escola, mas pela sociedade de um modo geral e, portanto, perceptível aos informantes, como já foi dito acima. Acreditamos que o nível de consciência linguística seja um dos fatores mais decisivos para a efetivação das mudanças que ocorrem na língua. Destarte, nesta seção, analisamos tanto a *norma objetiva*, por meio do estudo das amostras da comunidade, como a norma "*subjetiva"*, através da avaliação das reações subjetivas dos informantes aos fatos linguísticos[2]. Os dados dos questionários aplicados também foram codificados e submetidos a tratamento estatístico realizado pelo programa GOLDVARB, que possibilitou a elaboração de tabelas para a análise.

Por fim, apresentamos as considerações finais, último item do trabalho, em que são revisados os aspectos favorecedores e desfavorecedores da relação verbo/sujeito assim como algumas das principais questões abordadas nas análises.

Em nossa tese, pretendemos, portanto, demonstrar que a variação da CV pode ocorrer até mesmo na língua escrita formal, e que esta variação é sistematizada, controlada por fatores linguísticos e sociais. Mesmo com a democratização do ensino, a pressão dos contatos sociais, a influência da mídia e dos aparatos urbanos, a variação na CV tende a ocorrer até na língua escrita formal.

Esperamos que esta pesquisa, que procurou analisar a variação da CV em um segmento da língua escrita, possa contribuir tanto para o ensino da língua materna como para o conhecimento científico da língua. Auxiliar no ensino para que as aulas de CV deixem de

[2] Acreditamos que nossos testes tenham nos permitido averiguar a avaliação, o julgamento que nossos informantes fazem da CV, por isso, como não realizamos a análise subjetiva tal como a proposta por Labov (1983), utilizamos a expressão "avaliação subjetiva" entre aspas.

ser apenas uma exposição das inúmeras exceções à regra geral de concordância. Auxiliar no conhecimento científico da língua no sentido de contribuir com a divulgação da idéia de que não existe certo e errado na língua, mas sim adequado e inadequado, e se esta variação existe, é porque há fenômenos que a controlam. Portanto, não devemos ter preconceito com quem não segue o padrão rigorosamente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de partimos para a explanação das teorias que fundamentam o trabalho, faremos algumas considerações gerais sobre a Linguística no item abaixo.

2.1 Considerações iniciais.

Embora a variação tenha sido contemplada há muito pela Gramática Descritiva, como ressalta Câmara Jr (1991), estudioso da língua portuguesa, tratá-la de maneira sistematizada nem sempre foi natural e aceito como é atualmente. O reconhecimento da heterogeneidade como algo inerente e passível de estudo ocorreu posteriormente à instituição da Linguística como ciência.

O próprio Saussure (1975), considerado o pai da Linguística, propôs em seu *Curso de Linguística Geral* apenas o estudo da língua (*langue*) por considerá-la homogênea e social, um sistema gramatical existente na mente de um conjunto de indivíduos. Assim, a língua seria como um sistema depositado na mente humana, como um dicionário ou uma gramática que propiciariam maior ou menor "mobilidade" de acordo com o conhecimento e a percepção linguística de cada falante; isto é, quanto maior fosse o conhecimento linguístico de quem fala determinada língua, melhor conseguiria explorar este código, sistema que mantém a unidade da linguagem. Já a fala (*parole*), como se desvia dos padrões gramaticais devido à sua heterogeneidade, não deveria constituir objeto de estudo da ciência Linguística. Por ser composta de atos individuais, torna-se múltipla sendo, portanto, capaz de produzir transformações, alterações, mesmo que somente limitadas à fonologia[3],o que não seria passível de sistematização.

Chomsky (1975) assim como Saussure, também estabeleceu uma dicotomia fundamental na linguagem entre competência e desempenho. Para o autor, a competência seria como a *langue,* pois se refere à capacidade que tem o falante-ouvinte de assimilar conhecimentos gramaticais, às vezes, inconscientemente, de sua língua. O desempenho, por outro lado, corresponderia ao comportamento linguístico, ou seja, o uso que o falante faz desse conhecimento em situações concretas, por isso, assemelharia-se ao conceito de *parole* saussureano. O autor destaca que o uso que o falante faz da língua, desse sistema não se

[3] Saussure não admitia que tais transformações fonológicas pudessem acarretar necessariamente mudanças linguísticas.

baseia apenas no conhecimento que tem sobre ela, mas também em outros fatores, como limitação da memória, dificuldade de concretização, desvios de interesse, etc.

Também para Chomsky (1975), o objeto fundamental dos estudos linguísticos deve ser a competência linguística (*langue*) de um falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea. Ele representaria o "falante/ouvinte ideal", pois conheceria perfeitamente a sua língua, faria uso dos conhecimentos por meio do desempenho e não se deixaria afetar por circunstâncias não linguísticas.

Desta forma, a variabilidade e a heterogeneidade, típicas da *parole/desempenho,* deveriam ser excluídas das análises tanto para Saussure como para Chomsky, ficando em segundo plano. À medida que pontuam oposições como social/individual, homogêneo/heterogêneo deixam clara sua preocupação com a invariabilidade linguística, elegendo apenas o sistema ideal e homogêneo como objeto de estudo.

Labov (1983), em oposição aos estudiosos acima citados, foi além no estudo da variabilidade e invariabilidade da língua, declarando a variação como um princípio natural, geral e universal das línguas. Para o autor, a variação é inerente na comunidade e, principalmente, no indivíduo, devendo, portanto, ser analisada no contexto social, levando-se em conta o desempenho linguístico do falante.

Por isto, as teorias selecionadas para dar suporte teórico à pesquisa são a Sociolinguística Variacionista e a Linguística Funcional, pois seus principais pressupostos definem e justificam o objeto dessa pesquisa, a variação linguística.[4]

Tais teorias estavam dentre as que mais se destacaram no século XX, sendo o Funcionalismo divulgado pelos membros da Escola de Praga (NEVES, 1994) e a Sociolinguística, por William Labov. Com a teoria Funcionalista, iniciaram-se os estudos da *fala* (em oposição à língua da antinomia saussureana) ressaltando a importância do contexto verbal e não-verbal e do conhecimento dos interlocutores para a interpretação das unidades linguísticas.

A Sociolinguística aproximou-se ao Funcionalismo de Praga, já que era historicamente posterior a ele, ao também destacar a importância da fala e do contexto extralinguístico, constituindo, ambas, portanto, teorias que se baseiam em dados concretos e não abstratos. Além, deste, há outros pontos importantes em comum entre tais teorias, dentre os quais citamos: (i) a concepção de língua como sistema variável, flexível e dinâmico; (ii) a variação

[4] Embora alguns princípios de análise aqui empregados, como o paralelismo, por exemplo, sejam contra funcionais, de um modo geral, o Funcionalismo é a área que mais se aproxima da Sociolinguística em seus constructos teóricos.

é inerente ao sistema linguístico, (iii) o princípio de que a forma da língua é determinada pelo uso; (iv) adotam como objeto de estudo o **uso** efetivo da linguagem; (v) consideram as influências do contexto social sobre o uso linguístico. Tais princípios constituem a base de uma análise linguística funcional em contraposição à análise formal.

Assim, passamos a tratar dos aspectos do Funcionalismo para depois comentar os princípios da Sociolinguística.

2.1.1 Aspectos gerais do Funcionalismo.

Tanto a Linguística Funcional como a Sociolinguística preocupam-se, portanto, com a maneira como a língua é utilizada no ato da comunicação. Isto é, tudo o que é falado ou escrito, "toda forma de interação linguística efetiva desdobra-se **em algum contexto de uso"**, sendo que o uso orienta o sistema linguístico (HALLIDAY, 1974, p.44, grifo nosso). Para estas teorias, a língua se desenvolveu para satisfazer certas necessidades na vida dos homens, e a maneira como ela é organizada está de acordo com as finalidades que desempenha. Assim, as estruturas linguísticas podem ser analisadas conforme seu uso.

A Linguística Funcional objetiva analisar o uso linguístico relacionado ao sistema, partindo, portanto, do concreto para o abstrato, do uso efetivo para o sistema funcional.

O Funcionalismo difere das abordagens formalistas em dois aspectos: o primeiro é na concepção da linguagem como um instrumento de interação social; e o segundo, porque seu objeto de análise não é apenas a estrutura gramatical, mas também os contextos discursivos que motivam os fatos da língua.

A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são interdependentes. Segundo a hipótese funcionalista, como a estrutura gramatical é motivada pela situação comunicativa, é uma estrutura variável e dependente dos usos da língua ao longo do tempo.

Neves (1994) afirma que o pensamento linguístico pode ser estudado a partir de duas grandes vertentes, de um lado o Funcionalismo, para o qual a função das formas linguísticas é prioridade. De outro lado, está o Formalismo cujo destaque é dado à forma linguística, relegando a funcionalidade a um segundo plano, como podemos observar abaixo.

Halliday (1994) resume as principais diferenças entre as duas correntes da seguinte forma: (i) a Gramática Formal apresenta uma orientação mais sintática, ao passo que a Gramática Funcional é mais paradigmática; (ii) Na Gramática Formal, a ênfase recai sobre os universais linguísticos, já na Gramática Funcional a ênfase está na variação.

Para finalizar este item sobre o Funcionalismo, apresentamos o seguinte quadro de Dik (1978, p.4), que sintetiza as diferenças na ênfase que a Gramática Formal e a Gramática Funcional dão aos estudos da língua.

PARADIGMA FORMAL	**PARADIGMA FUNCIONAL**
A língua é um conjunto de sentenças.	A língua é um instrumento de interação social.
A função primária da língua é a expressão dos pensamentos.	A função primária da língua é a comunicação.
O correlato psicológico da língua é a competência: a capacidade de produzir, interpretar e julgar sentenças.	O correlato psicológico da língua é a competência comunicativa: a habilidade de conduzir a interação social por meio da língua.
O estudo da competência tem uma prioridade lógica e metodológica sobre o estudo do desempenho.	O estudo do sistema linguístico deve se realizar no interior do sistema de usos linguísticos.
As sentenças de uma língua devem ser descritas independentemente do contexto em que ocorreram.	A descrição dos elementos linguísticos de uso de uma língua deve proporcionar pontos de contato com o contexto em que ocorreram.
A aquisição da língua é inata. Os *inputs* são restritos e não estruturados. A teoria do estímulo é pobre.	A criança descobre o sistema que subjaz à língua e ao uso linguístico ajudada pelos *inputs* de dados linguísticos extensos e altamente estruturados, presentes em contextos naturais.
Os universais linguísticos são propriedades inatas do organismo biológico psicológico dos homens.	Os universais linguísticos são especificações inerentes às finalidades da comunicação, à constituição dos usuários da língua e aos contextos em que a língua é usada.
A Sintaxe é autônoma em relação à Semântica. A Sintaxe e a Semântica sãc autônomas com relação à Pragmática, e as prioridades vão da Sintaxe à Pragmática via Semântica.	A Pragmática é a moldura dentro da qual a Semântica e a Sintaxe devem se estudadas. A Semântica é dependente da Pragmática, e as prioridades vão da Pragmática para a Sintaxe via Semântica.

Quadro 1- Principais diferenças entre a Gramática Formal e Funcional, baseado em Dik (1978, p.4)

Postas as principais observações sobre a Gramática Formal e a Funcional, fica evidente que a Sociolinguística e a Gramática Funcional são as teorias mais adequadas para análise do fenômeno pesquisado porque dão conta da variação na aplicação da regra de concordância do verbo com o sujeito, propondo o aparato teórico-metodológico necessário. Assim, passemos à apresentação da Sociolinguística em seu surgimento, de seus principais constructos teóricos.

Halliday (1994) segue a tradição da Gramática Funcional européia, a *Gramática Funcional Sistêmica,* que destaca as relações paradigmáticas, interpretando a língua não como um inventário de estruturas, mas sim como uma rede de sistemas, isto é, um conjunto de opções interrelacionadas para construir sentido.

Feitas as observações iniciais sobre a Teoria Funcionalista, relataremos brevemente alguns dos princípios do Funcionalismo que podem nortear nossa análise.

O primeiro pressuposto teórico do funcionalismo é o da *iconicidade,* segundo o qual, há uma correlação entre forma e função (significante e significado), assim, a língua refletiria, de algum modo, a estrutura da experiência. O interesse na motivação entre forma e conteúdo remonta à Antiguidade clássica, com a polêmica que dividiu os gregos entre convencionalistas e naturalistas. Os primeiros não acreditavam em tal motivação, já os naturalistas afirmavam que as palavras eram adequadas às coisas que elas significavam. Saussure defendia a arbitrariedade do signo linguístico afirmando que não havia relação natural entre a imagem acústica do signo linguístico (o significante) e aquilo que ele evoca conceptualmente (o significado).

Peirce, filósofo alemão (1940), acredita que haja uma motivação na sintaxe, mas que esta é moderada, pois interagem princípios icônicos (cognitivamente motivados) e simbólicos (cognitivamente arbitrários), sendo assim, *isomórfica.*

Peirce estabeleceu dois tipos de iconicidade: a *imagética* e a *diagramática.* A primeira diz respeito à estreita relação entre um item e seu referente, no sentido de um espelhar a imagem do outro, como é o caso das pinturas e estátuas, por exemplo. Já a segunda não apresenta necessariamente uma semelhança entre os signos.

É com Bolinger (apud CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2007) que o *isoformismo* linguístico revela sua face radical, quando postula que a condição natural da língua é preservar uma forma para um sentido e vice-versa. Estudos sobre o processo de variação e mudança linguística, ao revelarem a existência de duas ou mais formas alternativas de se dizer a mesma coisa, levaram à reformulação dessa tendência forte.

O princípio da iconicidade, em sua forma atenuada, é também manifestado em três subprincípios.

O primeiro é relacionado *à quantidade de informação*, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma.

O grau de *integração* dos constituintes da expressão postula que os conteúdos próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação.

O princípio da *ordenação linear* dos segmentos prevê que a informação mais importante geralmente vem em primeiro lugar da cadeia sintática, assim, a ordem dos elementos evidencia sua relevância para os falantes.

O princípio icônico da proximidade foi utilizado por Costa (apud FURTADO CUNHA: TAVARES, 2007) em seu trabalho para explicar a ausência de concordância verbal em orações em que o sujeito e verbo encontram-se estruturalmente distanciados. E como o tema está ligado ao nosso trabalho, relatamo-lo aqui. A introdução de material de apoio entre o sujeito e o verbo, como o aposto do exemplo a seguir, enfraquece a integração entre o sujeito e predicado no plano do conteúdo, o que resulta na falta de concordância verbal:

> (1) Há pouco tempo atrás, *dois bárbaros assassinatos,* o da atriz Daniela Perez e o da menina que foi queimada pelos seqüestradores *ressuscitou* a polêmica da Pena de Morte (*corpus* D&G/Natal, p.321 apud FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p.159)

Assim, a falta de integração entre o sujeito e o verbo seria uma das causas da ausência de CV.

Outra importante contribuição do Funcionalismo para os estudos das línguas foi o destaque à análise funcional do sistema linguístico, levando em conta a sua organização em níveis e componentes funcionais.

Os níveis da língua são o Semântico, o Gramatical e o Fonológico, sendo o gramatical, o principal, e o Semântico, o "mais alto". Como a Gramática Funcional estuda as formas linguísticas de acordo com seu significado, toma o discurso como um processo cuja organização é semântica mais do que formal.

Para Halliday (1994), todas as línguas são organizadas com base em dois principais tipos de significação: o *ideacional* (reflexivo) e o *interpessoal* (ativo) que atendem a duas finalidades de todos os usos da língua: entender o ambiente e atuar sobre os outros neste espaço social. O terceiro componente é o *textual,* responsável pela organização da expressão como mensagem.

A função textual confere à oração um caráter comunicativo, e se realiza através dos seguintes recursos:

(1) Estrutura Temática (Tema x Rema)

(2) Estrutura Informacional e Foco (Dado x Novo)

(3) Coesão (Referência, elipse, conjunção e organização lexical)

Baseado na terminologia da escola de Praga, Halliday (1994) define *Tema* como o elemento que serve como ponto de partida da mensagem, aquilo a que a oração diz respeito. O restante da oração, no qual o *Tema* é desenvolvido, constitui o *Rema.*

No inglês, a estrutura temática está relacionada à disposição das palavras, sendo que o *Tema* aparece em primeiro lugar na sentença. Porém, a definição de Tema não corresponde à primeira posição, mas apenas à maneira como ele se realiza em inglês.

A Estrutura Informacional é delimitada com base em aspectos prosódicos, sendo que uma unidade de informação equivale a um grupo tonal,[5] podendo corresponder a mais de uma oração gramatical.

A unidade de informação estrutura os componentes do discurso de acordo com o *status* que o falante dá a cada elemento. O *Novo* é a parte que o falante interpreta como inesperada, imprevisível ou importante, a outra parte corresponde à informação dada, o que já é conhecido pelo ouvinte. O *Dado* é geralmente um elemento anafórico, referindo-se a algo que já foi mencionado ou a algo que mesmo não estando presente na situação, é tido como *Dado.*

Embora Halliday considere como unidade fundamental a oração, abrangendo até o período, o autor trata também das relações não-estruturais, aquelas que são determinadas pela semântica do discurso e que permitem a interpretação de um item em dependência de outro, relações conhecidas como mecanismo de coesão. A coesão é dividida por Halliday em quatro tipos: referência, elipse, conjunção e organização lexical. Na maioria das vezes, tal princípio é estabelecido por relações anafóricas, responsáveis pela coesão porque ligam passagens do texto em uma unidade coerente.

Desta forma, a elipse constitui um dos meios de estabelecer coesão; no inglês, por exemplo, o sujeito não é frequentemente elidido devido à reduzida flexão número-pessoal, necessitando assim, de um sujeito explícito. Halliday (1994) observa que o sujeito do verbo pode ser interpretado com referência tanto ao contexto verbal (elipse anafórica) como ao situacional (elipse exofórica). Há, então, a possibilidade de omissão do sujeito no inglês,

[5] Pé: "unidade rítmica que se inicia com uma sílaba forte"; grupo tonal: "sequência de pés organizada em torno de uma sílaba tônica". Exemplo: //*Todos /foram à /praia*//, (Cagliari1978, apud Ilari, 1992, p.19)

como é o caso do exemplo: Seen Fred? (Have you seen Fred?). Comparando o português europeu ao português brasileiro, constatamos que a elipse é mais comum naquele do que neste, pois a flexão verbal é mais "rica" entre os portugueses, que mantêm o uso das segundas pessoas, restritas no Brasil a alguns contextos e regiões.

Em relação ao contexto, Dik (1997) ressalta a importância da informação pragmática compartilhada entre falante e ouvinte na interpretação e produção do discurso.

Dik (1989) diz que quando se adota um ponto de vista funcionalista para o estudo de uma língua natural, devemos observar como o falante "opera" esta língua. Ele acredita que no processo comunicativo, a capacidade linguística interage com outras capacidades que o homem utiliza continuamente. De acordo com o autor, as capacidades são: (i) *capacidade epistêmica:* o usuário é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado; (ii) *a capacidade lógica:* o usuário compõe outras parcelas de conhecimento por meio de regras de raciocínio lógico (dedutivo e probabilístico); (iii) *a capacidade perceptual:* através da percepção do ambiente, o usuário compõe e interpreta expressões linguísticas; *(iv) capacidade social:* o usuário torna adequado seu discurso para atingir seus objetivos comunicativos.

Além das capacidades que o falante possui, a linguística envolve duas regras: as que governam expressões da língua (semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e as que governam a interação verbal (pragmáticas). Observamos, portanto, uma aproximação da Sociolinguística com o Funcionalismo porque ambas consideram o aspecto social da linguagem.

Neves (1977) afirma que a concepção de língua enquanto produtora de significados por meio de escolhas é importante porque a seleção de formas linguísticas precede o contexto e a situação pragmática (conhecimento, crenças, suposições, opiniões e sentimentos disponíveis em qualquer momento da comunicação) em que os usuários elaboraram seus textos.

O pólo funcionalista caracteriza-se pela concepção de língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões advindas do uso, das diferentes situações de comunicação, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

Outros pressupostos teóricos fundamentais no Funcionalismo são a *gramaticalização* e a *discursivização.* Eles são dois importantes processos que estão relacionados à variação, pois demonstram que a língua não é estática, que está em constante mudança devido à incessante criação de novas expressões e arranjos na ordenação vocabular.

O termo *discurso* refere-se às estratégias que o falante utiliza para adequar seu texto a um ouvinte em determinada situação comunicativa. Quando um fenômeno discursivo passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática. Da mesma maneira, se um fenômeno gramatical passa a ter comportamentos não-previsíveis, retorna ao discurso.

Assim, na trajetória dos processos de regularização do uso da língua, tudo começa sem regularidade, exatamente por estar no seu começo, mas se regulariza com o tempo, com o uso, com a repetição, convertendo-se em norma, entrando na gramática (gramaticalização).

Costa (1995 apud FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007) acredita que a categoria sintática *sujeito* estaria retornando da gramática ao discurso na forma de tópico. Essa hipótese baseia-se no pressuposto de que a categoria *sujeito* emerge da categoria *tópico*. Para Givón, (apud CUNHA; OLIVEIRA.; MARTELOTTA, 2003) a estrutura *tópico-comentário* pode ser vista como resultado do enfraquecimento progressivo das relações entre sujeito e verbo, em termos tanto morfossintáticos quanto semânticos, o que faz com que o sujeito deixe de ter uma função intra-oracional e se desloque para fora da oração, passando a exercer o papel de tópico, como o exemplo abaixo nos mostra:

(1) *"Esse acampamento* todos os meus amigos foram (*corpus* D&G/Natal, p.303)
(2) *A casa de minha avó...*ela é grande, sabe? (*corpus* D&G/Natal, p.347)"

(apud CUNHA; OLIVEIRA.; MARTELOTTA, 2003)

Para Costa (apud CUNHA; OLIVEIRA.; MARTELOTTA, 2003) os SNs *esse acampamento* e *a casa de minha avó* são relativamente independentes da oração comentário que os segue, sem desempenharem nela qualquer função sintática. Antes, são tomados como pontos de partida da do discurso que os seguirá. O informante os seleciona como elementos centrais, e a partir deles a informação será transmitida. Trata-se, portanto, de SNs marcadamente discursivos, que recebem o rótulo de *tópico.*

As pesquisas sobre mudança linguística em funcionalismo estão estreitamente associadas à teoria da gramaticalização. A partir dos estudos desenvolvidos, passou-se a acreditar que o uso das línguas nas situações reais de comunicação motiva as transformações que sofrem os elementos linguísticos ao longo do tempo e que essas transformações apresentam unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática. Os elementos, com o processo de gramaticalização, perdem a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada do discurso e tornam-se mais fixos e regulares. Assim, advérbios de lugar assumem

a função de conjunção, e não vice-versa; vocábulos transformam-se em afixos e não vice-versa. A noção de unidirecionalidade, tal como proposta pela teoria da gramaticalização, leva à hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa que norteiam a mudança.

O tempo no Funcionalismo não é primordial para a compreensão da mudança linguística, a análise diacrônica é apenas uma das estratégias possíveis para atestar as tendências de mudança. Assim, a mudança linguística deve ser entendida como um processo tridimensional, sendo reflexo de pelo menos três aspectos diferentes: *tempo, cognição e uso.*

Mas outros fenômenos, como os da *camada* e *divergência* também são importantes para compreensão da mudança linguística. O princípio de *camadas* ocorre quando mais de uma forma desempenha funções linguísticas idênticas. A expressão da categoria do futuro em português evidencia tal princípio, pois há duas formas, *vou falar e falarei* para indicação deste tempo. O caso da concordância verbal também poderia encaixar-se nesta definição, pois tanto a forma *eles ama*, como *eles amam* expressam a mesma idéia. Já na *divergência,* formas de mesma etimologia desempenham funções diferentes. Vale ressaltar que em ambos os fenômenos, a forma nova não implica no desaparecimento da já existente. O caso do futuro também pode ser considerado um fenômeno de divergência se analisarmos a relação entre as formas existentes e as construções que as originaram: o morfema de futuro provém de (falar + hei), e a construção de *vou falar,* em que o verbo *ir* é empregado como auxiliar indicando ideia de futuro.

Outro princípio do funcionalismo é que ele passa a compreender o discurso individual como gerador do sistema linguístico, visto agora como algo em constante transformação.

Para concluir, apresentamos a concepção de língua dada por Givón (1979, p.78) que nos mostra claramente os princípios da visão funcionalista. São eles:

- A linguagem é uma atividade sociocultural;
- A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- A estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- Mudança e variação estão sempre presentes;
- O sentido é contextualmente dependente e não-atômico;
- As categorias não são discretas;
- A estrutura é maleável;
- As gramáticas são emergentes;
- As regras de gramática permitem algumas exceções.

Embora os americanos priorizassem a linguística formal, há estudiosos de tradição etnolinguística, como Sapir e Whorf, por exemplo, e outros que, apesar de sua formação gerativista, buscaram alternativas no uso. Mas o funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir de 70 com os trabalhos de Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón. Para tais autores, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência do uso.

Na publicação de *From discourse to syntax: grammar as a processing strategy*, Givon (1979) critica claramente a gramática gerativa ao afirmar que a sintaxe existe para desempenhar certa função, e é esta função que determina sua maneira de ser.

Apresentados os fundamentos básicos do funcionalismo, vale ressaltar que tal teoria passou a influenciar vários autores, dentre os quais podemos destacar Reichiling, Halliday, e Dik, dos quais, apresentaremos as principais ideias a seguir.

2.1.2 Halliday e o Funcionalismo.

Em *Uma introdução à gramática funcional,* obra clássica de Halliday (1994), o autor discute os principais aspectos do Funcionalismo, justificando o uso do termo "funcional" com base no seguinte fundamento: a estrutura conceitual em que a gramática está consolidada é uma estrutura funcional, isto é, as interpretações de texto, de sistema e de elementos de estruturas linguísticas se inter-relacionam. Para o autor, uma gramática funcional é necessariamente uma gramática "natural", no sentido de que tudo nela, com relação ao modo como a língua é usada, é possível de ser explicado.

Para Halliday (1976), todo texto escrito ou falado está inserido em um contexto de uso e é justamente o uso que caracteriza o sistema. Assim, deixa claro que os objetivos são os usos da língua, uma vez que são esses usos que, com o passar do tempo, têm concedido forma ao sistema.

É por meio da língua que o homem satisfaz suas necessidades, e seu modo de organização pode não ser arbitrário, pois sua natureza está relacionada às exigências que fazemos dela e às funções que desempenha.

À teoria sistêmica funcional, norteadora da gramática funcional de Halliday, subjaz uma teoria de significado como escolha e a língua, como redes de opções que se envolvem. Essas redes permitem ao usuário fazer opções, logo, ao produzir seus textos, "aproveita-se"

do sistema e, ao mesmo tempo, faz a sua opção de acordo com o que intenta comunicar. Por isso, Halliday propõe uma gramática que seja tanto funcional como estrutural.

O autor considera que a linguagem apresenta três principais funções: a ideacional, interpessoal e textual. A função ideacional objetiva a expressão do conteúdo, ou seja, a linguagem tem significado como construção de processos baseados na experiência humana; é uma representação. A função interpessoal, mantenedora dos papéis sociais, estabelece-se com base na transação entre os participantes da interação na troca entre eles. Corresponde à relação que se estabelece entre o remetente e o destinatário da comunicação. Segundo Neves (1994), nesta função, o falante exprime o que pensa, assim como as relações que mantém entre si e o ouvinte/leitor.

Por fim, a linguagem a serviço da função textual trabalha a criação do texto, permitindo que o discurso se mostre como texto, sendo este realizado por meio de sentenças. Assim, é por meio da função textual que as funções ideacional e interpessoal podem tomar forma.

Como para Halliday o uso efetivo da língua é o que importa, o contexto que a permeia tem papel muito importante no processo comunicativo.

De acordo com as três funções, observa-se que a gramática funcional une a teoria da organização gramatical à teoria da interação social, por isso, a gramática do falante torna-se sensível às pressões do uso. Assim, ela leva em conta a capacidade que as pessoas têm de, além de codificar e decodificar expressões, usarem e interpretarem as expressões de maneira intencional. Por isso, considera a linguagem não como um fenômeno isolado como o é para alguns teóricos do Estruturalismo americano; ao contrário, serve para vários propósitos e é atividade cooperativa entre falantes reais que pragmatizam o componente sintático-semântico. Seguindo a mesma vertente, Du Bois (1993, p.11) afirma que:

> [...] a gramática é feita à imagem do discurso; mas: o discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática e o [...] comportamento sintático-semântico pode ser bem explicado dentro de um esquema que leva em conta a interação de forças internas e externas ao sistema.

O trecho citado revela que para Du Bois (1993), o componente gramatical e o semântico devem ser investigados sob a interação de forças internas e externas ao sistema, para assim atribuir significado, por isso, aproxima-se das ideias de Halliday.

Além de Du Bois (1993), Givón (1995) também destaca a importância de analisar os significados que as formas linguísticas adquirem na língua em uso, ressaltando que a

gramática da língua não existe por si só, não se basta, mas precisa ser observada no ato comunicativo.

Embora Halliday tenha um extenso trabalho, para os fins desta pesquisa, consideramos estes os principais aspectos a serem destacados de sua obra, assim, passemos a Dik.

2.1.3 Simon Dik e suas ideias funcionalistas

Dik (1997), ao estudar a Gramática Funcional (GF), teoria que analisa basicamente a organização das línguas naturais, avalia as correntes formalista e a funcionalista estabelecendo uma comparação entre as duas. Sob a perspectiva formal, a *língua* é um encadeamento de orações cuja função básica é a expressão do pensamento. O indivíduo teria a capacidade de produzir, interpretar e julgar a gramaticalidade oracional, dessa forma, a língua é vista como um sistema autônomo. É justamente essa visão formalista, de analisar a língua como um objeto descontextualizado, sem levar em consideração os falantes-ouvintes ou as circunstâncias nas quais a língua é usada, que os funcionalistas criticam. Segundo a teoria, as orações são descritas independentemente do contexto e a aquisição da língua é inata, típica do organismo humano e a síntese independe das relações semântica e pragmática.

De acordo com a perspectiva funcional, como já foi citado, a língua é um instrumento serve à interação, e sua função é estabelecer comunicação entre os usuários, e não expressar o pensamento, como no Formalismo. Tem a capacidade de manter a interação social mediante o uso da linguagem, isso é, nesta perspectiva, a língua não é um sistema autônomo, pois está inserida em um contexto de intercâmbio social. Desta forma, a análise de todas as expressões linguísticas deve considerar o funcionamento em uma situação comunicativa.

Em relação à aquisição da língua, aceita-se o fato de que ocorre, também, com a ajuda de dados originários do contexto natural. Todas estas considerações demonstram a prioridade do estudo da língua em uso, em seu respectivo contexto.

Para Dik (1980), a Gramática Funcional deve considerar três diferentes níveis linguísticos: semântico, sintático e pragmático. O nível semântico especifica os papéis desempenhados pelos diferentes termos envolvidos na comunicação, sem levar em conta o "estado de coisas" que designa a predicação na qual os mesmos ocorrem. O nível sintático explicita a perspectiva na qual o "estado de coisas" está presente na expressão linguística, já o

nível pragmático refere-se à situação informacional dos constituintes. Para o referido teórico, o estudo da teoria funcional da gramática tem por objetivo descrever a linguagem não com um fim em si mesma, mas como um requisito pragmático de interação verbal.

Dik afirma que a sintaxe não pode ser considerada independente, como um objeto autônomo, ao contrário, deve ser analisada com base na pragmática, vista como um quadro abrangente no qual a semântica também deve ser estudada.

Com base nessa afirmação, podemos afirmar que Dik (1980) concebe a gramática apenas como um "instrumento" que auxilia a explicação das regras de determinada língua em se tratando de sua funcionalidade. Para ele, uma gramática funcional – teorias de sintaxe e semântica – pode ser estudada na teoria de interação verbal. Ao valorizar a interação verbal, inegavelmente, enfatiza a variabilidade linguística, uma vez que ela está no uso que as pessoas fazem da língua. Dik a vê como uma propriedade inerente aos fatos explicados, assim como Labov (1983).

O Funcionalismo de Dik é, portanto, pragmático, e vê nas expressões linguísticas propriedades sensíveis e codeterminadas por fatores pragmáticos da interação verbal humana, no sentido de que estuda as relações da linguagem levando em conta suas utilizações, ou seja, as motivações psicológicas dos falantes, as reações dos interlocutores, os tipos socializados da fala, o objeto da fala, entre outras questões.

O teórico sustenta a idéia de que a intenção do falante realizada por meio da expressão linguística, que exprime o conteúdo, depende também do conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, no ato comunicativo. Assim, para a Linguística Funcional, o discurso tende a ser regido muito mais pelo arranjo semântico do que pelo formal.

2.2 O desenvolvimento da Sociolinguística.

O objetivo deste item é apresentar o percurso e o desenvolvimento das principais ideias da Sociolinguística Laboviana com base no trabalho clássico desenvolvido por Weinrich, Labov e Herzog, *Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística* (2006). Tal trabalho é considerado um marco para a Sociolinguística, pois, como o próprio título esclarece, aponta seus princípios teóricos.

Os autores iniciam a obra esclarecendo que, ao priorizar o estudo sincrônico, Saussure excluía conscientemente de sua análise a mudança linguística. Assim, havia uma oposição entre o estudo da história e da estrutura. Para os autores, Herman Paul (apud WEINRICH; LABOV; HERZOG, 2006) foi o primeiro a considerar a língua do indivíduo como o mais legítimo objeto de estudo linguístico.

Há, segundo os estudiosos, uma teoria da mudança linguística "forte" e uma "fraca". A primeira descreveria uma língua em algum período de tempo, o curso de desenvolvimento que tal língua seguiria em um intervalo específico. Já numa versão mais modesta, a teoria simplesmente afirmaria que toda língua constantemente sofre alteração e formularia fatores condicionantes sobre a transição de um estado de língua para um estado imediatamente sucessivo. Esta teoria pode prever apenas que a língua mudará de algum modo e que outras mudanças não ocorrerão. Seguindo a definição de teoria "forte e fraca", o nosso trabalho se enquadraria nesta segunda, pois seguimos o quadro da Sociolinguística Laboviana que adota esta versão.

O argumento maior de Weinreich, Labov e Herzog (1968) é que é preciso observar a língua como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. Na análise da heterogeneidade, deve-se considerar que as mudanças estão encaixadas nos aspectos linguístico e extralinguístico das formas em questão. Outro apontamento que se coloca é: devido a que fatores ocorreu a implementação de mudanças? A implementação é considerada o cerne da questão, evidenciando que a estrutura linguística de uma comunidade complexa se transforma no curso do tempo, de tal modo que, de certa maneira, tanto a língua quanto a comunidade permanecem as mesmas, mas a língua adquire uma forma diferente.

As mudanças linguísticas podem ocorrer de quatro modos diferentes: mudanças de longo prazo com efeitos similares ao longo dos milênios; mudanças completas que cobrem um século ou dois; processos em marcha que podem ser observados no curso de uma ou duas gerações; ou mesmo porções puramente sincrônicas em que identificamos inferencialmente as direções da mudança de certos elementos variáveis, como é o caso de nosso trabalho.

Para descrever uma língua, é necessário analisar relações linguisticamente cruciais como "a relação de uns elementos com outros, as conexões em que entram e o grau de estreiteza e a força dessas conexões" e todas estas relações só podem ser encontradas na língua do indivíduo (2006, p.40). Este é isolamento do idioleto proposto por Herman Paul (1880) (apud WEINRICH, LABOV; HERZOG, 2006), segundo o qual, a língua do falante-ouvinte ideal encerra a natureza estruturada da língua. Para o autor, o indivíduo é portador

primário de uma língua e conclui que “temos de distinguir tantas línguas quantos são os indivíduos” (2006, p.40).

Uma comparação das línguas individuais produz certa média que determina o que é realmente normal na língua: o uso linguístico. Porém, este uso ou “média” resultante da comparação de idioletos não tem limite determinado, é arbitrário e sem motivação teórica. Por isso, para ele, o único objeto de significação teórica é o idioleto: o uso linguístico é derivativo, vago, não estruturado (2006, p.41).

Paul vê a mudança linguística em dois sentidos: no idioleto e no uso. A mudança no uso decorre de alterações no idioleto. “uma vez que as mudanças no uso linguístico são completamente derivativas, é a mudança no idioleto que tem interesse teórico para Paul” (apud WEINRICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.42).

Para Paul, a mudança linguística não é consciente, ela nem sequer é percebida pelo portador do idioleto. Porém, o falante gosta de se conformar aos idioletos de seus interlocutores, assim sendo, a concessão e a resistência à mudança estão ligadas à chamada hipótese da conformidade.

Após relatarem a posição de Paul, Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam os principais pensamentos de Saussure e de Bloomfield. Os autores afirmam que até mesmo nos trabalhos descritivistas americanos, como os de Bloomfield, por exemplo, há o reconhecimento da variação. Bloomfield (apud WEIREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p.58)chega a afirmar:

> Uma comunidade de fala é um grupo de pessoas que interagem por meio da fala [...] se observássemos bem de perto, descobriríamos que duas pessoas – ou, antes, talvez, nenhuma pessoa em diferentes épocas – jamais falam exatamente do mesmo modo [...].

Embora reconheça a importância da variação na história das línguas, Bloomfield afirma que o linguista é forçado a ignorar a variação, utilizando para isso, o método da abstração. Para ele, a maior preocupação não é cada indivíduo da comunidade, mas sim a comunidade em geral. Assim, não interessa como cada falante pronuncia a palavra *maçã*, por exemplo, e sim que todos saibam que a palavra significa certo tipo de fruta.

Os trabalhos de Bloomfield são anteriores aos da fonêmica. Desta maneira, assim como Paul, ele explica a mudança com base no mecanismo da imitação por parte do indivíduo, dos hábitos de fala de seus companheiros, sendo que esta imitação depende do prestígio do modelo. Acreditamos que a ausência de CV seja uma variante estigmatizada

socialmente, por isso, os falantes prefiram utilizar a variante prestigiada, que é a presença de CV quando possuem consciência. Por outro lado, quando não há tal percepção e mesmo quando o falante é consciente da variação, há casos em que não consegue controlar o uso.

Depois de explanarem sobre as explicações encontradas pelos linguistas históricos para a função contrastiva dos fonemas, os autores retomam a questão que consideram fundamental: "se uma língua tem de ser estruturada a fim de funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto a estrutura muda?" (2006, p.87).

Para Paul, Saussure e seus sucessores, a variabilidade e a sistematicidade se excluíam mutuamente e assim, ficavam comprometidos com uma concepção simplista de idioleto homogêneo. Embora não tivessem oferecido nenhum meio de analisar a variação, todos reconheceram que a mudança linguística é um processo contínuo e inevitável da interação linguística.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) acabaram definitivamente com a ideia de que a estrutura corresponde à homogeneidade. Ao invés disso, propuseram descrever a mudança por meio de uma diferenciação ordenada no sistema, da estrutura. Esta foi a grande contribuição destes estudiosos para a Linguística.

Bloomfield, (apud WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.94) ao tratar das mudanças sonoras no holandês evidenciou que todo falante frequentemente adapta seus hábitos de fala aos de seu interlocutor, abrindo mão de formas que vinha usando, adotando novas ou até mesmo mudando a frequência das formas faladas sem abandonar inteiramente as velhas ou aceitar uma nova para ele.

Para os autores, esse reconhecimento da parte de Bloomfield revela a importância das alternâncias estilísticas no comportamento linguístico. Os estudos de mudança linguística em curso apresentam exemplos da oposição conservador/inovador na competência de falantes individuais. Embora não tenhamos realizado estudo histórico para averiguar se a ausência de CV é uma variante inovadora ou conservadora, partimos do pressuposto de que a aplicação da regra de CV seja a variante conservadora e prestigiada e sua ausência, a inovadora e desprestigiada socialmente. O exemplo abaixo retirado de nosso *corpus* evidencia-nos que dentro da competência de um mesmo falante, encontram-se as duas variantes:

(1) *Armaram* uma cabana e *ficou* lá dentro arrumando as coisas que elas *trouxeram* (8mr)

Na primeira oração (armaram) o verbo está flexionado no plural, de acordo com a norma padrão, já na segunda oração (ficou) do mesmo período, a forma verbal não está em conformidade com a norma, pois não traz a marca formal de plural. Na terceira (trouxeram), o informante volta a utilizar a forma marcada, mostrando que na produção de um mesmo informante, há variação.

Os estudiosos ressalvam que quando um falante aprende uma regra de outro falante, não a apreende perfeitamente, sendo assim, adquire uma regra um pouco diferente, fato denominado: transmissão irregular.

Há ainda os sistemas coexistentes, nos quais várias formas distintas da mesma língua coexistem, *grosso modo,* na mesma proporção em todas as sub-regiões geográficas da comunidade. Elas são conhecidas como "estilos", "padrões", "gírias", "jargões", "jeito antigo de falar", "níveis culturais" ou "variedades funcionais". Estas formas compartilham, segundo os autores, as seguintes propriedades:

> (1) Oferecem meios alternativos de se dizer a "mesma coisa": ou seja, para cada enunciado *A* existe um enunciado correspondente *B* que oferece a mesma informação referencial (sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste com *A*.
> (2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em *A* e *B* com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu *status* social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em *A* e *B* e entender a significação da escolha de *A* ou *B* por algum outro falante. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.97)

Os autores ressaltam a importância do estudo da *avaliação* da mudança linguística na análise da mudança.

Os estudos mostram a variável como função de estilo tanto quanto de idade, mesmo nos estágios iniciais. Verificaram ainda que, mesmo os falantes com baixa escolaridade, que mostram pouca ou nenhuma consciência da própria fala, mesmo assim exibirão uma diferenciação estilística entre modos conservadores e inovadores. Para exemplificar, citam o caso de operários de Nova York que usam vogais ligeiramente mais altas em *coffee, more, lost* em expressões enfáticas e afetivas, e não passam a vogais mais baixas em estilo formal como fazem os falantes de classe média (LABOV, 1966, p.256, apud WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.110).

Grande número de variáveis linguísticas que têm sido estudadas revelam uma complexa estrutura sociolinguística, na qual o valor da variável é determinado por diversos fatores sociais e linguísticos.

Ao linguista não cabe apenas demonstrar a motivação social de uma mudança, mas sim determinar o grau de correlação social que existe e demonstrar como ela pesa sobre o sistema linguístico.

Para se completar a mudança, é preciso que um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunda através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Este traço assume então certa significação social. Por fim, para completar a mudança e a passagem da variável para o *status* de uma constante, ocorre a perda de qualquer significação social que o traço possuía. Não acreditamos que a CV esteja neste nível, pois ela ainda traz uma significação social.

Para finalizar, os autores destacam sete pressupostos referentes às bases empíricas para a teoria da mudança linguística que podem ser resumidos em:

1- A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente da fala.

2- A associação entre estrutura e homogeneidade deve ser abolida, pois a estrutura inclui a heterogeneidade ordenada dos falantes e dos estilos por meio de regras que governam a variação na comunidade de fala.

3- Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura da língua envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade.

4- A generalização da mudança linguística por toda a estrutura linguística não é nem uniforme, nem instantânea;

5- As gramáticas em que a mudança linguística ocorre são as gramáticas da comunidade de fala. Visto que as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas pelas funções sociais, idioletos não fornecem a base para gramáticas completas ou internamente consistentes;

6- A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo;

7- Fatores sociais e linguísticos estão intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações que fiquem restritas a um ou a outro aspecto, mesmo que sejam bem construídas, fracassarão para explicar uma riqueza de regularidades que podem ser observadas em estudos empíricos de comportamento linguístico.

Neste trabalho, os autores afirmam ainda que para que a língua possa desempenhar todas as suas funções dentro da estrutura complexa e heterogênea da comunidade que a

utiliza, ela deve ser concebida como sistema heterogêneo e variável. Esta conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo constituiu um dos avanços da Sociolinguística.

A variação contínua existe dentro de cada dialeto como um elemento estrutural, correlacionado com algum fator linguístico ou não-linguístico. Variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura da mudança linguística. O caráter heterogêneo do sistema linguístico é produto de combinações, alternâncias e de subsistemas disponíveis em conjunto. Cada um desses subsistemas é concebido como um corpo de regras de categoria coerente e integral.

Na Sociolinguística, a variação interna ao sistema linguístico heterogêneo pode ser explicada através da *variável linguística*, um elemento variável no interior do sistema controlado por uma única regra.

Os sociolinguistas entendem que a variação linguística seja parte integrante do funcionamento do sistema linguístico e não algo que se oponha ou prejudique esse funcionamento, como a visão estruturalista havia proposto inicialmente.

Desta forma, podemos afirmar que Weinreich, Labov e Herzog, através dos conceitos apresentados na obra *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística,* fizeram avançar de forma significativa o conhecimento da nossa heterogeneidade linguística.

Em uma análise formal, a variação ou é atribuída a um sistema diferente, considerando a alternância como exemplo de mistura dialetal ou mudança de código, ou é considerada livre. Desta forma, a análise formal exclui a variação do sistema linguístico abordado.

Para Dittmar (1976, p.14), a Sociolinguística dá conta do problema da variação livre no Estruturalismo: " with their new technique of correlating linguistic and social parameters these works have, on the other hand, been able to achieve a much greater precision of the insufficiently-defined structuralism notion, free variation".

No início da instituição da Sociolinguística, seus fundadores criticaram uma posição formal em relação à língua como a do Estruturalismo e a do Gerativismo, priorizando uma análise do aspecto social. Contudo, atualmente, muitos trabalhos apresentam a teoria formal como sendo complementar à Sociolinguística.

Outro importante fator a ser destacado é que a Sociolinguística baseou-se em alguns aspectos da metodologia do Estruturalismo para desenvolver seu próprio método, conforme esclarece Dittmar: "More recent concepts relating to the study of language in its social context have their methodological and historical roots in structuralism, in the tradition of dialectology, and in the study of language in contact" (1976, p.111).

Em um Grupo de Trabalho do GEL realizado na UNICAMP, Bentivoglio apresentou uma discussão sobre a variação nos estudos sintáticos, no qual apresentou uma citação que acreditamos poder sintetizar os propósitos da sociolinguística e que também pode evidenciar certa aproximação com os estudos da teoria abstrata:

> A variação em todo nível da organização do sistema linguístico constitui o campo predileto da pesquisa sociolinguística. É essencialmente por meio da variação que se manifestam os parâmetros de diferenciação social, os processos dinâmicos de variação estilística e a interação de fatores do sistema linguístico. É por isso que se denominam variacionistas os trabalhos de pesquisa realizados dentro desse modelo [...] (A análise da variação) apóia-se, sem se limitar, nas descobertas da teoria linguística abstrata, e supõe como critério de validação da teoria a convergência dos resultados de análise empíricos realizados independentemente sobre distintos corpora.(grifo nosso) (CEDERGREN 1983, p.149 apud BENTIVOGLIO,1987, p.7).

Bentivoglio (1987) tomou esta afirmação como ponto de partida para a discussão que apresentou sobre a variação no nível sintático. Como já foi dito, na década de 60, os trabalhos variacionistas realizados em diferentes localidades, como EUA, Espanha e Alemanha, privilegiavam os estudos no nível fonológico. Para Bentivoglio, as razões desta preferência são óbvias.

Uma destas razões citadas pela autora é a de que as análises empíricas necessitam de grande quantidade de dados, e estes se conseguem muito mais facilmente quando se trata de sons/fonemas do que quando se trata de construções sintáticas.

As variações no campo da fonologia são ao mesmo tempo mais evidentes e mais fáceis de descrever e de quantificar; uma hipótese fonológica não necessita de um *corpus* muito grande para ser comprovada, já um fato sintático necessita de um *corpus* maior para obter um número de dados suficiente para sustentar uma hipótese. Apesar das dificuldades e críticas, os estudos sobre variação sintática começaram na década de 70 e se estendem até nossos dias.

2.2.1 A Sociolinguística

Feitas a apresentação dos fundamentos da Sociolinguística, passamos, nesta seção, a tratar de seus principais conceitos teóricos relevantes à análise da variação e mudança linguística presentes nos principais trabalhos de Labov. Devido a estes conceitos teóricos, a

Sociolinguística não deve ser vista apenas como uma metodologia, mas também como um aparato teórico.

Embora os Funcionalistas tenham avançado no estudo da língua em uso, a maior ênfase aos estudos entre língua e sociedade surgiu em 1965 em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). Foi neste congresso que se destacaram importantes estudiosos, como John Gumpers, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes e John Fischer. *Sociolinguistics*, publicado em 1966 com base nos resultados do referido Congresso, apresentou no primeiro texto os pressupostos da nova vertente dos estudos linguísticos: *As dimensões da sociolinguística*. Neste texto, Bright (1974, p.34) define a tarefa da Sociolinguística, como a de "(...) demonstrar a covariação sistemática das variáveis linguística e social". A função da Sociolinguista não é apenas atribuir as variações linguísticas de uma sociedade às estruturas sociais dessa mesma comunidade, mas sim revelar as correlações existentes entre estes dois aspectos. A língua, assim, seria o reflexo dessas diferenciações sociais (ALKMIN, 2004, p.28). Considerando o uso da língua, observaram que ela mantém um relacionamento intrínseco com a cultura e a sociedade, por isso, linguistas e cientistas sociais podem trabalhar conjuntamente.

Dentre os autores que participaram deste congresso, William Labov foi o que mais se destacou devido à sua pesquisa sobre o inglês falado na ilha Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. Com este trabalho, foi considerado o precursor da Sociolinguística, pois, além de evidenciar a possibilidade de sistematizar a variação linguística, demonstrou a importante influência dos fatores sociais sobre ela.

Outra pesquisa igualmente importante de Labov foi sobre a estratificação social do inglês em Nova Iorque. Ela demonstrou que o fenômeno linguístico deve ser investigado no seio do contexto social de comunidades urbanas por meio de dados colhidos das práticas orais do dia- a- dia, particularmente da fala espontânea. Segundo o autor, a naturalidade contida na fala é propícia à observação das inter-relações entre língua e sociedade, evidenciando as diversas formas linguísticas que os grupos sociais utilizam para sua comunicação (LABOV, 1983, p.73). Tais estudos foram importantes, pois determinaram o modelo de análise denominado "Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação".

Os principais objetivos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Laboviana constituem na análise e legitimação de variantes linguísticas utilizadas por uma comunidade de fala (LABOV, 1975), e no esclarecimento da relação entre variação e mudança linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) com base na heterogeneidade constitutiva e na inter-relação existente entre a língua e a sociedade.

Há, portanto, uma indissociabilidade entre a língua e contexto social, a qual estabelece a heterogeneidade ordenada como fator constitutivo do sistema linguístico e rejeita a uniformidade como característica única do jogo comunicativo na linguagem oral (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p.100; LABOV, 1975, p.203). "The key to rational conception of language change – indeed, of language itself- is the possibility of describing ordely differentiation in a language serving a comunity. […] It is *absence* of structural heterogeneity that would be dysfunctional" (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p.100)

As questões fundamentais que a Sociolinguística analisa nas mudanças linguísticas são a heterogeneidade e pluralidade do sistema linguístico. Tagliamonte (2006, p.6) afirma que "Heterogeneity is essentially the observation that language varies. Speakers have more than one way to say more or less the same thing."

Além de transmitir informações, a língua também serve de instrumento para tecermos avaliações sobre nossos ouvientes, bem como para mostrarmos quem somos, conforme afirma Tagliamonte (2006, p.8):

> Language is used for transmitting information from one person to another, but at the same time a speaker is using language to make statements about who she is, what her group loyalties are, how she perceives her relationship to her hearers, and what sort of speech event she considers herself to be engaged in.

Em relação às avaliações que fazemos dos falantes por meio de sua fala, os estudos de Labov demonstraram que é extremamente comum julgarmos determinados usos linguísticos baseando-nos em critérios políticos ou sociais. Para o autor, tais apreciações não são adequadas, já que estamos diante de formas variáveis dependentes do contexto, como a escolaridade, a classe social, a faixa etária, dentre outros fatores. No entanto, de uma maneira geral, a população acostumada a esses julgamentos, considera "feios ou errados" determinados usos linguísticos. Em relação à CV, como já afirmamos, estas avaliações negativas de formas verbais sem a marca formal de plural são muito comuns.

Fica claro, desta maneira, que os pressupostos da sociolinguística apresentam ideias contrárias às teorias que pregam a homogeneidade linguística, exatamente para provar que a variação é essencial à natureza da linguagem humana, e é justamente o que precisa ser explicado e investigado. Atualmente, já não constitui novidade estudar a variação, a heterogeneidade, mas na época, tal afirmação era uma novidade. Por isso, seus fundadores

queriam deixar claro que a heterogeneidade é passível de sistematização, e a linguagem tem diversas formas devido à múltipla possibilidade de realização de discursos.

Outros conceitos importantes discutidos por Labov foram os das regras variáveis e categóricas. Para ele, uma gramática compreende não somente regras linguísticas categóricas, que sempre se aplicam, isto é, são realizadas da mesma maneira sempre. Há também, as regras variáveis, condicionadas por fatores linguísticos e sociais, que ora se aplicam, ora não. Tal conceito é fundamental, pois substitui a noção de regra opcional, na medida em que não pressupõe variação livre, mas sistemática.

As regras gramaticais são consideradas categóricas quando os falantes não podem violá-las, como por exemplo, a posição do artigo na língua portuguesa, que sempre antecede o nome. Se um falante inverter esta ordem, como em "**meninas as** bonitas"a frase seria agramatical,já que não é possível violar tal regra.

Já as regras variáveis são possíveis no sistema, assim, o falante poderia optar por uma ou outra maneira de dizer a mesma coisa. A concordância verbal da língua portuguesa constitui um exemplo típico de regra variável, pois pode-se dizer "eles foram trabalhar", "eles foro trabalhá", ou ainda "eles foi trabalhar", dependendo, conforme afirma Labov (1975), da função comunicativa (estilística, expressiva) e de uma série de fatores, tanto internos como externos. As formas de se dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade são denominadas por Labov de variáveis linguísticas, embora elas sejam iguais quanto ao valor de verdade, possuem valores geralmente opostos em sua significação social na maioria das vezes. Novamente, a CV é exemplo típico também de regra variável, suas variantes apresentam o mesmo valor de verdade, mas valores sociais opostos, pois "eles foi trabalhar" carrega um estigma, ao passo que "eles foram trabalhar" é uma forma valorizada socialmente.

As variáveis (conjunto de variantes) subdividem-se, segundo o autor, em variáveis linguísticas dependentes e independentes. Assim, a concordância verbal no português do Brasil constitui uma regra variável ou uma variável linguística que comporta duas variantes: a aplicação (presença de marca formal de plural) ou não-aplicação da regra (ausência de marca formal de plural).

Os estudos sociolinguísticos propõem uma descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável cujo objetivo é analisar, apreender e organizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade sempre as relacionando a fatores internos ou externos ao sistema linguístico. Trata-se, portanto, de um estudo quantitativo, em que os dados são quantificados pelo pacote de programas computacionais Varbrul ("Variable Rules" de D. Sankoff) que realizam cálculos de frequência e probabilidade de aplicação de uma

determinada regra gramatical, avaliando o peso relativo de cada fator condicionante e realizando o cruzamento dos fatores. Com base neste suporte quantitativo, realiza-se a análise qualitativa dos dados e uma interpretação, igualmente qualitativa, dos resultados.

Os conceitos postulados por Labov possibilitaram a descrição da heterogeneidade linguística – ordenada - de uma dada língua que serve a uma comunidade real, e auxiliam na compreensão da mudança linguística, bem como da própria linguagem. Os conceitos de variável e variante, preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística, são essenciais para a compreensão do fenômeno variável analisado: a CV.

O processo de mudança linguística ocorre em todas as línguas humanas, porém, de modo lento e constante. A constância e lentidão da mudança linguística dificulta sua percepção pelos falantes comuns. Assim, a variação sempre existiu nas línguas, pois estas sempre se alteram, sendo modificadas por fatores de ordem diversa, como políticos, sociais, regionais e linguísticos, por exemplo. Tal variação ocorreu na Língua Portuguesa desde a sua formação, com o latim vulgar, que por ser coloquial e mais aberto a mudanças, deixou-se influenciar pelas línguas locais dos territórios conquistados.

Como toda língua viva, o português passou e continua passando por um contínuo processo de evolução linguística, pois nenhuma língua é um fato homogêneo em si, mas um verdadeiro conjunto heterogêneo de variedades que têm organização, regras e gramática própria. Além da variação grupal, sabemos que até mesmo um indivíduo pode variar sua fala de acordo com diversos fatores, como por exemplo, o contexto e a necessidade de clareza de expressão. Todos estes fatores corroborariam para a ideia de uma tendência natural à variação linguística.

É importante ressaltar aqui a estreita relação entre variação e mudança, sendo que esta implica necessariamente em variação, mas a variação não acarreta uma mudança obrigatoriamente (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Do ponto de vista exclusivamente linguístico, as variedades se equivalem e por isso, não há certo ou errado, melhor ou pior, o que existe são formas adequadas e inadequadas aos contextos. Todas têm organização e todas servem para articular as experiências dos grupos que as usam, fornecendo-lhes um modo de expressão, por isso, além de servir à comunicação, as línguas humanas são, nas palavras de Scherre (2005, p.10):

> Mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: mecanismo de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua.

Entretanto, nem todas as variantes de uma mesma língua são consideradas "boas" socialmente; às vezes:

> [...] em nome da boa língua pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor (SCHERRE, 1997, p.04).

Em um discurso que abre o livro *Doa-se lindos filhotes de poodle*, e proferido quando foi patronesse dos formandos do Curso de Letras da UnB, em 4/04/03, Scherre demonstra tanto o preconceito que há em relação a formas do mundo rural, como explana ainda sobre a beleza e a expressividade, a carga de significado que as palavras apresentam, como observamos em:

> Tempos atrás eu só conhecia a palavra "merejar", e uma companheira minha da cidade só conhecia a palavra "marejar". Ela me corrigiu publicamente por eu estar usando "merejar". Mas eu, por felicidade de intuição e profissão, não me senti constrangida, continuei de pé, em cima de uma cadeira, a agradecer aos meus companheiros e a comemoração de mais um ano de minha existência, com os "olhos merejados de água". (Não me lembro se minha colega aprendeu comigo, mas eu aprendi com ela. Só que não mudei- na minha mente não existe "marejar). (SCHERRE, 2005, p.12)

A maioria das mudanças linguísticas demora a ser aceita pela sociedade devido ao preconceito linguístico, mesmo sendo muito frequente, especialmente na conversa informal, por ser esta uma atividade mais espontânea e, portanto, mais livre dos controles sociais.

A variação não ocorre sem motivação linguística ou social, muitas variantes expressam determinados sentidos, como vimos no discurso de Scherre, em que "merejado" remete a toda sua infância, ao mundo rural em que viveu. Por isso, o falar diferente não é falar errado, já que as variedades linguísticas (dialetos regionais, dialetos sociais e registros) têm sua organização, suas regras e também sua gramática particular.

Muitos falantes, assim, procuram a melhor forma de dizer alguma coisa numa dada situação, pois sabem que o uso de determinadas formas fora de seu contexto social pode ser considerado inadequado, revelando o não conhecimento, pelo falante, do sistema linguístico de uso de sua língua. Assim, aprender a adequar nossa fala aos nossos objetivos é aprender a participar com qualidade no processo de interação socioverbal.

Partindo dessa perspectiva de interação sócio-verbal, podemos dizer que compreender a variação linguística relacionando-a às diferentes experiências históricas dos grupos humanos significa olhar com outros olhos a diversidade que nos caracteriza como seres sociais e nos dota da capacidade de superar a visão preconceituosa que a sociedade e a escola criam em nós. Equivoca-se, então, quem imagina ser melhor ou pior uma ou outra variedade linguística. Essas diferenças de valorização das variedades criam-se socialmente: algumas, por razões históricas e sociais adquirem uma marca de prestígio, geralmente, são aquelas usadas por grupos de poder da sociedade, enquanto outras são estigmatizadas.

Em relação à sociedade brasileira, as variedades rurais são comumente desprestigiadas, ao passo que as variedades urbanas ditas cultas ou de prestígio seguem o "padrão" e representam um ideal de língua cultivado pela elite intelectual, pelo sistema escolar, bem como pelos meios de comunicação social. É esta forma padrão prestigiada que ocorre com maior frequência na língua escrita dos falantes cultos.

É importante lembrar que mesmo sabendo ser a norma culta a que goza de maior prestígio social, jamais podemos discriminar as variedades não-padrão e sim, utilizar uma ou outra de acordo com as circunstâncias em que nos encontramos. Além do mais, tornar obrigatório o ensino da norma padrão aos grupos menos favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, "seria uma violência cultural", pois tal imposição implicaria o uso de "valores culturais ligados a formas ditas cultas de falar e escrever" e, consequentemente, "implicaria em destruir ou diminuir valores populares" (POSSENTI, 1996, p.18).

Embora os estudos linguísticos, sociolinguísticos e dialetológicos tenham demonstrado que a variação e a mudança linguística são influenciadas por fatos históricos e sociais, boa parte dos falantes ainda possui preconceito contra as formas inovadoras e desprestigiadas. Ainda não se conscientizaram de que a língua muda porque as pessoas mudam, as sociedades mudam, os conceitos, os valores também se alteram, e que tais mudanças não devem ser vistas como "erro", como "decadência" da língua. É comum até mesmo professores de Português acreditarem que a Língua Portuguesa está em decadência, que as pessoas não sabem mais falar e escrever, que em um curso de Letras só se deve aprender as regras e que por fim, "o bom português" pode ser observado apenas nos clássicos literários. Estes pensamentos nos revelam que ainda há quem classifique o português como certo ou errado, desconsiderando que o que existem são formas prestigiadas (norma culta ou padrão) e desprestigiadas (não-padrão), cada qual devendo ser utilizada em concordância com o contexto situacional.

A variação, portanto, não é sinônimo de deterioração, ao contrário, ela nasce para suprir as nossas necessidades linguísticas na interação social e verbal. Compreendê-las e utilizá-las é abrir horizontes para entender melhor a grande pluralidade social, cultural e histórica que marca nossa espécie e principalmente nosso país.

3 O FENÔMENO EM ESTUDO

Nesta seção do trabalho, trataremos de forma sucinta a concordância verbal tanto sob a perspectiva da gramática normativa quanto sob a visão linguística.

Em relação à perspectiva gramatical, procuramos fazer uma análise crítica acerca do tema e não uma exposição das regras, mesmo porque os exemplos apresentados como exceções nos capítulos de CV já poderiam ser indícios de variação. Para tanto, tomamos como base as gramáticas de Ali (1965); Teyssier (1989), Lima (1998); Cegalla (1983); Nicola (1993), Pernini (2001), Cunha (1985) e Bechara (2000).

Após esta introdução, discutiremos algumas definições do processo de concordância apresentadas por linguistas.

3.1 As definições da CV sob o olhar da Gramática Normativa.

Na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Said Ali (1965, p.279) nos dá a seguinte definição de concordância verbal:

> Consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis as formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra que no discurso se referem [...] A concordância não é, como parece à primeira vista, uma necessidade imperiosamente ditada pela lógica. Repetir num termo determinante ou informativo o gênero ou pessoa já marcados no termo determinado de que se fala, é antes de tudo uma redundância.

Nesta definição, o estudioso destaca um aspecto importante da CV: seu caráter redundante, que não a tornaria tão necessária. Assim, de acordo com esta definição, poderíamos pensar que Said Ali já previa a possibilidade de variação na CV.

Outro aspecto muito importante ressaltado pelo gramático foi o de que as regras de concordância verbal não são como "fórmulas matemáticas que agem com rigor" porque podem não ser aplicadas em todos os casos. E é exatamente "esta falta de rigor" que observamos nos capítulos que tratam da CV nos compêndios gramaticais. Ao consultarmos tais capítulos, pudemos observar que há apenas duas regras claras, de caráter obrigatório, todas as outras, que constituem a maioria, são exceções, tratadas como casos especiais por trazerem aspectos de variação.

Conforme Bechara (2000, p.543, grifo nosso), a concordância geral consiste "**em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada**". Dizer que um termo está em concordância com outro termo significaria, portanto, dizer que ambos estão de acordo em alguns aspectos, que eles concordam.

Bechara atenta para a língua falada e nos adverte que, na língua oral, em que o fluxo do pensamento ocorre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum que o falante enuncie primeiramente o verbo (antes dos outros termos oracionais) e, nestas circunstâncias, deixe de realizar a concordância:

> [...] (Neste caso, o falante) costuma enunciar o verbo no singular porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes (...) A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias. (BECHARA, 2000, p.544).

Desta forma, Bechara atenta para uma variação maior na língua falada do que na escrita. Realmente, em nosso trabalho anterior sobre língua falada, Gameiro (2005), observamos um percentual de variação na CV maior do que na língua escrita.

Teyssier (1989), em seu *Manual de Língua Portuguesa,* vai além de Bechara, pois especifica como a variação da CV ocorre no português popular do Brasil. Ele afirma que a morfologia do verbo sofreu grandes reduções em decorrência da simplificação pronominal, pois subsistem apenas as 1ª e 3ª pessoas do singular e plural[6]. As formas você/vocês referentes ao ouvinte, (que concordam com o verbo na 3ª pessoa do singular e plural, respectivamente) substituíram as segundas pessoas (tu/vós). Além da simplificação no sistema pronominal, as desinências verbais também foram simplificadas tanto pelo desgaste fonético (queda do –r final, por exemplo, *cantá* por *cantar,* queda do –s final: *vamo* por *vamos*), como pela unificação dos paradigmas (supressão da desinência –mos da primeira pessoa do plural). Partindo destas modificações, o autor apresenta a conjugação do verbo "*devê*" (dever) da seguinte maneira:

"Eu devo; ele deve; nós deve; eles deve" (1989, p.238)

[6] Embora atualmente a terceira pessoa seja considerada uma forma não marcada para pessoa, em que a pessoa seria indicada exclusivamente pelo pronome, consideramos válida a afirmação de Teyssier.

Conforme este paradigma amplamente reduzido, haveria apenas a oposição entre a primeira e a terceira pessoa do singular.

Mesmo reconhecendo a existência da variação na CV, Teyssier, cumprindo seu papel de expor a norma culta, adverte que ela deve ser evitada por ser um traço da linguagem popular:

> Esta morfologia simplificada é sentida como incorrecta e deve ser evitada. Mas é muitas vezes reproduzida, quer parcialmente quer integralmente, pelos romancistas contemporâneos que desejam imitar os traços da linguagem popular (TEYSSIER, 1989, p.239).

A afirmação de Teyssier reflete uma concepção negativa em relação às modificações ocorridas no sistema pronominal e verbal, demonstrando que constituem desvios que devem ser evitados pelos falantes.

Vamos a mais um autor, Perini, para observar as definições do processo de concordância:

> Concordância é uma espécie de exigência de harmonização de flexões entre os diversos constituintes de uma construção [...] A concordância compreende basicamente alguns procedimentos que rotulam certos sintagmas, atribuindo-lhes funções sintáticas. A concordância verbal limita-se a atribuir funções aos SNs de nível oracional. (PERINI, 2001, p.180-187).

Nesta definição, Perini não enfatizou a variação da regra como fizeram Teysser e Said Ali, apenas concentrou-se na função sintática da CV, ou seja, definindo-a como responsável pela relação entre o sujeito e o objeto. E isto ocorre porque o verbo, responsável pela CV, também é o centro estruturador da frase, elemento orientador na determinação dos constituintes necessários e suficientes da estrutura frasal. Deste modo, ele é o elemento decisivo na organização gramatical ou coesão da frase. (Ignácio, 1984, p.33).

Rocha Lima (1998) explica que, por ser um campo vastíssimo, a concordância apresenta em conflito a rigidez da lógica gramatical e os direitos superiores da imaginação e da sensibilidade. As normas que a gramática estabeleceu por boas e invioláveis podem ser "perturbadas" por razões de ordem psicológica ou estética. Para evidenciar sua afirmação, cita o caso dos coletivos, como, por exemplo, *povo, multidão,* que, embora traduzam plural, são considerados como singulares por causa de suas formas. Muitos usuários da língua desprezam o critério formal e, atendendo apenas à ideia representada pela palavra, fazem a concordância com aquilo que têm em mente, com a ideia, realizando a chamada concordância ideológica ou

silepse. Este seria um caso em que a regra é "perturbada" por um elemento de ordem psicológica. Destacamos a palavra "perturba" por demonstrar o estigma que a ausência de CV carrega.

Cegalla (1983) à semelhança de Rocha Lima (1998), também ressalta por meio dos exemplos de concordância ideológica, a dificuldade em se estabelecer um conjunto de regras para a concordância verbal e mesmo a inutilidade de várias dessas regras. Segundo o mesmo gramático, entretanto, não se pode desprezar alguns conceitos básicos, já que quando há dúvida, a concordância pode evidenciar o sujeito do verbo graças à terminação verbal.

Nicola (1993) seguindo uma linha mais tradicional, afirma que o princípio de concordância verbal é sistemático e não apresenta em si motivo para hesitação ou dificuldade, embora haja casos duvidosos. "Em muitos, até, não vigora uma norma definida e fixa, e a tradição literária nos dá soluções divergentes, conforme certos-matizes de intenção, de harmonia ou de clareza, ou meras preferências subjetivas" (Nicola, 1993, p.368). Nesta citação, observamos o caráter estilístico e subjetivo influenciando a variação.

Após esta breve apresentação de algumas definições da CV em gramáticas tradicionais, pudemos constatar que há alguns autores, como Bechara (2000) e Teyssier (1989) que reconhecem a variação na CV. Em outras palavras, mesmo sob uma perspectiva normativa, considerando a ausência de flexão no verbo cujo sujeito é um SN plural, um desvio da norma, apresentam casos de variação. Os casos em que se verifica a ausência de flexão são explicados como exceções, atribuídos a razões quase sempre semânticas, estilísticas e de criatividade, como Perini demonstrou (2001). Sabemos que estas explicações são insuficientes para justificar os inúmeros casos de variação que ocorrem. No entanto, essa posição em relação à CV é tomada pela maioria dos nossos gramáticos que, partindo dos exemplos extraídos da língua literária, estabelecem uma regra geral obrigatória, seguida de páginas e páginas de casos nos quais esta mesma regra deixa de se aplicar.

A maioria dos casos de CV é tratada como exceção à regra, havendo mais de uma opção para efetuá-la de acordo com os exemplos de escritores consagrados. É, portanto, de se esperar que haja variação e, o interessante seria analisá-la, e não considerá-la como assistemática, como se fosse uma exceção, uma "perturbação à regra". Por isso, podemos concluir com a afirmação de Graciosa (*apud* RODRIGUES, 1997, p.32), segundo a qual: "a gramática normativa falha por tentar imobilizar em moldes rígidos aquilo que está em variação e que pode ser sistematizado como tal".

Perini (2001, p. 36) reconheceu que as gramáticas utilizam como exemplos ou frases isoladas que os linguistas mesmo escolhem ou recorrem aos exemplos dos escritores

"credenciados". O autor criticou ainda os gramáticos que excluem boa parte da obra de escritores como Mário de Andrade e Jorge Amado, por exemplo, que contenham construções que não se coadunam com a descrição culta da língua. Para ele, o interessante é reconhecermos que a língua é um instrumento de enorme complexidade, utilizado a todo o momento por milhões de pessoas que diferem quanto a grau de conhecimento, experiência linguística prévia, crenças, gostos e preferências.

Desta forma, acreditamos ser desnecessária para os fins deste trabalho, a reprodução das páginas de exceções às regras, partindo do pressuposto de que, durante os anos de escolaridade, já fomos bombardeados com elas. Passaremos, portanto, à visão da CV de acordo com a linguística.

3.1.2 As definições da CV sob o olhar da Linguística.

Iniciaremos esta seção com Câmara Jr. (1975), importante linguista brasileiro. O estudioso inicia suas discussões sobre CV explicando como ela ocorria em latim.

No latim, a marca de sujeito estava na desinência de nominativo do substantivo, o que não acontece na Língua Portuguesa, já que não temos as flexões indicativas dos casos. A CV entre sujeito e verbo estabelecia uma relação entre o sujeito e o predicado, embora essa relação já estivesse presente na desinência do nominativo. A ausência de tais desinências no português tornou a concordância o elemento básico para relacionar um verbo na 3ª pessoa do singular ou do plural ao substantivo de que é sujeito. Desta forma, a concordância verbal fez-se mecanismo sintático fundamental para associar o verbo ao sujeito no português.

Embora Câmara (1972) tenha atribuído à CV um papel fundamental para a identificação do sujeito, no seu *Dicionário de Filologia e Gramática* (1964) ressalta que quando o vocábulo se adapta à categoria gramatical do vocábulo determinante, pode resultar redundância da categoria. Assim, pode-se pensar que se as desinências verbais indicadoras de CV constituem redundância, podem ser excluídas sem prejuízo semântico e informacional como ocorre no exemplo (1), onde o sujeito é facilmente identificado pelo contexto da história, sem prejuízo de sentido, mesmo não havendo CV.

A desinência verbal possibilita, portanto, a identificação do sujeito, pois em uma frase como:

(1) O homem **mataram** as feras.

De acordo com a regra gramatical, segundo a qual o verbo concorda com o sujeito, a desinência verbal, no exemplo 1, demonstra que o sujeito da oração só poderia ser "as feras". Não poderia ser "o homem" porque este não está em concordância com o verbo. Assim, a desinência verbal indica o sujeito da frase. Entretanto, esta afirmação não poderia ser estendida de maneira absoluta à língua falada espontânea, pois como demonstramos em nosso trabalho anterior (Gameiro, 2005) há uma tendência para a não-concordância (de número) do verbo com o sujeito e, mesmo que o verbo deixe de concordar com o sujeito, este não deixa de desempenhar tal função. Observemos o seguinte exemplo pertencente ao corpus de língua falada de nosso trabalho anterior:

(2) "é o que eu falo pras meninas... ***as menina fala um real...*** um real é DINHEIRO hoje..." (VMT, L-252).

No exemplo em questão, não há concordância entre o sujeito ***as menina*** e o verbo ***fala***, porém, podemos identificar o sujeito como "as menina" graças ao significado do verbo, porque "um real" não pode falar. Mesmo sem o processo de concordância, há a possibilidade de identificação do sujeito graças a outros fatores, no caso, o valor semântico do verbo que exige sujeito animado e humano. Como objetos e animais não possuem a capacidade de falar, *um real* não poderia ser o sujeito de *fala.*

Em alguns casos, como no exemplo 2, a ausência de marcas formais de número nos verbos não compromete a relação entre a forma verbal e seu sujeito, mas sim, seria uma maneira de eliminar a redundância. Desta forma, a concordância não seria fundamental para a identificação do sujeito, já que a natureza do verbo poderia auxiliar nesta identificação já que determina como deverá ser o restante da oração, que nomes o acompanharão, qual será a relação desses com o sujeito e como esses nomes serão semanticamente especificados. Entretanto, a ausência de marcas formais de plural nos verbos não é restrita à língua falada, há construções que já chegaram à língua escrita, como se observa na sequência do seguinte exemplo:

(3) *eles acordaram*, *os dois que estavaØ* perdidos (...) *eles se acharam* pelas pegadas, *eles andouØ e achouØ* o carro *eles fizeram* uma longa viagem (5mr)

No referido exemplo, embora não haja concordância em alguns verbos, o sujeito é facilmente identificado, pois pelo tema da redação, é possível reconhecê-los como os amigos que foram acampar e se perderam.

Finalizamos com a interpretação exata de Câmara para a concordância:

> [...] considerar a desinência número-pessoal como a expressão do sujeito, e o pronome pessoal sujeito, quando expresso, como uma **redundância**[7] formal; assim, só há concordância verbal com a correspondência entre a desinência número-pessoal do verbo e o número do substantivo ou da seqüência de substantivos que representam na oração o ser ou seres aí tratados como sujeito. (CÂMARA, 1964, p.81, grifo nosso)

Pontes (1986) também destaca o caráter redundante do fenômeno à semelhança de Câmara Jr., como o trecho abaixo evidencia:

> **A CV também é um traço não-necessário, pois ela deixa de funcionar em vários registros** (desde o totalmente informal até o mais formal, oral e escrito, numa escala decrescente de probabilidade). Além disso, a gramática aponta casos em que o verbo concorda com o predicativo e não com o sujeito. (PONTES, 1986, p.120, grifo nosso).

Ainda observando esta teórica não obrigatoriedade da CV, consideramos importante para nosso estudo, a proposta de Bybee (1985, p.13). Na tentativa de explicar os universais morfológicos, a autora estabeleceu *o princípio da relevância*, segundo o qual: "Um elemento significativo é *relevante* para outro elemento significativo se o conteúdo semântico do primeiro afeta ou modifica diretamente o conteúdo semântico do segundo" (BYBEE, 1985, p.13).

Conforme este princípio, a autora demonstrou que as categorias mais relevantes são colocadas mais próximas aos radicais ou bases; no caso dos verbos, a ordem varia em função do tipo de afixos, se forem sufixos, a ordem preferencial é: aspecto-tempo-modo-pessoa.

Deste modo, em sua ordem de colocação, o primeiro elemento significativo para o verbo seria o sufixo modo-temporal porque está diretamente ligado ao radical do verbo, e o segundo elemento significativo seria o número pessoal porque está mais **distante** da raiz verbal. Neste sentido, o primeiro sufixo (modo-temporal) afetaria diretamente o significado da raiz verbal sendo, portanto, o mais relevante, já o segundo, o número pessoal, seria menos relevante porque não se refere diretamente ao significado do radical do verbo.

[7] Fato de um significado ser expresso mais de uma vez na comunicação linguística. (CÂMARA, 1964, p.295).

Assim, para Bybee, o *aspecto* é uma categoria flexional altamente relevante ao verbo porque seu significado afeta o significado da raiz verbal. O aspecto representa diferentes modos de ver um tempo constituinte de uma ação ou estado. Já a concordância verbal de número é, de certo modo, menos relevante para o verbo porque se refere a um argumento externo ao verbo, se refere ao sujeito (A1), e não à ação ou estado descritos pelo próprio verbo. Em consequência desta relevância menor, as desinências número-pessoais verbais poderiam deixar de ser realizadas com maior frequência do que as modo-temporais. Tal fato pode ser ilustrado através dos seguintes exemplos:

(4) os outros garotos estavam bem e esta**va∅** carregando ele (5fr)

MT / NP

O exemplo (4) demonstra que a noção de aspecto (imperfectivo) está expressa no verbo através do morfema *–va* (no sufixo modo-temporal) porque é relevante para a significação verbal, ou seja, não pode ser omitida porque não há outro termo gramatical que indique o aspecto. Já o morfema número-pessoal *–m* pode ser omitido porque, ao se referir a algo externo à significação verbal, não é tão relevante como o modo-temporal. Além disso, o pronome pessoal ou o substantivo e seu determinante, como no caso, também podem auxiliar na identificação da pessoa gramatical em que se encontra o sujeito. Nas palavras de Bybee: "Since a verb stem describes an action or state, aspect is highly relevant for verbs. Subject agreement is somewhat less relevant to the verb, since it refers to an argument of the verb, and not to the action or state described by the verb itself." (1985, p.15)

Na opinião da estudiosa, o aspecto seria expresso como uma categoria flexional para verbos mais frequentemente relevante que a concordância entre sujeito e verbo. Esta opinião sustenta a hipótese geral da autora, segundo a qual, **"tempo e modo são mais relevantes para a raiz verbal do que a concordância de pessoa e número"** (1985, p.16, grifo nosso). Então, segundo tal hipótese, os elementos semânticos que são altamente relevantes para outros estão mais próximos e expressos flexionalmente.

Com base nas definições dadas pelos linguistas abordados, pode-se dizer que na Linguística, a concordância é comumente vista como um mecanismo tanto morfológico como sintático. É morfológico porque utiliza morfemas que indicam relações gramaticais entre dois elementos, no caso da CV, entre o sujeito e o verbo, no caso da CN, entre um nome e um determinante, que pertencem ao paradigma de cada um dos vocábulos. E sintático, porque os

termos apresentam relação e dependência entre si. Trata-se, portanto, de um processo morfossintático. Observarmos também que, de certa maneira, a ausência de CV já poderia ser prevista por alguns deles quando consideram a CV uma redundância.

De acordo com as definições apresentadas pelos linguistas, podemos considerar a flexão verbal como um fenômeno que diz respeito:

a) à gramática, pois explicita a relação sintática entre sujeito e verbo;
b) à semântica, pois identifica o referente do verbo;
c) ao nível discursivo também, pois, pode conter uma informação dada ou nova.

Estas considerações básicas a respeito da concordância verbal nos levam a refletir sobre a importância da CV na identificação do sujeito bem como na sua obrigatoriedade, portanto, relevantes à análise que faremos dos dados. Passaremos agora, às definições do processo de concordância sob a visão funcional.

3.1.2.1 A CV sob um olhar funcional.

Neste item, faremos uma breve reflexão sobre o sujeito, o verbo e a concordância de acordo com uma visão funcionalista, como o próprio título explicita.

De acordo com a perspectiva funcional, a CV pode ser analisada por meio das três funções propostas por Halliday. A primeira, interpessoal, consideraria o verbo como sendo um predicador na estrutura modal, a segunda, experiencial, veria-o como processo na estrutura transitiva, material, mental e por fim, a função textual considera-o nas estruturas temáticas (tema, rema; dado, novo). O argumento externo ao verbo, na função interpessoal, seria o sujeito, na experiencial, participante e ator e por fim, na textual, tema ou rema, dado ou novo.

Ilari (1992), com base nesta perspectiva funcional, contraria as explicações tradicionais segundo as quais o sujeito é "quem realiza a ação", "é o termo com o qual concorda o predicado", "o assunto da oração", pois demonstra que não há coincidência entre agente, sujeito e tema nas orações, como se observa no exemplo abaixo:

(5) os garotos estavam exaltos (5fr)

Nesta oração, não há coincidência entre sujeito e agente, pois *os garotos* não realizam nenhuma ação, ao contrário, são sujeitos pacientes.

Para poder deixar de realizar a concordância entre o sujeito e o verbo, sob uma perspectiva funcional, o falante do português teria que explicitar o sujeito de outro modo, colocando o pronome pessoal, por exemplo, já que a principal função da comunicação é transmitir informação ao interlocutor. Mesmo prevalecendo em nossa análise fatores funcionais, acreditamos ser relevante apresentar a crítica feita a tais fatores por Labov (1994). Embora reconheça a importância da transmissão de informação na comunicação, o estudioso questiona um dos principais aspectos teóricos do funcionalismo: a necessidade de preservar o sentido, segundo o qual, se uma informação for relevante, ela tenderá a ser mantida na superfície estrutural.

Dessa forma, nos capítulos 19 e 20, de *Principles of Linguistic Change:Internal factors,* Labov (1994) reflete sobre o peso dos fatores funcionais na explicação da variação e de mudanças linguísticas fonéticas. O autor observou que várias mudanças fonéticas apagam flexões aumentando a homonímia. Estudos como os de Poplack (1980, apud LABOV, 1994) sobre o espanhol e os de Scherre e Naro (1991, apud LABOV, 1994, p. 557-561) sobre a variação na concordância verbal na 3ª pessoa, levam o autor a afirmar que fatores de natureza mecânica e estrutural determinariam a escolha de uma variante linguística, e não a necessidade de preservar a informação, como os funcionalistas admitem. O fato de a desinência verbal ser menos frequente em verbos regulares, em que seria a única marca de plural, como em fala-falam, por exemplo, demonstraria que fatores fonéticos podem anular a força de um fator funcional. Labov afirma ainda que quando a mudança linguística se completa, o sistema sofre reajustes internos para preservar a informação. Deste modo, os efeitos funcionais seriam as consequências e não as causas das escolhas linguísticas.

O estudioso resume a orientação funcionalista através da seguinte afirmação: “The function of language is for the speaker (or writer) to communicate meaning to the listener (or reader)” (LABOV, 1994, p.548). Os funcionalistas veem a língua da mesma maneira, como sendo um instrumento de comunicação, e é sob esta perspectiva que eles analisam a variação e a mudança.

Para Labov, o princípio do paralelismo formal presente em vários estudos de Scherre e Naro demonstra claramente que a restrição dominante na variação da marcação dos verbos do português não é funcional, já que foi verificada uma tendência de não preservar a informação semântica, mas sim de usar as marcas quando são redundantes e omiti-las quando são necessárias. Deste modo, os principais fatores que determinam as escolhas de variações

(estáveis) morfológicas e fonológicas são mecânicos: condicionamento fonológico ou simples repetição da estrutura precedente.

Já em relação à mudança linguística, Labov (1994, p.223) não nega totalmente os argumentos funcionais, pois acredita que, quando a mudança acontece, inevitavelmente outra estrutura muda para compensar a perda de informação nela envolvida. O autor cita como exemplo o caso da concordância verbal no espanhol (HOCHBERG, 1986, A,b, CAMERON, 1992, apud LABOV, 1994) em que a perda do /s/ de segunda pessoa do singular é compensada pelo uso do pronome pessoal *tu,* a fim de não comprometer a informação.

Tal estudo de Labov (1994) demonstra-nos que em determinados casos, a variação pode resultar de fatores mecânicos, como o princípio do paralelismo formal nos evidencia, mas, em outros, o condicionamento pode ser motivado para preservar uma informação. Tais informações supracitadas são de extrema relevância para o desenvolvimento de nosso trabalho porque nos sugerem conceitos, ideias e observações pertinentes à análise dos dados.

Ainda sob uma visão linguística, apresentamos abaixo as principais análises do fenômeno em estudo sob a perspectiva da Sociolinguística. A proficuidade de trabalhos envolvendo a questão da CV em 3ª pessoa do plural reflete sua importância para os estudos linguísticos e sua fecundidade de campo de análise.

Como já foi dito, dentre os trabalhos mais conhecidos trabalhos sobre CV, podemos destacar o de Rodrigues (1987) em São Paulo, o de Lemle e Naro (1977) no Rio de Janeiro, o de Monguilhott (2001) em Florianópolis, o de Bortoni-Ricardo (1985) em Brasília, Guy (1981) e o de Nicolau, (1984) em Belo Horizonte sobre o português urbano. Pereira (2004) trabalhou com a variedade rural, assim como Baxter & Lucchesi (1993, MELLO 1996), Monte (2007) investigou a fala de informantes com e sem escolaridade, sem contar os recentes artigos publicados por Scherre e Naro sobre o português escrito do Brasil e também de Portugal. Estes trabalhos já possibilitaram a descoberta das inter-relações entre fatores estruturais e sociais definidores dessa regra variável, mas é importante verificar como estas relações ocorrem em outras regiões, se apresentam um comportamento semelhante configurando ou uma tendência geral do PB ou se há diferenças regionais. Eles baseiam-se no pressuposto de que o português popular brasileiro, ou não-padrão é aquela variedade de português utilizada por brasileiros do mundo rural ou do mundo urbano, analfabetos ou de baixo nível de letramento. Uma característica desse dialeto não-padrão é a redução do paradigma de concordância verbal, fato que também se verifica na fala mais descontraída de falantes cultos, em situações mais informais. Vale ressaltar, no entanto, que Preti (1998)

observou que mesmo em um diálogo em que os falantes assumiram uma posição formal, havia escolhas que não coincidiam com a norma padrão.

Rodrigues e Campos (2002) analisaram a ausência de concordância no português culto do Brasil utilizando o *corpus* do NURC e observaram que embora haja variação na fala de tais informantes, houve forte tendência à aplicação da regra padrão de CV.

Estes foram alguns dos resultados encontrados pelos principais pesquisadores da área, passemos agora aos fatores linguísticos elencados em tais pesquisas.

Conforme o acima exposto, pode-se dizer que a CV seja talvez um dos mais estudados fenômenos variáveis em português, tendo atualmente como principal pesquisadora, a linguista Marta Scherre ao lado de Naro. Faremos agora, um breve resumo sobre os principais resultados em comum destes trabalhos.

Lemle & Naro (1977) demonstraram por meio da pesquisa da fala produzida por alunos do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que a ausência de concordância na 3ª pessoa de plural era condicionada por fatores linguísticos e sociais.

Dentre os fatores linguísticos, a saliência fônica da oposição entre as formas verbais foi o que se demonstrou mais importante para o fenômeno da concordância verbal. Os verbos pertencentes ao grupo de maior saliência fônica apresentaram uma probabilidade maior à concordância, enquanto com os de saliência fônica de oposição reduzida, a probabilidade de CV diminuiu muito. Tal grupo de fatores foi analisado por diversos estudiosos por nós citados acima e todos, embora tenham utilizado categorizações distintas para medir a saliência, observaram a força decisiva deste grupo para a aplicação/não aplicação da regra de CV.

O segundo grupo de fatores, igualmente importante para o condicionamento da CV em P3 é a posição do sujeito em relação ao verbo (cf. LEMLE E NARO, 1977, BORTONI-RICARDO, 1985, GUY, 1981, RODRIGUES, 1987 e PEREIRA, 2004).

Em todos estes trabalhos há um consenso: a anteposição do sujeito favorece a concordância e a posposição, por sua vez, assim como o fato de haver elementos intervenientes entre o sujeito e o verbo, desfavorecem a CV. De acordo com Pezatti (1992), este fato ocorre porque o falante não entende o argumento externo como sujeito nesta posição (*VS*) por deixar de apresentar suas características prototípicas: geralmente não é agente (traço semântico), não está em posição pré-verbal e não controla a CV (traços sintáticos).

Outro fator frequentemente apontado pelos estudiosos (cf. LEMLE e NARO, 1977, BORTONI-RICARDO, 1985, GUY, 1981, RODRIGUES, 1987 e PEREIRA, 2004) que influencia a CV é a presença/ausência do sujeito pronominal. A presença do sujeito pronominal desfavoreceria a CV e a omissão favoreceria. A justificativa para este fator é

funcional, quando o sujeito não está expresso na frase, a flexão verbal não seria redundante e tenderia a ser utilizada, já quando o pronome estivesse expresso, a desinência verbal não teria a necessidade de indicar a informação número pessoal.

Scherre e Naro (1993) postularam ainda o paralelismo formal, princípio segundo o qual marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. O paralelismo pode ser analisado no nível sentencial, isto é, da oração, em que a marca de plural no último elemento do SN favoreceria a CV. Pode ser averiguado também no nível discursivo, extra-sentencial, em que os verbos formalmente marcados influenciaram a presença de marcas de plural nos verbos subsequentes, formando uma sequência. Se o verbo de uma sequência não traz as marcas formais de plural, os próximos também provavelmente não trarão.

Estes foram os principais fatores analisados ao longo destes mais de 30 anos de pesquisa da CV e os que se mostraram mais influentes, por isso, foram os fatores por nós selecionados para análise, passemos agora à análise dos fatores sociais.

Vários foram os fatores sociais abordados em pesquisas para explicar a variação na CV (cf. LEMLE E NARO, 1977, BORTONI-RICARDO, 1985, GUY, 1981, RODRIGUES, 1987 e PEREIRA, 2004). Dentre os vários fatores, destacamos a escolaridade, a idade do informante, o sexo e a procedência.

A faixa etária, embora tenha sido um dos fatores mais discutidos por evidenciar se estamos diante de uma variação estável ou mudança em progresso, apresenta resultados divergentes. Enquanto Naro (1981) constatou que os mais velhos utilizavam com maior frequência a CV, apresentando uma tendência mais conservadora, de maior resistência, Guy (1981) demonstrou que os jovens adultos eram mais propensos à aplicação da regra devido às pressões sociais, tendendo a usar formas verbais de maior aceitação social.

A tendência observada na maioria dos trabalhos é que as mulheres utilizem mais as formas padrão, aceitas, valorizadas socialmente do que os homens. No entanto, Bortoni-Ricardo (1985) e Rodrigues (1987)[8] atestam que as mulheres apresentam uma tendência maior a utilizar formas verbais não-padrão, contrariando tal tendência geral. Rodrigues (1987) explica tal divergência em seu trabalho com base no meio social em que tais mulheres vivem: um ambiente de poucas oportunidades de trabalho para elas, apenas os homens saem para trabalhar, e, portanto, têm um maior grau de interação com falantes de outros grupos sociais, e a maior exposição à CV padrão amplia as possibilidades do seu uso.

[8] Na terceira pessoa, Rodrigues (1987) não observou influência do sexo, a não concordância é utilizada por ambos os sexos na mesma proporção, apenas em P1 (nós) constatou diferença.

Quanto aos fatores sociais, notaram que as informantes mulheres e as pessoas mais idosas foram as que atenderam com maior frequência a norma da concordância verbal.

Outros fatores foram analisados nas pesquisas citadas, como a procedência, por exemplo, mas em nosso trabalho, investigamos apenas os fatores consagrados, mais divulgados e por isso, foram os únicos tratados aqui.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste item, apresentamos informações sobre os procedimentos metodológicos, sobre o *corpus*, a maneira como foi a coleta e a seleção dos dados, bem como os grupos de fatores linguísticos e sociais contemplados neste trabalho.

Para descrever a metodologia realizada neste trabalho, iniciaremos transmitindo informações sobre o *corpus* trabalhado e a escola.

4.1 O corpus sob análise

Inicialmente, havíamos escolhido, como *corpus,* redações do SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), prova aplicada anualmente, em novembro, nas escolas públicas do Estado. Desta maneira, consideramos importante especificar algumas características da prova.

4.1.2 O Saresp

Implementado pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo – SEE/SP – em meados da década de 1990, o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP – vem, desde então, avaliando sistematicamente o sistema de ensino paulista, verificando o rendimento escolar dos alunos de diferentes séries e períodos e identificando os fatores que nele interferem.

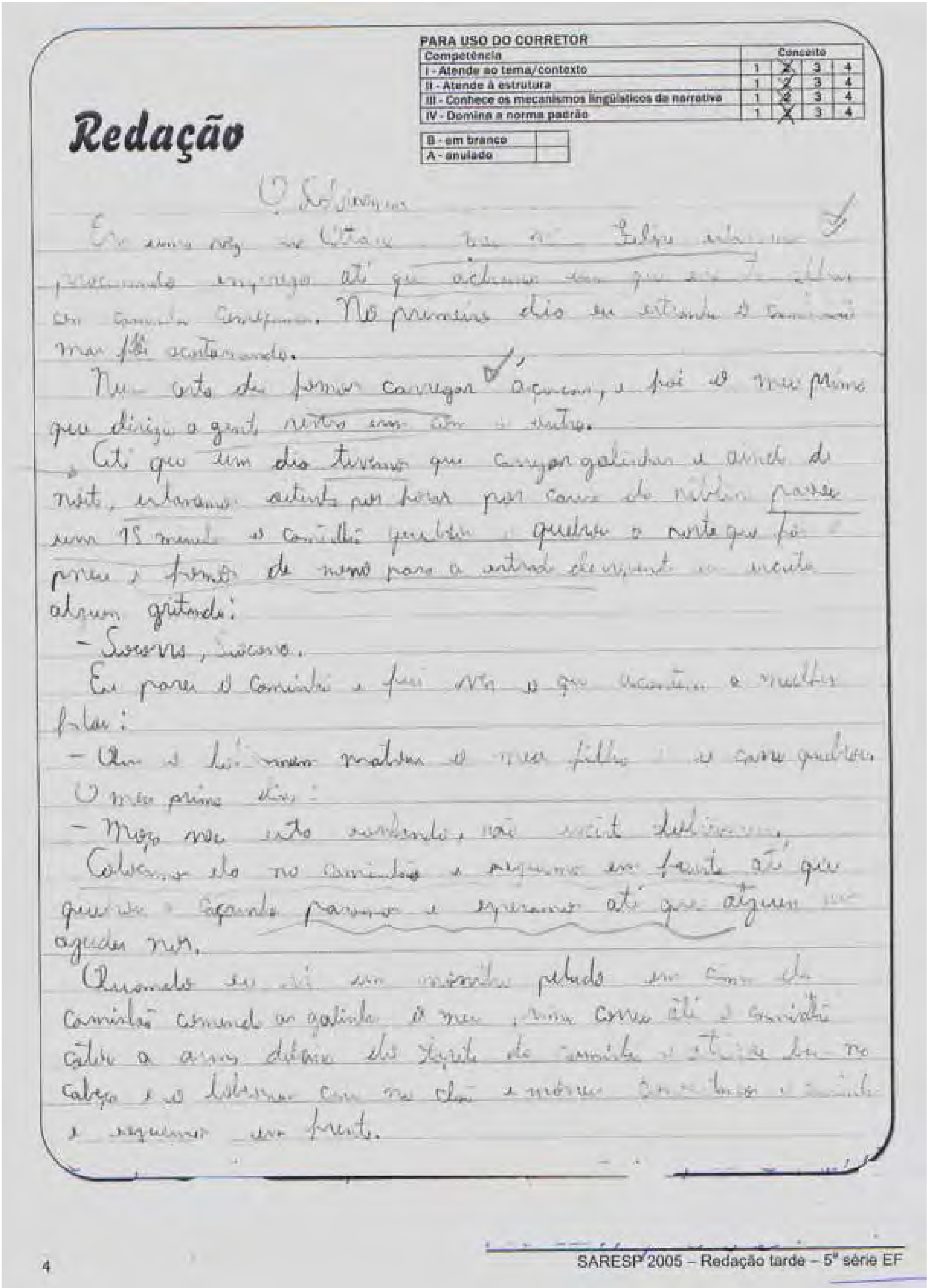
As sucessivas edições do SARESP procuram fornecer à SEE/SP e às escolas indicadores educacionais importantes no sentido de orientar a formulação de propostas de intervenção técnico-pedagógica, visando melhorar a qualidade do ensino e corrigir eventuais distorções detectadas. A prova é realizada em dois dias. Em um dia, os alunos respondem ao questionário socioeconômico e a prova de matemática, e no outro dia, a prova de Língua Portuguesa que inclui a redação[9]. O Governo espera que os dados desta prova contribuam efetivamente para a melhoria da escola pública e do trabalho dos educadores do Estado.

[9] No ano de 2008, o Governo do Estado implementou também a prova de Ciências e a partir deste ano, outras matérias serão incluídas na prova, intercalando-se os anos.

Em novembro de 2005, realizou-se a nona edição do SARESP, com a participação de mais de 7 mil escolas e mais de 4,7 milhões de alunos. Neste ano, em que fizemos a primeira seleção do *corpus,* a maioria dos temas das redações pedia narrador personagem, como podemos ver abaixo:

5ª e 6ª séries:

O papai Noel e seus amigos pousaram para uma foto. Com base nela, redija uma narrativa contando uma aventura dos personagens da foto e você.



Redação

PARA USO DO CORRETOR

Competência	Conceito			
I - Atende ao tema/contexto	1	X	3	4
II - Atende à estrutura	1	X	3	4
III - Conhece os mecanismos lingüísticos da narrativa	1	X	3	4
IV - Domina a norma padrão	1	X	3	4

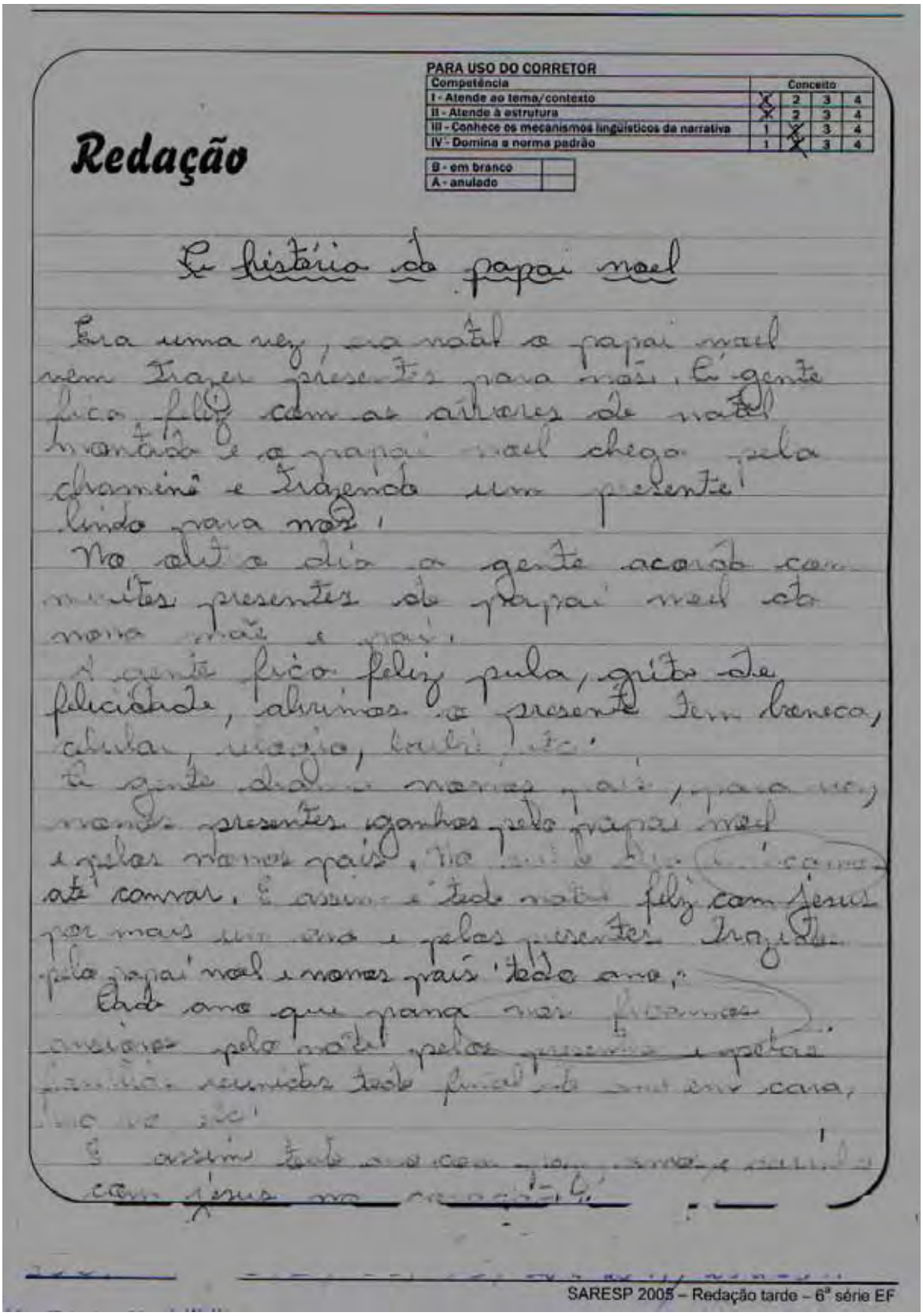
B - em branco	
A - anulado	

4 SARESP 2005 – Redação tarde – 5ª série EF

Figura 1 – Redação da 5ª série para avaliação do SARESP – 2005.

Fonte: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

6ª série:



Redação

PARA USO DO CORRETOR

Competência	Conceito			
I - Atende ao tema/contexto	X	2	3	4
II - Atende à estrutura	X	2	3	4
III - Conhece os mecanismos linguísticos da narrativa	1	X	3	4
IV - Domina a norma padrão	1	X	3	4

B - em branco	
A - anulado	

A história do papai noel

Era uma vez, no natal o papai noel vem trazer presentes para nós, a gente fica feliz com as árvores de natal montada e o papai noel chega pela chaminé e trazendo um presente lindo para nós!

No dia a gente acorda com muitos presentes do papai noel da nossa mãe e pai.

A gente fica feliz pula, gritos de felicidade, abrimos o presente tem branca, abuba, maçã, bolo, etc.

E gente dá os nossos pais, para eu, nossos presentes ganhos pelo papai noel e pelos nossos pais. Na [illegible] até comer. E assim é todo natal feliz com Jesus por mais um ano e pelos presentes trazido pelo papai noel e nossos pais todo ano.

Todo ano que passa nós ficamos ansiosos pelo natal pelos presentes e pelas [illegible] reunidos toda família e assim todo ano com Jesus no coração.

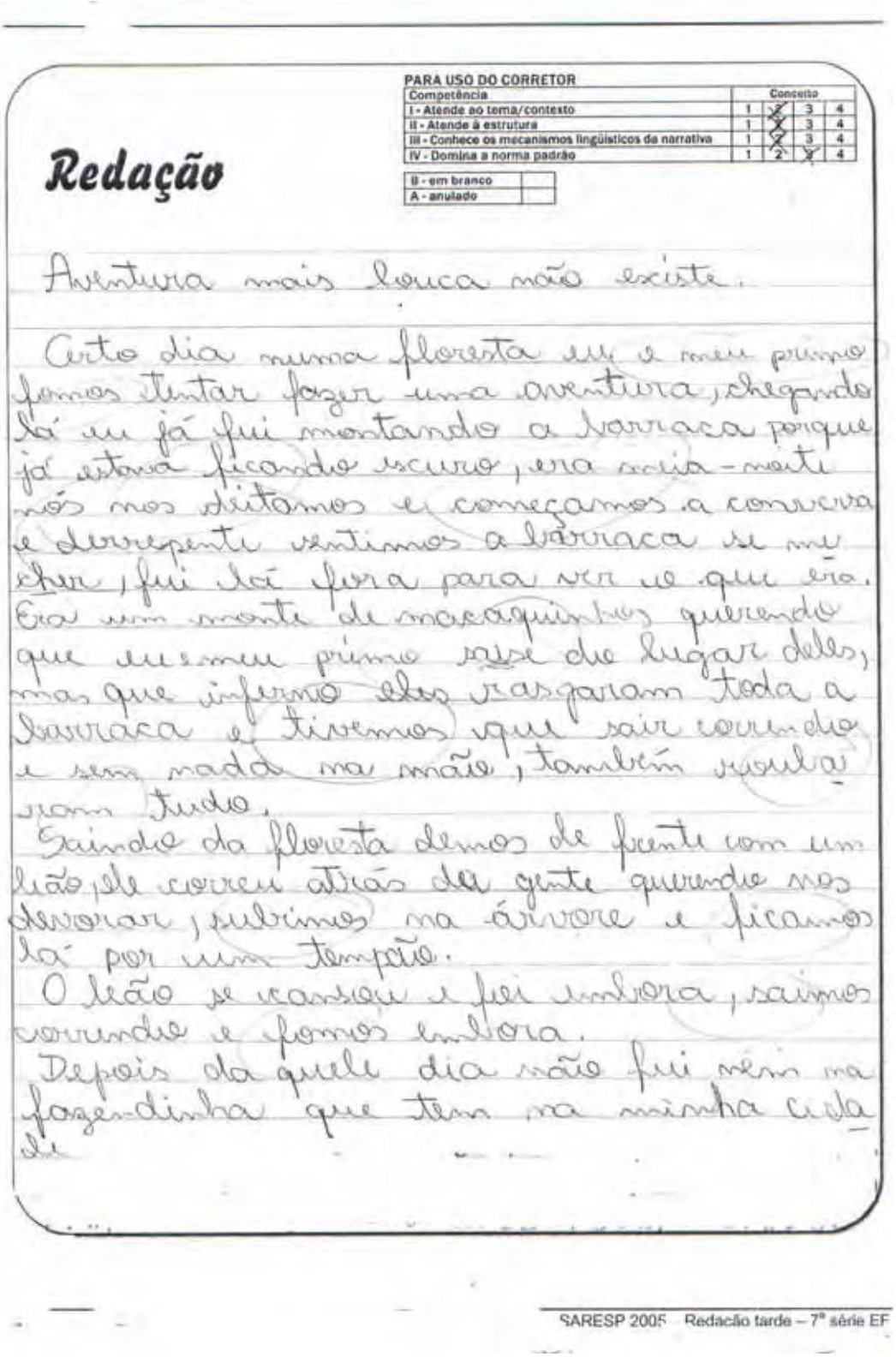
SARESP 2005 – Redação tarde – 6ª série EF

Figura 2 – Redação da 6ª série para avaliação do SARESP – 2005.

Fonte: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

7ª e 8ª séries:

Escreva uma história narrando aventuras em que você e seus amigos são personagens principais. Não se esqueça de dar um título à sua



PARA USO DO CORRETOR

Competência	Conceito			
I - Atende ao tema/contexto	1	X	3	4
II - Atende à estrutura	1	X	3	4
III - Conhece os mecanismos lingüísticos da narrativa	1	X	3	4
IV - Domina a norma padrão	1	2	X	4

B - em branco	
A - anulado	

Redação

Aventura mais louca não existe.

Certo dia numa floresta eu e meu primo fomos tentar fazer uma aventura, chegando lá eu já fui montando a barraca porque já estava ficando escuro, era noite - mente nós nos deitamos e começamos a conversa e derrepente ventamos a barraca se mexer, fui lá fora para ver o que era. Era um monte de macaquinhos querendo que meu primo saisse de lugar deles, mas que inferno eles rasgaram toda a barraca e tivemos que sair correndo e sem nada na mão, também roubaram tudo.

Saindo da floresta demos de frente com um leão, ele correu atrás da gente querendo nos devorar, subimos na árvore e ficamos lá por um tempão.

O leão se cansou e foi embora, saimos correndo e fomos embora.

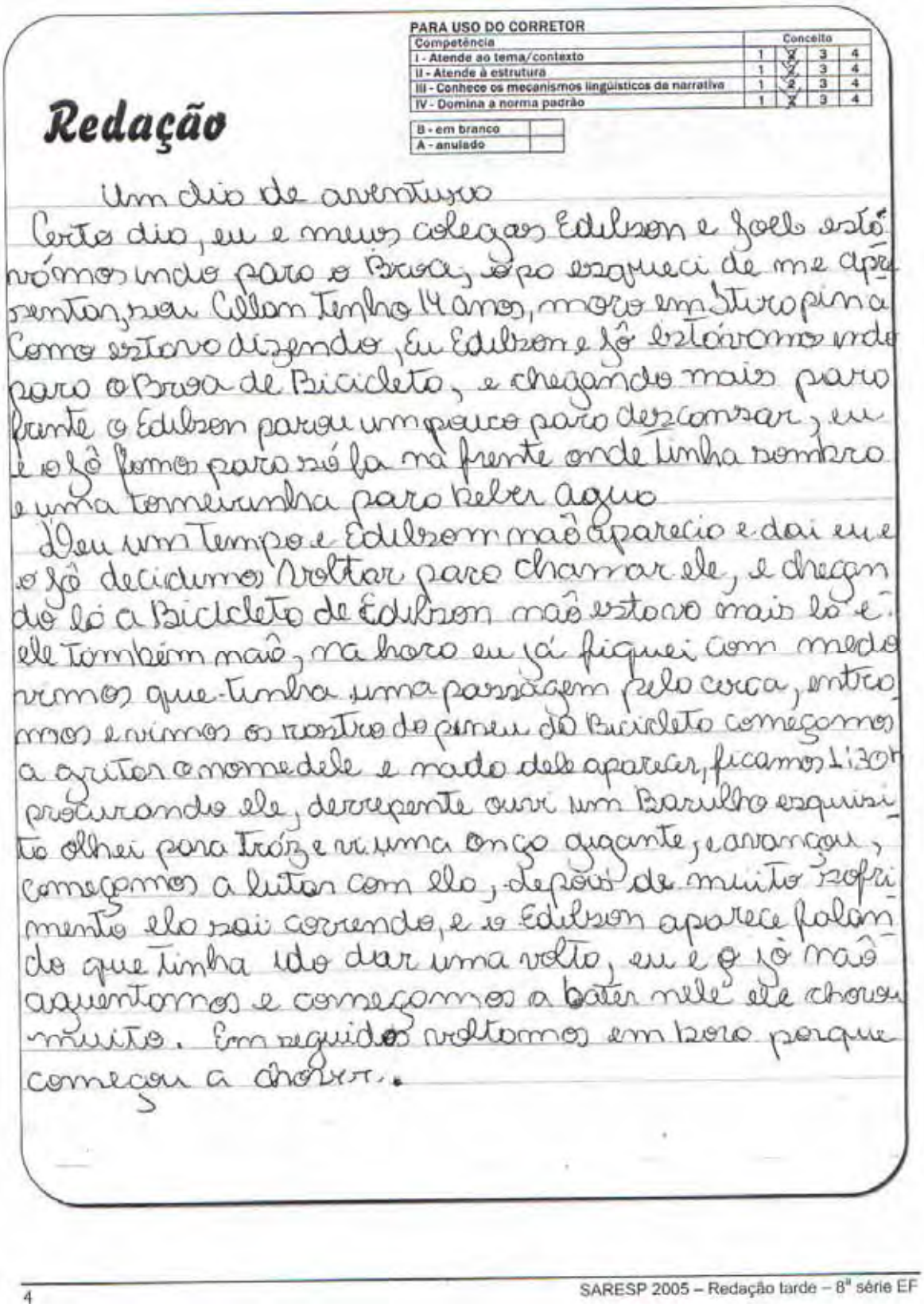
Depois daquele dia não fui mais na fazendinha que tem na minha cida de.

SARESP 2005 Redação tarde – 7ª série EF

história.

Figura 3 – Redação da 7ª série para avaliação do SARESP – 2005.

Fonte: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.



PARA USO DO CORRETOR

Competência	Conceito			
I - Atende ao tema/contexto	1	X	3	4
II - Atende à estrutura	1	X	3	4
III - Conhece os mecanismos lingüísticos da narrativa	1	2	3	4
IV - Domina a norma padrão	1	X	3	4

B - em branco	
A - anulado	

Redação

Um dia de aventura

Certo dia, eu e meus colegas Edilson e Joel estávamos indo para o Brasa, só pro esqueci de me apresentar, meu Cillon Tenho 14 anos, moro em Sto Pina Como estava dizendo, Eu Edilson e Jô estávamos indo para o Brasa de Bicicleta, e chegando mais para frente o Edilson parou um pouco para descansar, eu e o Jô fomos para lá na frente onde tinha sombra e uma torneirinha para beber agua

Deu um Tempo e Edilson não aparecia e dai eu e o Jô decidimos Voltar para chamar ele, e chegando lá a Bicicleta de Edilson não estava mais lá e ele Também não, na hora eu já fiquei com medo vimos que tinha uma passagem pelo cerca, entramos e vimos os rastros do pneu da Bicicleta começamos a gritar o nome dele e nada dele aparecer, ficamos 1:30h procurando ele, derrepente ouvi um Barulho esquisito olhei para Trás e vi uma Onça gigante, e avançou, começamos a lutar com ela, depois de muito sofrimento ela sai correndo, e o Edilson aparece falando que tinha ido dar uma volta, eu e o Jô não aguentamos e começamos a bater nele ele chorou muito. Em seguida voltamos em bora porque começou a chover.

5

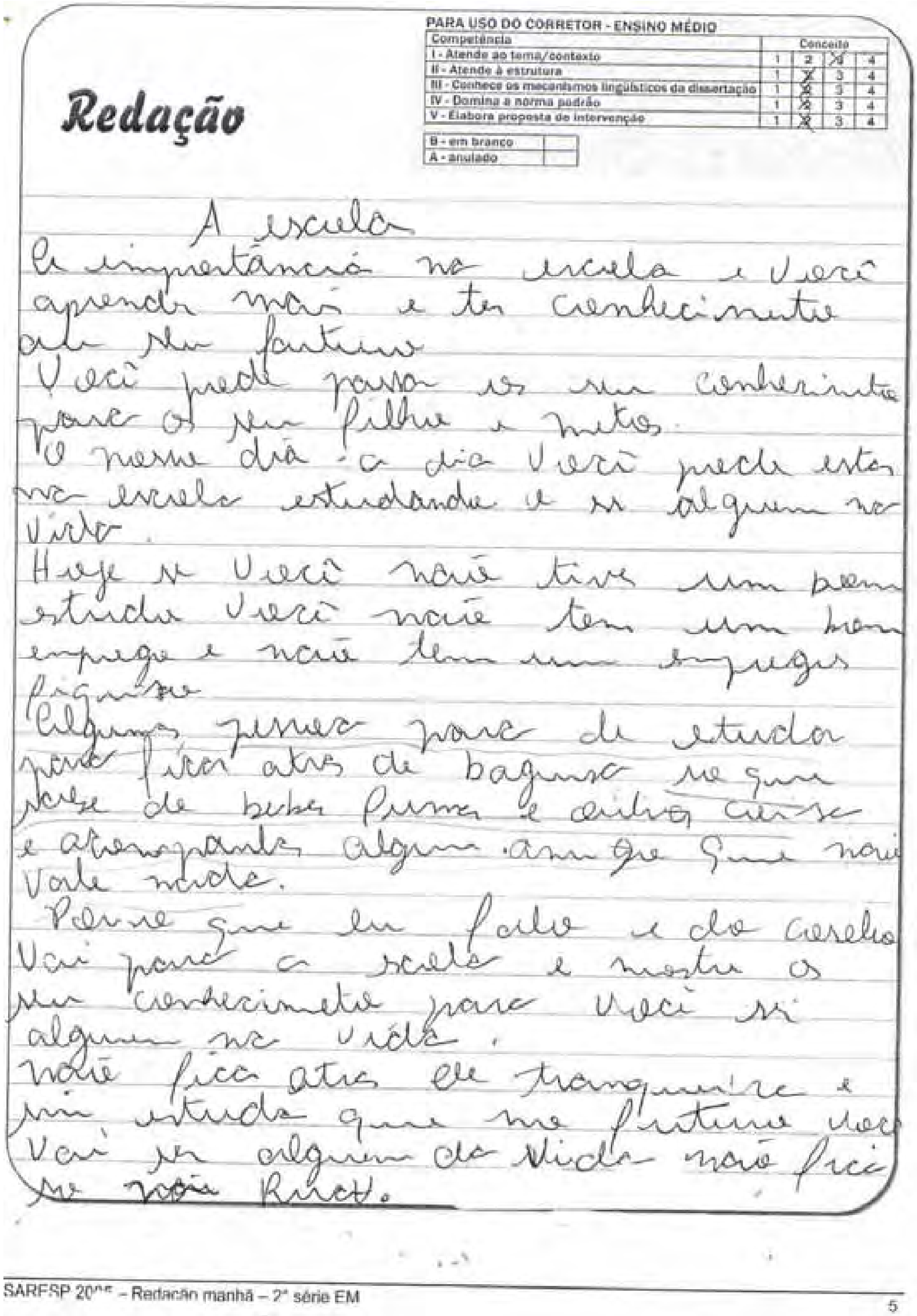
4 SARESP 2005 – Redação tarde – 8ª série EF

Figura 4 – Redação da 8ª série para avaliação do SARESP – 2005.

Fonte: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio:

"Com base na leitura dos textos, redija uma dissertação argumentativa sobre o tema: O jovem e a escola: qual a importância do estudo na vida das pessoas?"



Redação

PARA USO DO CORRETOR - ENSINO MÉDIO

Competência	Conceito			
I - Atende ao tema/contexto	1	2	X	4
II - Atende à estrutura	1	X	3	4
III - Conhece os mecanismos lingüísticos da dissertação	1	X	3	4
IV - Domina a norma padrão	1	X	3	4
V - Elabora proposta de intervenção	1	X	3	4

B - em branco	
A - anulado	

A escola

a importância na escola e você aprender mais e ter conhecimento ate seu futuro

Você pode passar os seu conhecimento para os seu filho e netos.

O mesmo dia a dia você pode estar na escola estudando e ser alguém na vida.

Hoje se você não tiver um bom estudo você não tem um bom emprego e não tem um emprego [illegible]

Alguns jovens para de estuda para ficar atrás de bagunça se que [illegible] de beber fuma e outras coisas e atrapalhando alguns amigos que não vale nada.

Penso que eu falo e do coração vai para a escola e mostra os seu conhecimento para você ser alguém na vida.

não fica atrás de [illegible] e seu estudo que no futuro você vai ser alguém da vida não fica [illegible]

SAREST 2005 - Redação manhã - 2ª série EM

5

Figura 5 – Redação das séries do Ensino Médio para avaliação do SARESP – 2005.

Fonte: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Ao final da seleção dos dados, quando fomos iniciar a análise, deparamo-nos com o seguinte problema. Os diferentes temas das séries interferiam na pessoa verbal utilizada nas redações, pois a maioria solicitava narrador-personagem, que favorece o uso da primeira pessoa do plural. Além disso, interferiam também nos tipos de construções frasais. Nas sétimas e oitavas séries, por exemplo, havia um número muito grande de ocorrências de primeira pessoa do plural e um número restrito de construções em terceira pessoa do plural, graças ao tema, como os exemplos abaixo podem ilustrar:

7 série:

(1) **Eu e meu primo fomos** tentar (vm7td)
(2) **Nós nos deitamos e começamos** a conversar e derrepente **sentimos** a barraca se mecher[10]. (vm7d)
(3) **Demos** de frente com um leão...**subimos** na arvore e ficamos lê por um tempão (vm7d)
(4) **Saímos correndo** e **fomos** embora (vm7d)
(5) **Estávamos andando** quando **encontramos** (vgb7d)
(6) Então **resolvemos nadar entramos** na água e **ficamos** lá nadando (vgb7d)

8ª série:

(7) **Eu Amanda e minha amiga Enathara vivemos** uma aventura (alg8c)
(8) **Fomos andar** de escuna (alg8c)
(9) **Eu e minha amiga nos abraçamos** (alg8c)
(10) **Eu e minha Enathara também estávamos** assustadas (alg8c)
(11) A aventura que v**ivemos** jamais **esqueceremos** (alg8c)

Já as redações do Ensino Médio eram textos dissertativos que favoreciam em primeiro lugar o uso da terceira pessoa singular, em seguida, da terceira do plural, e poucas ocorrências da primeira do plural, como os exemplos demonstram:

Ensino Médio:

(12) **Algumas pessoa para** de estudar para ficar atrás de bagunça (aab1)
(13) (*Algumas pessoa)* **só que sabe** de beber e outras coisa(aab1)
(14) (*Algumas pessoa)* **e acompanha** algum amigo que não vale nada (aab1)
(15) **Os adolescentes não se interessam** mais nos estudos (aca1)

(16) Muitas vezes (os adolescentes) porque: **começam** a trabalhar mais cedo e não **tem** mais tempo para estudar. (aca1)

Com exceção do tema do Ensino Médio que privilegiava a terceira pessoa, constatamos que teríamos muitos dados de primeira pessoa do plural (que não constituem nosso objeto de análise) nas séries do Ensino Fundamental II. Além disso, a diferença na tipologia textual (narração/dissertação) poderia causar uma alteração no percentual de CV entre os alunos do EM e os do EF, por isso, resolvemos realizar uma avaliação interna na escola com um tema que favorecesse a terceira pessoa do plural em todas as séries. Avisamos aos estudantes a importância da avaliação e explicamos que seria utilizada em uma pesquisa, sem, no entanto, explicitar seus objetivos. Solicitamos aos alunos que fizessem a redação solicitada para esta pesquisa com a mesma seriedade e dedicação com que fariam a prova do Saresp, informando-lhes que era tão importante quanto esta. Além de ser uma situação tensa que exige atenção e concentração, os alunos sabem que em uma prova de redação serão avaliados não apenas pelo conteúdo, mas, também, pela forma, por isso, acreditamos que tenham redigido tais textos com atenção e cautela.

O colégio selecionado para seleção das redações foi a Escola Estadual Profª Zita de Godoy Camargo, situada em Rio Claro, interior de São Paulo, por ser considerada uma escola tradicional da cidade, possuir boas referências e apresentar uma clientela razoavelmente diversificada.

Assim, como o objetivo desta pesquisa era trabalhar com uma modalidade de língua escrita formal e culta, procuramos organizar um *corpus* exclusivo, constituído de redações escolares produzidas em uma situação formal e que, portanto, deveriam trazer a norma culta no texto, como exigido no SARESP.

Trata-se de textos *formais* devido à situação em que foram produzidos: uma avaliação escolar. E referem-se à linguagem *culta*, pois foram elaborados por informantes, que supostamente, deveriam apresentar conhecimentos básicos em relação aos registros sistemáticos dos fatos linguísticos e das normas que norteiam a utilização oral e escrita da língua portuguesa. Embora o acesso à escola não garanta necessariamente o domínio pleno da norma culta, permite a reflexão constante sobre o uso da língua, sobre seus aspectos gramaticais e possibilita ainda o contato com uma tipologia textual diversificada, em maior ou menor grau, de acordo com a série ou ano do informante.

---

[10] A grafia original foi mantida a fim de demonstrar a maneira como os informantes realmente redigem.

Como já salientamos na seção que trata da fundamentação teórica, nossa linha de trabalho está respaldada na Sociolinguística Quantitativa, modelo de variação desenvolvido por Labov, nos meados da década de sessenta. Espelhamo-nos em vários estudiosos que desenvolveram suas investigações neste mesmo caminho.

Também já foi dito que a prioridade deste modelo teórico-metodológico é a variação própria e inerente ao sistema linguístico. Sabemos também que esta variação ocorre mais comumente na língua viva em funcionamento, sendo mais evidente na língua falada espontaneamente no dia-a-dia, em discursos não planejados e até mesmo em textos produzidos em situações informais do que falas e textos cuja situação é de maior formalidade. Porém, baseando-nos em nossa experiência como docentes, observamos certa variação também na língua escrita formal, em que se exige o uso da linguagem culta. Para verificar esta observação, realizamos uma investigação em tal modalidade da língua a fim de verificar com precisão o grau de variação nela existente.

Em nosso trabalho anterior (Gameiro, 2005) sobre a variação na CV na língua falada, pudemos constatar um alto nível de variação nesta modalidade, o que também nos motivou a observar a variação na escrita.

Sabemos que a variação não é tão facilmente apreendida na língua escrita como na língua falada espontaneamente, por isso, mais um desafio: observar se a variação aparece na língua escrita formal.

4.1.2 A seleção do corpus.

Os alunos do Ensino Fundamental (EF) e Médio (EM) redigiram textos narrativos em terceira pessoa com o seguinte tema: **"Três amigos foram acampar numa floresta e se perderam".**

Selecionamos textos narrativos porque são tipos com os quais tanto os alunos do EF como do EM estão mais habituados, já que se trata de uma tipologia com a qual possuem contato desde a infância. Não pedimos a dissertação, tipologia muito rica para a análise de CV, visto que muitos alunos do EF, principalmente os de 5ª a 7ª série, ainda não dominam a estrutura desta tipologia e não conseguem desenvolver um assunto com propriedade, apresentando argumentos sólidos, muitos nem sabem de que tipo de texto se trata. Assim, embora acreditemos ser um tipo adequado para a análise da CV por possuir estruturas

linguísticas de sujeito complexo que facilitam a observação da variação da CV, não selecionamos este tipo de texto.

Na análise inicial feita e apresentada à banca de qualificação, as redações do *corpus* eram dissertações produzidas pelos informantes de EM (antigo colegial), e narrações do EF II. (Ensino Fundamental II- 6º ao 9º ano, 5ª a 8ª série). No EM, havíamos observado várias construções que convencionamos chamar de sujeito complexo. Dentre tais construções, destacamos, por exemplo, as de sujeito com núcleo singular e sintagma preposicionado no plural, como em "O objetivo dos policiais eram acabar com o crime organizado"; sujeito de um só núcleo **plural** anteposto ao verbo seguido de **SPrep** com, pelo menos, um elemento no **singular , como em "**Os sistemas de cotas para o negro SERIA mais justo"

Acreditamos que devido a estruturas destes tipos, comuns em dissertações, os dados de nossa análise inicial tenham resultado em menor índice de concordância por parte dos alunos do Ensino Médio (EM) que haviam elaborado textos dissertativos, em relação aos do Ensino Fundamental, (EF) que tinham redigido narrativas. Os alunos da terceira série do Ensino Médio usaram a concordância em 80% (232/290)[11] dos casos, 8% a menos que os discentes das séries iniciais do Ensino Fundamental II (6º ano: 88%= 330/375), fato que atribuímos às construções com "sujeito complexo" utilizadas frequentemente em tais tipos textos textuais. Os exemplos abaixo, retirados do nosso *corpus* inicial de dissertações feitas pelos alunos do EM poderiam confirmar tal afirmação:

(17) **O fácil acesso de bebidas** que **geram** a violência. (11mcp)

(18) **Cada uma das pessoas podem** fazer. (11mcr)

(19) **O número de armas são** enormes. (11FBp)

(20) **Alguns policiais** eu acredito que são onestos mas convivendo com o batalhão corrupto não tem jeito, **ou se junta ou è expulso**. (11mcp)

(21) **Crescimento desordenado, falta de estudo e educação, a corrupção que está** crescendo desordenadamente, **faz** com que cada ...(MCR)

(22) **Essas pessoas** que são bandidos **não teve** uma chance na vida ou teve e não sobe aproveitar. (FBP)

(23) **Os marginais** só são marginais Por causa da educação **que teve** na casa (FBR)

[11] Embora o percentual de diferença de aplicação da CV, 8%, entre os níveis de escolaridade não seja representativo, poderia evidenciar a influência de tais construções complexas condicionarem a variação na CV, como Scherre demonstrou. Poderíamos até estabelecer a hipótese de que se os informantes de 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano) tivessem produzido textos dissertativos, o percentual de ausência fosse maior neste nível de escolaridade.

A sequência de exemplos acima ilustra os casos que chamamos de estruturas complexas, são frases em que: o sujeito está distante, há orações intercaladas, sintagmas nominais preposicionados no plural com núcleo singular e outros fatores que propiciam a variação da CV.

Com base nesses resultados da análise inicial feita, montamos um novo *corpus,* em que os alunos do Ensino Médio também produziram uma narrativa. Para que assim, em posse de textos do mesmo tipo, pudéssemos estabelecer comparações que se aproximassem mais da realidade, observando com maior clareza se os anos de escolarização estavam realmente influenciando o uso da CV ou não, uma vez que não podemos comparar objetos diferentes e chegar à mesma conclusão.

Desta forma, todos os informantes de nosso *corpus* produziram textos narrativos relatando uma aventura, sobre os quais faremos uma breve explanação.

4.1.3 O texto narrativo

O termo "narração" é derivado do Latim *narratio,* que significa ato de narrar acontecimentos reais ou fictícios. O texto solicitado aos alunos era uma ficção, falar de uma aventura que provavelmente ainda não tenham vivenciado. No entanto, é comum observar nas narrativas que os alunos colocam o próprio nome como um dos personagens, é muito comum que "se coloquem na história". Isto se deve ao fato de que a narrativa constitui um simulacro das ações do homem no mundo (PLATÃO E FIORIN, 2004). Por isso, a teoria da narrativa estuda a ação realizada em relação às coisas ou aos seres humanos.

A concepção clássica de narração corresponde a uma das partes da epopéia, em que são contados os acontecimentos e os episódios mitológicos e históricos da obra. Para Aristóteles, "narração designa um modo de discurso específico que se interpõe entre os modos lírico e dramático".

Propp (1928/1983, apud VASCONCELLOS, 2007), analisando os contos de fada russos, os contos maravilhosos, descobriu que relatavam as mesmas ações, isto é, apresentavam características semelhantes.

A condição básica para que um texto seja pertencente à tipologia dos narrativos é que tenha personagens e um enredo que evolua ao longo do tempo. Estas são as duas características básicas desta tipologia. No entanto, há uma grande variedade de tipos de

discurso que satisfaz essas mínimas condições. Existem inúmeros gêneros deste tipo, dentre os quais podemos destacar: contos populares, análises evolutivas, fábulas, mitos, contos de fada, justificativas de ação, crônicas, notícias, romances, novelas, dentre outros. Todos esses gêneros narrativos possuem outras características em comum, além de personagens e enredo.

Uma das características básicas é o uso dos tempos verbais, na narrativa há o grande predomínio do pretérito (perfeito, mais que perfeito e imperfeito).

Para Fiorin e Savioli (2004, p.228), para que um texto seja narrativo, deve ocorrer mudança de situação, várias transformações. Primeiro, tem-se um personagem que quer ou deve fazer algo, no caso da narrativa, "três amigos queriam acampar, se divertir". Para tanto, o personagem adquire saber/poder: "pega alimentos, comida e vai à floresta. Ocorre, por fim, a mudança principal, em que o personagem realiza o que quer: "chega à floresta e arma o acampamento". Por fim, há a constatação da mudança principal, que pode acarretar prêmios ou castigos, no caso "eles se perdem". Desta forma, para que estas mudanças ocorram, é necessário que haja a "manipulação", em que um sujeito leva o outro a fazer algumas coisas, um amigo convida o outro a acampar, por exemplo. É necessário que este sujeito tenha "competência", ele precisa adquirir um saber e um poder, possuir os objetos necessários para acampar. Quando o sujeito age, ocorre a "performance". E no desfecho, há a "sanção", que pode ser castigo ou recompensa. Estes seriam os elementos básicos do texto narrativo, portanto, podemos afirmar que as redações que constituem o *corpus* deste trabalho são textos narrativos.

Bruner (1991) (apud BROCKMEIER, 2003) afirma que a narrativa refere-se a um conjunto de estruturas linguísticas e psicológicas que são transmitidas cultural e historicamente. Elas são demarcadas pelo nível do domínio de cada indivíduo bem como pela associação entre técnicas sociocomunicativas e habilidades linguísticas. A todo instante de nossa vida, estamos narrando algo, quando contamos uma situação complicada, uma intenção, um sonho, uma doença, um estado de angústia, estamos contando histórias de acordo com nossa capacidade, nossa intenção, de acordo com o meio, e ainda de acordo com os interlocutores. A mesma história pode ser narrada de maneiras diferentes dependendo dos interlocutores e da situação, por exemplo. Assim, Brockmeier garante que todas as culturas contam estórias.

4.1.4 A amostra

Como já foi dito acima, com o objetivo de proporcionar o surgimento de construções com verbos na terceira pessoa do plural, propusemos o seguinte tema aos informantes: "Três garotos foram acampar na floresta e se perderam". Os informantes deveriam continuar o texto narrativo. Tal tema também foi escolhido por manter proximidade aos temas recorrentes nas redações do SARESP.

A prova foi aplicada a uma classe de cada série de toda a escola, desde a quinta série do EF até a terceira série do EM. Assim, dispomos de uma média de 35 redações por série. Porém, selecionamos 20 redações por série, dez pertencentes a estudantes do sexo masculino e dez do sexo feminino. Desta forma, a amostra utilizada é constituída de 160 redações, totalizando 2388 ocorrências de P6.

A amostra foi estratificada segundo umas das características sociais tradicionalmente mais conhecidas**,** a saber, o sexo do informante e seus anos de escolarização. Não analisamos a faixa etária por coincidir, na maioria dos casos, com a série do aluno.

O recorte relativo ao sexo é por si só evidente: masculino (M) e feminino (F). No que concerne à escolaridade, estabelecemos oito recortes:

5ª SÉRIE: sexto ano do Ensino Fundamental;
6ª SÉRIE: sétimo ano do Ensino Fundamental;
7ª SÉRIE: oitavo ano do Ensino Fundamental;
8ª SÉRIE: nono ano do Ensino Fundamental;
1ª SÉRIE: primeiro ano do Ensino Médio;
2ª SÉRIE: segundo ano do Ensino Médio;
3ª SÉRIE: terceiro ano do Ensino Médio.
EJA: Educação de Jovens e Adultos.

4.1.5. Informações gerais sobre a escola e sua clientela.

Nesta seção, apresentamos informações gerais sobre a escola e sua clientela, iniciando pela localização e espaço físico, para, por fim, tratar dos aspectos sociais da comunidade.

4.1.5.1 Localização

Fundada em 1992, a E.E Profª Zita de Godoy Camargo localiza-se na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, no bairro Jardim Hipódromo, zona norte do município em um dos bairros pertencentes ao chamado "Grande Chervezon", que comporta em torno de 18 (dezoito) bairros e possui cerca de 40.000 habitantes. O bairro localiza-se na periferia da cidade, mas possui boa infraestrutura, pois conta com Pronto Socorro, Unidade Básica de Saúde, creches, EMEIS, escolas de ensino fundamental e médio, delegacia de polícia, rede de esgoto, asfalto, iluminação pública em todas as ruas. O bairro conta também com um forte comércio local: feiras, supermercados, farmácias, lojas diversas e até mesmo pequenas indústrias de confecções. Com essa infraestrutura e dado o grande número de habitantes, podemos afirmar que o "Grande Chervezon", é um bairro com vida própria, comparável até a uma cidade de pequeno porte.

4.1.5.2 Clientela Escolar

A escola possui 1.132 alunos provenientes, em sua maioria, do próprio bairro e de bairros vizinhos. Mas há alguns alunos vindos de bairros mais distantes como: Parque Mãe Preta, Vila Nova, Wenzel, Jardim das Flores, dentre outros. A origem das famílias é de aproximadamente 30% fora do Estado de São Paulo, 20% de outro município do Estado e 50% da própria cidade. As famílias originárias de outros Estados, são em grande parte dos Estados de Minas Gerais, Estados do Nordeste (Ceará, Pernambuco, Sergipe, etc), do Mato Grosso, Paraná e outros. Esta diversidade regional é importante, pois ainda que distantes da terra natal, muitos alunos apresentam culturas de cada região, havendo, portanto, variações culturais e linguísticas, mesmo que já menos acentuadas.

A escola trabalha com as seguintes modalidades de Ensino: Ensino Fundamental – Ciclo II (5ª a 8ª série, 6º ano 9º ano), Ensino Médio (antigo colegial) e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

4.1.5.3 Situação socioeconômica e cultural

A maioria dos alunos são advindos de famílias com nível socioeconômico cultural médio-baixo e baixo, e os responsáveis possuem em média, o ensino fundamental incompleto. Poucos pais possuem o Ensino Médio e são raros os que cursaram Ensino Superior. O acesso a livros, jornais, revistas, teatro e outros é muito restrito. O maior contato dos alunos com livros, revistas, jornais, gibis, filmes ainda é na escola, embora já haja uma sensível mudança em relação a esta nova geração. Registra-se um grande número de famílias evangélicas que não permite aos filhos irem ao teatro, cinema, assistir à televisão, participar de festas e eventos, restringindo o avanço cultural dos filhos.

Em relação ao rendimento, pode-se afirmar que 50% dos alunos apresentam um bom desempenho escolar, com famílias interessadas e participantes e 30% um desempenho regular, tendo a escola que convocar periodicamente os pais para controlar a vida escolar do filho e, juntamente com a escola, procurar a melhoria de sua aprendizagem. Em relação aos 20% dos alunos que apresentam rendimento baixo ou insuficiente, a família não é presente e só comparece à escola quando há muita insistência por parte da equipe escolar (direção, professor coordenador e professores). A desagregação familiar, a violência doméstica, a falta de assistência básica a esses menores (saúde, alimentação, vestuário) são fatores relevantes que, embora não justifiquem, contribuem para o mau desempenho escolar desses alunos.

É interessante observar que nestes quase 20 anos de existência dessa escola, já podemos registrar muitos ex - alunos cursando e ingressando (em número cada vez maior) em cursos superiores, inclusive em Universidades Públicas, o que sem dúvida mudará para melhor, num futuro próximo, o perfil da nossa clientela.

Quase a totalidade dos alunos (famílias) possui aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos, como geladeira, televisão, telefone (fixo e celular) e aparelhos de som. Alguns ainda têm máquina de lavar roupas, forno micro-ondas, freezer e computador.

Os meios de transporte mais usados são: bicicletas, moto, ônibus, pois poucas famílias possuem carro.

Em relação à moradia, cerca de 85% das famílias, mesmo as mais pobres, possuem casa própria. São construções simples, de 4 a 5 cômodos e possuem rede de esgoto, iluminação elétrica, água encanada, calçamento e asfalto.

4.1.5.4 O prédio Escolar

Os principais ambientes pedagógicos de que a escola dispõe são: uma sala de leitura com cinco mil títulos aproximadamente, uma sala de informática, uma quadra esportiva descoberta e um campo de Futebol. No entanto, a sala de leitura e de informática são raramente utilizadas, pois não há funcionários disponíveis para auxiliar os professores.

Além destes, há 13 salas de aulas e os ambientes administrativos, que não consideramos relevante detalhar para os fins desta pesquisa.

4.1.6 A seleção dos dados

A seleção dos dados, bem como a escolha dos fatores para a análise foram realizadas a partir da leitura de alguns dos principais trabalhos desenvolvidos sobre CV empreendidos por Lemle e Naro (1977), Rodrigues (1987) e Nicolau (1984). Também consultamos artigos mais recentes de Scherre e Naro, dos quais destacamos o trabalho de 1999.

Realizamos apenas a análise dos casos típicos em que a gramática tradicional preconiza a flexão do verbo na mesma pessoa e número do respectivo sujeito, não prevendo a variação, pois gostaríamos de observar o grau de variação existente em um *corpus* formal. Além disso, os casos em que a própria gramática prevê variação não foram muito frequentes neste *corpus* e serão tratados à parte, logo após o detalhamento dos tipos de sujeitos analisados.

4.1.6.1 Dados selecionados para análise quantitativa

a) **Sujeitos simples antepostos com núcleo plural, ou compostos com núcleos singulares (equivalentes a sujeito plural).**

O sujeito simples anteposto equivalente à terceira pessoa do plural é um dos únicos casos evidenciados pela gramática como não suscetíveis à variação. Com este tipo, os gramáticos são categóricos, deve-se efetuar a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Assim, verbos sem as marcas formais de plural referentes a sujeito P6 estariam desobedecendo à norma estabelecida pela tradição, como é o caso do exemplo (24). Estes seriam os casos típicos de variação de CV.

(24) **eles estava** muito apavorados que não encontrava os meninos (Smp)
(25) **as pilhas já não funcionavam** mais (2fr)
(26) **Antonio e René concordaram** e tentaram voltar (3mr)

b) Sujeito simples expresso por relativo:

Com base no trabalho de Naro e Scherre (2003), sobre a fala informal de 64 falantes do Rio de Janeiro (amostra da década de 80 do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua: PEUL), analisamos o efeito do pronome relativo *que*, com o objetivo de verificar se a presença de tal elemento, dentro da cláusula que separa o sujeito da oração principal de seu respectivo verbo na oração encaixada, atua no sentido de aumentar ou diminuir a taxa de concordância verbal. Os resultados deste trabalho mostraram que a presença do *que* relativo tem o efeito de diminuir as chances dos verbos apresentarem marca explícita de plural.

(27) **os dois que estava** perdidos (5fb)
(28) **peixes marinhos que se encontravam** em extinção (5fr)

c) Sujeito oculto:

A ausência ou elipse do sujeito (sujeito oculto, cancelado, apagado, sujeito zero) corresponde ao fenômeno sintático em português que pode ocorrer, em tese, quando o verbo é marcado em pessoa e número, desta forma, a referência ao sujeito zero está exclusivamente na flexão do verbo.

Analisamos, assim, o sujeito oculto por estar diretamente ligado à CV. Rodrigues (1987) postulou que quando o sujeito não se encontra na frase, a desinência verbal não seria redundante, e as relações entre o verbo e o seu sujeito extra-sentencial deveriam ser realizadas por meio de concordância. Portanto, sua hipótese é a de que o sujeito oculto favorece o uso de

formas verbais marcadas, ou a aplicação da regra padrão, enquanto as formas verbais não-marcadas devem ser preferentemente usadas com sujeito pronominal explícito.

Por outro lado, Naro e Scherre (2003) demonstraram que sujeitos pronominais explícitos não funcionam como uma estratégia compensatória da perda de morfemas flexionais no verbo, pelo contrário, andam juntos, onde há mais pronomes, há também mais concordâncias.

Na pesquisa realizada na fala de informantes do MOBRAL, Naro (1981) constatou uma taxa de preenchimento do sujeito de 64%. Neste mesmo estudo, o pesquisador verificou que nos contextos em que se aplica a concordância, a tendência é a não utilização do pronome, portanto, a mesma tendência geral observada por Rodrigues (1988). No entanto, trabalhando a variável saliência e distinguindo verbos por suas marcas mais fortes ou fracas, se comparadas à forma singular ou plural, Naro (1981) mostrou que os falantes procuram evitar o confronto superficial entre presença do sujeito e verbos de alta saliência sem CV, como em "eles falou", aumentando a taxa de omissão do sujeito mesmo com a possibilidade de perda de todas as marcas da categoria número. Tal constatação enfraquece o argumento do aumento do sujeito pronominal devido à perda da flexão verbal, assim, o pronome não seria tão utilizado quando se trata da perda de CV com verbos de alta saliência.

Portanto, com base nos trabalhos supracitados, averiguamos a relação do sujeito oculto com a CV.

d) Sujeitos pospostos:

O estudo das construções com sujeitos pospostos também foi contemplado neste trabalho. Com base nos resultados de Naro para a língua falada, (1981), que evidenciaram a tendência de os elementos mais à esquerda do verbo controlarem a concordância, bem como nos próprios registros feitos pela tradição gramatical, o sujeito posicionado à direita do verbo favoreceria a ausência de marca de número no verbo. Por isso, em relação à posposição, analisamos todos os tipos de sujeitos pospostos. Tanto os casos em que a própria gramática já prevê variação, como os exemplos de (29) e (30), como os casos não previstos como variáveis (31) e (32):

(29) **começa a aparecer mula-sem-cabeça, saci, curupira**, etc (fbr)

(30) dentro do buraco **estava Vitor, Matheus e Julio** (6mp)

(31) **Passaram-se os dez minutos** (6mp)

(32) **chegam os guardas** (6mp)

Os quatro tipos de sujeito acima foram os casos que codificamos e analisamos quantitativamente, cujos resultados são apresentados nas tabelas na seção que apresenta a análise dos dados. Abaixo, detalhamos os casos em que a gramática já prevê variação. Porém, como em nosso *corpus* eles não foram muito frequentes, não realizamos uma análise quantitativa, mas apenas uma descrição das ocorrências no *corpus.*

4.1.6.2 Casos "especiais"- não contemplados na análise quantitativa

Como já foi dito, o *corpus* deste trabalho não apresentou muitas ocorrências de sujeito complexo, com núcleo singular e adjunto plural, expressões partitivas e outros. Por isso, não realizamos a codificação destes casos, mas consideramos importante destacar as poucas ocorrências destes tipos encontradas. A análise dos casos em que própria gramática normativa prevê a variação, aceitando as duas possibilidades, verbo tanto no singular como no plural nos possibilita observar como tais estruturas se comportam na língua escrita, qual a frequência de concordância. Estes dados poderiam sugerir um caminho para uma regra mais sistematizada e mais coerente de acordo com a frequência de uso. Sendo assim, evidenciaremos os dados deste tipo encontrados no *corpus* deste trabalho:

a) Verbo haver:

Quando o verbo "haver" indica existência ou tempo, é considerado impessoal pelos compêndios gramaticais. Isto equivale dizer que não possui sujeito e, portanto, deve permanecer sempre no singular, como em "Haverá guerras por comida" e não "Haverão guerras", como muitas pessoas falam no cotidiano. Com base nesta variação ocorrida na fala, investigamos como a concordância ocorre na escrita com tais verbos. Vale destacar que não houve ocorrência de tal verbo com o sentido de tempo. Vejamos os outros casos encontrados:

(33) **Havia** três amigos (1fr)

(34) (...) **havia** vários animais (6mb)

(35) **Havia** alguns pedaços dela (2fp)
(36) Não **havia** rastos nada (3fr)
(37) **Havia** poucas cobras (3mr)
(38) **Haviam** dois biólogos acampados (2mp)
(39) **Haviam** três jovens (7mr)

Das sete ocorrências encontradas no *corpus,* apenas duas possuem a desinência de número, desobedecendo assim à norma gramatical. Desta forma, no caso do verbo haver indicando existência, os exemplos indicam que a forma no singular parece ocorrer predominantemente na escrita conforme rege a norma culta.

b) **Verbo *ter:***

Outro caso digno de nota é o uso do verbo *ter* com o sentido de haver, comumente utilizado na linguagem popular, mas não aceito pela norma culta. Vejamos os registros deste uso em nosso *corpus:*

(40) **Tinha** três adolescente (5mg)
(41) **Tinha** muitos bichos (5mp)
(42) **Tinham** três caminhos (5mr)
(43) No caminho **tinha** duas trilhas (5mp)
(44) **Tinha** mais dois moços dentro do carro (6fr)
(45) Pois **tinha** muitos troncos de árvores no chão (6mr)
(46) **Tinha** rato e barata (6fp)
(47) Lá dentro, **tinha** três camas (5fr)
(48) **Tinha** dois caminho (6mp)
(49) **Tinham** animais (7mr)
(50) **Tinha** três amigos (7fr)
(51) **Tinham** animais seuvaticos (7mr)
(52) **Tinha** índios pescando (7mr)
(53) **Tinham** poucos suprimentos (8mr)
(54) Que **tinha um monte de pessoas** (7br)

Os exemplos acima evidenciam dois fatos, o primeiro é que o uso do *ter* no lugar do *haver* é tão comum no *corpus* a ponto de podermos afirmar que seu uso supera o *haver,* pois houve mais que o dobro de ocorrências de *ter.* O segundo é a tendência de o verbo ser usado no singular, assim como o *haver.* Do total de ocorrências encontradas*,* onze estão na terceira pessoa do singular e apenas quatro no plural, há, portanto, um grande predomínio do uso do verbo no singular, evidenciando a mesma tendência do verbo *haver.*

c) Coletivo:

Os sujeitos coletivos de terceira pessoa do singular podem desencadear a chamada concordância semântica ou ideológica, pois embora se enquadrem formalmente no singular, expressam uma idéia plural, como em "O grupo foram". Assim, a maioria dos compêndios recomenda o uso do verbo no singular quando o coletivo estiver sozinho, sem adjunto no plural. Já o sujeito formado de coletivo seguido de nome ou pronome plural admite, segundo a norma, verbo tanto no singular como no plural. Vejamos as ocorrências de tais casos no *corpus:*

(55) **um bando de primitivos** que a **consideraram** uma deusa (1mr)
(56) **Um grupo de jovens** composto por três amigos **resolveram** (2fr)
(57) **Um grande número de macacos** os **atacam** (8mp)
(58) **um grupo de caçadores que avistaram** passos (7mr)
(59) **Um grupo de escoteiros resolvem** fazer uma expedição (6mp)
(60) **uma tribo de índio que abitam** e que nunca *tinham visto* um homem branco e com isso **ficaram** muito curiosos então **começaram** a dançar em volta dele e **foram chegando** (2fr)
(61) a equipe **conseguem** ajudar os amigos (6mp)
(62) aonde **estavam sua turma** (8fp)
(63) Um dia **um grupo de amigo resolverão** acampar (5mp)
(64) **todo mundo ficaram** felizes (5mp)
(65) **Todo mundo que estavam** acampando (7fr)
(66) **O pessoal da escola Zita decidiram** acampar no horto (7fr)
(67) **o pessoal colocavam** muitos... (7fr)
(68) **Todo mundo desceu** lá (7fr)
(69) **Todo mundo se ajuntou** (5mr)

(70) Tres dias depois **chega uma equipe especializada** em casos (6fr)

(71) mas **a equipe inteira morre** (6fr)

Observando a sequência de exemplos acima, podemos constatar que apenas os cinco primeiros exemplos estariam de acordo com a norma (55 a 59), pois a presença do substantivo plural junto do coletivo permite o uso do verbo no plural. Os exemplos de (60) a (67) demonstram que o uso não obedece à norma, pois há apenas o coletivo no singular e os verbos no plural, ocorrendo a chamada concordância siléptica. Assim, uma possível tendência apontada por estes dados é a do uso de verbos no plural tanto se o coletivo vier acompanhado de substantivo no plural ou não, que não seria o uso padrão.

Ainda estão de acordo com a norma (68) a (71), pois os verbos estão no singular concordando com o coletivo, ocorrendo a chamada concordância gramatical ou lógica, que se faz com a forma da palavra, singular, e não com o seu valor semântico, plural.

d) Expressão "um dos" ou "um de".

Os sujeitos formados por expressões deste tipo admitem o verbo normalmente no plural, mas quando se quer enfatizar o indivíduo em relação ao grupo, usa-se o singular.

(72) **um dos três amigos ouviu** o barulho (8mp)

(73) **um de seus amigos havia** desaparecido (8mp)

(74) **um dos amigos** muito cansado **cochilou** (8mp)

(75) **Um deles conseguiu** chamar o resgate (7mr)

(76) **Um deles falou** (2mr)

(77) **Um deles perceberam** (2mr)

As gramáticas registram o uso da expressão "um dos que", no entanto, no *corpus,* ocorreram construções sem o relativo. Os exemplos mostram que a maioria dos informantes prefere a construção no singular, enfatizando o indivíduo, "ele foi **um** dos", fazendo a concordância com o numeral, que seria o mais lógico nestes casos. Houve apenas uma construção com o verbo no plural contrariando a lógica destas expressões "um deles

perceberam". Desta forma, os dados demonstrariam a preferência pelo verbo no singular com tal expressão.

e) "Nenhum dos":

Normalmente, a expressão "nenhum dos" é encontrada nas gramáticas junto com o pronome relativo *que.* Nestes casos, recomenda-se que a primeira oração fique no plural concordando com o demonstrativo "os" e a segunda, no singular concordando com o indefinido "nenhum", como em: "**Nenhum dos que me viram me reconheceu".** Em nosso *corpus,* entretanto, não houve construção desse tipo, apenas o pronome seguido de determinante, como vemos abaixo:

(78) **Nenhum dos três querem não querem** nem chegar perto da chácara (2fr)

(79) **Nenhum dos jovens demonstrou** ou **pensavam** em demonstrar esse tipo (2fr)

No primeiro exemplo, o informante utilizou o plural nas duas orações, já no segundo, fez o oposto ao que a gramática recomenda, usou o primeiro verbo no singular e o segundo no plural. Como se trata apenas de um informante, com duas ocorrências, não temos como observar como ocorre o uso desta expressão de uma maneira geral.

f) Formas homófonas e homógrafas:

As formas verbais homófonas e homógrafas que marcam a oposição singular/plural apenas pela acentuação não são possíveis de serem analisadas na língua falada, pois não há distinção na pronúncia. Porém, a escrita permite que se observe se os informantes marcam o plural destes verbos ou não por meio da presença ou ausência do acento gráfico, assim, vejamos alguns casos.

(80) **Alguns** ainda **tem** esperança de acha-los (2mr)

(81) Nos corações de **pessoas que tem** fé e coragem (7fcr)

(82) **Esses três meninos tem** o nome (6mr)

(83) **Eles** ainda **tem** medo de acampar (8mr)

Das quatro ocorrências encontradas no *corpus,* nenhuma possui o acento para marcar o plural do verbo *ter,* o que nos leva a crer que a tendência é de os informantes não fazerem a distinção singular/plural de tais verbos por meio da acentuação gráfica.

Existem outros casos de sujeito que a gramática prevê variação, como o sujeito constituído de expressões do tipo "a maioria de, maior parte", os sujeitos do verbo "ser", o coletivo composto por sinônimos, antônimos e outros que não serão contemplados neste trabalho por não terem ocorrência em nosso *corpus*.

4.1.7 Descrição das variáveis.

Como já afirmamos na seção que aborda a fundamentação teórica, para analisarmos a variação na CV na escrita, baseamo-nos nos conceitos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista de William Labov.

Uma das maiores contribuições de Labov (1972) foi a demonstração do estudo ordenado da variação, da heterogeneidade. Pois, de acordo com o autor, existem, no sistema linguístico, não apenas regras categóricas, que sempre se aplicam, mas também as que se encontram em variação, que não são realizadas sempre da mesma forma. As regras que ora se aplicam, ora não, são chamadas de variáveis linguísticas e podem compreender duas ou mais variantes. O caso da CV, por exemplo, é uma regra variável que apresenta duas variantes: a presença e a ausência da marcação de pessoa e número no verbo. A primeira mais valorizada e a segunda, estigmatizada, de um modo geral.

Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa e com o mesmo valor de verdade, idêntico significado referencial, mas com valor social diferente, na maioria das vezes, oposto, até. (LABOV, 1972).

Em geral, a variante considerada padrão é ao mesmo tempo conservadora e aquela que goza de prestígio sociolinguístico na comunidade. Já as variantes inovadoras são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade linguística. Assim, a aplicação da regra de CV é considerada padrão e, portanto, conservadora e prestigiada, e a não aplicação, inovadora, não padrão e estigmatizada.

Entretanto, nem sempre há coincidência entre os três pares acima descritos, por exemplo, nos EUA, a pronúncia do /r/ pós-vocálico, como observou Labov, corresponde à variante de prestígio, já na Inglaterra, tal pronúncia é estigmatizada.

Os exemplos relatados por Labov (1972, p.35) em seu primeiro estudo, o da ilha de Martha's Vineyard, sugerem que a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, como uma maneira de demarcar diferenças sociais no seio da comunidade. Tal estudo de Labov revelou que os membros de tal ilha apresentavam uma tendência à centralização da vogal de certos ditongos. Este "exagero" na pronúncia dos ditongos (como em ***hou****se*) referia-se a uma atitude mais ou menos consciente por parte dos falantes na intensificação do uso das variantes não-padrão para marcar o local. Tal pronúncia marcava a identidade dos ilhéus, diferenciando-os, assim, dos veranistas que "invadiam" a ilha e levavam a pronúncia prestigiada do inglês padrão.

Acreditamos que a ausência de CV seja um traço linguístico estigmatizado na sociedade e que possa indicar diferenças sociais, pois há o padrão ensinado nas escolas e quem não segue este padrão, acaba sendo identificado como pertencente a um grupo não escolarizado e de classe baixa.

É importante ressaltar que a desinência número-pessoal dos verbos de terceira pessoa do plural é geralmente marcada pela nasalização na variante prestigiada, podendo apresentar alomorfia fonológica /falarũ/, como em *falarum,* em vez de *falaram /ao/*. Há ainda a possibilidade sem nasalização como em *falaru,* que seria típica da língua falada, mas já ocorre na língua escrita também, há até *"falaro"*. Já as formas verbais não-padrão, portanto, estigmatizadas, nunca são flexionadas pela sinalização da nasal final, isto é, correspondem sempre a uma forma verbal de terceira pessoa do singular, como em *eles fala.*

Vale ressaltar que consideramos aplicação da regra tanto a forma pertencente ao português culto, como em: *falaram, disseram, partiram, estão*, quanto a forma não pertencente à linguagem culta, típica do português falado, respectivamente: *falaru, beberu, partiru, tão* ou *falaro, bebero, partiro*. Os casos considerados como de não concordância são os que se referem a sujeitos no plural, porém, não trazem nenhuma marca formal, explícita de plural nos verbos, tais como "**os meninos se perdeu**", "**eles fica** sempre aqui", por exemplo.

Os fatores que influem na probabilidade de se realizar a aplicação de uma regra gramatical, sejam linguísticos sejam sociais, podem ser colocados em grupos tais que os fatores de cada grupo sejam mutuamente exclusivos, nunca co-ocorram em um mesmo contexto. Assim, cada contexto será caracterizado pela presença de um determinado conjunto de fatores. A cada variante correspondem certos contextos que a favorecem, esses contextos

são chamados de fatores condicionadores, pois eles influenciam na realização de uma regra variável (LABOV, 1972).

Os grupos de fatores são as variáveis independentes que influenciam na aplicação da regra de CV, fato que vários trabalhos já demonstraram, dentre os quais destacamos os de Lemle e Naro (1977), Rodrigues (1987), Nicolau (1984), Scherre e Naro (1999, 2000), Pereira (2004), Monte (2007), dentre outros. A partir de tais trabalhos, estabelecemos possíveis fatores que condicionam a realização/não realização da CV nas ocorrências de terceira pessoa do plural. Desta forma, iniciaremos a descrição dos grupos de fatores estabelecidos para a análise da variação da CV na terceira pessoa do plural.

Buscando verificar os contextos favorecedores ou inibidores para cada uma das variantes, selecionamos 9 grupos de fatores linguísticos ou variáveis independentes e 3 grupos de fatores sociais. As variáveis serão apresentadas a seguir e detalhadas na seção seguinte, que trata da análise dos dados retirados do *corpus.*

Além desta análise objetiva, realizamos um teste sobre o nível de consciência linguística que os informantes possuem sobre a CV, os passos desta avaliação são detalhados após a descrição das variáveis objetivas.

4.1.7.1 A variável dependente.

O quadro abaixo detalha a variável dependente analisada, aquela que é realizada dependendo dos fatores linguísticos e sociais a serem especificados a seguir..

Variável dependente
Presença de marca formal de plural nos verbos (*eles deram*, *deru* ou *dero*)
Ausência de marca formal de plural nos verbos (*eles deu*)

Quadro 1 - A variável dependente
Fonte: Elaboração própria.

Como já afirmamos, nossa variável é binária, isto é, traz duas variantes, a padrão, marcada com a desinência de terceira pessoa do plural e a não padrão, sem tal marca.

4.1.7.2 As variáveis independentes linguísticas.

Abaixo, apresentamos os grupos de fatores que condicionam a presença ou ausência de CV, na produção dos dados dos informantes, isto é, os fatores abordados na análise objetiva.

Saliência fônica verbal
1º nível: oposição não-marcada
-Sílaba átona final: fala/falam, fale/falem, come/comem (desinência átona) -Sílaba átona final: faz/fazem, quer/querem (diferença entre singular e plural reside no acréscimo de segmento - vogal nasal final átona- na forma plural)
2º nível: oposição marcada
-Sílaba tônica: está, estão, dá dão, vai/vão... -Caso único: é/são
-Perfeitos regulares 1ª, 2ª e 3ª conjugação: falou/falaram; morreu/morreram (acento na VT) (diferença fonológica maior do que simples nasalização) (com acento)
-Pretéritos perfeitos irregulares (com diferença segmental): soube/souberam Perf. com diferenças no R e fora dele: fez/fizeram, pôs/puseram (acento na VT) Quis/quiseram (acento no R)

Quadro 2- Variável saliência fônica verbal.
Fonte: Elaboração própria.

O primeiro grupo de fatores condicionantes, baseado na hierarquia de categorias estabelecida primeiramente por Lemle e Naro (1977), é o grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e plural, especificamente as de terceira pessoa. Tal escala abrange dois níveis (conforme a intensidade dos segmentos fonéticos que realizam a oposição), e seis classes (conforme a crescente diferença material entre as formas verbais do singular e do plural).

A hierarquia da saliência fônica na relação singular/plural é estabelecida em função de dois critérios: (1) presença ou ausência de acento na desinência e (2) quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma plural, assim, os autores postularam dois níveis de saliência.

O primeiro nível, menos saliente, engloba os pares cujos segmentos fonéticos que realizam a oposição são inacentuados (não marcados) em ambos os membros. Estão neste nível as classes R e V:

- **A classe R**, dos verbos regulares, cuja diferença entre singular e plural reside na nasalidade (envolve só nasalização ou nasalização e mudança na qualidade da vogal na forma plural), como por exemplo, eles fala/falam; come/comem; era/eram; sai /saem.
- **A classe V**, cuja diferença entre o singular e o plural reside numa vogal final átona, possivelmente nasalada (nasalização e acréscimo de segmento na forma plural), como ocorre em: faz/ fazem; quer/querem; diz/dizem; traz/trazem.

Já o segundo nível, mais saliente, refere-se aos pares cujos segmentos fonéticos com valor mórfico são acentuados (são marcados) em pelo menos um membro da oposição. Pertencem a este nível, as classes: L, E, F e W.

- **A classe L** envolve um elemento vocálico tônico oral no singular, em oposição ao ditongo tônico nasal do plural. Neste nível, há uma ditongação e/ou mudança na qualidade da vogal na forma plural, como por exemplo, em: está/estão; dá/dão; vai/vão.
- **A classe E** é a dos pretéritos perfeitos regulares, nela, o acento recai na vogal temática em todas as conjugações, como ocorre em: falou/ falaram; vendeu/venderam; partiu/partiram.
- **A classe F** inclui os pretéritos perfeitos irregulares, com variação no grau de abertura da vogal tônica, em ambas as formas do singular e do plural. Nesta classe, há um deslocamento do acento do radical para a desinência e/ou alteração das vogais do radical nas formas do plural, como em: *fez/fizeram; veio/vieram; disse/disseram.* Assim, a oposição singular/plural destes verbos envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência e mudanças na raiz.
- **A classe W** corresponde às formas completamente distintas para o singular e o plural, como é o caso de é/são.

Lemle e Naro (1977, p.43) postularam que "quanto mais saliente for a diferença fônica entre singular e plural, mais provável será a concordância, isto é, a falta de concordância ocorre tanto mais, quanto menos ela se faz sentir". Este é um dos fatores condicionantes que mais revelou desempenhar influência na CV nos trabalhos realizados nos últimos anos. Baseando-nos na hierarquia acima apresentada, acreditamos que a presença de CV vai aumentando conforme o nível de saliência fônica vai se tornando mais perceptível.

DISTÂNCIA ENTRE SUJEITO/VERBO
Sujeito anteposto contíguo(sujeito+verbo): eles ∅ *mandaram* Inclui os clíticos intercalados e alguns advérbios: não, se, ta, já...
Sujeito anteposto não contíguo- há material com mais de 5 letras entre o sujeito e o verbo, como advérbios ou marcadores: As policias *hoje em dia* são tudo bandidas
Sujeito posposto ao verbo: passou *cinco dias*

Quadro 3- Variável posição do sujeito em relação ao verbo.
Fonte: Elaboração própria.

Como se trata de um trabalho de língua escrita, em nossa categorização, não medimos a distância entre o sujeito e o verbo por número de sílabas, mas sim pelo jogo de intensidade silábica que se estabelece entre o verbo e os vocábulos que o precedem. Esse critério foi estabelecido por Rodrigues (1987, p.161), ao afirmar que advérbios como "já", por exemplo, não separam materialmente os constituintes da oração, pois normalmente precedem o verbo em português, formando com ele apenas um vocábulo fonológico sem pausa. Para a autora, esses advérbios podem ser considerados clíticos verbais, pois se comportam como palavras inacentuadas, como os clíticos no português, dotados de mínima mobilidade na frase. Desta forma, baseando-nos em Rodrigues (1987), também consideramos como casos de sujeito imediatamente anteposto ao verbo aqueles em que advérbios, como já, não, ou pronomes clíticos, como me, se, nos separam os sujeitos dos verbos.

Nossa hipótese para este grupo de fatores é a de que quanto mais óbvia ou mais saliente for a relação sujeito/verbo, mais concordância verbal será encontrada. Desta forma, quanto mais o sujeito estiver próximo do verbo a que se refere, maiores serão as chances de aplicação da regra. Inversamente, quanto mais distante o sujeito estiver do seu respectivo verbo, esperamos encontrar um percentual menor de concordância. Quando o sujeito sucede o verbo, sua relação fica menos saliente tornando a concordância menos óbvia e, portanto, apresentando menor probabilidade de aplicação da regra.

Sabemos que a anteposição, por ser a posição "mais saliente", torna mais clara a relação entre o sujeito e o verbo e, portanto, apresenta maior probabilidade de concordância. Já quando o sujeito está posposto ao verbo, as chances de concordância são mínimas, pois não se identifica o sujeito como tal, mas sim como objeto. A presença de material interveniente entre o sujeito e o verbo é outro fator que dificulta a relação entre sujeito e verbo, tornando a CV mais difícil de ser aplicada.

Paralelismo formal ou oracional
Presença de marca formal de plural –s no último ou único elemento do SN sujeito: "os garoto**s** são; menino**s** vão".
Ausência de marca formal de plural –s no último elemento do SN sujeito: "os garotoØ são".
Não se aplica: sujeitos ocultos, pronome relativo *que*, etc

Quadro 4- Variável paralelismo formal.
Fonte: Elaboração própria.

O princípio do paralelismo formal foi estabelecido inicialmente por Scherre (1988) e tem sido estudado amplamente pela pesquisadora, juntamente com Naro, que o definiram como:

> the term 'formal parallelism' designates the tendency for similar forms to-occur in real linguistic usage. We demonstrate that the parallelism effect is very strong in the variable usage of verbal concord in Popular Brazilian Portuguese. On the clausal level we show that subjects that have the last markable element formally marked for plural tend to favor plural marking on the verbal. (SCHERRE E NARO, 1993, p.2)

A hipótese de Scherre e Naro (1993) que permeia este grupo de fatores é a seguinte: marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, ou, "em termos mais gerais, uma tendência de formas gramaticais semelhantes ocorrerem juntas" Scherre e Naro (1993, p.2). A variável paralelismo formal atua no nível da cláusula, ou seja, no nível da oração. Um sujeito com marcas explícitas de plural se correlacionará a um verbo com tais marcas. Inversamente, um sujeito com marca zero de plural no último elemento se correlacionará com um verbo com marca zero de plural.

Em nossa pesquisa, o paralelismo formal no nível oracional abrange duas categorias, ilustradas a seguir:

a) presença da forma de plural explícita no último (ou único) elemento do SN sujeito:

(1) ele**s** era**m** amigos dez da infância (5mp)
(2) as pessoa**s** fizera**m** as mesmas coisa (5mr)
(3) os passaro**s** começara**m** a cantar

b) presença da forma zero de plural no último elemento do SN sujeito:

(4) os colega***Ø*** se sepa**rão** (2mp)

(5) Três amigo***Ø*** for**am** acampar no horto (6mr)

(6) Os menino***Ø*** perguntou***Ø*** ao caçador (7mp)

De acordo com o princípio do paralelismo formal, esperamos mais concordância verbal quando os sujeitos também apresentarem marcas de plural explícitas nos seus últimos elementos, como os exemplos de (1) a (3) demonstraram.

Fatores
verbo intransitivo sem adjunto
objeto direto preenchido por nome
predicativo do sujeito
adjunto adverbial
objeto direto preenchido por "ele/a"
objeto indireto preenchido por nome+ preposição
oração subordinada substantiva objetiva
objeto direto preenchido por pronomes oblíquos átonos:"o(s)/a(s), lo(s), la(s)"
objeto indireto preenchido por pronome oblíquo tônico.

Quadro 5- Variável elemento à direita do verbo.
Fonte: Elaboração própria.

Este grupo de fatores foi por nós levantado a fim de averiguar se o elemento à direita do verbo pode exercer influência sobre a CV. Sabemos que, dependendo do tipo verbal, haverá um complemento ou adjunto acompanhando-o. Assim, levando em consideração tanto o aspecto lexical ou semântico do verbo, bem como suas características sintáticas, realizamos a categorização acima de seu elemento à direita. Esperávamos, por exemplo, que, quando houvesse verbos intransitivos sem adjunto, o sujeito pudesse ser confundido com o objeto e as chances de concordância pudessem ser menores. Por outro lado, os verbos transitivos e por sua vez, os objetos diretos e indiretos (preenchidos por pronomes ou nomes) favorecessem mais concordância verbal pelo fato de eles propiciarem a ordem sujeito verbo (SV). Já os predicativos, por especificarem características dos sujeitos, talvez pudessem favorecer a concordância, visto que reforçam a ligação entre estes constituintes frasais.

Paralelismo Discursivo
Verbo precedido de verbo com marca formal de plural
Verbo precedido de verbo sem marca formal de plural
Verbo isolado ou primeiro de uma série

Quadro 6- Variável paralelismo discursivo
Fonte: Elaboração própria.

Naro e Scherre (1993) estabeleceram o princípio do paralelismo no nível discursivo, classificando os casos de sujeito semanticamente plural de acordo com o ambiente discursivo e observando se a ocorrência verbal precedente e mais próxima, com o mesmo sujeito plural era morfologicamente marcada ou não. Segundo os autores, para analisar o paralelismo discursivo, é preciso que a construção em análise tenha como referência o mesmo sujeito da construção anterior e não deve ser separada desta por mais de dez cláusulas e nem pelo discurso do entrevistador, no caso da língua falada.

Os autores postularam seis categorias para análise da língua falada, assim, averiguaram:

- o verbo isolado,
- o primeiro da série,
- o sintagma verbal (SV) precedido de outro marcado no discurso do documentador,
- o sintagma verbal (SV) precedido de outro não marcado no discurso do documentador,
- o sintagma verbal (SV) precedido de outro marcado no discurso do informante.

Segundo o princípio do paralelismo discursivo, quando um verbo é precedido de outro verbo formalmente marcado no plural, ele terá mais chances de realizar a CV do que quando for precedido por um verbo no singular. Como estamos analisando a língua escrita, fizemos uma adaptação neste grupo de fatores, resumindo-o a três categorias: a do verbo isolado ou primeiro de uma série, a do verbo precedido de outro marcado formalmente e a do verbo precedido de outro não marcado formalmente.

Presença/ausência do sujeito pronominal
Sujeito pronominal explícito: Pronome pessoal: *eles, elas* foram.
Sujeito não-pronominal: nome lexical ou outros pronomes: indefinido, demonstrativo, possessivo: *outros, poucos, muitos, vários* trabalham, *meus, aqueles...*
Sujeito pronominal nulo: não expresso formalmente na oração, sujeito zero, não explícito, referência recuperada no contexto anterior.

Quadro 7- Variável Presença/ausência do sujeito pronominal
Fonte: Elaboração própria.

Baseando-nos nos trabalhos de Rodrigues (1987), Pereira (2004) e Monte (2007), analisamos o grupo de fatores presença/ausência do sujeito pronominal (eles, elas). Tal grupo é composto de três categorias:

a) sujeito pronominal explícito – representado pelos pronomes pessoais eles, elas:

(7) **eles saíram** juntos (Sfr)
(8) **elas se chamavam** Larissa, Nayara e Ana

b) sujeito não-pronominal[12] – representado por um nome lexical ou outros pronomes, como ilustram os exemplos:

(9) **os três pegaram** as suas coisas (7mp)
(10) **Os dois meninos não esta** encontrando a árvore (7mp)
(11) **Os soldados foram** precurar (6fr)
(12) **Fernando e Diego seguiram** enfrente (1bp)
(13) **Os outros dois iam** atrás (7mr)

c) sujeito pronominal nulo – sujeito não-explícito, sujeito zero, em que a referência é recuperada no contexto anterior:

(14) Rafael e a Nayane só foram perceber quando foram chamar a Suellem, Ø ficaram com medo, Ø começaram a procurar, Ø ficaram com medo, Ø mas não pararam de procurar (7fr).

[12] Talvez o nome "não-pronominal" não seja o mais adequado, já que há outros pronomes e nomes nessa categoria. No entanto, o objetivo foi permitir isolar os pronomes pessoais eles/elas das demais ocorrências de sujeito lexicalizado.

A hipótese estabelecida é a de que o sujeito pronominal nulo favorece a concordância, pois se o sujeito não se encontra explícito na frase, a flexão não é redundante e tende a ser utilizada. Já o sujeito explícito levaria ao uso de formas verbais não-marcadas, pois a perda da informação causada pelo apagamento da desinência número pessoal dos verbos é compensada pelo uso do pronome lexical.

Fatores
Presença do relativo *que*
Ausência do relativo *que*

Quadro 8- Variável presença/ausência do *que* relativo
Fonte: Elaboração própria.

Com base no trabalho de Naro e Scherre (2003), analisamos o pronome relativo *que*, com o objetivo de verificar se a presença deste elemento, dentro da cláusula que separa o sujeito da oração principal de seu respectivo verbo na oração encaixada, atua no sentido de aumentar ou diminuir a taxa de concordância verbal. Observemos o período abaixo:

(15) **Três meninas <u>que</u>** chamava Maria, Joyce Juliana, **<u>que elas estudava</u>** nas mesmas escolas, **<u>que estava</u>** na mesma sala (5mp)

Em cada oração do período do exemplo acima, o relativo *que* se interpõe entre o sujeito explicitamente plural e o verbo correspondente sem desinência explícita de plural. Tendo em vista orações deste tipo, os autores levantaram a seguinte hipótese:

> [...] será que o pronome relativo *que* funciona no sentido de relembrar ao falante qual é o sujeito da oração, aumentando a saliência da relação sujeito/verbo, e aumentando por isso as chances de marcação plural explícita do verbo em relação a outros casos em que há o mesmo número de sílabas entre sujeito e verbo? Ou, ao contrário, será que o pronome relativo *que* tem o efeito de mascarar a relação sujeito/verbo, provocando menos marcas explícitas de plural do que outras partículas de uma única sílaba? (NARO e SCHERRE, 2003, p.2)

Como o próprio título do referido trabalho dos estudiosos já indica: *A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do que relativo*, realmente, a presença do *que* relativo diminui as chances de os verbos apresentarem marca explícita de plural. Nossa hipótese para esse

grupo de fatores é a mesma de Naro e Scherre (2003), segundo a qual, a presença do pronome relativo *que* inibe as chances de o verbo apresentar marca explícita de plural.

Este grupo de fatores é constituído de duas categorias por si evidentes:

a) a presença do *que* relativo:

(16) **Os treis <u>que</u> estava** na barraca (6mp).

b) e ausência do *que* relativo:

(17) **Os meninos também estavam indo** acampar (6fr).

Fatores
Sujeito agente
Sujeito beneficiário
Sujeito causativo
Sujeito experimentador
Sujeito inativo
Sujeito paciente

Quadro 9- Variável papel semântico do sujeito
Fonte: Elaboração própria.

Este grupo de fatores foi elaborado com base no trabalho de Pereira (2004, p.80) e assim como a estudiosa, seguimos a classificação do papel semântico do sujeito proposta por Borba (1991) porque trata de casos específicos da língua portuguesa e não a de Halliday (1994) e Chafe (1979).

A hipótese geral para este grupo é a de que o sujeito agente condicionaria o uso da regra de CV, uma vez que o traço atividade o tornaria mais saliente para o falante. Já o sujeito inativo, por outro lado, inibiria a aplicação da concordância.

Abaixo, exemplificamos as categorias que compõem este grupo por meio de exemplos cujos verbos demonstram o papel semântico do sujeito mesmo este não estando expresso, muitas vezes.

a) **Sujeito agente:** desenvolve e controla uma atividade, quando animado, pode ser animal, pessoa, instituição humana, ou até mesmo parte do corpo, atividades dos seres: "Seus passos me conduziam"; atributo dos seres: "A beleza da modelo encanta a todos".

(18) E **correrão** para fora da mata, **diziam** que era mal assombrada (8mg)

b) Sujeito beneficiário: sede da transferência de posse ou destinatário de um benefício: "Camila ganhou um carro", "Lúcia encontrou R$ 20,00".

(19) **Elas foram sotiadas** (sorteadas) (5mp)

c) Sujeito causativo: provoca um efeito, realiza o estado de coisas indicado pelo verbo, não é animado: "o vento derrubou a árvore ou nome no lugar da atitude", "Pedro me decepcionou" (sua atitude).

(20) **o vento derrubou** a barraca (3fr)

d) Sujeito experimentador: expressa uma experiência ligada a uma disposição mental, como em: "Maria lembra-se com saudade"; uma sensação: "O sapo vê a cobra"; uma emoção: "Maria sente a morte da avó" e por fim, uma cognição: "Maria sabe tocar piano".

(21) (os garotos) e não **vião** (viam) para que lado os outros foram (...) quando **ouvirão** (ouviram) rugidos (6mp).

e) Sujeito inativo: é o suporte de uma propriedade, condição ou situação expressa pelo predicado, como os exemplos indicam: "porque tá fácil as coisas"; "as moça daqui nunca foi muito casadera não", "meus pais eram daqui"; "meus irmãos moravam lá".

(22) **Três eram apaixonados** por florestas (6fr)
(23) **Todos já estavam** nas trilhas (6mp)

f) Sujeito paciente: é o afetado por aquilo que o verbo expressa, sofre uma mudança de estado, condição ou posição: "a manteiga derreteu", "o pão esfarelou", "eles foram sepultados".

(24) (eles) E **estão sendo vistos** pela internet (6fr)

Fatores
Sujeito humano
Sujeito animado mas não humano
Sujeito inanimado

Quadro 10- Variável animacidade do sujeito
Fonte: Elaboração própria.

O grupo acima, inicialmente estabelecido por Naro & Scherre (1999) propõe investigar a hipótese de que o sujeito que carrega o traço semântico [+humano] favorece a aplicação da regra de CV, já o [- humano] e o [inanimado] tenderiam a desfavorecê-la. O traço [+humano] faria com que o informante identificasse o sujeito a um ser existente com identidade que deveria ser destacada, e isso reforçaria sua relação com o verbo, aumentando suas chances de flexão. Vejamos alguns exemplos:

a) Sujeito humano:

(25) **familiares** já estavam dando conta (Sfr)

b) **Sujeito animado mas não humano:**

(26) **os pássaros** que ali viviam (3fr)

c) Sujeito inanimado:

(27) **as regras que** determinariam o sentido (Sfr)

Passemos agora, à descrição dos dois fatores sociais analisados na avaliação objetiva dos dados, isto é, nas construções produzidas pelos informantes.

4.1.7.3 Grupos de fatores sociais.

Na análise objetiva, averiguamos apenas dois fatores sociais: a escolaridade e o sexo do informante, tratados a seguir.

Escolarização- nomenclatura atual	**nomenclatura antiga**
6º ano do Ensino Fundamental	5ª série
7º ano do Ensino Fundamental	6ª série
8º ano do Ensino Fundamental	7ª série
9º ano do Ensino Fundamental	8ª série
1º ano do Ensino Médio	1º colegial
2º ano do Ensino Médio	2º colegial
3º ano do Ensino Médio	3º colegial
EJA (Educação de Jovens e adultos)	Supletivo

Quadro 11- Variável escolarização
Fonte: Elaboração própria.

Analisaremos em que medida a escolaridade dos informantes influencia na aplicação da regra de CV, pois, sabemos que a escola transmite a norma padrão, preconizando a flexão verbal.

De um modo geral, uma variável sociolinguística estável estará linearmente correlacionada à escolaridade dos informantes, de tal forma que os mais escolarizados tendem a usar a variante de prestígio, e, consequentemente, haverá frequência menor de uso da variante estigmatizada. Já na fala e escrita dos informantes menos escolarizados, a tendência é o uso de variantes desprestigiadas ou estigmatizadas, construções típicas de uma linguagem informal, descontraída.

Inúmeros trabalhos já comprovaram a importância da escolaridade para o uso de variantes pertencentes ao padrão, que são normalmente as prestigiadas. Assim, Rodrigues (1987) acredita que o baixo nível de escolaridade seja decisivo para a identificação dos usuários de uma variedade popular de língua falada. Mas a pesquisadora destaca o que denomina de popular: "a língua usada por um extenso contingente populacional, formado por adultos de baixa renda, analfabetos ou semialfabetizados, na sua maioria, provenientes da zona rural, e que ocupam a periferia dos grandes centros urbanos industrializados". (RODRIGUES, 1987, p.241). Assim, quando falamos em linguagem popular, a escolaridade não é a única característica que a define. Além disso, devemos observar também que existe um *continuum* entre o português culto e o popular[13], pois até mesmo um informante

[13] Nosso objetivo não é problematizar o conceito de norma popular e culta, por isso, não faremos uma discussão mais aprofundada sobre o tema, apenas citamo-lo por estar relacionado à escolaridade.

escolarizado, proveniente de um centro urbano, em uma situação descontraída, informal, pode utilizar-se do português popular.

Desta forma, averiguaremos o grau de correlação entre o fator escolaridade e a aplicação da regra de CV. Acreditamos que a aplicação da regra de CV prevista pela tradição gramatical se correlaciona com a escolarização em nível crescente e, consequentemente, quanto menos escolarizado for o informante, menores serão suas chances de aplicar a regra padrão de CV.

Sexo dos informantes
feminino
masculino

Quadro 12- Variável sexo do informante
Fonte: Elaboração própria.

Muitos trabalhos sociolinguísticos, como o de Rodrigues (2000) já constataram que a mulher tende a se aproximar mais da variedade padrão do que os homens, isto é, as mulheres utilizam, de maneira mais consistente, as formas de prestígio. Isto está relacionado ao fato de as mulheres se mostrarem mais receptivas à atuação normatizadora da escola e também pela pressão que sofrem em ter um comportamento mais correto do que os homens. Como a língua é um fenômeno social intimamente ligado a atitudes sociais, homens e mulheres desempenham diferentes papéis na sociedade e isso pode influenciar seu comportamento linguístico. Segundo Rodrigues (2000, p.44,45), o conservadorismo manifestado pelas mulheres:

> [...] Se manifesta quando mudanças linguísticas estão operando em direção oposta à da variedade de prestígio, ou seja, as mulheres preferem as formas mais antigas quando se trata da implementação de uma forma não padrão; ao contrário, mostram-se mais inovadoras quando a mudança é no sentido de uma forma prestigiada.

Estes foram os fatores sociais avaliados neste trabalho. Através de uma codificação na qual analisamos todas as ocorrências selecionadas de acordo com os grupos de fatores acima citados, os dados foram inseridos no pacote de programas Computacional GOLDVARB que realizou os cálculos estatísticos. A partir destes cálculos, elaboramos as tabelas e gráficos que dão suporte para a análise quantitativa dos dados.

4.1.8 Descrição das variáveis utilizadas no teste de percepção.

Além do comportamento objetivo, que constitui apenas um aspecto da estratificação social, Labov (1983, p.175) realizou uma avaliação subjetiva para complementar tal análise. O estudioso desenvolveu um teste de reação subjetiva para isolar as reações sociais inconscientes aos valores de variáveis fonológicas individuais. O informante deveria pontuar alguns trechos da fala de outros nova-iorquinos segundo uma escala de aptidão profissional. Ele apresentou aos informantes 22 frases gravadas com as variáveis fonológicas, como o /r/, por exemplo e pediu-lhes que as ordenassem de acordo com uma escala de profissões para verificar que qualificações os falantes atribuíam a cada variável fonológica. Ele colocou uma "seção zero", frases sem variáveis, para observar como eles as analisavam. Assim, por meio da relação entre as formas estigmatizadas e valorizadas com as profissões de baixo ou alto valor social que os falantes fizeram, Labov pôde medir suas reações subjetivas às formas linguísticas. Tais testes objetivavam isolar as respostas sociais inconscientes aos valores das variáveis fonológicas individuais.

Os resultados de tais estudos mostraram a cidade de Nova Iorque como uma comunidade linguística unificada pela avaliação de traços da língua, porém, diferenciada por uma estratificação crescente quanto às realizações objetivas. Embora os falantes de classe baixa utilizassem a forma desprestigiada em estilos menos monitorados, avaliaram-na de modo negativo. O estudo revelou ainda que a classe média baixa desempenha importante papel na mudança linguística, pois nos estilos mais monitorados, utilizam a variável prestigiada */r/,* com maior frequência do que a classe alta. Nas palavras do autor:

> [...] tudo parece provar que os falantes da classe média baixa têm uma grande tendência à insegurança linguística e por isso tratam de adotar, inclusive em faixas etárias intermediárias, as formas de prestígio utilizadas por membros mais jovens da classe imediatamente superior, a alta. (LABOV, 1983, p.162)

Para Labov, esta insegurança linguística se detecta em uma grande amplitude de variação estilística da classe média baixa, na grande flutuação dentro de um contexto estilístico dado, em seu esforço consciente de correção e em suas atitudes fortemente negativas em relação à linguagem que herdaram.

Com base nos resultados do supracitado trabalho de Labov (1983), em que o estudioso realizou testes de reação subjetiva para isolar as reações sociais inconscientes aos valores de variáveis fonológicas individuais da fala de outros nova-iorquinos segundo uma escala de aptidão profissional, elaboramos um teste próprio, que objetiva analisar o grau de percepção dos alunos em relação à CV. Não realizamos um teste subjetivo como fez o estudioso por dois motivos. O primeiro decorre do fato de nossa variável não ser fonológica como a do autor, então, não haveria necessidade de gravar frases para os alunos ouvirem. A segunda motivação para elaboração de um método próprio foi que pretendíamos verificar se o aluno faria uma avaliação mais consciente da CV, e não totalmente inconsciente como havia proposto o pesquisador. Portanto, não podemos falar em análise subjetiva propriamente dita em nosso trabalho, pois não fizemos uma análise indireta, inconsciente, mas sim consciente, em que o discente tinha que ler cada frase e colocar "certo" ou "errado" [14] para cada uma das sentenças por nós propostas. O questionário, portanto, não estabeleceu uma relação totalmente indireta entre a língua e um aspecto social, como fez Labov (1983), mas sim uma relação direta entre noção, julgamento e uso que se faz da língua. Nosso "teste de percepção" difere da avaliação subjetiva realizada por Labov (1983) quanto à pressão normativa, intensificada pelo contexto em que o teste foi aplicado e o seu formato ("certo/errado").

Para realizarmos tal análise, elaboramos três questionários. O primeiro apresenta setenta frases com inadequações e adequações à norma culta referentes à concordância nominal e verbal, e cinco frases com algumas inadequações típicas do português rural, como "paia, homi, portugueis, bicicreta", ao invés de homem, palha, português, bicicleta, respectivamente.[15] Ao inicializar a análise dos dados, resolvemos reduzir o número de sentenças examinadas para 50, assim, 45 continham desvios de CV e CN e 5, de casos do português rural.

O segundo questionário consta de três períodos com verbos referentes a sujeito de terceira pessoa do plural sem as devidas marcas formais de plural, que os alunos deveriam "corrigir" de acordo com a norma. Assim, visava analisar se os informantes percebiam tais "desvios" de CV em relação à norma culta e eram capazes de corrigi-los. Neste mesmo questionário, havia proposta de produção de um parágrafo com o tema "A escola e os

[14] Não utilizamos os termos adequado/inadequado por acreditarmos que alguns alunos não dominassem conceitos como linguagem informal, formal, norma culta, adequação/inadequação. Por isso, queremos deixar claro que não possuímos uma visão preconceituosa nem queremos corroborar a definição de erro. Acreditamos, por outro lado, que não existe certo e errado, mas, por fins didáticos, utilizamos tal nomenclatura.

[15] Das 75 frases de que dispúnhamos, analisamos apenas 50, para contabilizar um número exato. Havíamos colocado em nosso questionário também uma relação entre profissão e uso linguístico para uma possível análise subjetiva, mas não realizamos tal análise, preferimos centrar-nos apenas na avaliação consciente.

amigos", para investigar se o percentual de correção estava condizente ao de produção de formas verbais marcadas ou não formalmente.

O último questionário compõe-se de um teste com questões sobre dados pessoais do aluno, como a idade, a etnia e a escolaridade do responsável; bens materiais, como casa, automóveis, computador e "bens culturais", internet, revista, a quantidade de livros que o aluno lê e sua pretensão profissional. Para investigar o nível socioeconômico, atribuímos pontos a cada item de bens materiais do questionário, os discentes que fizessem de 8 a 10 pontos possuiriam um nível médio, os de 4 a 7, baixo, e os de 1 a 3: muito baixo. Os dados pessoais e "bens culturais" foram codificados à parte. Sabemos que tais questões não permitem uma classificação social rigorosa, mas acreditamos que possam ser um indicativo do nível social e cultural específico do aluno. É sabido ainda que não há no Brasil uma divisão rigorosa das classes sociais, pois não há definição e separação exatas entre os diferentes níveis. Some-se a isso o fato de que, com a abertura econômica e as facilidades no crédito, as classes menos favorecidas conseguiram ter acesso a bens e serviços que antes eram privilégio apenas das classes mais altas. O fato de todos os informantes residirem em bairros periféricos e frequentarem a mesma escola poderia ser considerado um indicativo de mesmo nível social, por isso, tal questionário visa observar se existem especificações, particularidades em relação ao poder aquisitivo/cultural dos informantes deste trabalho.

Labov (1983, p.157) afirma que a variação no comportamento linguístico não exerce por si mesma influência poderosa no desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as condições de vida de um indivíduo, pelo contrário, a forma de comportamento linguístico muda com rapidez quando muda a posição social do falante. Esta maleabilidade da linguagem reforça sua grande utilidade como indicador de mudança social. Como a maioria dos informantes de nosso *corpus* encontra-se em uma posição social semelhante, "estudantes de classe baixa", seria relevante analisar se há peculiaridades nesta posição.

Para contabilizar os dados destes questionários, atribuímos símbolos a cada variável dos grupos de fatores independentes que foram tratados pelo programa GOLDVARB. Estabelecemos como variável dependente o fato de o aluno ter identificado a inadequação ou adequação das 50 frases à norma culta, isto é, a percepção do aluno constitui nossa variável dependente.

Para ilustrar a maneira como realizamos a análise, reproduzimos abaixo um trecho do questionário:

(1) **1º tipo:** Crianças, contem a verdade!

(2) **2º tipo:** Filhos, nunca conte mentira!

(3) **4º tipo** Aqui, as pessoa costuma falar bem dos outros.

A frase pertencente ao primeiro tipo, por exemplo, está de acordo com a norma culta, pois há todas as marcas de plural tanto no SN como no SV, portanto, o aluno deveria considerá-la correta, isto é, perceber que se trata de uma forma padrão (PFP).[16] Se ele a considerou incorreta, achou que estivesse "errada", significa que não a percebeu como forma padrão, não a analisou corretamente, visto que não há nenhum desvio em relação à norma (NPFP). Se por outro lado, em uma frase como a do segundo tipo, em que não há CV, o informante lhe atribuiu "certo", significa que não foi capaz de perceber a ausência de marca formal de plural, por isso, não percebeu que se tratava de uma forma não-padrão (NPFNP); se colocou "errado", percebeu-a como forma não-padrão (PFNP).

A percepção/não percepção à forma padrão (PFP/PFNP) foi por nós considerada uma variável dependente, pois acreditamos que depende de fatores linguísticos e sociais. Isto é, a percepção está condicionada a fatores independentes intrínsecos e extrínsecos à língua. Dentre os sociais, analisamos os dados pessoais dos alunos e os bens culturais. Já dentre os fatores linguísticos, avaliamos a saliência fônica verbal e a posição do sujeito por meio dos diferentes tipos de frases que possuíam verbos de baixa saliência, alta, com e sem concordância e sujeitos antepostos e pospostos. Também apresentamos aos informantes algumas frases para atribuir a avaliação "certa/errada" em que não havia concordância no sintagma nominal, para averiguar se a CN (Concordância Nominal) é tão perceptível como a CV. As produções e correções que os informantes realizaram no segundo questionário também foram consideradas fatores condicionantes da "percepção", pois se o aluno conseguiu corrigir todas as ausências, inclusive uma com sujeito posposto, provavelmente, faria um julgamento de acordo com o esperado, isto é, reconheceria algumas frases como inadequadas à norma e outras não.

Seguem abaixo os questionários utilizados no teste, bem como a lista dos fatores investigados.

Ao elaborarmos o questionário 1, não nos demos conta de que havia muita informação, desta forma, inutilizamos a primeira questão, que propunha a relação entre as profissões e as frases propostas e a coluna em que pedíamos que os informantes indicassem se o falante tinha ou não escolaridade. Assim, do questionário 1, pedimos apenas aos

[16] A fim de evitar a repetição de expressões e tornar a leitura do texto mais agradável, utilizaremos as siglas: PFP para: percepção à forma padrão, NPFP: não percepção à forma padrão, PFNP: percepção à forma não-padrão e NPFNP: não percepção à forma não-padrão.

informantes que julgassem as frases propostas como certas ou erradas, a possível avaliação subjetiva, em que os informantes deveriam relacionar as frases às profissões e à escolaridade não foi controlada, apenas consta no questionário.

Questionário 1: Análise da avaliação que os informantes fazem da CV

Estas frases poderiam ter sido ditas por pessoas de que profissão?
Primeiro leia as frases, depois escolha uma profissão para cada frase.
Professor, médico, operário, trabalhador rural, jornalista, carpinteiro.

a) Muitos pai nunca dialogou com seus filhos._____

b)Muitos animais encontraram nova morada nas cidades. _____

c) Os hómi morreu congelado. ._____

d) Os homens lutam até o fim. ._____

e) Surgiu novos tecidos no inverno. ._____

f) Apareceram novos meios de comunicação. ._____

	X	**Assinale com um x na coluna do seu lado esquerdo apenas as frases que estão escritas como você usa normalmente.** ←	**Frase está:**	**Frase está:**	**A pessoa que falou tem escolaridade**	
		FRASES	**CERTA**	**ERRADA**	**SIM**	**NÃO**
		Crianças, contem a verdade!				
		Filhos, nunca conte mentira!				
		As pessoas falam mal das outras.				
		Aqui, as pessoa costuma falar bem dos outros.				
		Os carros novos têm altas tecnologias.				
		As mulheres tem sua liberdade.				
		Os meninos sai pra encontrar as meninas.				
		Os menino faz muita bagunça.				
		As meninas faz menos.				
		Na verdade, os meninos e as meninas fazem arte!				
		Os menino prefere ficar.				
		As meninas preferem namorar.				
		As garota sai todo dia a noite para passear.				
		Os aparelhos fica ligado o dia todo.				
		As lâmpadas permanece acesa sempre.				
		As igrejas parecem shopping.				
		As igrejas lota no domingo.				
		Muitas igreja precisa de mais espaço.				
		Muitos padre querem mais fiéis.				
		Eles corre demais aqui.				
		Estas blusas saem mais.				
		A polícia pegou os dois ladrão lá na praça.				

		Para eles faltarem da escola, não precisa muito.				
		Eles saem correndo muito, é perigoso.				
		Para elas conseguir o garoto, faz de tudo.				
		Eles come sem lavar a mão!				
		Elas crescem primeiro.				
		Os meninos sai de moto.				
		Aí depois fizemo o passeio.				
		Os pastores contaram sobre o nascimento de Jesus.				
		As escola entregaram os relatórios.				
		Seus amigos nunca pediu nada emprestado para você?				
		Os colegas contou a verdade.				
		Seus pai deixou você fazer isso?				
		A minha bicicreta ainda está nova.				
		Os cozinheiros inventarão novos pratos.				
		Os publicitários criará novas propagandas.				
		Alguns operários precisarão ser demitidos.				
		Muitas criança necessitará dessa vacina.				
		Ela xingou eu por causa da briga.				
		Os moleques fez muita confusão no recreio.				
		Muitos pai nunca dialogou com seus filhos.				
		As meninas fizeram um bom trabalho.				
		As meninas foram ao baile				
		As pessoas não foram ao enterro.				
		Apareceu dois meninos lá				
		Elas é de Araraquara.				
		Estes cadernos são mais resistentes.				
		Estes livros é mais caro.				
		Os caderno é melhor do que fichário.				
		Os fichário são mais bonitos.				
		Elas são de Araçatuba				
		Aparece novas tendências para o verão.				
		Estes prêmios vão para os primeiros colocados.				
		Estes doces vai para os segundos colocados.				
		As revista vai para os segundos colocados.				
		Os livro vão para os segundos colocados.				
		Surgiu novos tecidos no inverno				
		O pessoal foro tudo na piscina.				
		As meninas são mais comportadas				
		A maioria das crianças precisa de carinho e atenção.				
		A molecada apronta muito				
		O pessoal foi almoçar fora hoje.				
		A maioria das crianças gostam de doces.				
		A molecada pulam muito				
		Meu tio fuma cigarro de paia.				

		Hoje estamos bem, nois vive em paz.				
		Um dia, seremos todos felizes.				
		Nós morava lá no sítio.				
		Para sempre nós vai gostar de você.				
		Nós vem de ônibus todo dia.				
		Meu avô trabaia na roça.				
		A professora marcou prova de portugueis.				
		O hómi morreu congelado.				
		Depois pegamu o ônibus.				
		Ele fez uma viagi de ônibus.				

O questionário 2 propunha aos informantes que corrigissem os possíveis "erros" nas frases e depois produzissem um parágrafo contando sobre a escola, os amigos e a vida. As frases foram retiradas das próprias produções dos informantes.

QUESTIONÁRIO 2

1- **Leia as frases abaixo com atenção e veja se tem algum erro nelas, se tiver, escreva embaixo a correção.**

a) **Morava numa cidade três bons amigos**, Felipe, Dorival e Murilo, ambos de 14 anos. (TQ72)

.....
.....

b) Quando **estes já estava** longe do acampamento **começou a aparecer fadas encantadas**.(TQ72)

.....
.....

c) Três jovens resolveram acampar João, Danilo, Wilson eles arrumaram as coisas para ficar por lá armaram uma cabana e **ficou** lá dentro arrumando as coisas que eles trouxeram e **eles estava** enjoado de ficar na cabana e resolveram dar uma volta na mata e de repente aconteceu uma grave situação. (EL82)

.....
.....
.....
.....

2- Escreva um pequeno texto falando sobre seus amigos, como eles são e algo que já aconteceu com vocês que ficou guardado em sua memória.

.....
.....
.....

O terceiro questionário consiste na avaliação da classe social dos informantes.

QUESTIONÁRIO: AVALIAÇÃO SOCIAL

NOME:_____**Nº**:_____**Série:**___

Assinale com um "x" cada uma das alternativas abaixo:

1- O responsável financeiro, isto é, a pessoa que sustenta sua família possui:
(a) Ensino Fundamental Incompleto (1ª a 8ª séries)
(b) Ensino Fundamental Completo (1ª a 8ª séries)
(c) Ensino Médio Incompleto (1º ao 3º Colegial)
(d) Ensino Médio Completo (1º ao 3º Colegial)
(e) Ensino Superior Incompleto (Faculdade)
(f) Ensino Superior Completo (Faculdade)
(g) Pós-graduação (Mestrado, doutorado ou especialização)
***Se você respondeu as últimas alternativas, diga qual o curso_____

2- Qual é a profissão do responsável?_____

3- Na sua casa, há:
(a) Um computador
(b) Dois computadores
(c) Mais que dois computadores.
(d) Nenhum

4- O responsável pela casa possui:
(a) Uma moto
(b) Um carro
(c) Dois carros ou mais
(d) Nenhum carro

5- A casa onde vocês moram é:
(a) Própria
(b) Alugada
(c) Outro.
Qual?:_____

6- Na sua casa, há:
(a) Internet discada.
(b) Internet a cabo.
(c) Não há Internet.

7- O responsável assina alguma revista? Em caso afirmativo, escreva qual.
(a) () Não (b) Sim.
Qual?_____

8- Você se considera:
(a) Branco
(b) Pardo

(c) Negro
(d) Outro.
Especifique:_____

9- Quantos anos você tem?_____

10- Quantos irmãos você tem?

_____

11- Você lê livros?
(a) Sim, três por ano.
(b) Sim, mais que três por ano.
(c) Quase nunca leio.
(d) Nunca li um livro.
Escreva o nome do livro de que mais gostou._____

12- Que profissão gostaria de ter?_____

13-Você acha que aprender Português é importante para ter uma boa profissão? Explique:

_____
_____

4.1.8.1 Lista de variáveis dependentes e independentes no teste de percepção.

Como o título da seção indica, abaixo, iniciamos a lista com a variável dependente e as variáveis independentes por nós postuladas como possíveis fatores condicionantes da percepção dos informantes em relação à CV.

Especificações das variáveis dependentes e independentes:
I- Variável dependente
Acertou (o aluno pôs certo para a questão "certa" ou errado para a "errada")
Errou (o aluno pôs errado para a "certa" ou certo para a "errada")
II- TIPO DA FRASE
1º tipo: COM CV e COM CN: Baixa saliência
2º tipo: SEM CV e COM CN: Baixa saliência
3º tipo: COM CV e SEM CN: verbos *ser* e *ir*
4º tipo: SEM CV e SEM CN: Baixa saliência
5º tipo: COM CV e COM CN: Alta saliência
6º tipo: SEM CV e COM CN: Alta saliência
7º tipo: COM CV e SEM CN: Alta saliência
8º tipo: SEM CV e SEM CN: Alta saliência
9º tipo: COM CV e COM CN: verbo ser e ir
S: SEM CV e SEM CN: verbo ser e ir
O: Outros desvios da norma culta
Y: Sujeito posposto sem concordância
III- Correção- questionário 2
Corrigiu as 5 ausências de CV
Corrigiu 4 ausências
Corrigiu 3 ausências
Corrigiu 2 ausências
Corrigiu 1 ausência
Não corrigiu nenhuma
IV- Produção:
Produziu apenas formas verbais sem marcas formais de plural (as crianças gosta)
Produziu apenas formas verbais com marcas formais de plural (as crianças gostam)
Produziu formas verbais com e sem marcas formais de plural (ora usou gostam/ ora gosta)
Não respondeu.
V- SÉRIE
Quinta

Sexta
Sétima
Oitava
Primeiro colegial
Segundo colegial
Terceiro colegial
VI- SEXO
Feminino
Masculino
VII- NÍVEL SOCIAL
De 1 a 3 pontos: muito baixo
De 4 a 7 pontos: baixo
De 8 a 10 pontos: médio
VIII-ESCOLARIDADE DO RESPONSÁVEL
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO OU INCOMP.
ENSINO MÉDIO COMPL. OU INC.
ENSINO SUPERIOR COMP. OU INCOMP.
IX- LIVROS
TRÊS POR ANO
MAIS QUE TRÊS
QUASE NUNCA LEIO
NUNCA LI
X- PERSPECTIVA DE VIDA
Alta (profissões de status, $$, português é bom)
Média (profissões de médio...)
Baixa (profissões com baixa pretensão salarial...

Quadro 13- Variáveis dependente e independentes em relação à percepção do informante
Fonte: Elaboração própria.

Todas estas informações foram codificadas e quantificadas pelo programa computacional GOLDVARB como já foi dito acima, e os resultados são abordados na seção que trata da análise dos dados.

4.1.9 Goldvarb: programa utilizado no tratamento estatístico

De acordo com o manual do usuário, o GOLDVARB 2001 é um aplicativo para análises de várias variáveis, baseado no programa GoldVarb 2.0, desenvolvido por Rand & Sankoff 1990. GOLDVARB 2001 contém um arquivo executável e não requer qualquer outro software especializado. Ele foi desenvolvido na Universidade de York, por meio de um projeto colaborativo entre o Departamento de Línguas e Ciências Linguísticas e o Serviço de Computação.

Os dados que compõem uma análise linguística quantitativa são constituídos de exemplos individuais de uma variável linguística e são conhecidos como 'Tokens'. Tais dados são armazenados em um 'Token file' (arquivo de dados).

Para que o programa realize a análise dos dados, deve-se especificar o grupo de fatores. Isto permitirá que o linguista codifique os dados por meio dos fatores especificados, como por exemplo: tipo de verbo, tipo de sujeito, vogal, presença ou ausência de um traço particular, falante – na verdade, qualquer fator que possa ser considerado como tendo um efeito na ocorrência de uma dada variável. Estes grupos são entendidos pelo programa como um conjunto de códigos – caracteres simples que podem ser dados de entrada no arquivo de dados. O programa aceita qualquer caractere do teclado Courier para aparecer como código de um determinado Token (dado), cada um representando uma variável específica.

A função "No Recode" é responsável pela realização da análise distribucional abrangente de cada fator em cada grupo de acordo com a variável dependente.

O programa entende que a variável dependente aparece em primeiro na sequência codificada, assim em um valor de aplicação 'No Recode' será o primeiro fator.

Há restrições sobre o número de fatores da variável dependente, não pode haver mais que 9 fatores para uma análise distribucional. O GOLDVARB 2001 permite somente análises binominais, portanto, o valor de aplicação não pode englobar mais que dois fatores.

Os grupos de fatores incluídos nos resultados são listados no mesmo formato do arquivo de condições 'Condition file', excluindo as linhas de comentários que podem ser inseridas. Assim, ele apresenta os resultados de cada valor individual confrontando-os com o valor de aplicação e o total de número de fatores em todos os grupos.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Antes de divulgarmos os grupos de fatores que influenciaram a presença e ausência de CV, faremos uma introdução em que discutimos principalmente sobre o estigma da CV com base no percentual geral encontrado no *corpus.*

5.1.1 Considerações gerais sobre a CV e sua variação.

Observemos o percentual geral de CV encontrado no *corpus:*

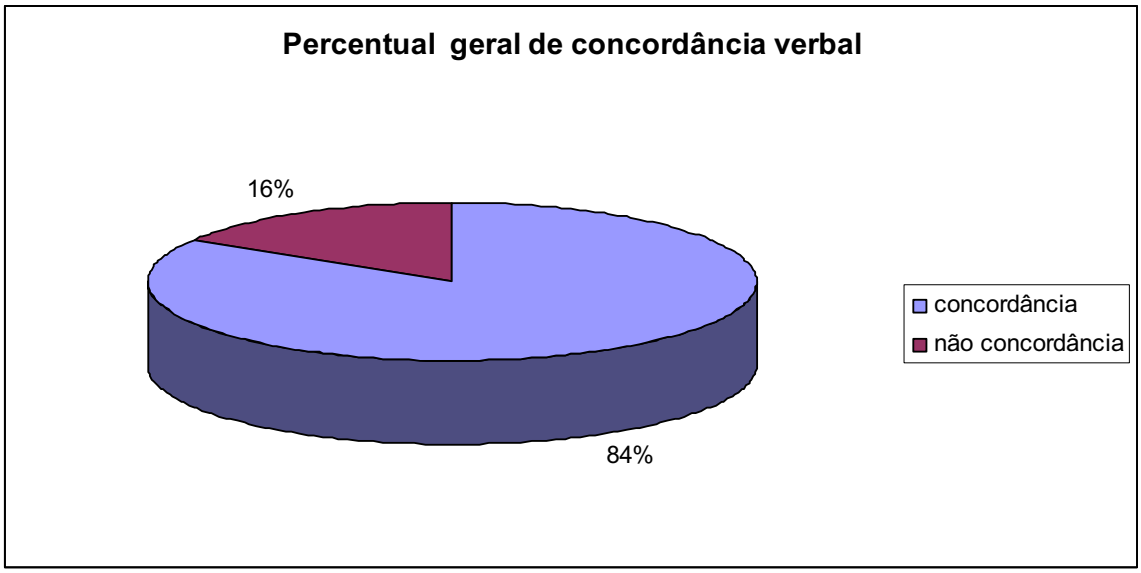


Gráfico 1- Percentual geral de concordância
Fonte: elaboração própria

O gráfico 1 apresenta o percentual geral de presença e ausência de concordância verbal encontrado no *corpus*, isto é, indica o uso que os informantes em processo de escolarização de uma região periférica da cidade de Rio Claro fazem da CV na língua escrita formal.

A porcentagem de 84% (2.020/2.388) indica um grande predomínio de ocorrências de terceira pessoa do plural (P6) com marca formal de plural nos verbos. Já a taxa de 16% (368/2.388), correspondente aos verbos que não apresentam marcas formais de número, não seguindo, assim, a regra padrão segundo a qual o verbo deve concordar com o sujeito, demonstra que existe uma variação na língua escrita formal, embora seja um percentual pequeno se comparado ao encontrado na língua falada, como especificaremos a seguir. No

entanto, para a língua escrita, podemos afirmar que se trata de um percentual considerável de variação.

Apresentamos abaixo dois exemplos que constituem casos "clássicos", de sujeito anteposto simples, e, portanto, a concordância deveria ser efetuada conforme a regra básica preconizada pelas Gramáticas Normativas. No entanto, tais verbos não trazem as devidas marcas formais de plural, podendo ser exemplos desta variação que pode ocorrer até mesmo em um *corpus* de língua escrita formal, de informantes que estão frequentando a escola.

(1) **elas estudava** nas mesmas escolas (5mp)
(2) **eles se separou** um foi para um lado e outro (5mp)

Para um leigo, esta variação poderia ser considerada livre, vista como um simples "erro", porém, estudos linguísticos esclarecem que tal variação é condicionada por fatores internos e externos à língua, sendo, portanto, uma variação sistemática.

Tanto o percentual como os exemplos acima nos permitem afirmar que a CV não é categórica mesmo na língua escrita formal, pois constituem sinais de variação nesta modalidade da língua. Entretanto, trata-se de uma variação em pequena escala se comparada à existente na fala. Esta pequena variação estaria, portanto, restrita a certos contextos e determinada por fatores linguísticos e sociais.

Em relação à CV observada nos dados deste *corpus*, poderíamos afirmar que o que predomina na "norma objetiva", no sentido de usos que não são individuais, não são momentâneos e ocasionais, mas sim *normais* e *constantes* (COSERIU, 1979, p.50), seria a da realização da concordância, ou seja, a utilização da forma verbal com as devidas marcas de plural, já que houve um grande predomínio da presença de CV. Mesmo que os quase 20% de ausência de marcas encontradas no *corpus* seja uma taxa representativa de variação, é *normal* apenas em certos contextos (sociais e linguísticos) e não amplamente utilizada, como demonstraremos a seguir.

Por outro lado, tal percentual de variação encontrado na língua escrita é baixo se comparado ao que se observa na língua falada, como demonstram vários estudos. Gameiro (2005, p.103) em seu trabalho sobre língua falada com informantes de escolaridade nula a nível superior, procedentes da região central do Estado, especificamente, Araraquara e Itirapina, observou um percentual de ausência de CV de 55% (772/1.399), muito maior que na

escrita 16% (368/2.388). Monte [17](2007, p.71) ao analisar a CV na língua falada com informantes escolarizados e não escolarizados, residentes em São Carlos, cidade do interior de São Paulo, constatou uma porcentagem ainda maior de ausência de CV: 75% (753/1000). Esses dados permitiram-lhe afirmar que "A não-concordância verbal tende a fazer parte do português popular" embora seja um caso de variação e não de mudança.

Pode-se afirmar por meio destes dados, que existe um grau considerável de variação na escrita, porém, menor do que na fala. O fato de o percentual de ausência de CV na fala ser mais que o dobro da escrita está relacionado tanto às características do *corpus* como às dos falantes. Dentre as características da língua falada, citamos aqui breve e simplificadamente, algumas que podem causar construções não-padrão, como a própria situação de informalidade que envolve a fala descontraída, em que há ausência de planejamento prévio, espontaneidade, pausas, a repetição, correção, interrupção, tomada de turnos, entonação, sem contar também com a riqueza de gestos e do contexto que supre muitas palavras. Nos trabalhos supracitados, a escolaridade de alguns dos falantes também constituiu fator fundamental para aplicação/não-aplicação da regra de CV, pois enquanto a ausência de CV foi de 74% entre os falantes de menor nível de escolaridade (nula: 176/239- e de 1 a 4 anos: 175/235), com os falantes que possuem 9 a 11 anos de escolarização, o percentual diminuiu para 52% (276/531) (Gameiro, 2005, p.105). Uma tendência ainda maior à variação é observada no referido estudo de Monte (2007, p.100), em que houve apenas 19% (94/491) de concordância entre os não escolarizados, enquanto na fala dos escolarizados o percentual de CV quase dobrou, aumentando para 31% (153/489). Vale destacar que mesmo que seja o dobro, 31% ainda é um percentual baixo de concordância. Já em nosso *corpus* atual, todos os informantes são alfabetizados, aliás, estão frequentando ainda a escola, lugar em que se ensina a gramática normativa e em que se cobra a forma padrão a todo o momento, onde se realiza a leitura e a escrita padrão nas várias disciplinas. Portanto, estão todos neste mesmo ambiente propício ao aprendizado, em contato com o português formal, que associado ao tipo de *corpus,* corroboraria ainda mais o baixo percentual de ausência de CV nele encontrado.

Considerando, portanto, além do ambiente escolar, o tipo de *corpus,* (textos narrativos e produzidos na própria escola pelos alunos, que estavam cientes de que seriam utilizados para uma pesquisa - não sabiam apenas o tipo da pesquisa-) o percentual de ausência de CV, 16% (368/2020) ainda que pequeno, revelaria que a variação chegou à língua escrita.

[17] Além dos recentes estudos de Scherre sobre CV, existem vários trabalhos sobre a concordância verbal na língua falada, como o de RODRIGUES (1987), NARO, A. J.; SCHERRE (1999) MONGUILHOTT (2002),

Acreditamos que este fato tenha levado os alunos a tentarem escrever "de modo correto", obedecendo o máximo possível à norma, a pensarem antes de redigir. Some-se a isso o fato de a ausência de CV constituir um dos traços linguísticos mais corrigidos pelos professores, e muitas vezes estigmatizado socialmente, avaliado de modo negativo, como "erro", sendo utilizado até mesmo para classificar o grau de cultura das pessoas.

A preocupação dos alunos em escrever o "correto" fica evidente nos exemplos de hiper-correção, em que a forma de plural foi utilizada indevidamente:

(3) Um dia **elas** resolveram **acamparem** (5fbr)
(4) **Tinham** muitos bixos (2fbr)

No exemplo (3), há o encontrão casual de duas orações, *resolveram* e *acamparem,* nesse caso, a segunda "acampar" deveria estar no singular, pois a primeira oração já traz a flexão verbal.

O exemplo (4) é interessante porque evidencia que embora a gramática normativa não aceite o uso do verbo "ter" com o sentido de "haver", "existir", recomenda-se que tal verbo fique no singular, pois seria impessoal como o "haver".

Casos interessantes também, que demonstrariam "a força da norma para o uso da CV" são os dos alunos que apresentam dificuldades ortográficas e de expressão, mas conseguem utilizar marcas de CV.

(5) Todos acharam legal **e aceita*rão*** (6mbr)
(6) Todos amigos **xigaram** em casa **conteite-**[18] (6mbr)

O exemplo (5) evidencia uma inadequação ortográfica até comum entre os discentes, já (6) demonstra não apenas erros de ortografia, como em "xigaram" (chegaram), mas também problemas na alfabetização, pois faltam aos alunos conhecimentos básicos da grafia correta, como fica evidente em "conteite", ao invés de contente. Assim, mesmo com tais dificuldades, eles representam graficamente a concordância.

Outro fator favorecedor da CV além do próprio estilo do *corpus*, seria o tema, pois pedia aos informantes que continuassem a narração da história de três garotos que foram

---

PEREIRA (2004) dentre outros, no entanto, só estabelecemos comparação com o trabalho de Monte (2007) por ter realizado a pesquisa em uma região próxima à por nós pesquisada.

[18] Todos amigos chegaram em casa contentes.

acampar e se perderam na floresta. Em tais narrativas, há o grande predomínio do pretérito perfeito do indicativo, cuja diferença entre as formas da 3ª pessoa do singular e do plural é maior do que quando verbos estão no presente, o que favoreceria o predomínio da CV.

Por outro lado, construções com sujeito "complexo", isto é, com mais de um núcleo, com expressões partitivas, elementos intervenientes, sujeitos não-humanos seguidos de adjuntos e pospostos que comumente propiciam a variação na CV são muito raras nestes textos que constituem o *corpus* deste trabalho. Já em tipos textuais que discutem e apresentam assuntos, como os dissertativos, por exemplo, além do predomínio do presente do indicativo, há estruturas de SN complexas que contribuem para a variação na CV, conforme demonstrou SCHERRE na obra *Doa-se lindos filhotes de poodle* (2005). Abaixo, citamos dois casos interessantes evidenciados pela estudiosa porque embora pertençam à escrita revisada, a informantes cultos, retirados de jornais, ilustram essa tendência à concordância não padrão com sujeitos complexos:

> (7) "... *O **peso** dos trajes* **representam** o peso médio estatístico dos trajes comumente utilizados no Brasil"
> (8) "***as mudanças** no momento político* **pode** provocar um aumento de patologias mentais...." (SCHERRE, 2005, p.27)

No exemplo (7), o verbo deveria estar no singular para concordar com seu núcleo: "peso"; inversamente, o verbo "pode" do exemplo (8) precisaria estar no plural concordando com "mudanças", núcleo do sujeito, mas como o adjunto adnominal está no singular, leva à ausência de marcas no verbo.

Outro caso do que denominamos como estrutura complexa é o caso do sujeito não humano no singular seguido de núcleo do adjunto adnominal ou do complemento nominal no plural, tais como "a estipulação de prazos decorrem" e "a influência de fatores acarretam", por exemplo. A referida linguista Marta Scherre relata que se interessou mais por construções desse tipo quando ela mesma escreveu: "**a presença** de marcas **levam** a marcas e **a ausência** de marcas **levam** a zeros"[19] (SCHERRE, 2005, p.131). "Eu também caí nas armadilhas da CV e redigi a seguinte frase, posteriormente corrigida: "**cuja diferenciação** entre as formas verbais do singular e do plural também **são bastante perceptíveis**". Tais casos demonstram que os falantes cultos e escolarizados "cairiam nas armadilhas da CV" com mais frequência principalmente em casos de estrutura complexa na "escrita culta revisada".

[19] Grifo nosso

Para a linguista, a ruptura da ordem, a proximidade e o paralelismo formal, além das relações sintagmáticas subjacentes em construções desse tipo podem também influenciar a presença de marcas explícitas de plural, quer nominais quer verbais. Tanto influenciam que, em uma análise inicial deste trabalho, havíamos proposto aos alunos do Ensino Médio (EM) que elaborassem textos dissertativos, e para os do Ensino Fundamental (EF), narrativos. O resultado foi que os alunos da terceira série do Ensino Médio usaram menos a concordância (80%= 232/290)[20] do que os discentes das séries iniciais do Ensino Fundamental II (6º ano: 88%= 330/375), fato que atribuímos às construções com "sujeito complexo" utilizadas frequentemente em tais tipos de textos. Os exemplos abaixo, retirados do nosso *corpus* inicial de dissertações feitas pelos alunos do EM poderiam confirmar tal afirmação:

(9) **O fácil acesso de bebidas** que **geram** a violência. (11MCP)
(10) **Cada uma das pessoas podem** fazer. (11MCR)
(11) **O número de armas são** enormes. (11FBP)

Com base nesses resultados da análise inicial feita, montamos um novo *corpus,* em que os alunos do Ensino Médio também produziram uma narrativa. Assim, de posse de textos do mesmo tipo, pudemos estabelecer comparações que se aproximassem mais da realidade, observando com maior clareza se os anos de escolarização estavam realmente influenciando o uso da CV ou não, uma vez que não podemos comparar objetos diferentes e chegar à mesma conclusão.

Devido a todos os fatos acima expostos, nossa hipótese é de que os falantes mais escolarizados, principalmente em contextos mais formais, não optariam conscientemente pelo uso da variante não padrão, desprestigiada, pois estes prefeririam utilizar a variante padrão, que goza de maior prestígio social na comunidade. Empregariam construções sem concordância apenas quando estas lhes fossem menos perceptíveis, como nos casos demonstrados por Scherre e comprovados pelos exemplos de (9) a (11). Como já foi dito, as pessoas que não utilizam tal variante prestigiada, geralmente são vistas de forma preconceituosa, como pertencentes às camadas sociais baixas ou não escolarizadas.

[20] Embora o percentual de diferença de aplicação da CV, 8%, entre os níveis de escolaridade não seja muito representativo, poderia evidenciar a influência de tais construções complexas condicionarem a variação na CV, como Scherre demonstrou. Poderíamos até estabelecer a hipótese de que se os informantes de 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano) tivessem produzido textos dissertativos, o percentual de ausência de CV fosse maior neste nível de escolaridade.

A exemplo desta declaração, mencionamos abaixo o caso do atual presidente da República. O trecho de uma entrevista que Luís Fernando Veríssimo concedeu à revista *Caros Amigos* ilustra o destaque conferido à concordância verbal não só pela escola, pela sociedade, mas também pela mídia de um modo geral*:*

> Entrevistador: Marcos Zibordi: Você compartilha da opinião quase unânime de que o presidente Lula é analfabeto e precisa ler?
> Luís Fernando Veríssimo: Olha, com algumas exceções, como o Costa e Silva, que confundia latrocínio com laticínio, fomos sempre governados por homens letrados, **muitos deles intelectuais de nome, que conseguiram construir o país mais desigual e injusto do mundo sem cometer um erro de concordância.** (VERÍSSIMO, 2008, p.26)

O exemplo supracitado não foi utilizado com o objetivo de julgar o entrevistado nem o entrevistador, muito menos sua opinião sobre o assunto, apenas demonstra que a CV é um fato linguístico com ampla divulgação na mídia e gera preconceito linguístico em relação às pessoas que não a utilizam de acordo com o padrão. O próprio presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, foi alvo de inúmeras críticas não só por não ter cursado faculdade como também por não utilizar em todos os discursos algumas marcas de concordância, por não falar bem, corretamente. Se jornalistas, apresentadores ou quaisquer outras pessoas de destaque na mídia cometessem esses mesmos desvios de concordância, também seriam alvo de críticas. No entanto, poderiam apresentar "desvios" em relação ao uso dos pronomes, à colocação pronominal, à regência, ao imperativo que não seriam alvo de críticas tão ferrenhas como sofreu o presidente, pois estes casos de variação não indiciam marca de classe social, ocorrendo de maneira geral em todos os níveis sociais e de escolaridade.

Outro caso citado por Scherre em *Doa-se lindos filhotes de poodle* (2005, p.23) é o do Jornal do Brasil, que publicou uma fotografia de uma placa com uma reivindicação de mulheres de militares no Rio de Janeiro, em junho de 1988. Tal exemplo também enfatiza o estigma que a ausência de marca de número carrega, pois o jornal corrigiu os desvios de concordância, mas manteve os de ortografia, como o trecho abaixo demonstra:

> DEUS,
> PÁTRIA
> [...]
> SALVE!
> EXÉRCITO
> MARINHA
> AERONÁUTICA
> REIVINDICAMOS
> ORDENADOS

HONRRADO**Ø**[21]
ONDE ESTA
A FAMÍLIA?
(apud SCHERRE, 2005, p.23)

Scherre demonstra que o referido jornal citou os dizeres da placa da seguinte forma: "Deus, Pátria e Família. Salve! Exército, Marinha e Aeronáutica. Reivindicamos Ordenados honrrado**s**"[22], corrigindo, portanto, apenas a concordância de número de "honrrado", como estava na placa para "honrrados". Porém, manteve a ortografia que não estava de acordo com as regras ortográficas vigentes: "ordenados hon**rr**ados". Embora seja um caso de concordância nominal, tal fato poderia elucidar a linha de raciocínio que seguimos em relação à concordância verbal, pois acreditamos que esta seja ainda mais estigmatizada que a ausência de CN.

A concordância de número, segundo Scherre (2005, p.23) é usada como indício de que o falante "não sabe falar", "não sabe escrever" e, por fim, "não sabe pensar" ou "não sabe fazer". Consideramos tal concepção implícita na entrevista, pois quando o entrevistador questiona Veríssimo sobre o fato do "presidente ser analfabeto", ele remete à não concordância, evidenciando de modo indireto a crença geral da população, segundo a qual:

> há um dialeto mais certo do que outro ou que há uma variedade mais certa do que a outra, e poucos percebem que as formas consideradas certas e/ou de prestígio são as que pertencem à língua, aos dialetos ou às variedades das pessoas ou grupos que detêm o poder econômico ou cultural. Mesmo pessoas que analisam de forma objetiva os fenômenos linguísticos frequentemente emitem enunciados que revelam esse tipo de crença. Uma das consequências dessa crença se reflete no preconceito linguístico, que estigmatiza direta ou indiretamente as pessoas que não dominam formas linguísticas consideradas certas por uma dada comunidade. (SCHERRE, 2005, p.15)

A autora combate este preconceito afirmando que "fenômenos linguísticos estruturais chamados de errados têm por detrás de si um sistema, uma diretriz e, além disso, que fenômenos linguísticos variáveis apresentam tendências sistemáticas" (2005, p.18). Argumenta ainda que a língua inglesa, mesmo não apresentando uma flexão verbal de número tão rica como a língua portuguesa não é considerada inferior ao português, que possui tal flexão e nem por isso goza de maior prestígio.

---

[21] Símbolo por nós acrescentado para destacar a ausência de concordância que o jornal corrigiu.
[22] Grifo nosso

Neste trabalho, tentamos rever esta visão ao analisar fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação da CV em textos escritos.

5.1.2 Notas introdutórias

Neste item da seção, apresentamos a análise dos dados de acordo com cálculos estatísticos realizados pelo programa computacional GOLDVARB.

Os gráficos e tabelas apresentados a seguir exibem o percentual de aplicação da regra padrão de CV de acordo com os fatores elencados nos procedimentos metodológicos.

Os grupos de fatores selecionados pelo programa GOLDVARB em ordem de significância foram:

1) Saliência fônica verbal;
2) Paralelismo Discursivo;
3) Posição do sujeito;
4) Função Sintática do elemento à direita do verbo;
5) Presença/Ausência do sujeito pronominal *eles/elas*;
6) Paralelismo formal;
7) Traço semântico do sujeito (animado, inanimado, humano);
8) Sexo do informante;
9) Presença/Ausência do "*que*" relativo.

Os dois fatores excluídos pelo programa, isto é, que apresentaram baixa relevância estatística foram a escolaridade dos informantes e o papel semântico do sujeito (inativo, experimentador, agente, beneficiário, causativo, paciente).

Passaremos agora à análise dos dados realizada por meio das tabelas produzidas com base nos dados fornecidos pelo programa GOLDVARB. Vale ressaltar ainda que a disposição destes gráficos e tabelas segue a ordem de relevância estatística estabelecida pelo referido programa em conformidade com o peso relativo.

5.1.3 Análise da atuação dos fatores linguísticos e sociais conforme a frequência e o peso relativo

Os resultados que revelam o comportamento dos grupos de fatores linguísticos considerados na análise e apontados pelo GOLDVARB como significativos em relação à presença/ausência de concordância verbal, nos dados das redações, são apresentados sob a forma de tabelas. Estas mostram o número de ocorrências, o percentual e o peso relativo associados a cada um dos fatores incluídos nesses grupos.

A seguir, apresentamos a primeira variável selecionada como estatisticamente relevante pelo GOLDVARB 2001 para aplicação da regra de CV, a saliência fônica verbal. Vale destacar que este é um dos fatores mais relevantes e analisados por estudiosos da CV, pois tem mostrado maior influência na aplicação ou inibição da regra.

De um modo geral, os resultados abaixo confirmam que o crescente índice de concordância está correlacionado ao aumento da saliência oposicional das formas verbais do plural em relação às do singular.

FATORES	FREQUÊNCIA	P R
R: Fala/falam	496/702 = 70%	.26
V: Faz/fazem	33/82 = 40%	.04
L: Está/estão	67/72 = 93%	.61
E: falou/falaram	1148/1234 = 93%	.63
F: fez/fizeram	272/290 = 93%	.70
W: é/são	4/8 = 50%	.14
Total	2020/2388 = 84%	

Tabela 1 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo o grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural.
Fonte: Elaboração própria

Os dados da tabela 1 comprovam também a tendência geral observada na língua falada, segundo a qual, quanto mais saliente for a diferença material fônica entre o singular e o plural dos verbos, maior probabilidade de eles apresentarem marcas formais de plural para concordar com seus respectivos sujeitos. Estes dados ratificam, portanto, a tendência apontada

em uma série de estudos que analisaram a CV na língua falada, dentre os quais destacamos: NARO e LEMLE, 1977; NARO, 1981; RODRIGUES, 1987; NARO e SCHERRE, 1999a; MONGUILHOTT 2002; PEREIRA, 2004; GAMEIRO, 2005 e MONTE, 2007.

No trabalho de Monte (2007), por exemplo, chama atenção o fato de o percentual de CV ser muito baixo com os verbos das classes R e V, pertencentes ao 1° nível, o que permitiu ao autor afirmar que tais verbos **inibem** a concordância verbal na língua falada. No nível 1, R (fala/ falam), o percentual de concordância do trabalho supracitado foi extremamente baixo, apenas 2% (12/529) e com V (quer/querem), o percentual foi um pouco maior, 14% (10/71).

Mesmo que os pesos relativos de nosso trabalho indiquem certa inibição, não nos permitem afirmar categoricamente como o fez Monte (2007) que na língua escrita ocorra uma inibição, pois os percentuais de CV não são tão baixos como os da língua falada. Contudo, ainda que timidamente, tal nível demonstra uma influência deste grupo de fatores, pois dentre as classes de verbos analisadas, foram as que apresentaram a menor frequência de CV.

Em nosso trabalho, na classe R, em que há o acréscimo de nasalidade à vogal átona final (*fala/falam*), o percentual de concordância é de 70% (496/702), muito alto se comparado aos 2% observados por Monte (2007). No entanto, observando apenas os dados do nosso trabalho, é a segunda classe com o percentual mais baixo, confirmado pela probabilidade, 0.26. A primeira é a V, em que a oposição singular/plural ocorre mediante a adição de um segmento nasalizado (faz/fazem), com o percentual de 40% (33/82) e peso relativo de .04, o menor de todos os fatores. Neste 1º nível (R e V), como foi dito, a diferença entre singular e plural reside ou em desinência átona (verbos regulares: fala/falam; come/comem) ou numa vogal nasal (faz/fazem, quer/querem) e essa diferença pequena entre as formas singular e plural é responsável pelo menor percentual de CV, pois faz com que os falantes não a percebam e, portanto, utilizem-na menos frequentemente. Os exemplos abaixo ilustram a ausência de CV nestas classes:

(12) eles *er**am*** muito ricos (5fr)
(13) e *estav**am*** cansado (5fr)
(14) as duas *tinha**Ø*** levado um fósforo (1mr)
(15) meus amigos me *chama**Ø*** para acampar (1mr)

Embora tenha havido o predomínio da CV mesmo na classe R, como os exemplos (12 e (13) evidenciam, considerando que se trata de língua escrita formal, são representativos os 30% de ausência de CV. Percentual ilustrado pelos exemplos (14) e (15), que confirmam a

tendência à não-concordância quando a diferença entre o singular e plural dos verbos reside apenas na nasalização da vogal átona. Isso ocorre por ser mais dificilmente perceptível, como em *tinha/tinham* e *chama/chamam,* pois mesmo sendo um sujeito prototípico (anteposto, humano, sem material interveniente), a concordância formal não é efetuada.

(16) as horas ião se passando e nada ***deles encontrarØ*** o caminho (1mr)
(17) para **eles se *esquentarØ*** (5fr)
(18) antes **deles *dormirem*** (5mp)
(19) Era para **eles *voltarem*** para casa (5mr)

Os exemplos (16) e (17) demonstram que é comum a não ocorrência da CV devido ao fato de ser marcada apenas pelo acréscimo de uma vogal nasal (V), que vem a ser uma oposição não saliente. Vale destacar que nesta classe de verbos, a maioria dos dados de nosso *corpus* é composta de verbos no infinitivo pessoal, que de acordo com a norma, deveriam trazer as marcas número-pessoais. Assim, o que também poderia estar favorecendo a não-concordância além da oposição não ser marcada, seria um princípio morfossintático, pois o fato de o verbo estar no infinitivo, mesmo que no pessoal, poderia dificultar a identificação da relação sujeito/verbo. Embora menos frequente, a CV ocorreu também com estes tipos verbais em 40% (33/82) dos casos, como os exemplos (18) e (19) mostraram.

Há uma diferença de mais de 20% no percentual de concordância entre os verbos do primeiro e os do segundo nível, pois com verbos no pretérito perfeito regular e irregular, o percentual de CV subiu para 93% respectivamente, (1148/1234 e 272/290). O peso relativo também dá um salto grande, em média .40 a mais em termos de probabilidade, de .26 e .04 do primeiro nível, sobe para .63 e .70 no segundo. Portanto, fazemos nossas as palavras de Rodrigues (1987, p.167), "há um salto indiscutível" do primeiro ao segundo nível.

A classe L é a dos verbos cuja diferença entre a 3ª pessoa do singular e do plural reside na presença do acento tônico na marca número-pessoal, envolvendo mudança na qualidade vocálica e presença de nasalidade, como em *está/estão*. Nela, também houve o predomínio da CV, 93% (67/72) confirmando o esperado: onde a oposição entre as formas singular/plural é alta, mais evidente, a CV é mais frequente, como os exemplos de (20) a (22) abaixo mostram:

(20) **vocês dois já estão** fazendo tudo (8mp)
(21) e **dão** um abraço (1mp)
(22) **os amigos vão** para sua viagem (1fr)

(23) **Nossas mães esta** preocupada (3mp)
(24) **os amigos dele está** preocupado (3mp)

Em (23) e (24), a CV não é efetuada mesmo sendo os verbos de "alta saliência", e, ao analisar tais casos, não se observa nenhum fator fortemente inibidor da CV, como posposição, sujeito inanimado ou pronome relativo por exemplo. O único fator seria, portanto, a presença do sujeito não-pronominal, composto de nome e determinante, que deixaria muito claro o sujeito e tornaria a concordância desnecessária.

Em relação ao verbo *ser,* como já salientamos, o presente do indicativo não foi muito utilizado nas redações devido ao tema; portanto, construções que fazem oposição como é/são, em que ocorre a maior diferenciação entre singular e plural, não foram muito frequentes no *corpus*, apenas oito ocorrências. Houve mais casos no pretérito imperfeito, como era/eram, em que a diferença singular/plural não é tão grande. Devido ao número restrito de ocorrências com o verbo *ser,* não foi possível verificar com exatidão sua ocorrência no *corpus*; além disso, o percentual de 50% (4/8) de concordância, bem como a probabilidade (.14) não nos permitem tecer considerações a respeito desta categoria. Por outro lado, o fato de apresentarem poucas ocorrências, facilita uma breve análise qualitativa acerca dos fatores que implicaram este percentual:

(25) ***é*** só 15 reais (7fp)
(26) quem ***é*** os 3 amigos (7mp)
(27) animais selvagens que ***é*** atropelados na pista (8mg)
(28) O Fernando e o Diego **são** morenos (7gf)
(29) Quiko, Jhony e Nabum **são** os três garotos (8mp)

Observando os exemplos acima, verificamos que há fatores que poderiam ter influenciado a não concordância com o verbo *ser,* como nos exemplos (25) e (26), em que os sujeitos estão pospostos, fator normalmente condicionante da não concordância padrão. Em (27), há a presença do relativo *que,* considerado também importante fator inibidor da CV. Já (28) e (29) mostram sujeitos humanos, compostos e antepostos, fatores normalmente contribuidores da CV. Assim, observamos que ora há fatores inibidores, ora favorecedores da CV com o verbo *ser*, mas não podemos tecer considerações sobre a CV com esta classe de verbos devido ao número restrito de ocorrências.

Excetuando-se o caso único *é/são*, pode-se afirmar que há uma escala crescente de presença de CV entre os dois níveis verbais, isto é, na medida em que a diferença entre singular e plural das formas verbais vai aumentando, a porcentagem de presença de CV vai crescendo igualmente, sendo que entre as classes do segundo nível, há uma estabilidade, o percentual é igualmente alto em todas elas.

Destacamos ainda o pretérito perfeito do verbo *ir, foi/foram*, muito utilizado devido ao tema da redação do Ensino Fundamental[23] que, devido à alta diferença entre o singular e plural, corroborou para a classe dos pretéritos irregulares apresentar um elevado índice de concordância. Os exemplos de (30) a (32) ratificam esta tendência:

(30) ***eles foram*** catar água (5fr)
(31) Quando ***foram*** procurar Laura (5fr)
(32) ***os três foram*** embora tranquilos (5fr)

Os exemplos (33) a (35) mostram a CV com pretéritos perfeitos regulares, cuja diferenciação entre as formas verbais do singular e do plural também é bastante perceptível, favorecendo, assim a presença de CV, como o alto percentual indicou 93% (1148/1234):

(33) ***as pessoas*** do carro ***reconheceram*** ele (8mg)

Em (33), observamos que o informante não segue a norma padrão em relação ao uso de pronomes como complementos de verbo, pois ao invés de utilizar o pronome oblíquo átono como objeto direto: "reconheceram-no", redige "reconheceram ele", empregando um pronome pessoal do caso reto (ele). Mesmo não utilizando o pronome oblíquo como recomendado pela norma padrão, o informante utiliza a marca formal de plural, pois, ao contrário da ausência de CV, que tem grande desprestígio social, o pronome pessoal do caso reto desempenhando a função de objeto direto no lugar do pronome oblíquo átono é menos estigmatizado e de uso amplamente difuso no português informal.

Nos dois exemplos seguintes, há a presença de sujeitos prototípicos e nenhum elemento inibidor da CV, constituindo casos típicos de sujeito que favorecem a CV, além de o verbo ser de oposição marcada:

(34) Eles **pararam** de correr (5mp)

[23] "Três garotos foram acampar numa floresta e se perderam".

(35) Dois deles **correram** depressa (Sfp)

Já no exemplo (36), destacamos o fato de o aluno realizar a CV no primeiro verbo, "*esquecero"* e no segundo não, pois há também a saliência fônica baixa, fator que influencia a ausência de CV:

(36) ***Eles esquecero*** que não **conhecia** nada (8mg)

Em (37), mesmo o sujeito estando posposto ao verbo e sendo inanimado, há a marca formal de plural no verbo, o que não é comum, portanto, atribuímos esta concordância tanto à alta saliência do verbo como ao fato de ser uma expressão muito utilizada, quase fixa.

(37) e **passaram três dias** (8mg)

Estes três exemplos, assim como o (38), confirmam a tendência de os verbos pertencentes ao segundo nível, de oposição marcada, apresentarem marcas de plural. O trecho abaixo chama atenção por pertencer a um informante que novamente apresenta dificuldades ortográficas básicas da Língua Portuguesa, como troca de letras como *t* por *d* e traços de oralidade: *-ro* no lugar de *–ram.* E mesmo com tais dificuldades, realiza a CV, exceto no terceiro verbo do período, que é antecedido do pronome relativo *que*, um inibidor da aplicação da regra. Sabemos que o relativo, embora tenha a função de retomar o referente, quebra a sequência entre o sujeito e o verbo implicando na ausência de CV.

(38) *os menino* **foram** e embora e **contaro** a estória para *os filho que não* **acretidou** (acreditou)[24] (5mr)

A nosso ver, a maior frequência de falta de concordância poderia estar associada aos casos que convencionamos chamar de menor percepção. Em situações formais, os informantes tenderiam a deixar de usar a concordância apenas quando não percebessem a relação entre o verbo e o sujeito. Tal percepção englobaria os fatores tradicionalmente estudados, como a posposição, a saliência fônica verbal, a distância do sujeito, o sujeito inanimado e outros que impediriam o informante de perceber o sujeito como referente ao verbo, favorecendo, assim, a não-concordância. Embora sejam fatores de ordem diferente,

[24] Mantivemos a grafia original, tal como os alunos redigiram, para evidenciar a maneira como escrevem.

todos colaborariam para que o informante deixasse de perceber que precisaria realizar a concordância. Esta falta de percepção é muito maior na língua falada, em que não há muito tempo para pensar sobre a maneira como utilizará os elementos linguísticos, não há revisão de sua fala, por isso, a probabilidade de ausência é muito maior nesta modalidade de linguagem.

FATORES	FREQUÊNCIA	P R
W: Verbo precedido de verbo no plural	1358/1479 = 91%	.59
X: Verbo precedido de verbo no singular	71/151 = 47%	.09
Y: Verbo isolado ou primeiro de uma série	591/758 = 77%	.41
Total	2020/2388 = 84%	-

Tabela 2 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo o princípio do paralelismo discursivo.
Fonte: elaboração própria

Conforme o paralelismo discursivo proposto por Scherre & Naro (1993), o verbo precedido de outro verbo sem marca formal de plural desfavoreceria a realização da CV, já o verbo precedido de verbo com marca formal de plural a favoreceria. Este grupo de fatores foi selecionado pelo programa como o segundo mais significativo, portanto, os valores de frequência e probabilidade da tabela 2 de nosso *corpus* podem confirmar este princípio estabelecido pelos estudiosos, pois o percentual de CV é quase 50% mais alto, 91%, (1358/1479) quando o verbo é precedido de outro verbo no plural do que quando é antecedido de uma forma não flexionada 47% (71/151), este, por sua vez, apresenta uma probabilidade muito baixa de realizar a CV, .09.

Os exemplos de (39) e (40) ilustrariam como o paralelismo discursivo pode atuar, se os verbos são precedidos de outros marcados, há maiores chances de a concordância ocorrer nos verbos subsequentes.

(39) **eles planejaram** tudo/ **e foram** para a floresta,/ **eles encararam** uma dificiu escolha,/ **pegaram** a direita (5mp)

(40) **os outros dois acordaram** /e **perceberam** /que **estavam perdidinho** (5mp)

Em contrapartida, quando os verbos das orações anteriores não trazem as devidas marcas de plural, os seguintes também não as trarão provavelmente, como (41) e (42) poderiam evidenciar:

(41) **Eles estava** na casa dele, /**os outros dois ficou** do lado de fora (7mg)

(42) Só que **elas** não **sabia** andar lá, /**tinha** certeza que /**ia** gravar o caminho / e **ia** embora tudo bem, / só que mal **esperava** o que ia acontecer. (8fp)

Na Língua Portuguesa, a flexão verbal pode tornar-se necessária para evitar dúvidas e restabelecer a referência a este sujeito oculto. Nas primeiras orações dos exemplos (41) e (42), os sujeitos estão explícitos e constituem uma informação nova, já que é a primeira vez que são citados, mas há o pronome indicando o sujeito, o que poderia tornar a flexão verbal desnecessária. Na segunda oração de (41), o sujeito também está expresso e novamente a CV não é efetuada.

Nas orações posteriores do exemplo (42), os sujeitos são omitidos, pois passam a ser uma informação dada e graças ao contexto, mesmo com a ausência de marcas formais de plural nos verbos, é possível fazer a referência ao sujeito previamente mencionado. Além da referência explícita ou não ao sujeito, devemos destacar também o fato de que os verbos subsequentes não trazem marcas formais de plural já que os antecedentes também não, confirmando assim o princípio do paralelismo discursivo.

Os verbos isolados ou que constituem o primeiro de uma série apresentaram um percentual de 77% (591/758) de CV, não tão alto quanto o precedido de verbos no plural e nem tão baixo quanto o precedido de formas verbais sem marcas de plural, não desempenhando, portanto forte tendência nem à ausência nem à presença de marcas nos verbos subsequentes. O que haveria, seria uma leve tendência à concordância, como se nota nos exemplos abaixo:

(43) Todos **queriam**/ e **foram** para Serra da Mantiqueira (Sfr)

(44) **Encontraram** uma velha casa / e **entraram** na pequena casa (3mr)

Saliência / Paralelismo	R Fala/m	F Fez/fizeram	E Falou/falaram	L Está/estão	V Faz/fazem	Total
Y: verbo isolado ou primeiro de série.	168/258= 65%	83/88= 94%	308/354= 87%	21/25= 84%	9/27= 33%	591/758= 78%
X: verbo precedido de outro sem marca de plural.	18/66 = 27%	13/21 = 62%	36/52= 69%	2/3 = 67%	2/9= 22%	71/151 = 47%
W:verbo precedido de outro com marca de plural.	310/378= 82%	176/181= 97%	804/828= 97%	44/44= 100%	22/46= 48%	1358/1479= 92%
Total	496/702= 71%	272/290= 93%	1148/1234= 93%	67/72= 93%	33/82= 40%	2020/2388= 85%

Tabela 3 - frequência de concordância verbal segundo o paralelismo discursivo e o grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural.
Fonte: elaboração própria

À primeira vista, as orações do exemplo (39) poderiam transparecer que a saliência seria mais atuante do que o paralelismo discursivo, pois há a concordância em todos os verbos de oposição marcada (planejaram, foram, encararam e pegaram). Mas o que esta tabela evidencia é que há uma intercessão dos dois grupos de fatores, pois os menores percentuais de concordância em todos os níveis da escala de saliência ocorrem quando o verbo é precedido de outro no singular. Por outro lado, quando a forma verbal é antecedida de outra marcada formalmente, os percentuais de CV aumentam também em todos os níveis. Já quando o verbo é o primeiro da série ou está isolado, não exerce tanta influência na CV, pois os percentuais são relativamente altos na maioria das classes de oposição na saliência. Excetuam-se os casos "é/são" e os com acento na raiz (está/estão) que não se pode analisar com segurança devido ao número restrito de ocorrências, fato que nos fez excluir os resultados destes verbos das tabelas.

Os percentuais de concordância dos verbos do primeiro nível (R e V) já eram os mais baixos da tabela 1, e com o verbo precedido de outro não marcado formalmente, diminuem ainda mais, respectivamente 27% (18/66) e 22% (2/9), demonstrando claramente que tais fatores atuam em conjunto. As orações do exemplo (42) citado acima ratificariam esta confluência, pois todos os verbos são de baixa oposição, pertencentes à classe **R** (**sabia**,

/**tinha** /**ia** / **ia** e **esperava**) e como o primeiro da série não traz as devidas marcas formais de plural, os outros também não a trazem.

Para verificarmos com maior clareza a atuação de tais fatores, apresentamos mais dois exemplos. O (45) ilustra a atuação do paralelismo no nível discursivo, pois mesmo os verbos pertencendo ao nível 1 (de oposição não marcada*: conseguia/conseguiam*), há a concordância, pois o primeiro verbo da sequência a traz:

(45) As pilhas já não ***funcionavam*** mais, não ***conseguiam*** ao menos terem visão. (2fr)
(46) ***já estavam*** com frio e para se e***squentarem.*** (Sfr)

O exemplo (46) é interessante porque na segunda oração há um verbo no infinitivo pessoal, que demonstrou nesse *corpus* uma tendência à não-concordância e no entanto, concorda devido ao paralelismo discursivo, ao fato de o verbo antecedente trazer as marcas formais de plural.

Desta forma, é inegável a atuação dos dois fatores conjuntamente na realização da concordância verbal.

Fatores	**FREQUÊNCIA**	**PR**
A: Imediatamente anteposto	1004/1182 = 84%	.54
M: Anteposto com palavra(s) interveniente(s)	19/35 = 54%	.22
P: Posposto	36/91 = 39%	.15
Total	1059/1308 = 80%	

Tabela 4 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo a posição do sujeito em relação ao verbo.
Fonte: elaboração própria

Os resultados detectados na tabela 3 revelam uma diminuição na frequência de CV conforme a posição do sujeito, pois imediatamente antes do verbo, a percentagem de concordância é bastante alta 84% (1004/1182), mas diminui consideravelmente quando o sujeito está posposto, caindo para 39% (36/91). O percentual de presença com sujeito anteposto é, portanto, duas vezes maior do que quando está posposto, o que justifica a relevância deste grupo de fatores e ratifica novamente uma tendência geral evidenciada em outros trabalhos.

No trabalho de Rodrigues (1987), por exemplo, a não concordância do sujeito posposto ao verbo foi quase categórica: 97% (72/74) em termos de frequência, e .88 de peso relativo. Já no trabalho de Monte (2007, p.88), a ausência de CV na posposição realmente foi categórica, não houve nenhuma ocorrência de sujeito posposto com concordância verbal. Além de Rodrigues (1987) e Monte (2007), outros estudos pesquisados (MONGUILHOTT 2002; PEREIRA, 2004; GAMEIRO, 2005) também revelam que a não concordância com sujeito posposto é muito alta. Entretanto, não é nosso objetivo tecer comparações com outros trabalhos de língua falada, nosso interesse é apenas evidenciar que esta tendência da língua falada também pode ser observada na escrita, confirmando a hipótese de Pontes (1986) de que o sujeito posposto perde as características de tal função.

Conforme explica Pontes (1986), o sujeito posposto, não sendo a posição prototípica do português, é entendido pelo falante como objeto direto e por isso há o predomínio da ausência de CV. Sabemos que a ordem canônica do Português é S+V+O, e quando há uma inversão nesta ordem, as chances de concordância diminuem sensivelmente. Por outro lado, se o sujeito estiver antes ou próximo do verbo, será entendido como tal e as chances de concordância aumentarão.

(47) **Passou** *alguns dias* (5mbp)
(48) **Passou** *uns trinta minutos* (6fbg)
(49) **estava** ali apenas dois craneos (1mcr)
(50) e já **era** *12:00* (7fbr)

Os exemplos de sujeitos pospostos ocorrem com maior frequência com verbos intransitivos, tornando a correlação sujeito-verbo ainda mais difícil e causando a ausência de CV, pois como tais verbos não possuem complementos, o sujeito acaba sendo confundido com o objeto, e não entendido como tal. Um exemplo de verbo intransitivo muito frequente no *corpus* foi o verbo *passar* no sentido de transcorrer o tempo devido ao tema das redações. Houve várias ocorrências com tais verbos, como os exemplos (47) e (48) evidenciam. Outro caso de sujeito posposto que vale a pena destacar é o sujeito constituído de horas, com o qual também foi comum o uso do verbo no singular, como em (50).

O exemplo clássico de posposição da série acima seria (49), com o verbo intransitivo e sujeito simples, além do sujeito inanimado que também poderia estar acarretando a ausência de CV neste caso. Por outro lado, mesmo o sujeito estando posposto, quando é humano, a concordância pode ser efetuada, como os exemplos abaixo mostram:

(51)***sairam os 3 amigos*** para a floresta (7mr)
(52)***partiram os três*** (2mr)

Não houve muitas ocorrências de sujeito anteposto com palavras intervenientes, como já foi dito, há o grande predomínio do sujeito simples e não de estruturas complexas. No entanto, mesmo este número reduzido de ocorrências, (19/35) poderia significar um equilíbrio entre presença/ausência de marcas de plural, pois o percentual é de 54%. Este "equilíbrio" poderia ser evidenciado em (53), pois, mesmo havendo uma locução "por sua vez" e o verbo sendo de baixa oposição, isto é, fatores que normalmente favorecem a ausência de CV, há a concordância. Em (54), a concordância poderia estar sendo favorecida também pela saliência do verbo:

(53)***garotos*****,** por sua vez, **adoravam** viver em pura aventura (1fcr)
(54)***As pessoas*** depois daquele dia **guardarão** o segredo (7br)
(55)***Eles***, na hora que **achou** um carro velho (6mp)

Já o exemplo (55) contraria (53 e 54), pois, além de haver uma locução adverbial, há também o *que* inibindo a CV, e mesmo com uma forma verbal de alta saliência, não há concordância.

Em relação ao tipo de posição eleita pelos informantes como a mais usual, o grande número de ocorrências de sujeito imediatamente antes do verbo e antes, com palavras intervenientes, (1217 ocorrências somando os dois fatores) revela que os informantes do *corpus* preferem, na maioria das vezes, a ordem prototípica ou canônica do Português, SVO, isto é, o sujeito em posição pré-verbal. Tal disposição, portanto, configura como um fator favorecedor da presença de CV. Isto ocorre porque o sujeito pré-posto é mais saliente e a relação sujeito/verbo é mais clara, mais perceptível com do que a posposição.

Concluímos, pois, em relação à posição, que o sujeito posposto é um forte inibidor da realização da regra, pois a baixa probabilidade (.15) de concordância vem confirmar a influência deste fator. Ele seria tão influente que o percentual de presença de CV 39% (36/91) neste *corpus* formal de língua escrita poderia até ser comparado ao da língua falada informal, espontânea que encontramos em nosso trabalho anterior, 31% (32/104). (GAMEIRO, 2005, p.173). É, portanto, um fator determinante para a aplicação/não aplicação da regra, pois a ausência de CV fica em torno de 60% em ambos os níveis da linguagem com a posposição.

Saliência / Posição	R Fala/m	F Fez/fizeram	E Falou/falaram	L Está/estão	V Faz/fazem	Total
Anteposto	298/403= 74%	144/152= 95%	508/552= 92%	37/90= 41%	15/31= 48%	1004/1182= 85%
Material interveniente	9/15 = 60%	2/5 = 40%	7/12= 58%	1/1 = 100%	0/2= 0%	19/35 = 35%
Posposto	15/53= 28%	5/5= 100%	14/27= 52%	2/2= 100%	0/1= -	36/91= 40%
Total	496/702= 71%	272/290= 93%	1148/1234= 93%	67/72= 93%	33/82= 40%	2020/2388= 85%

Tabela 5 - frequência de concordância verbal segundo a posição do sujeito e a saliência fônica verbal.
Fonte: elaboração própria[25]

Considerando que há poucas estruturas com sujeito posposto se comparadas ao número de ocorrências com o anteposto, os dados mais significativos são dos verbos das classes verbais R (fala/falam) e E (falou/falaram), pois são os que apresentam um número de ocorrências um pouco maior. Com as outras classes, não há número suficiente de casos para tecermos considerações.

O que observamos em relação às classes com dados significativos é que o percentual de concordância diminui com o sujeito posposto. Em R (1º nível: oposição não marcada: fala/falam), de 74% (298/403) com sujeito anteposto, o percentual cai para 28% (15/53), diferença considerável se não fosse o número relativamente reduzido de dados de sujeitos pospostos. Também com os verbos do segundo nível, E (pretéritos perfeitos regulares), a concordância diminui de 92% (508/552) na anteposição caindo para 52% (14/27) na posposição do sujeito. Com base nesses dados, podemos afirmar que existe influência da posição sobre a saliência, pois demonstram que o percentual de CV pode variar conforme a posição do sujeito em cada nível de saliência. Vejamos alguns casos:

(56) ***chegou*** mais dois espíritos (2fr)
(57) ***sairam*** os 3 amigos para a floresta (7mr)

[25] Como havia poucas ocorrências com o verbo *ser*, excluímos os resultados de tais verbos de todas as tabelas.

(58) Já ***tinha*** passado duas horas (6mr)

(59) ***chegam*** os guardas (6mp)

Selecionamos um exemplo de cada nível verbal com e sem CV para demonstrar tanto a influência da posição, como da saliência fônica verbal. Em (56), por exemplo, a posposição seria mais forte, acarretando a ausência de marcas no verbo, pois mesmo este sendo do 2º nível, de oposição marcada, não há a CV. Além disso, outro fator que contribui para a não realização da CV é o fato de o sujeito não ser humano neste exemplo. Em (57), por outro lado, o princípio da saliência estaria atuando, pois mesmo havendo posposição, há a concordância "sairam os três amigos", contribuindo também para a presença de CV o traço semântico humano do sujeito. (58) alia três fatores causadores da não-concordância: posposição, sujeito inanimado e baixa saliência, nesse tipo de caso é rara a concordância, porém, não impossível, como mostra (59), que por sua vez, apresenta um fator também determinante da concordância, o sujeito humano. Com isso, demonstramos que não há como isolar fatores na influência da aplicação da regra, pois eles atuam de maneira interligada, havendo conexão entre eles, ora predomina um, ora outro.

Para evidenciar melhor ainda tal confluência entre fatores, cruzamos a posição com o grupo de fatores: animacidade do sujeito.

Fatores	**H (+ animado + humano)**	**I (Inanimado)**	**U (+ animado – humano)**	**Total**
A: anteposto	981/1146 = 86%	17/27 = 63%	8/5 = (62%)	1003/1181= 85%
M: material interveniente	17/33 = 52%	2/2= 100%	-	19/35 = 54%
P: posposto	27/49 = 55%	8/37 = 22%	1/5 = 20%	36/91 = 40%
Total	1025/1228 = 83%	27/66 = 41%	6/13 = 46%	1058/1307 = 81%

Tabela 6 - frequência de concordância verbal segundo a posição do sujeito e a animacidade do sujeito.
Fonte: elaboração própria

Realmente, os menores percentuais de concordância ocorrem quando o sujeito está posposto, sendo ainda menores quando se trata de sujeitos inanimados, 22% (8/37), e animados, mas não humanos, 20 % (1/5), embora com esta classe não haja dados significativos visto o número restrito de ocorrências. Estes dados demonstrariam a influência

do traço semântico sobre a posição, pois entre os pospostos, o percentual de CV só prevalece, só é maior quando o sujeito é humano, 55% (27/49).

(60) ***Eram três amigas*** (5fr)
(61) E lá se ***vão os jovens*** (5fr)

Além disso, tanto na anteposição, quanto na posposição, o percentual de CV é menor quando o sujeito não é humano, conforme os exemplos sugerem:

(62) pois ***era só alguns kilometros*** a mais (Sfr)
(63) onde ***ficava as onças*** (2mr)

Já os percentuais de CV com os sujeitos antepostos demonstrariam que a posição seria mais forte do que o traço semântico, pois mesmo com o sujeito humano, houve uma diminuição neste percentual de 86% (981/1146) com sujeito anteposto para 55% (27/49) com posposto. Vejamos alguns exemplos que poderiam evidenciar a importância da posição:

(64) E ***estava os três*** perdidos (6mr)
(65) ***estava os três*** bem (6mr)
(66) ***disia os dois amigos*** a eles (Sfp)

Os exemplos acima ilustram tal preeminência da posição sobre o traço semântico, pois mesmo o sujeito referindo-se "aos garotos que se perderam na floresta", portanto, humanos, não traz marcas de plural no verbo, fato que pode ser atribuído, além da posposição, à baixa saliência dos verbos.

Novamente, esta tabela nos permite verificar a confluência entre os fatores que não atuam isoladamente, mas sim de forma conjunta, um prevalecendo sobre o outro em determinadas circunstâncias.

Fatores	FREQUÊNCIA	PR
K: verbo intransitivo sem adjunto	554/637 = 86%	.61
M: objeto direto preenchido por nome	619/736 = 84%	.41
P: predicativo do sujeito	193/225 = 85%	.70
V: adjunto adverbial	523/613 = 85%	.47
J: objeto direto preenchido por "ele/a"	9/12 = 75%	.41
I: objeto indireto preenchido por nome+ preposição	75/94 = 79%	.30
B: oração subordinada substantiva objetiva	19/34 = 55%	.18
O: objeto direto preenchido por pronomes oblíquos átonos:"o(s)/a(s), lo(s), la(s)"	25/33 = 75%	.26
Z: objeto indireto preenchido preenchido por pronome oblíquo tônico.	3/4 = 75%	.07
Total	80	-

Tabela 7 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo o termo à direita do verbo.
Fonte: elaboração própria

Este grupo de fatores foi elaborado a fim de verificar se o elemento situado à direita do verbo poderia causar alguma interferência na presença ou ausência de concordância. Tal grupo foi selecionado em quarto lugar pelo GOLDVARB, fato que atribuímos principalmente ao fator: oração subordinada substantiva objetiva direta, pois este tipo de construção apresentou o índice mais baixo de concordância do grupo, 55% (19/34). Este resultado poderia demonstrar uma tendência à não concordância se comparado à frequência das outras funções, que gira em torno de 80%. Assim, embora o percentual de CV ainda seja superior a 50%, em comparação aos outros fatores deste grupo e considerando o peso relativo, que é muito baixo, 0.18, podemos pensar em uma tendência à não-concordância, conforme os exemplos demonstram:

(67) as mães deles não **sabia**Ø que /seus filhos usavam droga (2fr)
(68) todos os outros negavam, **achava**Ø que /ele estava perdido (3fr)
(69) (eles) **acredita**Ø/ que *poderá*Ø conseguir suportar suas dificuldades (8mr)
(70) eles **vê**Ø / que eles se perderam (7mg)
(71) e os canibais escutaram um barulho/ e **vil**Ø que / era ums dos jovens (7mr)

A sequência de exemplos (67) a (71), mostra que as orações principais que possuem uma oração subordinada substantiva objetiva direta têm menores chances de realizar a concordância, pois não há marca formal de plural na maioria dos seus verbos, como exemplificado acima. É importante observar também que a maioria dos exemplos é composta de verbos pertencentes ao 1º nível, de oposição não marcada, outro fator que contribui para a ausência de CV. Fazendo esta ressalva, poderíamos estabelecer a hipótese de que as orações que possuem como complementos outras orações subordinadas poderiam ter chances de não carregar em si as marcas formais de plural, além de a própria oração subordinada poder apresentar variação em relação às marcas formais de plural nos verbos, como procuramos evidenciar.

Outro elemento à direita do verbo que nos chamou atenção foi o objeto direto preenchido pelo pronome oblíquo átono. Embora o percentual de CV seja superior com tal elemento, 75% (25/33), o peso relativo não indica um favorecimento da regra. Ao contrário, a probabilidade de .26 indicaria uma tendência à não concordância. Vejamos alguns casos para analisar melhor tal fenômeno:

(72) Elas **amarraram-na** (6fp)
(73) Eles **o acharam** (6fp)
(74) e as brincadeiras infantis de criança já não **os agradavam** (3fr)

Os três exemplos acima poderiam servir como ilustração apenas do percentual, que indica um predomínio da CV. Neles, além da CV, há o uso dos pronomes de acordo com a norma, o que não ocorre na sequência abaixo:

(75) os caçadores **os *encontrouØ*** /e **os *levouØ*** (1mr)
(76) dois biólogos acampados que conheciam a mata /onde eles estavam/e **os ajudou*Ø*** a encontrar o caminho (Smr)
(77) os caminhos ***poderiaØ*** faze-**los** (3fr)

O exemplo (75) é importante porque possui três fatores normalmente condicionantes da presença de CV: o paralelismo formal, o sujeito anteposto humano e o verbo de alta saliência, marcado e, no entanto, a concordância não é realizada, fato que poderia estar ligado, portanto, ao uso do pronome oblíquo átono "os". O fato de o informante pluralizar o pronome antes do verbo faria com que dispensasse outra marca de plural. Assim, ao pluralizar o

pronome *"os"*, acabaria perdendo a referência do sujeito, deixando o verbo no singular. Trata-se, portanto, do princípio geral que afirmamos reger a concordância "quando o informante não percebe a relação sujeito/verbo, quando ela é menos perceptível, deixa de realizá-la" e a presença do oblíquo átono no plural principalmente antes do verbo seria outro fator que dificultaria tal relação entre verbo/sujeito.

Em (76), outro fator condicionante da CV, além da oposição marcada do verbo (2º nível) é o sujeito nulo, que conforme Rodrigues (1987) favoreceria mais a CV do que o sujeito expresso pronominal, por exemplo, e, contudo, a concordância também não é efetuada, o que poderia ser atribuído ao pronome oblíquo átono.

Os dados da tabela mostraram-nos também que quando o elemento à direita do verbo é um predicativo do sujeito, houve 85% (193/225) de concordância e um peso relativo de 0.70, o maior deste grupo, sugerindo que este pudesse ser mais um fator a exercer influência sobre a CV. Observemos a sequência de exemplos:

(78) **os meninos ficaro <u>asudado</u>**[26] (5mr)
(79) elas se perderam na floresta e **ficaram <u>preocupadas</u>** (6fp)
(80) **Ficaram <u>surpresos</u>** no sumiço (7mp)
(81) **Todos ficaram <u>encantado</u>** (7fr)
(82) **Joao pedro e caio já estarião <u>pronto</u>** (7pg)
(83) **era os 3 amigos <u>perdidos</u>** (7mr)
(84) E **eles estava <u>enjoado</u>** (8mr)
(85) como já **estava <u>cansados</u>** (1mr)
(86) **O Fernando e o Fabio ficou <u>desesperado</u>** (8mg)

De (78) a (82), temos uma série de verbos de estado concordando com seus sujeitos inativos, evidenciando a tendência à concordância quando há um predicativo do sujeito na oração. A partir de (83) até (86), os verbos não trazem as marcas de plural mesmo com o predicativo, fato que poderia ser atribuído a outros fatores, como os verbos de baixa saliência, a posposição, dentre outros.

Estes foram os subfatores que se mostraram mais significativos neste grupo, pois a probabilidade confirma a porcentagem e o número de ocorrências é razoável. Embora o objeto direto preenchido por nome, o verbo intransitivo sem adjunto, o adjunto adverbial e o objeto indireto preenchido por nome mais preposição também tenham apresentado número de

[26] Ficaram assustados.

ocorrências significativo, o peso relativo, em torno de 0.4, não evidenciou uma tendência clara. Outros subfatores, como o objeto direto preenchido por *ele/ela* e o objeto indireto preenchido por pronome oblíquo átono (lhe) não tiveram número de ocorrências suficiente. Por isso, necessitaríamos de uma análise mais profícua, com uma quantidade de dados maior para podermos afirmar com certeza a influência de tais fatores.

Fatores	**FREQUÊNCIA**	**PR**
O: Sujeito não-pronominal: nome lexical ou outros pronomes	404/558 = 72%	.37
E: Sujeito pronominal explícito	613/712 = 86%	.42
U: Sujeito nulo, não expresso	1002/1117 = 89%	.61
Total	2019/2387 = 84%	-

Tabela 8 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo a presença/ausência do sujeito pronominal.
Fonte: elaboração própria

> [...] a elipse pode ocorrer quando o verbo é marcado em pessoa e número. Nesse caso, a referência do sujeito Ø tem a ver com a flexão do verbo; o sujeito será sempre pronominal, pois como explica Galves (1984, p.119), fundamentada em Huang (1983, p.26) "o que qualifica em certas línguas, a categoria vazia sujeito como pronominal é a presença nessas línguas de um elemento de concordância, ou seja, 'AGR' (Agreement)". Se o sujeito não se encontra na frase, a desinência verbal não é redundante, e as relações entre o verbo e o seu sujeito extra-sentencial só podem ser estabelecidas por meio da concordância. (RODRIGUES, 1987, p.169)

Podemos afirmar que, mesmo que de maneira discreta, a hipótese estabelecida por Rodrigues (1987) segundo a qual o sujeito pronominal nulo favorece a flexão verbal, pode ser observada neste trabalho devido ao alto percentual de CV com este tipo de sujeito, 89% (1002/1117). A probabilidade acima de .5 (.61) comprovaria esta tendência. A explicação para esta hipótese é que, se o sujeito não se encontra expresso na frase, a flexão não sendo redundante, tende a ser utilizada, já que constituiria a única pista formal e semântica para a identificação do sujeito. A autora (1989) ratificou esta hipótese posteriormente da seguinte maneira: "é lícito pensarmos num hipotético comprometimento do conteúdo informacional da frase já que, isoladamente, a forma verbal não-marcada não indica formal e semanticamente o sujeito da oração" (RODRIGUES, 1989, p.150). Vejamos alguns casos de sujeito nulo para analisarmos melhor esta influência:

(87) (eles) **pegaram** o ônibus/ e **foram** embora / e **contaram** o ocorrido / aos seus familiares que ficaram aliviados (3fr)

(88) eles resolveram acampar em uma floresta /mal **sabiam** / **ou imaginavam** / **adentraram** mata adentro / sem se **preocuparem** (Smr)

As três orações da sequência de exemplos (87) possuem verbos marcados formalmente e sujeitos nulos, o que comprovaria a hipótese de Rodrigues (1987). Mas além de o sujeito estar oculto, todos os verbos são também de oposição marcada, o que favorece ainda mais a CV.

Por outro lado, em (88), as duas primeiras orações com sujeito nulo destacadas e a última possuem verbos do primeiro nível, de oposição não marcada (*sabiam, imaginavam, preocuparem*) e, mesmo assim, há a realização da flexão verbal, o que comprovaria de fato a importância dos sujeitos nulos para a presença de CV. Embora pelo contexto o sujeito seja totalmente recuperável, não havendo ambiguidade, a concordância é efetuada em decorrência de o sujeito não estar expresso.

Observando apenas os percentuais da tabela, poder-se-ia afirmar que há o predomínio geral da CV nos três grupos deste fator, pois a presença de CV gira em torno de 80%, com diferença numérica não muito representativa. Os exemplos abaixo demonstram casos de sujeitos pronominais explícitos com CV:

(89) ***eles eram*** amigos (3fr)

(90) ***eles ficaram*** muito apavorado (Smr)

(91) ***eles*** inocentemente não sabendo de nada se ***perderam*** (1mp)

No entanto, analisando também os pesos relativos da tabela, pode-se observar que quando o sujeito está expresso por pronome pessoal *eles/elas*, haveria de certa maneira, menos chances de concordância, pois além do percentual de CV cair para 86% (613/712), em comparação com o nulo, o peso relativo abaixo de 0.5 (.42) poderia indicar uma leve tendência à não aplicação da regra, embora próximo da neutralidade. Neste caso, a concordância poderia ser "dispensada" devido ao fato de o sujeito já indicar o número, não havendo necessidade de mais uma marca no verbo.

(92) ***eles fasiaØ*** foguera na floresta (5mp)

(93) ***Eles falouØ*** não se mecham (5fr)

(94) ***Elas pediØ*** ajuda para trocar (6fr)

Embora os exemplos acima possam sugerir que o sujeito pronominal *eles/elas* favoreça a não concordância, em nosso *corpus*, houve um alto percentual de CV, o que não nos permite afirmar que ele esteja de fato favorecendo sua ausência. Some-se a isso que a diferença entre o percentual de CV com sujeito nulo e sujeito expresso por *eles/elas* é pequena, de apenas 3%.

Comparando o percentual de CV de sujeito nulo (89%), com o de sujeito expresso por nome lexical e outros pronomes, vemos um declínio de quase 20% neste percentual: 72% (404/558). Mas ainda assim, 72% é um percentual significativo de presença de CV. Citamos abaixo alguns exemplos que ilustram como ela ocorre nestes casos:

(95) **os dois** ***ficaram*** desesperados (1mr)
(96) **os três amigos** ***estavam*** muito cansado (3mp)
(97) **René e Antonio** ***estavam*** tendo dificuldades (3mr)
(98) **Os amigos** ***foram*** acampar (6fr)

Excluindo-se o percentual e centrando-se no peso relativo, os números sugerem que o sujeito explícito expresso por *nome lexical e outros pronomes* que não os pessoais *eles/elas* teria a tendência de acarretar o uso de formas verbais não-marcadas, pois apresentou o menor percentual de CV do grupo de fatores e a menor probabilidade, .37, esta última inferior às dos outros subfatores. Observemos os seguintes exemplos de ausência de concordância:

(99) Seus familiares já ***estavaØ*** preucupado (6mr)
(100) os dois ***começouØ*** a procura-la (Smp)
(101) Os menino ***perguntouØ*** ao caçador (7mp)
(102) Os três amigos ***saiuØ*** correndo (1fr)

Nos exemplos acima, "a perda da informação" causada pelo apagamento da desinência número-pessoal dos verbos seria compensada pelo uso do nome ou do pronome lexical. Destacamos ainda o fato de que quando o sujeito é constituído de nome, diferentemente do pronome pessoal *eles/elas*, pode vir acompanhado de outros determinantes e estes, por sua vez, podem vir ou não marcados com plural (paralelismo formal no nível oracional), o que poderia contribuir para a presença/ausência de CV. É o que ocorre no exemplo (92), em que

não há marca de plural no último elemento do SN sujeito “os meninoØ”, não havendo também no verbo. Embora saibamos da influência do paralelismo formal, não realizaremos o cruzamento com tal grupo de fatores, pois há poucas ocorrências de ausência de marca formal de plural no SN conforme veremos à frente. Consideramos mais produtivo o cruzamento com a saliência fônica verbal.

Saliência / Sujeito	R Fala/m	F Fez/fizeram	E Falou/falaram	L Está/estão	V Faz/fazem	W é/são	Total
O: Nome ou outros pronomes	145/231= 63%	63/72 = 88%	176/221= 80%	13/16= 81%	5/42= 12%	2/6=33%	404/558= 72%
E:pronominal explícito	160/225= 71%	83/87= 95%	335/352= 95%	25/26= 96%	10/22= 45%	-	613/712= 86%
U: nulo	190/245= 78%	126/131= 96%	637/661= 96%	29/30= 97%	18/48= 38%	2/2= 100%	1002/1117= 90%
Total	495/701= 71%	272/290= 94%	1148/1234= 93%	67/72= 93%	33/82= 40%	4/8= 50%	2019/2387= 85%

Tabela 9 - frequência de concordância verbal segundo a presença/ausência do sujeito pronominal e a saliência fônica verbal.
Fonte: elaboração própria

Analisando a tabela acima verticalmente, percebemos que há um percentual crescente de presença de CV em todos os níveis das classes verbais de acordo com a presença/ausência do sujeito, pois os percentuais aumentam quando o sujeito é nulo e também quando é expresso por pronome pessoal reto eles/elas. Na classe R, por exemplo, quando o sujeito está expresso por nomes ou outros pronomes, o percentual de CV é de 63% (145/231), aumentando para 71% (160/225) com os pronomes pessoais eles/elas e subindo mais ainda com o sujeito nulo: 78% (190/245). O mesmo ocorre com todas as outras classes verbais, havendo um aumento de 10% em média de CV do sujeito expresso para o nulo.

Mesmo analisando-a horizontalmente, percebemos que a concordância ocorre com menos frequência em todos os tipos verbais quando o sujeito é constituído de itens lexicais ou outros pronomes do que quando constituído de pronomes pessoais retos e sujeitos nulos. Por isso, podemos afirmar que tal grupo de fatores realmente exerce influência na ausência de CV.

Detalhando a análise do sujeito pronominal *eles/elas,* observamos que há uma leve tendência a deixar de concordar com verbos de baixa saliência (R e V, ama/amam; faz/fazem), pois são os menores percentuais de CV de todas as classes verbais: 71% (160/225) e 45% (10/22). Com as demais classes, o percentual de CV está em torno de 95%, o que sugeriria a atuação mais forte da saliência do que do pronome influenciando a CV.

(103) ***Eles não tinha*** muito comida (5mg)
(104) como ***eles ia sobreviver*** no meio da mata (7fr)
(105) ***Eles se chamava*** Nayara, Carol e Fernando (7fr)
(106) para ***eles se esquentar*** (5fr)
(107) Era para ***elas espera*** no mesmo lugar (6fp)

A sequência de exemplos abaixo, por outro lado, demonstra a tendência de a CV ser efetuada com verbos de alta saliência referentes a sujeito pronominal *eles/elas.*

(108) ***Eles fizeram*** como se estivesse em uma floresta (7fr)
(109) ***eles correram*** e (7mp)
(110) ***eles não conseguiram*** mas andar(7mp)
(111) ***eles voltaram*** a procurar os equipamentos (6mr)

Embora a presença de CV tenha sido predominante, houve uma queda em todas as classes verbais com sujeito constituído por nome ou outros pronomes, assim, os exemplos restantes, de (112) a (114) mostrariam a atuação deste tipo de sujeito de favorecer, de certa maneira, a não concordância.

(112) ***Os dois meninos não está*** encontrando a árvore (7mp)
(113) ***Os dois o lucas e o Biel foi*** procura o léo (7mg)
(114) ***os dois amigos deu*** di cara com homem (7mr)

Ainda que haja fatores influenciadores da CV, como a anteposição, o sujeito humano e o verbo de alta saliência, a concordância não é efetuada nestes casos. Isto ocorreria por um princípio de economia da própria língua, segundo o qual, onde já houvesse marcas de plural no sujeito e a relação com ele fosse extremamente marcada/óbvia, desnecessária se faria a

concordância. Seria uma tendência à deriva[27] natural, e não uma variação ocorrida devido a uma influência direta e consciente do informante. Este, automaticamente, excluiria marcas formais de plural nos contextos em que elas não fossem necessárias por já haver outras pistas de identificação do sujeito, como a anteposição e a determinação do sujeito "dois amigos", por exemplo.

Fatores	**FREQUÊNCIA**	**PR**
N: Presença de –s no último ou único elemento do SN	913/1074= 85%	.50
S: Ausência de –s no último elemento do SN	11/20 = 55%	.16
Total	924/1094 = 84%	-

Tabela 10 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo o paralelismo formal.
Fonte: elaboração própria

Na tabela 10, percebemos haver o predomínio de marcas de plural no único elemento do SN, como ocorre com os pronomes pessoais (eles) e indefinidos (muitos, todos), nos nomes sem determinantes: "meninas" ou no segundo elemento formalmente marcado: "os amigos", por exemplo. Um fato curioso é que não há muita variação no SN nas redações dos alunos de um modo geral, pois há um grande predomínio de ocorrências de SNs com marcas de plural no único ou último elemento que os compõe: 1074, o equivalente a 98% do total. Há apenas 20 ocorrências em que não há marca de plural no segundo elemento do SN, como em "as menina". Este número de ocorrências, correspondente a 2% do total, indica que a variação no SN é muito baixa na língua escrita.

Além de predominarem as marcas no SN, há igualmente o predomínio da CV quando o sujeito apresenta tais marcas, ela ocorre em 85% (913/1074) dos casos. Os exemplos abaixo evidenciam o predomínio da presença de CV nos casos em que o sujeito igualmente apresenta as marcas formais de plural no último elemento:

[27](*drift*), de Edward Sapir: Deriva não significa evolução. As mudanças linguísticas não são casuais nem desconexas. Seguem uma diretriz; há uma corrente nas mudanças. O conceito é neutro: a língua não melhora nem piora; apenas constata-se que ela muda. Várias são as razões dessa mudança, mas a principal situa-se na relação que se estabelece entre língua e cultura. A rapidez ou lentidão no processo de deriva está condicionada a condições histórico-sociais.

(115) ele**s** era**m** muito ricos (5fr)

(116) ele**s** era**m** amigos dez da infância (5mp)

(117) as pessoa**s** fizera**m** as mesmas coisa (5mr)

(118) as nossas mãe**s** não v**ão** deixar (5fr)

Na série de exemplos acima, há as devidas marcas tanto nos SNs quanto nos verbos, até mesmo nos de baixa saliência, como os exemplos (115) e (116) elucidam.

Embora o número de ocorrências com SN sem as devidas marcas formais de plural seja bastante reduzido, podemos tecer algumas considerações a seu respeito. A primeira é que mesmo com ausência de marcas, há o predomínio da CV, 55% (11/20).

(119) Os colega**Ø** se ***separão*** (2mp)

(120) Os homens mau**Ø**, ***inham***[28] destruir a ilha (7fr)

Dos poucos casos de que dispomos com sujeito sem concordância nominal, destacamos estes por demonstrarem que os informantes possuem certas dificuldades, como as ortográficas, o que demonstra que lhes falta o domínio da norma culta, do padrão, e, isso justificaria a ausência de concordância no nível oracional. Mesmo não dominando a norma padrão e cometendo erros de ortografia, tais informantes utilizam a CV. Tal fato corrobora com nossa crença de que a CV é um dos fatos que tem mais destaque, mais corrigidos e mais estigmatizados, o que talvez impeça a variação de se estender a outros níveis da fala e escrita.

Há também, entretanto, mais restritas ainda, ocorrências de ausência de paralelismo e de CV. Os dados abaixo poderiam demonstrar a hipótese de que a ausência de marcas formais de plural no SN influencia a não realização da regra de CV, pois a probabilidade de concordância nestes casos é muito baixa, .16, mesmo com o percentual de 55% (11/20).

(121) Os menino**Ø** ***perguntou*** ao caçador (7mp)

(122) os três menino**Ø** ***estava*** andando pela floresta se perderam (6mp)

Esta seria a tendência geral, sem paralelismo formal: sem CV, no entanto, não podemos comprová-la com nosso *corpus.* Se os dados tivessem apontado para um predomínio significativo da ausência de CV, poderíamos evidenciar a hipótese logo com o primeiro exemplo dado acima (121), que é interessante porque mesmo com verbo de alta saliência, a

[28] (iam)

concordância não é realizada talvez pela ausência do paralelismo formal. No segundo exemplo, (122), além da falta do paralelismo, há a baixa saliência fônica, outro inibidor da CV, atuando conjuntamente com ela.

Percebemos, portanto, que ainda não há uma influência significativa do que poderíamos considerar como marcas da informalidade e da oralidade no SN sujeito, sem as devidas marcas formais de plural, pois na grande maioria dos casos (1074/1094), há marcas de plural nos últimos ou únicos elementos que o compõem. Inicialmente, esperávamos encontrar muitas ocorrências de SN sem tais marcas, no entanto, deparamo-nos com um número reduzido deste tipo de ocorrências, fato que atribuímos ao tipo de *corpus*: a língua escrita planejada, objeto de avaliação, cujos textos são mais elaborados, planejados, revisados, enfim, não são naturais, espontâneos como a fala.

Gameiro (2005, p.146) ao analisar a CV em um *corpus* da língua falada, verificou um percentual elevado, 86% (116/135) de construções de SN sujeito sem as devidas marcas formais de plural no segundo elemento, como em "as menina", por isso, não podemos afirmar que neste ponto a oralidade esteja influenciando significativamente a escrita, pelo menos no SN. Neste tipo de texto escrito, mantém-se quase categórica em relação à presença das marcas formais de plural.

Estes dados poderiam permitir-nos afirmar que num *corpus* de língua escrita formal, a variação no SN não ocorre com muita frequência e a pluralização do SN no último ou único elemento é quase categórica, configurando-se assim, um fator condicionante à realização da regra da CV.

FATORES	FREQUÊNCIA	PR
H: Humano	1984/2305 = 86%	0.51
U: Não-humano +animado	6/13 = 46%	0.32
I: Inanimado	29/69 = 42%	0.25
Total	2019/2387 = 84%	

Tabela 11 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo o valor semântico do sujeito.
Fonte: elaboração própria

Este grupo de fatores revelou-se, em nosso *corpus*, um possível controlador da CV, visto que quando o sujeito é humano, as chances de realização da CV são maiores do que quando inanimado. Se compararmos os percentuais de CV destes dois grupos, veremos que este último apresenta menos da metade de chances de concordância, 42% (29/69), com um peso relativo igualmente baixo (0.25) como a sequência de exemplos abaixo evidencia:

(123) **frutas** que ali **existia** (3fr)
(124) **os celulares não funciona** (3fr)
(125) **os caminhos poderia faze-los** (3fr)
(126) **seus objetivos era** chegar na cochoeira (3fr)
(127) **Outras coisas** que **forem** importantes (6fb)
(128) **roupas e alimentos haviam** sido roubados (3fr)

Todos os sujeitos são inanimados e não-humanos, portanto, a concordância tende a não ser realizada, mesmo havendo marcas formais de plural nos sujeitos e estando antepostos. Mas além deste fator, a saliência também estaria atuando em conjunto nos exemplos acima observados, pois a diferença fônica entre singular e plural dos verbos é baixa.

É interessante compararmos os exemplos (123) e (127), que apresentam dois fatores inibidores da CV além do sujeito inanimado: verbos de baixa saliência e pronome relativo, e, entretanto, a concordância é efetuada apenas no último, fato que poderia ser atribuído à presença do predicativo do sujeito, também no plural. Em (128), a CV é efetuada também com sujeito inanimado e verbo de baixa saliência, o que poderia ser atribuído ao paralelismo formal, oracional, pois o sujeito composto traz marcas de plural nos dois elementos: **roupa<u>s</u> e alimento<u>s</u>.**

O sujeito não-humano, mas animado, embora tenha poucas ocorrências, também demonstrou tendência à não-concordância, pois concorda em menos da metade dos casos 46% (6/13). Vejamos alguns exemplos:

(129) **Eram 5 pânikos** (6fp)
(130) **bichos apareciam** por todos o lado (8fg)
(131) **começa a aparecer mula-sem-cabeça, saci, curupira**, etc (8fg)
(132) **Divia ser os macacos** (7mr)
(133) **onde ficava as onças** (2mr)
(134) **animais selvagens que é** atropelados na pista (8mg)
(135) dos **animais que podia devora**-los (3fr)

Nos dois primeiros exemplos, ocorre CV mesmo com o sujeito não-humano, em (129), o sujeito ainda está posposto. Mas (130) é o caso típico de sujeito que favorece a CV: anteposto, com CN, sem material interveniente.

Os exemplos restantes da série, de (131) a (135) vêm corroborar a hipótese da confluência de fatores atuando na CV, pois de (131) a (133), há a posposição e baixa saliência atuando em conjunto ao traço semântico não humano do sujeito. Já os dois últimos exemplos têm também a presença do relativo *que* além destes dois fatores. Os exemplos acima evidenciariam, portanto, não só o traço semântico do sujeito, mas também a confluência dos fatores que detalharemos com o cruzamento com a saliência fônica verbal abaixo.

Saliência / Sujeito	**R Fala/m**	**F Fez/fizeram**	**E Falou/falaram**	**L Está/estão**	**V Faz/fazem**	**Total**
H: humano	472/647= 73%	271/289= 94%	1139/1212= 94%	67/72= 93%	31/80= 39%	1984/2305= 86%
I: inanimado	18/44= 41%	1/1= 100%	8/12= 40%	0	2/2= 100%	29/69= 42%
U: animado, menos humano	5/10= 50%	0	1/2= 50%	0	0	6/13= 46%
Total	495/701= 71%	272/290= 94%	1148/1234= 93%	67/72= 93%	33/82= 40%	2019/2387 = 85%

Tabela 12 - frequência de concordância verbal segundo o valor semântico do sujeito e a saliência fônica verbal.
Fonte: elaboração própria

A tabela 12 evidencia que o tema da redação feita pelos alunos propiciou construções com sujeito humano, pois somando sujeito inanimado e o "animado menos humano" não alcançam 100 ocorrências. No entanto, acreditamos que estes fatores podem evidenciar uma tendência à não-concordância, pois a categoria verbal R, de oposição não marcada, que apresenta um número passível de análise, evidenciou que o percentual de concordância

diminuiu de 73% (472/647) com sujeito humano para 41% (18/44), com inanimado. A mesma tendência é notada no percentual dos verbos representantes da segunda classe, como a dos pretéritos perfeitos regulares, que de 94% (1139/1212) de concordância com sujeito humano, caiu pra 40% (8/12) com sujeito inanimado. As outras classes verbais têm um número muito reduzido de ocorrências, não nos permitindo assim, tecer considerações.

Devido ao número muito reduzido de ocorrências com o sujeito inanimado, podemos averiguar os casos para verificar a tendência:

(136) ***Pequenos detalhes*** não importava (8fr)
(137) veio em seguida ***os desesperos*** (8fp)
(138) ***alimentos*** que servia para comer (2fp)

Novamente, o que observamos por meio dos exemplos é que não há a atuação isolada do traço semântico menos humano e menos animado, mas sim a atuação conjunta deste fator com os demais, como por exemplo:

a) com a saliência, visto que o verbo do exemplo (136) apresenta diferença fônica pequena entre singular/plural;

b) com a posposição do sujeito no exemplo (138) e

c) a presença do *que* relativo no (121)

Tais fatores atuariam em conjunto com o traço não-humano do sujeito, apresentando uma tendência à não-concordância.

FATORES	FREQUÊNCIA	PR
F: Feminino	995/1154 = 86%	.56
M: masculino	1025/1234 = 83%	.44
Total	2021	

Tabela 13 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo o sexo dos informantes
Fonte: elaboração própria

Estudos sociolinguísticos já demonstraram que as mulheres em geral preocupam-se mais com o modo como falam e por isso são as que mais utilizam a regra padrão, de prestígio.

Além disso, as mulheres tendem a ser mais conservadoras do que os homens. Para Rodrigues (2000, p.44,45):

> tal conservadorismo se manifesta quando mudanças linguísticas estão operando em direção oposta à da variedade de prestígio, ou seja, as mulheres preferem as formas mais antigas quando se trata da implementação de uma forma não padrão; ao contrário, mostram-se mais inovadoras quando a mudança é no sentido de uma forma prestigiada.

A própria probabilidade em torno de .5 (próxima à neutralidade) e a pequena diferença de percentual de CV entre homens e mulheres poderiam contrariar a tendência observada e comprovada por vários estudos sociolinguistas. A influência do sexo dos informantes pode ter sido "neutralizada" pelo fato de todos os informantes estarem no mesmo ambiente: a escola, pertencerem a um nível social próximo e terem, portanto, os mesmos hábitos, o mesmo contato linguístico.

Como ainda frequentam a escola, não trabalham formalmente, não vivenciam uma "pressão social", independente de serem homens ou mulheres, não estariam tão preocupados no momento com a linguagem, com o modo como falam. Por isso, apresentaram percentual de presença de CV próximo: 86% (995/1154), as mulheres e 83% (1025/1234) os homens.

FATORES	FREQUÊNCIA	PR
Q: Presença do *QUE*	35/62 = 56%	.30
Z: Ausência do *QUE*	1985/2326 = 85%	.51
Total:		

Tabela 14 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo a presença/ausência do *que* relativo.
Fonte: elaboração própria

Os resultados da tabela 14 demonstram que a presença do *que* relativo poderia ser considerada um fator inibidor da CV, da marca explícita de plural nos verbos, pois há quase 30% de diferença entre os dois subfatores: presença e ausência do *que*. O percentual de CV quando tal pronome está presente na oração é de 56% (35/62), inferior aos 85% (1985/2326) quando está ausente. Embora o percentual de presença de CV seja superior ao de ausência com o pronome relativo, o peso relativo é baixo, 0.30, sugerindo realmente a tendência à não-concordância com sujeito expresso por tal pronome:

(139) três amigos **que se chamava** Bruno (2mr)

(140) os meus amigos da Unespi **que** se **chamava** José, Rafael e Alex **foram** acampa bem longe (5mr)

(141) bichos que eles nem faziam ideia **que existia** naquele lugar(2fr)

(142) Voltaram para o mesmo caminho **que veio** (8mg)

(143) os dois amigos **que ficou** na cabana (1mr)

Em (139), mesmo o sujeito sendo animado e humano, não ocorre a CV padrão, fato que poderia ter sido influenciado tanto pelo relativo *que* como pela baixa saliência fônica verbal. (140) apresenta um período composto de duas orações, na primeira a concordância não é efetuada devido à presença do relativo e à baixa saliência verbal. Já a segunda oração do período, *foram acampa,* em que o sujeito está distante e a forma verbal possui uma diferença fônica entre o singular e o plural maior, a CV é empregada pelo informante. A oração destacada no período do exemplo (141) também não traz a CV, comprovando a importância do pronome relativo para a concordância. Porém, os dois exemplos da série que mais confirmam a importância deste fator são os dois últimos (142 e 143), pois mesmo com verbos de alta saliência, a concordância não é efetuada.

Desta forma, esta tabela também corrobora com a tendência geral observada em outros trabalhos de a concordância ocorrer mais comumente quando não há a presença do *que,* visto que os percentuais e a probabilidade de a CV ocorrer são menores com o relativo.

Relativo / **Saliência fônica**	**Presença do *que***	**Ausência do *que***	**Total**
R: fala/falam	20/42= 48%	476/660 = 72%	496/702 = 71%
F: fez/fizeram	4/5 = 80%	268/285 = 94%	272/290 = 94%
E: falou/falaram	10/14 = 71%	1138/1220 = 93%	1148/1234 = 93%
L: está/estão	0	67/72= 93%	67/72 = 93%
V: faz/fazem	1/1 = 100%	32/81 = 40%	33/82 =40%
W: é/são	0	4/8 = 50%	4/8 = 50%
Total	35/62 = 56%	1985/2326 = 85%	2020/2388 = 85%

Tabela 15 - frequência de concordância verbal segundo a presença/ausência do *que* relativo e a saliência fônica verbal.
Fonte: elaboração própria

Esta tabela pode explicar por que a presença do *que* relativo não foi selecionada como um dos principais fatores condicionantes da CV pelo programa. Embora o percentual de CV seja menor de um modo geral quando o pronome faz referência ao sujeito, observamos percentuais altos de CV mesmo com o relativo quando os verbos são de alta saliência: 71% (10/14) para os da classe E e 80% (4/5) para os da classe F, mesmo que não haja um número muito expressivo de ocorrências, acreditamos que eles possam ser indicadores desta influencia da saliência sobre a CV. Observemos alguns exemplos:

(144) **os índios que começaram** a fazer (8fp)
(145) **As meninas que andaram** em direção (8fr)
(146) **todos que entrão** nesta floresta (1mp)
(147) **os índios que os receberam** muito bem (1fr)

Assim, poderíamos afirmar que a força da saliência fônica verbal é tão forte que nem o relativo seria capaz de inibir a concordância verbal. Mas esta consideração deve ser suavizada pois quando se trata da classe R, cuja oposição singular/plural é bastante inacentuada, a presença do relativo inibiria a CV, assim, seriam os dois fatores atuando em conjunto conforme a sequência de exemplos (139) a (141), da tabela 15 evidenciou.

5.1.4 Análise dos grupos excluídos pelo programa GOLDVARB, considerados como estatisticamente irrelevantes.

Como já afirmamos, os dois fatores excluídos foram a escolaridade e o papel semântico do sujeito, porém, consideramos importante evidenciar os resultados destes fatores em nosso *corpus*.

Fatores	Frequência	Peso Relativo
5ª série do EF	322/358 = 89%	.58
6ª série do EF	282/362 = 77%	.39
7ª série do EF	402/475 = 84%	.47
8ª série do EF	355/412 = 86%	.52
1ª série do EM	185/210 = 88%	.51
2ª série do EM	247/292 = 84%	.53
3ª série do EM	104/126 = 82%	.55
Supletivo	123/153 = 80%	.45
Total	2020/2388 = 84%	-

Tabela 16 - frequência e peso relativo de concordância verbal segundo a escolaridade dos informantes.
Fonte: elaboração própria

A escolaridade, fator que comumente exerce grande influência na regra de CV, não apresentou relevância estatística com os dados deste *corpus*. Os pesos relativos, todos em torno de .5, evidenciam a neutralidade deste grupo de fatores neste trabalho. Inicialmente, havíamos nos espantado com tal resultado, porém, como todos os informantes do *corpus* frequentam o mesmo ambiente: a mesma escola, residem em bairros próximos, escreveram sobre o mesmo tema, mesmo tipo de texto, acabaram apresentando percentuais próximos de CV, fato interessante que demonstra que o ser humano é fortemente influenciado pelo meio em que vive e que fatores socioeconômicos e culturais contribuem para o seu desenvolvimento e desempenho em relação à linguagem.

Os próprios resultados do SARESP de 2008 da Escola Zita de Godoy (veja a tabela 18 abaixo) poderiam confirmar os dados de nosso trabalho, pois os alunos do Ensino Fundamental (6ª e 8ª série) apresentaram melhor desempenho na prova de Língua Portuguesa do que os do Ensino Médio. A tabela abaixo demonstra o nível de proficiência das séries que participaram da avaliação em 2008. Ela demonstra que os alunos da sexta série obtiveram os melhores resultados, pois apresenta um percentual de alunos no nível avançado muito maior do que os do Ensino Médio. Já em relação aos alunos no nível abaixo do básico, a situação se inverte, há um percentual maior no Ensino Médio do que na sexta série. A oitava série, embora apresente o menor número de alunos no nível abaixo do básico, não possui muitos alunos no nível adequado e sim no básico.

Em reunião para discussão dos resultados do SARESP, professores e coordenadores chegaram à conclusão de que os alunos do Ensino Médio vão perdendo o interesse, faltam demais às aulas, pois percebem que não repetem o ano facilmente, e isso prejudica seu desempenho escolar. Ao contrário das séries iniciais, 5ªs e 6ªs, em que os alunos são mais dedicados, aplicados e chegam com vontade de aprender. Talvez esses dados ajudassem a entender os nossos resultados, visto que esperávamos um percentual maior de aplicação da CV nas séries do Ensino Médio.

Níveis de proficiência	6ª série Ensino Fundamental	8ª série Ensino Fundamental	3ª série Ensino Médio
Abaixo do básico	13,5 %	11,08%	15,3%
Básico	31,8%	61,8%	42,7%
Adequado	42,8%	20,8%	40%
Avançado	12,4%	5,6%	1,5%

Tabela 17 - Distribuição do percentual dos alunos no nível de proficiência do SARESP
Fonte: http://saresp.edunet.sp.gov.br/2008/Boletim.aspx?opc=2

Estes dados do SARESP chamam atenção principalmente por evidenciarem um número muito baixo de alunos da terceira série do Ensino Médio (antigo colegial) no nível avançado, apenas 1,5%. Já os da sexta série são os que possuem o maior número de alunos no nível avançado, 12,4%, o que poderia ser uma explicação para os resultados encontrados em nosso *corpus*.

Fatores	Frequência	Peso Relativo
G: agente	1479/1689 = 87%	.49
P: paciente	211/243 = 86%	.50
X: experimentador	216/275 = 78%	.56
V: inativo	103/166 = 62%	.48
F: beneficiário	11/15 = 73%	.53
Total	2020/2388 = 84%	-

Tabela 18 - frequência e peso relativo de concordância verbal em relação ao papel semântico do sujeito.

Fonte: elaboração própria

Tal grupo foi excluído porque independentemente do papel semântico do sujeito, houve um predomínio geral da CV com os dados do nosso *corpus*. Além disso, todos os pesos relativos estão em torno de 0.5, probabilidade neutra, que não interfere na regra de concordância, ou seja, o peso relativo indica que o papel semântico não atua significativamente no uso variável da CV.

5.2 Análise da avaliação que os informantes fazem da CV.

Esta seção está divida da seguinte maneira, inicialmente, apresentamos as informações gerais sobre a discussão da CV como sendo um fato estigmatizado, bem como sobre a apresentação dos resultados. A segunda parte apresenta a análise dos resultados do teste de percepção por meio de tabelas.

5.2.1 Considerações iniciais

Podemos afirmar que de uma maneira geral, a ausência de CV é considerada como um dos traços linguísticos em variação na língua portuguesa mais reconhecidos, mais estigmatizados socialmente, avaliada como um traço extremamente marcado tanto por falantes leigos como por nós, linguistas e professores de língua portuguesa. Tamanho é o destaque conferido à CV que até poderia ser comparável a alguns casos do chamado português rural, como "trabaia", "amemo" e "hómi", no lugar de "trabalha", "amamos" e "homem", por exemplo. No entanto, acreditamos também que haja graus de percepção desses falantes leigos em relação à CV, graus estes dependentes de fatores internos e externos à língua. Desta maneira, em alguns contextos linguísticos, ela seria mais facilmente reconhecida, percebida do que em outros. A fim de averiguar esta hipótese, nesta seção, analisamos as relações diretas entre atitudes sociais e comportamento linguístico dos informantes de nosso *corpus* (LABOV, 1983, p.37) por meio de uma espécie de avaliação subjetiva detalhada na parte de metodologia.

Labov (1983, p.31) afirma que não se pode compreender o desenvolvimento da mudança de uma língua fora da vida social da comunidade em que ela ocorre, pois as pressões sociais operam continuamente sobre a língua. Como já foi dito anteriormente, não podemos afirmar que há mudança na CV no *corpus* de língua escrita por nós analisado, entretanto, pudemos observar uma variação, que é condição para mudança. Sendo assim, o julgamento que os informantes fazem de um fenômeno linguístico em variação desempenha importante papel na sua contenção ou propagação. Por isto, consideramos importante complementar a análise objetiva feita no item anterior com uma análise da percepção dos informantes a fim de investigar a influência de fatores sociais e linguísticos tanto no desempenho como na avaliação que fazem sobre a CV. Como já foi esclarecido, esta análise da percepção dos

falantes em relação à CV foi inspirada no trabalho de avaliação subjetiva realizado por Labov (1983) na fala dos nova-iorquinos.

Os dados dos questionários foram codificados e receberam tratamento estatístico através do programa Goldvarb; seus resultados seguem abaixo.

Os grupos selecionados em ordem de relevância estatística foram[29]:

1º: Correção do questionário;

2º: Tipo de frase;

3º: Escolaridade do informante;

4º: Perspectiva de vida;

5º: Livros lidos;

6º: Nível social;

7º: Produção de formas verbais sem ou com marcas formais de plural;

Os grupos excluídos, considerados irrelevantes estatisticamente, foram o sexo do informante e o nível de escolaridade do responsável.

[29] Nesta seção, não dispusemos as tabelas em ordem de relevância, pois consideramos mais importante exemplificar primeiramente os "tipos de frases" para facilitar a compreensão do leitor na leitura das análises.

5.2.2 Análise da percepção dos alunos em relação à CV.

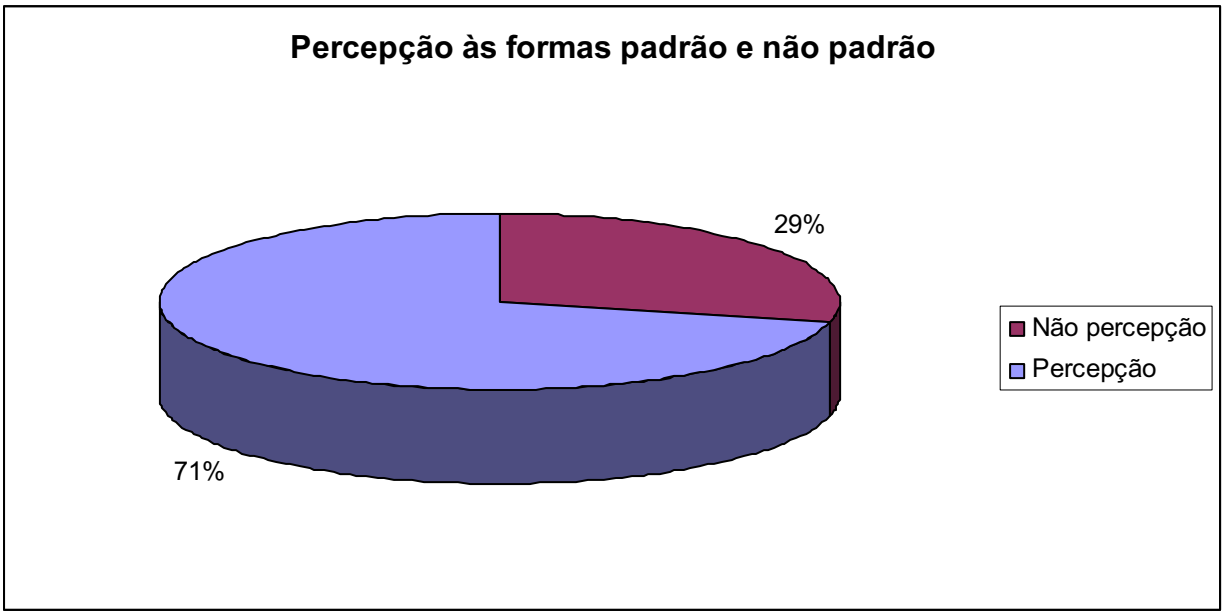


Gráfico 1- Percentual de percepção às formas padrão e não padrão
Fonte: elaboração própria

O gráfico acima evidencia o predomínio da percepção dos informantes em relação às formas padrão/não-padrão, isto é, os alunos reconheceram os traços linguísticos que estavam adequados e inadequados à norma em 71% (4397/6156) dos casos. Estes dados demonstram que a CV realmente constitui um traço linguístico perceptível aos discentes, comprovando a tese de Labov (1983) segundo a qual a classe média baixa avalia negativamente as formas desprestigiadas que ela mesma utiliza em estilos descuidados. Em um estilo de escrita formal, "cuidado" como o do nosso *corpus*, a tendência é de tais informantes utilizarem com maior frequência a norma padrão, que foi o ocorrido, como vimos na seção anterior. Haveria, portanto, uma relação entre o fato de os alunos apresentarem tal consciência linguística e o desempenho objetivo que demonstraram, isto é, só deixaram de utilizar a CV em contextos linguísticos menos perceptíveis.

O percentual menor de não percepção às formas padrão/não-padrão, 29% (1759/6156), demonstraria igualmente que os informantes só não perceberam a presença/ausência de CV em contextos menos salientes, como veremos abaixo.

Tipos de frases[30]	Frequência	Peso Relativo	Total
1º tipo: FP(CN, CV, BS)	778/1026= 75%	0.55	1026/6156 = 16%
2º tipo: FNP(CN, Ø, BS)	605/896=67%	0.43	896/6156 = 14%
3º tipo: FNP (Ø, CV, ser)	139/237 = 58%	0.32	337/6156 = 3%
4º tipo FNP(Ø, Ø, BS)	435/639= 68%	0.44	639/6156 = 10%
5º tipo: FP (CN, CV, AS)	533/614= 86%	0.73	614/6156 = 9%
6º tipo: FNP(CN, Ø, AS)	309/480 = 64%	0.39	480/6156 = 7%
7º tipo: FNP(Ø, CV, AS)	72/120 = 60%	0.34	120/6156 = 1%
8º tipo: FNP(Ø, Ø, AS)	243/358 = 67%	0.43	358/6156 = 5%
9º tipo: FP (CN, CV, ser)	316/358 = 88%	0.76	358/6156 = 5%
S tipo: FNP (Ø, Ø, ser)	336/468 = 71%	0.48	468/6156 = 7%
Y: FNP (CN, Ø, posposto)	152/359 = 42%	0.18	359/6156 = 5%
O: FNP (outras formas)	479/601 = 79%	0.60	479/6156 = 16%
Total	4397/6156 =71%	-	-

Tabela 1- frequência e probabilidade de percepção das formas padrão/não-padrão em relação aos tipos de frases.
Fonte: elaboração própria

A tabela acima apresenta interessantes resultados, sendo o primeiro o fato de a concordância verbal realmente constituir um traço linguístico perceptível aos alunos, pois, de um modo geral, em todos os tipos de frases, com verbos de baixa e alta saliência, com ou sem CN e CV, o percentual de percepção predomina, girando em torno de 60%. Apenas com o sujeito posposto a frequência de acerto foi a menor dentre todas as categorias, 42% (152/359). Este dado revela que os alunos não percebem a ausência de CV devido à posposição do sujeito; a baixa probabilidade, 0.18, menor de todas, vem corroborar com a hipótese de que quando o sujeito está posposto ao verbo, o informante não o compreende como tal. Conforme Decat (1983, p.15), as sentenças de sujeito posposto sem concordância são mais naturais no que diz respeito à estrutura da língua e isso explicaria o baixo percentual de percepção, de reconhecimento da inadequação à norma observado no *corpus*. A autora explica que a ausência de CV seria justificada pelo fato de que os SNs pospostos deixam de desempenhar a função de sujeito porque perderam entre outras, a propriedade sintática de sujeito, qual seja, a posição no início da sentença. “Ainda que ocorram casos de o verbo concordar com o SN que

está depois dele, isso não constitui evidência de que esse SN é sujeito" (1983, p.17). O sujeito posposto, portanto, seria sentido pelo falante como objeto e não como sujeito, pois ocupa na sentença, o lugar reservado ao objeto direto e, em razão disso, absorve, muitas vezes, as características desse objeto. Isto faz com que o falante não reconheça a ausência de CV, o que justifica o menor percentual de percepção de todos os fatores deste grupo.

Com verbos de alta saliência referentes a sujeitos com CN (quinto tipo), o percentual de percepção é de 86% (533/614), ou seja, alto, porém, decai para 60% (72/120) quando não há CN nos sujeitos (sétimo tipo). Os exemplos abaixo foram retirados do questionário por nós elaborado e se referem aos tipos 5 e 7, respectivamente:

(1) Os pastores contaram.
(2) As escolaØ entregaram.

Este constitui outro resultado interessante: a ausência de concordância no SN é bem menos perceptível aos alunos, como o baixo peso relativo comprova, 0.34, pois não a consideraram como uma inadequação em 40% dos dados, já que colocaram "certo" para frases em que a concordância no SN não estava efetuada.

Comparando os sextos e oitavos tipos, em que não há concordância verbal com verbos de alta saliência, com CN e sem CN respectivamente ("os colegas contouØ" e "muitos paiØ deixouØ vocês"), o percentual é próximo: 64% (309/480) e 67% (243/358), demonstrando que a falta de concordância no SN não constitui fator decisivo para reconhecimento, percepção da norma culta. Com estes tipos de frases, embora o percentual de acertos tenha correspondido à maioria dos dados, esperávamos uma taxa ainda maior, pois acreditávamos que a ausência de marcas em verbos de alta saliência fosse extremamente perceptível aos informantes.

Podemos afirmar ainda que a grande maioria dos alunos percebe a concordância do verbo *ser* com CN como "correta" (nono tipo), como em: "Estes cadernos são mais resistentes", dado o alto percentual de acertos: 88% (316/358), que é confirmado pela probabilidade 0.76. Por outro lado, mesmo havendo CV com tal verbo, quando não há CN, como em "Os fichário são mais bonitos" (terceiro tipo), os informantes não perceberam tal desvio e tanto a frequência como a probabilidade de acertos foram bem menores: 58%

[30] Legenda: FP: forma padrão; CN: concordância nominal padrão; CV: concordância verbal padrão; BS: baixa saliência; AS: alta saliência; Ø: concordância não-padrão.

(139/237), 0.32, uma das menores porcentagens também. Mais uma vez, comprovamos ser a CV mais perceptível do que a CN.

A ausência de concordância com verbos cuja diferença entre singular e plural é totalmente diferente, como o *ser* e o *ir*, "Os caderno é melhor do que fichário" (tipo *s: são, vão*) é perceptível aos informantes, dado o percentual elevado de acertos, 71% (336/468), porém, é menor, se comparada quando há CV e CN, 88% (316/358). A probabilidade de 0.48 do "tipo S", próxima à neutralidade, poderia demonstrar que com tais verbos, o percentual poderia ter sido mais alto, porém, a ausência de CN, como já vimos acima, constitui um dificultador na PFP.

Os primeiros e segundos tipos (**1º tipo:** Crianças, contem a verdade!; **2º tipo:** Filhos, nunca conte mentira!) apresentam um dos menores percentuais de percepção, o que atribuímos à pequena diferença entre singular e plural dos verbos, que torna a ausência de CV menos perceptível, assim, apenas os alunos com maior perspicácia, maior conhecimento linguístico detectariam essa inadequação à norma. Quando há CN e CV com tais verbos, o percentual é de 75% (778/1026), baixando para 67% (605/896) quando não há CV, demonstrando mais uma vez que os alunos não "enxergam" com clareza a ausência de marcas como um desvio quando se trata de um verbo de baixa saliência. Estes percentuais de percepção menores, em torno de 65% a 75%, se comparados aos de verbos de alta saliência, 71% a 88%, revelam a importância deste fator como condicionante não só da produção de formas verbais sem ou com marcas formais de plural, mas controlador também de sua percepção, de sua avaliação.

Os exemplos abaixo demonstram a atuação da saliência baixa, cuja diferença com relação aos verbos singular e plural reside apenas na nasalização da vogal átona final, tornando a percepção mais difícil:

(3) As pessoas falam mal das outras.

(4) **Os aparelhos fica** ligado o dia todo.

Com o quarto tipo, verbo de baixa saliência sem CV e sem CN, como em "Aqui, as pessoaØ costumaØ falar bem dos outros", o percentual de 68% (435/639) é próximo aos dos verbos de baixa saliência com CV: 75%, o que significa que tanto a presença como a ausência de CV não são tão perceptíveis com os verbos cuja diferença fônica é mínima.

Esta tabela nos permite concluir ainda que a CV é tão estigmatizada, tão perceptível quanto as características da variedade denominada "caipira" ou rural, muito estigmatizadas socialmente, como podemos observar no trecho abaixo:

> Ele (o Marques de S. Vicente, Pimenta Bueno) tinha "vícios desagradáveis de pronúncia, não determinados por defeitos de organização dos órgãos da voz, mas por desmazelados e maus costumes, trazidos da segunda infância, que nunca pensou depois em corrigir, e mais tarde isso lhe foi impossível: dava ao *l* o som de *r*, pecava em outras pronúncias; mas, ainda assim falando na tribuna, impunha silêncio, obrigava a atenção"[...] (MACEDO, M. J. apud: AMARAL, 1982).

O trecho acima demonstra que a própria literatura retrata o preconceito existente em relação às pessoas que não possuem um falar de acordo com a norma, com o padrão, pois o autor caracteriza o personagem como sendo "desmazelado, de maus costumes", apenas por apresentar "vícios desagradáveis de pronúncia", trocar o l por r, como muitos brasileiros fazem e nem por isso possuem "maus costumes".

Dentre as inúmeras características do chamado português rural, analisamos algumas relativas à fonética, como a despalatização (paia, trabaia, por palha e trabalha), o acréscimo de vogais (portugueis, por português), a desnasalização de nomes, (hómi, por homem), e a troca das consoantes "l" por "r" (bicicreta, por bicicleta). O percentual de percepção destes fenômenos linguísticos, 79% (479/601), é comparável aos de CV, sendo maior apenas que os dos verbos de baixa saliência, dados que sugerem a comprovação de nossa hipótese, segundo a qual CV é tão perceptível quanto os casos do português rural ou ainda maior que eles, como os percentuais podem implicar.

Correção das frases	Frequência	Peso Relativo	Total
Corrigiu as 5 ausências de CV: t	700/813 = 86%	0.63	813/6156 = 13%
Corrigiu 4 ausências: v	1065/1248 = 85%	0.64	1248/6156 = 20%
Corrigiu 3 ausências: g	803/1000 = 80%	0.63	1000/6156 = 16%
Corrigiu 2 ausências: h	316/501 = 63%	0.42	501/6156 = 8 %
Corrigiu 1 ausência: i	687/1067 = 64%	0.41	1067/6156 = 17%
Não corrigiu nenhuma: a	717/1363 = 52%	0.30	1363/6156 = 22%
Não respondeu ao questionário: 0	109/ 164 = 66%	0.38	164/6156 = 2%
Total	4397/6156 = 71%	-	6156

Tabela 2 - frequência e probabilidade de percepção das formas padrão/não-padrão em relação às correções feitas às ausências de CV.
Fonte: elaboração própria

Antes de analisarmos os dados da tabela, observemos as frases propostas para correção:

a) **Morava** numa cidade três bons amigos, Felipe, Dorival e Murilo, ambos de 14 anos. (TQ72)

b) Quando **estes já estava** longe do acampamento **começou a aparecer fadas encantadas**.(TQ72)

c) Três jovens resolveram acampar João, Danilo, Wilson eles arrumaram as coisas para ficar por lá armaram uma cabana e **ficou** lá dentro arrumando as coisas que eles trouxeram e **eles estava** enjoado de ficar na cabana e resolveram dar uma volta na mata e de repente aconteceu uma grave situação. (EL82)

Em “a”, além de o verbo ser de baixa saliência, o sujeito está posposto, assim, o

único fator que poderia funcionar como favorecedor da CV nesta frase seria a animacidade do sujeito. Portanto, não esperávamos que os alunos reconhecessem a ausência de CV neste caso.

Já na primeira oração de "b", há um caso de sujeito prototípico: anteposto e animado, assim apenas a baixa saliência fônica verbal poderia ser "um obstáculo" à correção. Na segunda oração de "b", os alunos poderiam interpretar "fadas" como objeto e nem ao menos efetuar a correção, mesmo se tratando de um verbo de alta saliência.

Na primeira oração do período "c" que o falante deveria corrigir, o sujeito está oculto, é humano e animado, além do verbo de alta saliência, fatores que normalmente favorecem a CV e, portanto, a correção seria mais esperada nesta frase.

Desta forma, não esperávamos um grande percentual de alunos que corrigissem todas as ausências, pois selecionamos frases em que havia fatores normalmente inibidores do reconhecimento da CV a fim de averiguar se o grau de percepção dos alunos superaria estes fatores. Mas mesmo assim, houve alunos que conseguiram corrigir todas as ausências superando nossas expectativas, o que demonstra ainda mais o grau de reconhecimento desta regra.

A tabela ratifica a hipótese de que a CV é altamente estigmatizada, pois de uma maneira geral, a maioria dos alunos percebeu os casos de ausência de concordância e efetuou as correções. Se somarmos os percentuais dos alunos que corrigiram de três a cinco ausências, teremos quase 50% de correções, o que significa uma quantidade razoável se levarmos em consideração que havia dois sujeitos pospostos nas frases, fato que constituiu um dificultador para se efetuar a CV e consequentemente a correção de sua ausência. Devemos considerar também a presença de três verbos de baixa saliência, que apresentam diferença fônica mínima entre singular e plural o que também bloquearia a correção, visto que são menos perceptíveis.

Ainda em relação à tabela dois, podemos destacar também o fato de que os alunos que mais corrigiram as ausências de CV foram os que apresentaram os maiores percentuais de percepção, confirmando nossa hipótese. Quando corrigiram todas as ausências, apresentaram o percentual mais alto de percepção: 86% (700/813), quando corrigiram quatro, o percentual diminuiu apenas um por cento: 85% (1065/1248). O percentual de acertos ainda é bastante alto, 80% (803/1000) quando os discentes corrigiram as três ausências, mas diminui em torno de 20%, caindo para 60% em média, nos casos em que os informantes corrigiram apenas uma e duas ausências. O menor percentual de percepção, 52% (717/1363) ocorre com os informantes que não corrigiram nenhuma das ausências. Já aqueles que não responderam ao questionário apresentaram um percentual intermediário: 66% (109/ 164) de percepção.

Os números gerais e os pesos relativos desta tabela nos indicam que quando o

informante foi capaz de reconhecer as inadequações referentes à CV de um modo geral nas frases, também foi capaz de corrigi-las, e os que demonstraram não possuir uma percepção muito grande, isto é, que não corrigiram a maioria das frases, igualmente não corrigiram as ausências, conforme a tabela abaixo detalha.

Tipos de frases[31]	**Não respondeu**	**Não corrigiu**	**Corrigiu 1**	**Corrigiu 2**	**Corrigiu 3**	**Corrigiu 4**	**Corrigiu 5**	**Total**
FP(CN,CV, BS)	30/40 75%	141/233 61%	121/175 69%	55/81 68%	130/160 81%	184/201 92%	117/136 86%	778/1026 76%
FNP(CN,Ø, BS)	24/35 69%	89/203 44%	86/153 56%	42/70 60%	113/140 81%	147/175 84%	104/120 87%	605/896 68%
FNP (Ø,CV,ser)	0/4- -	22/52 42%	25/42 60%	12/19 63%	25/39 64%	34/50 68%	21/31 68%	139/237 59%
FNP(Ø, Ø, BS)	12/25 48%	69/145 48%	64/110 58%	30/50 60%	80/100 80%	104/124 84%	76/85 89%	435/639 68%
FP(CN, CV, AS)	9/10 90%	104/141 74%	92/106 87%	46/50 92%	98/102 96%	115/126 91%	69/79 87%	533/614 87%
FNP(CN,Ø,AS)	6/10 60%	44/104 42%	44/84 52%	25/40 62%	62/80 78%	76/99 77%	52/63 80%	309/480 64%
FNP(Ø,CV,AS)	1/3 33%	12/25 48%	7/21 33%	3/10 30%	16/20 80%	21/25 84%	12/16 75%	71/120 60%
FNP(Ø, Ø, AS)	6/7 86%	32/78 41%	33/63 52%	11/29 38%	47/60 78%	68/74 92%	46/47 98%	243/358 68%
FP (CN,CV,ser)	5/6 83%	66/77 86%	50/63 79%	26/30 87%	54/59 92%	71/76 93%	44/47 94%	316/358 88%
FNP (Ø, Ø, ser)	9/10 90%	78/131 60%	85/105 81%	35/51 69%	86/100 86%	112/125 90%	74/79 94%	479/601 80%
FNP (CN,Ø,posposto)	4/8 50%	40/96 42%	53/83 64%	24/40 60%	67/80 84%	91/98 93%	57/63 90%	336/468 72%
FNP (outras formas)	3/6 50%	20/78 26%	27/62 44%	7/31 23%	25/60 42%	42/75 56%	28/47 60%	152/359 42%
Total	109/164 55%	717/646 52%	687/1067 64%	316/501 63%	803/1000 80%	1065/ 1248 85%	700/813 86%	4397/ 6156 71%

Tabela 3 - frequência de percepção das formas padrão/não-padrão em relação aos tipos de frases e a correção das ausências de CV.
Fonte: elaboração própria

[31] Legenda: FP: forma padrão; CN: concordância nominal padrão; CV: concordância verbal padrão; BS: baixa saliência; AS: alta saliência; Ø: concordância não-padrão.

Existe uma clara relação entre a correção das ausências de marcas formais de plural com os tipos de frases das quais os informantes identificaram ou não os desvios, pois a tabela 3 permite-nos verificar que quanto mais ausências eles corrigem, mais alto é seu percentual de percepção de acordo com os tipos de frases.

De modo geral, em todos os tipos de frases, sem exceção, as taxas mais altas de "correção" vinculam-se aos alunos que corrigiram quatro ou todas as ausências de CV, ficando entre 80 a 90 por cento o índice de percepção. Os informantes que corrigiram maior número de ausências obtiveram uma percentagem maior de percepção. Note-se também, o aumento na frequência de percepção com o mesmo tipo de verbo dos informantes que corrigiram apenas uma ausência para os que corrigiram todas. Se observarmos, por exemplo, os verbos de alta saliência sem CN, veremos que eles obtiveram 48% (12/25) de percepção com os falantes que corrigiram apenas uma ausência, saltando para 75% (12/16) com os que corrigiram todas. Este salto no percentual de percepção ocorre também até mesmo com os verbos de baixa saliência sem CN, com os quais os informantes que corrigiram uma ausência identificaram corretamente tal tipo em apenas 48% (12/25), em comparação aos 89% (76/85) identificados pelos que corrigiram todas. Fica, portanto, evidente a consciência linguística do falante em relação à CV, pois se ele corrige um número maior de frases, ele também as identifica com maior frequência.

É importante salientar também que quando os informantes não corrigiram nenhuma ausência, isto é, não conseguiram percebê-las como desvios em relação ao padrão, o percentual de percepção na grande maioria dos tipos de frase não chega a 50%, excetuando-se o verbo *ser*, que tem maior destaque e é mais facilmente identificado. Estes dados demonstram, por outro lado, a força de atuação dos "tipos de frases", pois os alunos que não apresentam um nível de percepção maior, isto é, não corrigiram nenhuma ausência de CV, só "enxergam" a frase conforme o padrão, isto é, com CV e com CN. Já as formas não padrão, sem CV e sem CN, mesmo com o verbo *ser* e com outros de alta saliência, não foram reconhecidas como tal, o que revela a frequência de sua percepção inferior a 50%. Por exemplo, com o verbo *ser,* sem CN houve 42% (22/52) de "acerto" com os falantes que não corrigiram nenhuma ausência de CV. Já com o mesmo verbo, porém, com CN, o percentual de acertos por estes mesmos alunos subiu para 86% (66/77).

Seguindo a tendência de menor percepção, os informantes que corrigiram uma ou duas ausências ou não efetuaram correção foram os que menos reconheceram as ausências de CV mesmo nos verbos de alta saliência. Se compararmos o percentual de percepção às FNP de

alta saliência dos que corrigiram apenas duas ausências ao dos informantes que corrigiram todas, notaremos um salto de mais de 60%.

Se analisarmos verticalmente o percentual de percepção dos informantes que corrigiram todas as ausências, veremos que seus percentuais diminuem apenas quando não há concordância no SN, o que confirma que este realmente é um traço linguístico não muito estigmatizado, não muito perceptível aos alunos.

Os informantes que deixaram de responder ao questionário apresentaram percentuais oscilantes, mas no geral, o grau de percepção predominou em todos os tipos de frases, o que poderia sugerir que tais informantes não o responderam não por falta de conhecimento, mas sim por outro motivo, como por exemplo, pressa ou falta de vontade.

Esta tabela demonstra, portanto, tanto a importância dos "tipos de frases", como das correções efetuadas na influência da percepção dos alunos à regra de CV.

Produção das frases	**Frequência**	**Peso Relativo**	**Total**
Produziu apenas formas verbais sem marcas formais de plural (as crianças gosta): w	229/372 = 61%	0.53	372/6156 = 6%
Produziu apenas formas verbais com marcas formais de plural (as crianças gostam): z	2521/3130 = 80%	0.52	3130/6156 = 50%
Produziu formas verbais com e sem marcas formais de plural (ora usou gostam/ ora gosta): j	778/1270 = 61%	0.48	1270/6156 = 20%
Não produziu: 0	869/1381 = 62%	0.44	1381/6156 = 22%
Total	4397/6156 = 71%		

Tabela 4 - frequência e probabilidade de percepção das formas padrão/não-padrão em relação à produção de frases com e sem marcas formais de plural.
Fonte: elaboração própria

O tema do parágrafo proposto aos alunos era narrar, em poucas linhas, algo sobre a escola, os amigos, suas características, ou sobre algum acontecimento marcante entre eles. Como a maioria dos discentes preferiu descrever os amigos e a escola, o uso do verbo *ser* no presente do indicativo foi bastante frequente, tempo e verbo que por sua vez favorecem a

presença de marcas devido à alta saliência verbal. Assim, a maioria das construções de P6 tem como núcleo do sintagma verbal o verbo *ser*, como em "meus amigos *são* todos legais".

Feita esta observação, passemos à análise dos dados da tabela. Embora as probabilidades de todos os fatores deste grupo estejam em torno de 0.5, não revelando forte influência em relação à percepção, os percentuais evidenciam que existe uma relação entre a produção e este reconhecimento das FP e FNP.

Os informantes que produziram apenas formas verbais com marcas formais de plural foram os que apresentaram o maior percentual de acertos: 80% (2521/3130). Assim, embora as probabilidades de todos os fatores deste grupo estejam em torno de 0.5, não revelando significância estatística em relação à percepção, os percentuais seriam indicativos de uma interação entre estes fatores. Os que intercalaram ou produziram apenas formas verbais sem marcas formais de plural tiveram uma diminuição no percentual de percepção de quase 20%, caindo para 61%. Estes dados nos indicam que os alunos que reconhecem e identificam as inadequações ou adequações são aqueles que possuem conhecimento da regra, que sabem que a CV deve ser efetuada e, portanto, conseguem produzir construções com verbos no plural concordando com o sujeito.

Observemos alguns casos interessantes, como o da aluna que produziu o parágrafo abaixo com todos os verbos marcados formalmente e corrigiu todas as ausências. Esta mesma aluna, no entanto, cometeu alguns desvios em relação à norma: não efetuou a CN no predicativo do sujeito e utilizou o pronome pessoal reto no lugar do pronome oblíquo átono, fatos que poderiam comprovar nossa hipótese geral de que a concordância verbal é um dos traços mais estigmatizados socialmente, pois mesmo a informante cometendo outros desvios, efetua a CV:

(5) "*amigas que* **são** amigas, que em momentos de tristeza *elas* te faz**em** sorrir e *elas* **são considerada∅** irmãs para mim adoro **ter elas** no meu coração" (2fc).

Outro caso de destaque foi de uma informante que realizou apenas uma correção, mas produziu um trecho em que predominam as formas verbais com CV em detrimento das sem marca formal de plural. Os exemplos sugerem que ela deixaria de concordar devido a elementos linguísticos que dificultariam sua percepção, como: verbos de baixa saliência, sujeito não humano e distância entre sujeito e verbo. Por não possuir uma percepção tão aguçada, tais fatores linguísticos poderiam impedi-la tanto de realizar a CV como de corrigir

os casos propostos de ausência, pois nos casos mais "salientes", como do verbo *ser* e de sujeito prototípico, por exemplo, ela realiza a CV:

(6) *Meus amigos* **são** poucos, **são** muito legais. *Eles* me **compreendem**, **são** para qualquer hora e sempre me **fazem** sorrir. Guardo na memória todos os momentos bons, *os ruins* guardo de lição, para que nunca se **repita.** *Os poucos amigos* que tenho, **substitui** vários. (1fr)

A ausência de CV no verbo sublinhado poderia ser justificada pelo fato de o sujeito "os momentos ruis", além de não ser humano, estar distante do verbo, que por sua vez é de baixa saliência. Na última oração da sequência apresentada acima, a oração intercalada e o verbo de baixa saliência seriam os dificultadores tanto da realização da CV como de sua percepção. Assim, a informante que não apresenta muita percepção, visto que corrigiu apenas uma ausência, produziu formas verbais não marcadas.

Outro exemplo semelhante é de um informante que não corrigiu nenhuma ausência, e que assim, teria uma percepção muito reduzida. Ele, no entanto, também produziu construções com concordância, mas somente com o verbo *ser*, que possui diferença total entre as formas singular e plural, já com um verbo de baixa saliência, a CV não foi efetuada, como o exemplo abaixo confirma:

(7) Na minha sala só tem vacilão e *bagunceiros* e só **pensaØ** bosta na cabeça tem (uns) que **são** legais *o resto* **são** vacilão. (2mr)

(8) *Os alunos da minha sala não* **são bagunceiros**, só as vezes, tem hora estudar e hora de fazer gracinhas. Mas muitas vezes **tem gracinhas que passam** do limite **e acabaØ** até em brigas, tipo: jogar giz, papelzinhos, borracha etc (2mr)

O informante que redigiu o parágrafo do exemplo (8) só deixou de corrigir uma ausência em que o sujeito estava posposto, da mesma maneira, só deixou de utilizar a CV no contexto menos saliente: verbo cuja diferença entre singular e plural é baixa, sujeito distante e inanimado ("gracinhas ...e acaba em brigas").

(9) *Nossos amigos* **são** pessoas magníficas, que **prestam** atenção nas aulas e **bagunçam** um pouco também (2mr)

No nono exemplo, não há nenhum verbo sem as marcas formais de plural, mesmo havendo dois verbos de baixa saliência, o que poderia ser justificado pelo fato de o falante ser sensível à regra, à norma, já que corrigiu todas as ausências de CV propostas no questionário.

Os dados acima são casos interessantes que demonstram haver uma correlação entre identificação de formas com e sem marcas formais de plural e produção, isto é, se o aluno possui uma percepção maior, há uma probabilidade maior de que ele corrija mais ausências e produza mais formas marcadas. Contudo, vimos também que tanto a produção como a correção estão ligadas aos fatores linguísticos que tornam mais evidentes a presença ou ausência de marcas.

Produção das frases	**Não respondeu**	**Não corrigiu**	**Corrigiu 1**	**Corrigiu 2**	**Corrigiu 3**	**Corrigiu 4**	**Corrigiu 5**	**Total**
FV sem CV	0	55/122 45%	151/200 76%	23/50 46%	0	0	0	229/372 62%
FV CV	0	143/271 53%	141/196 72%	143/201 71%	624/750 83%	938/1098 85%	532/614 87%	2521/3130 81%
FV com e sem CV	0	311/549 57%	182/321 57%	112/200 56%	0	127/150 85%	46/50 92%	778/1270 61%
Não produziu	109/164 66%	208/418 50%	213/350 61%	38/50 76%	179/250 72%	0	122/149 82%	869/1381 63%
Total	109/164 66%	717/1360 53%	687/1067 64%	316/501 63%	803/1000 80%	1065/1248 85%	700/813 86%	4397/6153 71%

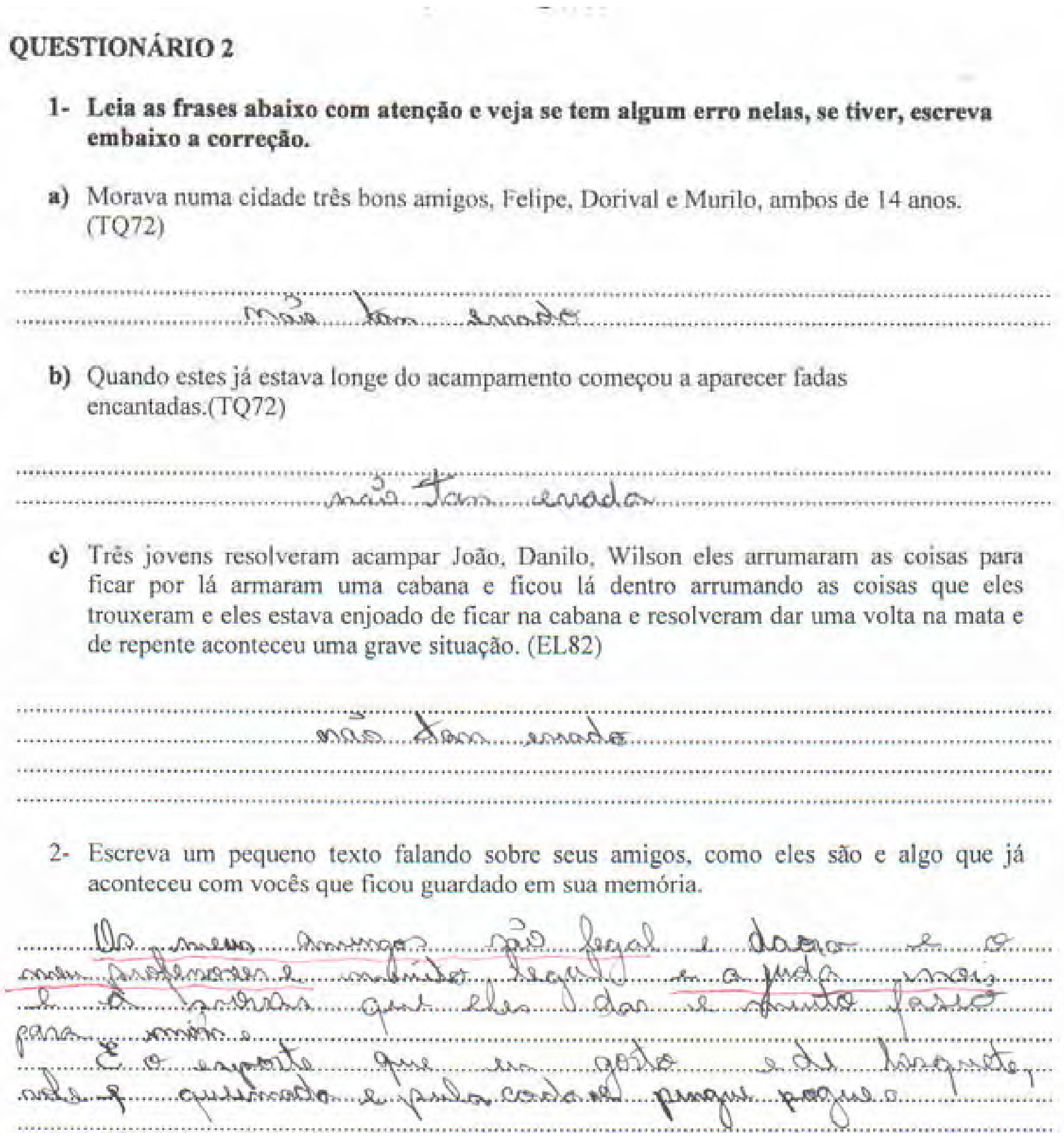
Tabela 5 - frequência de percepção das formas padrão/não-padrão em relação às correções feitas às ausências e à produção de formas com e sem CV.
Fonte: elaboração própria

Novamente há uma nítida relação entre os grupos de fatores, pois não houve nenhum informante que corrigiu de três a cinco ausências de CV que tenha produzido apenas formas verbais sem as devidas marcas de plural referente a sujeito na terceira pessoa do plural (P6). Apenas os informantes que não corrigiram nenhuma ou no máximo duas ausências apresentaram apenas formas verbais não-marcadas formalmente em suas produções.

Além de produzirem um número maior de ocorrências com verbos formalmente marcados, os informantes que corrigiram de três a cinco ausências apresentaram os maiores percentuais de percepção. Inversamente proporcional à produção, os que corrigiram de zero a duas ausências foram os que produziram mais construções sem marcas formais de plural.

Se analisarmos a tabela verticalmente em relação à produção, observaremos que há poucas ocorrências, apenas 50, dos que corrigiram todas as ausências, mas alternaram sua produção com e sem CV, e mesmo com estes que alternaram entre a FP e FNP, o percentual de percepção é alto 92% (46/50). As ocorrências de formas marcadas e não marcadas formalmente, FP e FNP, respectivamente, foram produzidas com mais frequência pelos informantes que não efetuaram nenhuma "correção" e pelos que corrigiram até no máximo duas ausências. Somados estes grupos, tem-se o total de 1070 ocorrências. Estes falantes apresentaram um percentual de 57% em média de percepção, quase 30% a menos do que aqueles que efetuaram de três a cinco "correções".

Esta tabela evidencia, portanto, a nítida relação entre comportamento linguístico (uso real que se faz da língua) e avaliação, o julgamento que o informante possui sobre uma variável. Assim, ele só corrigirá uma forma verbal não marcada se souber avaliá-la, se tiver percepção, e consequentemente, produzirá mais construções marcadas formalmente se tiver tal conhecimento. Este mesmo falante que possui uma percepção grande só deixa de efetuar a concordância em contextos linguísticos dificultadores da identificação da relação verbo/sujeito. Observemos abaixo dois questionários preenchidos por alunos da mesma série, 6º ano (5ª série) que elucidam a afirmação acima:



QUESTIONÁRIO 2

1- **Leia as frases abaixo com atenção e veja se tem algum erro nelas, se tiver, escreva embaixo a correção.**

a) Morava numa cidade três bons amigos, Felipe, Dorival e Murilo, ambos de 14 anos. (TQ72)

não tem errado

b) Quando estes já estava longe do acampamento começou a aparecer fadas encantadas.(TQ72)

não tem errado

c) Três jovens resolveram acampar João, Danilo, Wilson eles arrumaram as coisas para ficar por lá armaram uma cabana e ficou lá dentro arrumando as coisas que eles trouxeram e eles estava enjoado de ficar na cabana e resolveram dar uma volta na mata e de repente aconteceu uma grave situação. (EL82)

não tem errado

2- Escreva um pequeno texto falando sobre seus amigos, como eles são e algo que já aconteceu com vocês que ficou guardado em sua memória.

Os meus amigos são legal e daora e o meu professores é muito legal e ajuda nois e a provas que eles da é muito fasio para mim. E o esporte que eu gosto é de basquete, volei e queimada e pula corda [illegible]

O informante que não identificou nenhum desvio, nenhuma ausência de CV, em sua produção, apresentou apenas uma forma verbal marcada: “os meus amigos são legal” e três não marcadas: “o meu professores é muito legal”, “e ajuda nois” e “a provas que eles da é muito fasio”. Os próprios erros de ortografia e falta de coesão demonstram que o informante não possui uma percepção linguística muito apurada e, portanto, não consegue corrigir as ausências de CV.

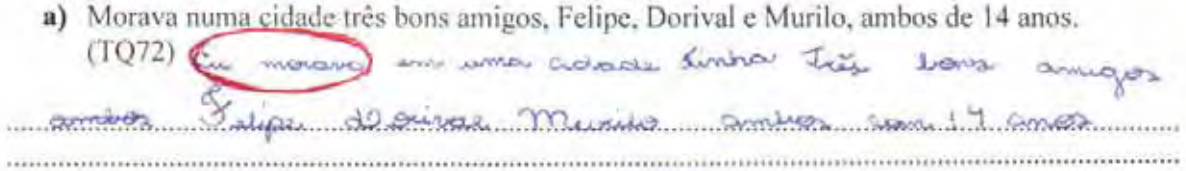
Já o segundo questionário, de um aluno que corrigiu a maioria das ausências demonstra que ele localizou-as mesmo tendo ficado em dúvida, apagado a correção que havia feito “começavam a aparecer fadas”. O predomínio de construções marcadas, como em: “meus chegaram em mim, vocês vão, eram os melhores, os pais deles morreram”, demonstra

um grau maior de percepção e produção de formas padrão.

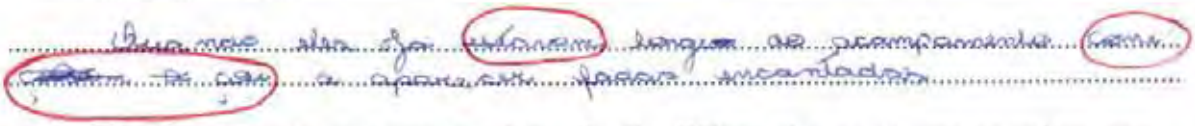
QUESTIONÁRIO 2

1- Leia as frases abaixo com atenção e veja se tem algum erro nelas, se tiver, escreva embaixo a correção.

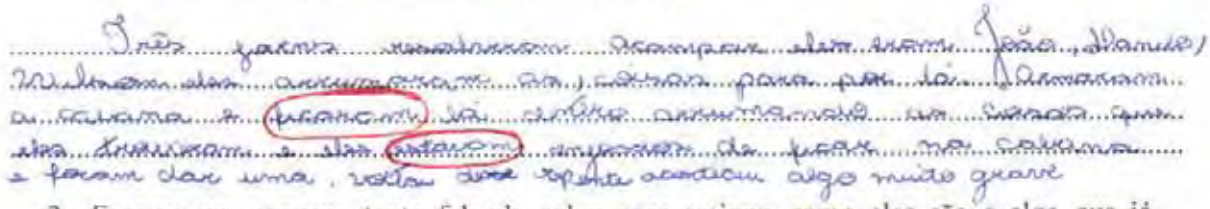
a) Morava numa cidade três bons amigos, Felipe, Dorival e Murilo, ambos de 14 anos. (TQ72)



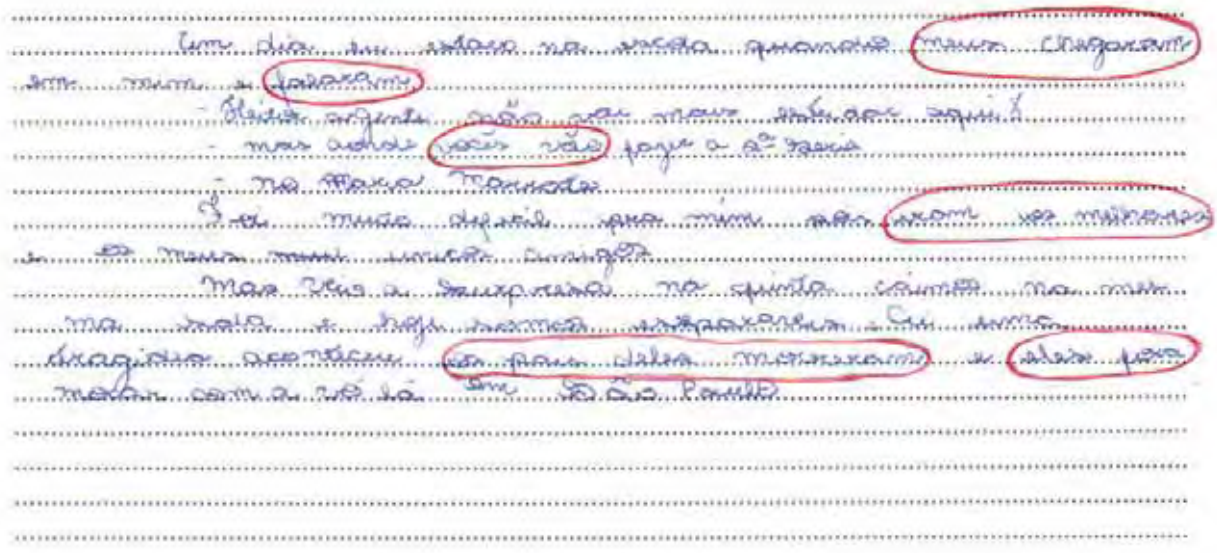
b) Quando estes já estava longe do acampamento começou a aparecer fadas encantadas.(TQ72)



c) Três jovens resolveram acampar João, Danilo, Wilson eles arrumaram as coisas para ficar por lá armaram uma cabana e ficou lá dentro arrumando as coisas que eles trouxeram e eles estava enjoado de ficar na cabana e resolveram dar uma volta na mata e de repente aconteceu uma grave situação. (EL82)



2- Escreva um pequeno texto falando sobre seus amigos, como eles são e algo que já aconteceu com vocês que ficou guardado em sua memória.



Escolaridade	Frequência	Peso Relativo	Total
Quinta: 5	622/950 = 65%	0.46	950/6156 = 15%
Sexta: 6	572/849 = 67%	0.45	849/6156 = 13%
Sétima: 7	609/865 = 70%	0.44	864/6156 = 14%
Oitava: 8	469/800 = 58%	0.40	800/6156 = 12%
Primeiro colegial: 1	676/836 = 80%	0.65	836/6156 = 13%
Segundo colegial: 2	692/922 = 75%	0.44	922/6156 = 14%
Terceiro colegial: 3	757/935 = 80%	0.61	935/6156 = 15%
Total	4397/6156 = 71%	-	-

Tabela 6 - frequência e probabilidade de percepção das formas padrão/não-padrão em relação à escolaridade dos informantes.
Fonte: elaboração própria

Embora tenha sido selecionada em terceiro lugar pelo programa GOLDVARB, a escolaridade mostrou-se, mais uma vez, um fator não muito significativo neste *corpus,* pois as probabilidades estão próximas, em torno de .45, excetuando-se o primeiro e terceiro colegiais que apresentaram um peso relativo maior, por volta de 0.60. Esta probabilidade favoreceria o reconhecimento das formas padrão/não-padrão, comprovando o percentual mais alto de percepção, 80% (676/836) para o primeiro colegial e 80% (757/935) para o terceiro. [32]O segundo colegial, embora tenha apresentado percentual próximo, teve um peso relativo baixo, 0.44, próximo à neutralidade. A maior taxa de percepção pelos alunos do Colegial sugerida pelo peso relativo demonstraria que talvez eles já estejam um pouco mais maduros, mais sensíveis às pressões e às normas sociais por estarem no fim do ciclo escolar básico e iniciando uma nova etapa da vida, provavelmente pensando em trabalho, vestibular, enfim, começando a ingressar efetivamente na sociedade e assim, mais preocupados com a linguagem. Como sabemos, todos estes fatores nos fazem refletir sobre o uso linguístico que fazemos, e consequentemente, aumentariam sua "percepção" em relação à língua, pois como já afirmou Labov (1983), quando uma falante muda de posição social, aumentando seu nível, acaba mudando também sua maneira de falar.

Contudo, como já foi dito no anteriormente, acreditamos que a escolaridade não tenha desempenhado papel mais decisivo ainda tanto no reconhecimento como na produção da CV, devido ao fato de estarem todos de certa forma no mesmo ambiente, expostos às mesmas

[32] O percentual de percepção dos informantes do Ensino Médio poderia ter sido maior a nosso ver, assim como o peso relativo, mostrando grande influência no reconhecimento da CV. Da mesma forma, esperaríamos que tais informantes apresentassem um percentual maior de CV na análise objetiva que fizemos.

condições de aprendizado, excetuando apenas os informantes do Colegial, que já estariam tendo contato maior com a sociedade e, portanto, com outras maneiras de falar e de escrever.

Sexo do informante	Frequência	Peso Relativo	Total
Feminino: F	2305/3057 = 75%	0.54	3057/6156 = 49%
Masculino: M	2092/3099 = 67%	0.45	3099/6156 = 50%
Total	4397/6156 = 71%		

Tabela 7 - frequência e probabilidade de percepção das formas padrão/não-padrão em relação ao sexo dos informantes.
Fonte: elaboração própria

Como não há uma diferença grande no percentual de acertos entre informantes do sexo feminino e masculino, a probabilidade não foi muito significativa, pois está em torno de 0.5. No entanto, a tabela poderia indicar uma ligeira tendência de as mulheres serem mais sensíveis, possuírem uma percepção maior e, portanto, apresentarem um percentual maior de correção, 75% (2305/3057). Os homens por sua vez, que, de um modo geral, não se importam tanto com a maneira como falam e escrevem, apresentaram um percentual de "acerto" mais baixo, 67% (2092/3099).

Outros estudos sociolinguísticos, conforme citado previamente, já demonstraram a tendência de as mulheres em geral demonstrarem maior apreço e sensibilidade em relação à linguagem e por isso são as que mais utilizam a regra padrão, de prestígio. A afirmação de Rodrigues (2000, p.44) de que as mulheres optam pela forma padrão quando esta goza de maior prestígio na sociedade, confirma a preferência que as mulheres apresentam pela forma conceituada, valorizada, isso também por se importarem mais do que os homens com a aparência, com o que os outros pensam sobre elas. Talvez eles tenham uma segurança linguística maior, falem do jeito que querem sem se preocupar com a opinião alheia. Não podemos deixar de considerar, no entanto, que tais posições podem se inverter e dependem do contexto social em que os informantes estão inseridos, uma vez que, quando a mulher é uma dona de casa, não faz muito contato com diferentes pessoas, não tem uma vida social muito agitada, poderá utilizar menos formas padrão e possuir menos percepção também. Se, por outro lado, o homem ocupa um cargo alto, desempenha uma profissão de *status*, deverá utilizar mais formas valorizadas e provavelmente, terá uma sensibilidade maior à língua, como bem demonstrou Rodrigues em sua tese (1987).

Escolaridade do responsável do informante	Frequência	Peso Relativo	Total
E F COMP./INCOMP.	2342/3445 = 67%	0.45	3445/6156 = 55%
E M COMPL./INCOMP.	1848/2390 = 77%	0.57	2390/6156 = 38%
E S COMP./INCOMP.	207/321 = 64%	0.41	321/6156 = 5%
Total	4397/6156 = 71%		

Tabela 8 - Frequência e probabilidade de percepção das formas padrão/não-padrão em relação à escolaridade dos responsáveis dos informantes.
Fonte: elaboração própria

Embora a escolaridade dos responsáveis não tenha sido fator selecionado pelo Goldvarb porque os pesos relativos estão próximos a 0.5, comentaremos seus resultados. A primeira informação depreendida da tabela que chama nossa atenção é que apenas 5% (321/6156) dos responsáveis dos informantes cursaram nível superior, o que representa uma parcela muito pequena. No entanto, o fato de tais responsáveis possuírem este nível de instrução mais elevado não influencia no desempenho e na percepção de formas linguísticas de seus filhos, pois estes foram os que apresentaram um percentual menor de percepção, 64% (207/321). Talvez se houvesse uma quantidade maior de informantes com responsáveis de nível mais elevado de escolaridade, os resultados fossem diferentes, pois a tendência geral é a escolaridade dos pais influenciar o comportamento, a sensibilidade e o desempenho dos filhos.

Já os dados referentes ao nível fundamental e médio apresentam um resultado condizente com o esperado, já que há um aumento de 10% de "acerto" conforme aumenta o nível de instrução do responsável. Se este possui apenas o Ensino Fundamental, o percentual é de 67% (2342/3445), já se cursou o Ensino Médio, é de 77% (1848/2390). Assim, na teoria, quanto maior a escolaridade do pai, mais perceptível à (in)adequação seria o filho, pois possuiria este também mais instrução, mais cultura e mais recursos. Entretanto, não foi o que ocorreu neste *corpus* em que, como já foi abordado, a grande maioria dos responsáveis dos informantes possui, em geral, níveis de escolaridade próximos, ensino fundamental e médio. Desta forma, pode-se afirmar que os dados não favorecem uma avaliação exata da variação devido ao grande predomínio de informantes de classes mais baixas.

Nível social do informante	Frequência	Peso Relativo	Total
De 0 a 3 pontos: muito baixo: e	1269/1965 = 64%	0.45	1965/6156 = 31%
De 4 a 7 pontos: baixo: d	2756/3670 = 75%	0.51	3670/6156 = 59%
De 8 a 10 pontos: médio: c	372/521 = 71%	0.52	521/6156 = 8%
Total	4397/6156 = 71%		

Tabela 9 - Frequência e probabilidade de percepção das formas padrão/não-padrão em relação ao nível social dos informantes.
Fonte: elaboração própria

O nível social dos informantes, assim como a escolaridade dos responsáveis, não se mostrou muito relevante estatisticamente, já que a probabilidade de percepção também gira em torno de 0.5 em todos os níveis. Conforme afirmamos no início desta seção, a grande maioria dos alunos, 59% pertencem ao mesmo "nível social": baixo. Apenas 8% dos informantes possuem um nível social médio, por isso, os dados do *corpus* não permitem uma avaliação real da variação devido ao predomínio de informantes das classes mais baixas.

Feitas estas ressalvas, a frequência bruta poderia evidenciar uma tendência ao aumento no percentual de percepção de acordo com o aumento no nível social, pois os que possuem menos recursos, como os de nível muito baixo, são os que menos reconheceram as FP/FNP: 64% (1269/1965). Já os que apresentam um nível um pouco mais elevado, consequentemente perceberam-na mais também, em torno de 75% (2756/3670). Assim, o esperado era que os de "nível médio" obtivessem um percentual ainda maior; contudo, não demonstraram grande aumento na frequência de acertos 71% (372/521), mesmo porque há poucos informantes pertencentes a este nível e, consequentemente, um número reduzido de dados.

Nível cultural do informante (quantos livros lê por ano)	**Frequência**	**Peso Relativo**	**Total**
TRÊS POR ANO: 3	965/1322 = 72%	0.50	1322/6156 = 21%
MAIS QUE TRES: 4	1384/1842 = 75%	0.54	1842/6156 = 29%
QUASE NUNCA LEIO: 2	1919/2742 = 69%	0.47	2742/6156 = 44%
NUNCA LI: 1	129/250 = 51%	0.43	250/6156 = 4%
Total	4397/6156 = 71%	-	

Tabela 10 - Frequência e probabilidade de percepção das formas padrão/não-padrão em relação ao número de livros lidos pelos informantes.
Fonte: elaboração própria

Embora as probabilidades estejam em torno de 0.5, este grupo de fatores foi selecionado em quinto lugar pelo programa e acreditamos que os percentuais possam nos revelar sua importância. A tabela dez demonstraria o papel decisivo que a leitura tem no julgamento que os informantes fazem da língua, pois os que declararam ler três ou mais livros foram os que apresentaram percentual maior de percepção às formas padrão/não padrão, em torno de 75%. À medida que o número de livros lidos pelos alunos aumenta, o percentual de percepção cresce igualmente.

Por outro lado, os informantes que afirmaram nunca terem lido um livro sequer, obtiveram o menor percentual de "acertos", 51% (1129/250), uma diferença de 20% em relação a quem lê mais. Haveria, portanto, uma relação clara entre leitura e escrita, entre leitura e cultura, entre leitura e reflexão linguística: quem lê escreve mais frequentemente de acordo com a norma culta. No entanto, os pesos relativos deste grupo não foram muito significativos o que nos impede de tecer tal afirmação com rigor.

Embora não estejamos nos referindo à competência textual do falante, nem afirmando que o discente escreva melhor por identificar uma variante linguística, queremos apenas destacar que a leitura propicia ao aluno mais conhecimento, mais perspicácia não só em relação ao mundo, como também em relação à própria língua e aos tópicos gramaticais. Partilhamos, pois da ideia de Scartoni, que em seu *Manual de redação online* afirmou ser a leitura o único meio de se desenvolver a escrita:

> Questionei o mito segundo o qual uma pessoa pode aprender a escrever através da educação e prática constantes. E deparei com um sério problema:

> escrever requer uma enorme bagagem de conhecimentos específicos que não podem ser adquiridos em palestras, livros-texto, treinamento, tentativa e erro, ou mesmo pelo próprio exercício da escrita. Um professor pode lançar às crianças tarefas que resultem na produção de uma quantidade pequena, mas aceitável de frases, mas é necessário muito mais do que isso para que alguém se torne um competente e versátil escritor de cartas, relatórios, memorandos, atas, monografias, e talvez até alguns poemas ou obras de ficção esparsos, adequados às exigências e oportunidades de situações extra-classe. Onde é que as pessoas que escrevem adquirem todo o conhecimento de que precisam?
>
> A conclusão a que cheguei então era tão problemática quanto o problema que precisava resolver: concluí que somente através da leitura é que os escritores aprendem todos os mistérios que conhecem [...] Para aprender a escrever, as crianças precisam ler de uma maneira muito especial. (SCARTONI, 2002, p.3)

Tipos de frases[33]	Nunca li	Quase nunca leio	Três por ano	Quatro ou mais	Total
1ºtipo:FP(CN,CV,BS)	22/40= 55%	355/464 = 77%	166/217 = 76%	235/305 = 77%	778/1026 = 76%
2ºtipo:FNP(CN,Ø,BS)	17/35 = 49%	267/406 = 66%	128/189 = 68%	193/266 = 73%	605/896 = 68
3ºtipo:FNP(Ø,CV,ser)	3/10 = 30%	55/104 = 53%	36/51 = 71%	45/72 = 62%	139/237 = 59
4º tipo FNP(Ø,Ø, BS)	12/25 = 48%	180/289 = 62%	94/135 = 70%	149/190 = 78%	435/639 = 68
5ºtipo:FP(CN,CV,AS)	15/25 = 60%	246/275 = 89%	116/132 = 88%	156/182 = 86%	533/614 = 87
6ºtipo:FNP(CN,Ø,AS)	11/20 = 55%	137/212 = 65%	68/104 = 65%	93/144 = 65%	309/480 = 64
7ºtipo:FNP(Ø,CV,AS)	2/5 = 40%	30/54 = 56%	15/26 = 58%	25/35 = 71%	72/120 = 60
8ºtipo:FNP(Ø, Ø, AS)	6/15 = 40%	98/157 = 62%	54/78 = 69%	85/108 = 79%	243/358 = 68
9ºtipo:FP(CN,CV,ser)	8/15 = 53%	140/157 = 89%	73/78 = 94%	95/108 = 88%	316/358 = 88
O:FNP(outras formas)	17/25 = 68%	200/264 = 76%	105/131 = 80%	157/181 = 87%	479/601 = 80
S tipo:FNP (Ø, Ø, ser)	11/20 = 55%	144/202= 71%	74/102 = 73%	107/144 = 74%	336/468 = 72%
Y: FNP(CN,Ø,posp.)	5/15 = 33%	67/158 = 42%	36/79 = 46%	44/107 = 41%	152/359 = 42%
Total	129/250 = 52%	1919/2742 = 70%	965/1322 = 73%	1384/1842 = 75%	4397/6156= 71%

Tabela 11 - frequência de percepção das formas padrão/não-padrão em relação ao número de livros lidos pelos informantes e os tipos de frases.
Fonte: elaboração própria

Os dados da tabela 11 comprovariam a hipótese de que a consciência de formas linguísticas padrão/não padrão possuiu relação estreita com a leitura, dentre outros fatores,

[33] Legenda: FP: forma padrão; CN: concordância nominal padrão; CV: concordância verbal padrão; BS: baixa

pois o percentual de "acertos" foi menor, em torno de 30% a 55% em todos os tipos de frases quando os alunos declararam que nunca haviam lido um livro pelo menos. No entanto, foram poucos os discentes que assumiram nunca ter lido, a maior parte assegurou que quase nunca lê. O percentual deste grupo demonstra dados interessantes.A primeira observação é que ele pode ser equiparável ao dos que leem quatro ou mais livros quando se trata do reconhecimento de FP na maioria dos tipos de frase. Isto é, os informantes teriam mais dificuldade para observar a inadequação, o desvio à norma do que para reconhecer as formas pertencentes à linguagem formal. Por exemplo, em frases que apresentam desvios à norma, como o tipo 2, em que não há CN com verbo de baixa saliência, o tipo 3 em que não há CN com o verbo ser, o tipo quatro, sem CN e sem CV com verbos de baixa saliência e o tipo sete, em que não há CN com verbos de alta saliência, o percentual de percepção dos que quase nunca leem para os que leem quatro ou mais livros é razoável, visto que há um aumento na percepção de em média 10% neste último grupo. Assim, para reconhecer as formas não padrão, é necessário mais leitura, mais contato com a linguagem formal. Este fato fica evidente quando o desvio se resume à ausência de marcas no SN, em que o percentual de percepção é bem maior quando os informantes têm mais contato com a leitura (e, portanto, com a escrita também), 71% (25/35) em comparação aos 56% (30/45) dos que quase nunca leem, com o tipo 7, como em "As escola entregaram os relatórios". No tipo 3, em que não há CN com verbos de distinção total entre singular e plural, como *ser* e *ir,* também houve uma diferença considerável, pois os que declararam não ler muito perceberam o desvio em apenas 53% dos casos, já os que leem quatro ou mais livros, reconheceram-nos em 62% dos casos.

Também com traços típicos do português rural, como *bicicreta* e *hómi*, por exemplo, a leitura faz diferença, já que o percentual é 11% mais alto, 87% para os que leem contra 76% dos que realizam menos leituras. Para ilustrar essa diferença na percepção, citamos também o quarto tipo, em que não há CN nem CV com verbo de baixa saliência, a diferença é maior que dez por cento, de 62% sobe para 78% à medida que há mais leitura, ratificando assim, a dificuldade em não perceber as FNP.

Tais dados comprovam nossa hipótese geral segundo a qual a CV realmente é um dos traços mais estigmatizados da língua e mais facilmente reconhecidos pelos informantes de maneira geral. Já outras variações dependeriam de fatores, como a leitura, por exemplo, para serem percebidos pelos falantes como inadequações à norma.

---

saliência; AS: alta saliência; Ø: concordância não-padrão.

Em sentido oposto ao da tendência geral evidenciada por esta tabela, quando há a posposição (tipo Y), nem mesmo os informantes que leem conseguem identificá-la como um desvio, evidenciando que se trata de um uso muito comum, não sentido como desvio nem mesmo pelos mais perspicazes.

Excetuando-se a posposição, poderíamos afirmar que o contato menor com a leitura faz com que os informantes deixem de reconhecer os desvios à norma em contextos em que não são tão perceptíveis, como no caso das frases que só possuem ausência de marcas no SN, independente de ser com verbos de baixa ou alta saliência.

Perspectiva de vida do informante (profissão a que aspira)	**Frequência**	**Peso Relativo**	**Total**
Alta (profissões de alto status e salário): t	2603/3474 = 74%	0.50	3474/6156 = 56%
Média (profissões de médio...): i	1567/2232 = 70%	0.51	2232/6156 = 36%
Baixa (profissões com baixa pretensão salarial: x	227/450 = 50%	0.39	450/6156 = 7%
Total	4397/6156 = 71%		

Tabela 12 - frequência e probabilidade de percepção das formas padrão/não-padrão em relação à perspectiva de vida dos informantes.
Fonte: elaboração própria

Acreditamos que o fato deste grupo de fatores ter sido selecionado em quarto lugar em ordem de relevância pelo programa Golvarb nos permite tecer observações gerais sobre ele, mesmo que o peso relativo dos informantes com pretensão média e alta esteja em torno de 0.5.

Assim, pode haver uma clara relação entre a expectativa de vida dos informantes e sua percepção em relação à CV, pois os que apresentaram um índice maior de "acertos" (74%) foram os de pretensão mais alta, que aspiram a cargos com salários e *status* bons.

Os informantes que ambicionam profissões de médio *status* também reconhecem com certa facilidade as construções pertencentes à norma popular ou padrão, pois em 70%

(1567/2232) dos casos identificaram as formas conforme o esperado. Já os que não têm tanta aspiração, que almejam a profissões de baixa pretensão salarial e *status* identificaram apenas a metade das formas: 50% (227/450), apresentando uma probabilidade baixa de percepção, 0.39. Fica claro, desta maneira, que há uma relação entre nível cultural, ambição do informante e sua percepção, avaliação que faz das formas linguísticas. O fato de o aluno preocupar-se com o futuro pode fazer com que se dedique mais aos estudos, preste mais atenção à linguagem, ao modo como as pessoas falam e escrevem, e, portanto, seja mais perspicaz em relação à linguagem. Para averiguar mais precisamente este grupo de fatores, cruzamo-lo com os tipos de frases.

Tipos de frases[34]	**Média**	**Alta**	**Baixa**	**Total**
1ºtipo:FP(CN,CV,BS)	284/376= 76%	452/578 = 78%	42/72 = 58%	778/1026= 76%
2ºtipo:FNP(CN,Ø,BS)	216/328 = 66%	365/505 = 72%	24/63 = 38%	605/896 = 68%
3ºtipo:FNP(Ø,CV,ser)	52/85 = 61%	79/134 = 59%	8/18 = 44%	139/237 = 59%
4º tipo FNP(Ø,Ø, BS)	157/235 = 67%	260/359 = 72%	18/45 = 40%	435/639 = 68%
5ºtipo:FP(CN,CV,AS)	187/221 = 85%	306/348 = 88%	40/45 = 89%	533/614 = 87%
6ºtipo:FNP(CN,Ø,AS)	105/174 = 60%	188/270 = 70%	12/36 = 44%	309/480 = 64%
7ºtipo:FNP(Ø,CV,AS)	28/43 = 65%	42/68 = 62%	2/9 = 22%	72/120 = 60%
8ºtipo:FNP(Ø, Ø, AS)	86/130 = 66%	148/201 = 74%	9/27 = 33%	243/358 = 68%
9ºtipo:FP(CN,CV,ser)	117/128 = 91%	181/203 = 89%	18/27 = 67%	316/358 = 88%
O:FNP(outras formas)	167/217 = 77%	287/339 = 85%	25/45 = 56%	479/601 = 80%
S tipo:FNP (Ø, Ø, ser)	115/166 = 69%	206/266 = 77%	15/36 = 42%	336/468 = 72%
Y: FNP(CN,Ø,posp.)	53/129 = 41%	89/203 = 44%	10/27 = 37%	152/359 = 42%
Total	1567/2232= 70%	2603/3474 = 75%	227/450 = 50%	4397/6156=71%

Tabela 13 - frequência de percepção das formas padrão/não-padrão em relação à perspectiva de vida dos informantes e os tipos de frases.
Fonte: Elaboração própria

[34] Legenda: FP: forma padrão; CN: concordância nominal padrão; CV: concordância verbal padrão; BS: baixa saliência; AS: alta saliência; Ø: concordância não-padrão.

A tabela acima nos permite afirmar que realmente a perspectiva do falante pode influenciar a avaliação que faz dos itens linguísticos, pois independentemente do tipo de frase, o percentual de acertos é menor quando o informante não possui alta expectativa de vida. Exceto o quinto, em que há CV e CN com verbos de alta saliência, como em "Os pastores contaram sobre o nascimento de Jesus". Com este tipo de frase, pertencente ao padrão, o percentual de "percepção", de reconhecimento à FP dos informantes que não possuem alta expectativa é até superior aos dos que têm alta expectativa. Estes dados comprovariam nossa hipótese de que é mais fácil reconhecer uma forma padrão do que o desvio, uma FNP.

Outro dado interessante depreendido desta tabela é que mesmo os informantes que demonstram alta expectativa não conseguem reconhecer a ausência de CV na posposição como um desvio, uma inadequação à norma, pois o percentual de percepção é de 44% (89/203), relativamente próximo ao dos de baixa expectativa, 37% (10/27). Este dado poderia consagrar a ausência da CV na posposição como um fato linguístico muito comum no português, sendo sua ausência, imperceptível até mesmo aos mais "sensíveis" às FNP.

Estas informações elucidam, portanto, tanto a importância dos fatores linguísticos como a dos sociais para o reconhecimento de FP/FNP.

Em relação aos alunos que não apresentam uma perspectiva de vida alta, acreditamos que não recebam estímulos em casa, da família, não enxergam a possibilidade de a escola melhorar sua vida e, além disso, devem possuir dificuldades de aprendizado. Portanto, tornam-se desmotivados, contentam-se com a vida que levam e que poderão levar, não se imaginam como pessoas bem sucedidas. Muitas vezes tais alunos desistem de aprender, resignam-se ao fato de que não sabem, não aprendem e acabam desmotivados até para a vida. Esta desmotivação e consequente falta de leitura, estudo e informação reflete tanto no desempenho escolar como na percepção que possuem a cerca dos fatos linguísticos, revelando-nos que é preciso trabalhar de maneira diferenciada com tais alunos para que passem a enxergar a escola como meio de melhorar de vida.

Por outro lado, aqueles que ambicionam um futuro melhor, almejam uma profissão que lhe dê uma qualidade de vida melhor, estes se dedicam mais à escola, à leitura e, portanto, conseguem perceber se uma forma linguística está adequada ou não ao padrão com mais frequência do que os outros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso grande objetivo foi descrever e analisar o fenômeno da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, na escrita formal dos informantes do interior de São Paulo - Rio Claro, tomando por base os dados colhidos da Escola Zita de Godoy Camargo, visto que não há nenhum estudo desse tipo na comunidade analisada. Os informantes desta escola são crianças, adolescentes e jovens entre 10 a 18 anos, de ambos os sexos, de procedência geográfica diversificada, porém, frequentadores do mesmo ambiente escolar.

Como trabalhamos com informantes que estão frequentando a escola e produziram seus textos para uma avaliação, podemos dizer que se trata de um *corpus* formal. Por isso, esperávamos um percentual baixo de ausência de concordância verbal. No entanto, o percentual encontrado, 16% (368/2.388) de ausência de flexão nos verbos na língua escrita formal é um valor considerável, o que evidencia que há variação até mesmo na linguagem formal.

Este trabalho permitiu-nos também comprovar que esta variação não é aleatória, mas sim condicionada tanto por fatores linguísticos, como por fatores sociais. De acordo com Scherre e Naro (1998), é possível prever em que estruturas linguísticas e em que situações sociais os falantes tendem a marcar ou não formalmente o verbo no plural, que foi o que realizamos com esta pesquisa. Pudemos verificar estas estruturas influenciadoras da CV sendo que, dentre os grupos de fatores linguísticos considerados, a saliência fônica verbal, o paralelismo discursivo e a posição do sujeito foram os que mais se destacaram. Outros grupos que também se mostraram relevantes para a aplicação/não aplicação da regra foram a função sintática do elemento à direita do verbo, a presença/ausência do sujeito pronominal *eles/elas*, o paralelismo formal e a animacidade do sujeito. Abaixo, retomamos os principais fatores linguísticos e sociais condicionadores da concordância de 3ª pessoa do plural.

Em relação à saliência fônica na relação singular/plural da forma verbal, os nossos resultados demonstraram nitidamente que os verbos cujos segmentos fonéticos realizam a oposição singular/plural de modo inacentuado (oposição menos saliente) tendem a não trazer a marca formal de plural. Já quando a diferença entre a forma singular e plural é mais perceptível, temos um forte fator condicionante da CV. A escala de saliência fônica utilizada constatada em nossa análise revelou uma crescente frequência de concordância na medida em que a saliência verbal vai aumentando, excetuando-se o caso do verbo *ser,* que apresentou

poucas ocorrências, apenas oito, e por isso não evidenciou com clareza a atuação deste verbo. Outro fato interessante foi o infinitivo pessoal, que demonstrou grande tendência à não-concordância. Vale ressaltar que o infinitivo coincide com a classe V, cuja diferença entre singular e plural reside no acréscimo de uma vogal nasal final átona, este foi o grupo que apresentou menos chances de influenciar a CV, como o verbo destacado do período indica:

(1) "eles acamparam pela noite, **mas ao acordar**, tiveram uma surpresa" (5fr)

O exemplo acima ilustra perfeitamente a tendência de o infinitivo não apresentar a flexão verbal, o que está relacionado à saliência, pois coincide com uma oposição singular/plural não saliente. Já os outros verbos do período demonstram a propensão de formas verbais marcadas, como acampou (acamparam) e tiveram (teve), que têm a oposição singular e plural saliente, e, portanto, trazem as marcas de concordância.

Relembremos os percentuais de CV de acordo com a saliência para evidenciarmos a escala crescente de concordância de acordo com a crescente oposição singular/plural:

70%	40%	93%	93%	93%	50%
fala/falam/	quer/querem/	vai/vão/	falou/falaram/	teve/tiveram/	é/são/

Além da saliência, nossos percentuais comprovaram claramente a importância do paralelismo discursivo**,** grupo de fator estabelecido por Scherre e Naro (1993). Houve uma diferença de quase 50% a mais na frequência de CV quando o verbo estava precedido de outro no plural do que quando antecedido de uma forma não flexionada. Pudemos, pois, confirmar a hipótese estabelecida pelos pesquisadores de um verbo marcado favorecer a flexão no subsequente.

A posição do sujeito mais uma vez se consagra como um fator condicionante da CV. Houve um percentual de flexão muito baixo para os nossos dados de língua escrita com sujeito posposto, apenas 39%, confirmando a hipótese de Pontes (1986) de que quando há posposição, o sujeito perde as características de tal função, causando a não concordância verbal. Tais sujeitos ocorrem com maior frequência com verbos intransitivos, tornando a correlação sujeito-verbo ainda mais difícil e causando a ausência de CV, pois como tais verbos não possuem complementos, o sujeito acaba sendo confundido com o objeto. Um exemplo de verbo intransitivo muito comum no *corpus* foi o verbo *passar* no sentido de transcorrer o tempo devido ao tema das redações, como em "passou algumas horas".

O elemento à direita do verbo foi o quarto grupo selecionado pelo GOLDARB, revelando interessante fato: as orações principais completadas por uma oração subordinada substantiva objetiva direta têm menores chances de realizar a flexão verbal, pois apresentaram o menor percentual de concordância de todo o grupo, 55%, com uma probabilidade muito baixa também. Outra categoria deste grupo de fator que demonstrou relevância foi a presença do pronome oblíquo átono como objeto direto. Embora o percentual de CV não tenha sido tão baixo com esta categoria, o peso relativo demonstrou um não favorecimento à regra. A explicação para a não concordância com o pronome seria o fato de que o informante, ao pluralizar o pronome antes do verbo dispensaria outra marca de plural. Assim, ao pluralizar o pronome *"os, as"*, o informante acabaria perdendo a referência do sujeito, deixando o verbo no singular. Trata-se, portanto, do princípio geral que afirmamos reger a concordância "quando o informante não percebe a relação sujeito/verbo, quando ela é menos perceptível, deixa de realizá-la" e a presença do oblíquo átono no plural principalmente antes do verbo seria outro fator que dificultaria tal relação entre verbo/sujeito.

Estes foram os quatro primeiros grupos selecionados na avaliação objetiva, isto é, nos dados reais produzidos pelos próprios informantes e que, portanto, tiveram uma relevância estatística melhor.

Em quinto lugar, o grupo selecionado pelo programa como estatisticamente relevante foi a presença/ausência do sujeito pronominal *eles/elas,* o que demonstrou a atuação deste fator na CV. Com o pronome pessoal *eles/elas,* bem como com o sujeito nulo, a tendência é a flexão no verbo, já com outros tipos de pronomes ou nomes acompanhados ou não de determinantes, a tendência é a não concordância. Este fator também poderia estar relacionado ao princípio geral da saliência, pois fica muito perceptível tanto a concordância como sua ausência juntamente com o pronome, como em "eles amaram", "eles amou", a ausência de número seria muito marcada e por isso, evitada.

O paralelismo oracional, que tem sido considerado um dos mais fortes fatores condicionadores da CV na língua falada, não se mostrou tão relevante na escrita, pois foi selecionado em sexto lugar pelo programa GOLDVABR. Atribuímos este fato à baixa frequência de ausência de CN no sintagma nominal sujeito, pois houve apenas 20 casos em que não havia marca de plural no segundo elemento do SN, o que representa menos de 1% do total de ocorrências de que dispomos no *corpus* para análise. Isto nos revela que na escrita, quase não há variação no SN, contudo, quando ocorre, ela realmente condiciona a ausência de CV devido à baixa probabilidade, 0.16, de se efetuar a CV quando há ausência de marcas no SN. Portanto, não estamos afirmando que este fator não seja relevante para a CV na escrita,

queremos demonstrar que ele não exerceu tanta influência na escrita formal, pois quase não houve variação no SN neste *corpus.*

O traço semântico do sujeito também apontou a importância deste fator no condicionamento de nossa regra variável, pois quando o sujeito carrega o traço de inanimado, a probabilidade de concordância é mínima, apenas 0.25. Já o sujeito mais humano tende a acarretar formas verbais marcadas formalmente. Sabemos que este grupo de fatores está relacionado tanto ao tipo verbal como à posposição do sujeito por ele propiciada, pois os verbos intransitivos, por não possuírem objetos e seus sujeitos virem normalmente na ordem indireta, causam, com maior frequência, a ausência de CV.

O pronome relativo *que,* outro fator comprovadamente controlador da CV foi o último fator linguístico selecionado pelo programa com os dados de nosso *corpus.* Com a ausência de tal pronome, as chances de concordância são realmente maiores do que com sua presença, no entanto, acreditamos que ele não tenha sido selecionado como um dos fatores mais importantes porque além de não ter sido muito frequente, apenas 62 ocorrências no total, o princípio da saliência parece ter se revelado mais atuante, como o cruzamento dos grupos e o exemplo abaixo elucidam:

(2) Fritaram uns peixes **que pegaram** rapidão (8mg)
(3) os bombeiros **que salvaram** a criança (1mr)

Nos dois exemplos logo acima, há verbos cuja oposição singular/plural é acentuada, o que desencadearia a CV mesmo com a presença do *que* relativo. Mais uma vez, destacamos a importância do cruzamento dos dados, bem como da análise qualitativa, que por sua vez, completa o estudo quantitativo, pois pudemos averiguar o motivo de o relativo não ter sido selecionado dentre os primeiros fatores.

Nesta análise objetiva, isto é, dos dados produzidos pelos informantes, os fatores sociais analisados foram o sexo e a escolarização, que não constaram entre os mais significativos estatisticamente. Aliás, a escolaridade foi um fator excluído, apenas o sexo foi selecionado pelo GOLDVARB, mas em oitavo lugar. Tal acontecimento deveu-se, como já justificamos na seção que trata da análise dos dados, ao fato de todos os informantes estarem no mesmo ambiente, frequentarem os mesmos lugares, possuírem hábitos e níveis sociais semelhantes, como também demonstramos na descrição do bairro e da clientela escolar no item referente à metodologia. Embora saibamos da importância dos fatores externos à língua

para o condicionamento de uma variável linguística, os fatores analisados neste trabalho foram neutralizados devido ao fato de os informantes gozarem de condições sociais similares.

Feitas essas considerações gerais sobre os fatores analisados na produção dos dados, poderíamos estabelecer a seguinte generalização: a maior frequência de falta de concordância poderia estar associada aos casos que convencionamos chamar de menor percepção. Em situações formais, os informantes tenderiam a deixar de usar a concordância apenas quando não percebessem a relação entre o verbo e o sujeito. Tal percepção englobaria os fatores tradicionalmente estudados, como a posposição, a saliência fônica verbal, a distância do sujeito, o sujeito inanimado e outros que impediriam o informante de perceber o sujeito como referente ao verbo, favorecendo, assim, a não-concordância. Embora sejam fatores de ordem diferente, todos colaborariam para que o informante deixasse de perceber que precisaria realizar a concordância. Esta falta de percepção é muito maior na língua falada informalmente, em que não há muito tempo para pensar sobre a maneira como utilizará os elementos linguísticos, não há revisão de sua fala, não há grande preocupação com a maneira como se diz, por isso, a probabilidade de ausência é muito maior neste nível de linguagem, embora o percentual tenha sido representativo na escrita em nosso *corpus*.

Outro aspecto importante abordado no trabalho foram os cruzamentos, que nos permitiram verificar uma confluência entre os fatores que não atuam isoladamente, mas sim de forma conjunta, um prevalecendo sobre o outro em determinadas circunstâncias, como o cruzamento do relativo *que* com a saliência demonstrou, por exemplo.

Em relação aos fatores que condicionam a percepção, a avaliação ou julgamento que os informantes fazem dos elementos linguísticos, e especificamente da CV, pudemos comprovar nossa hipótese, segundo a qual, a CV realmente é um fato linguístico perceptível, pois a maior parte dos alunos conseguiu identificar as inadequações/adequações das frases propostas nos testes por nós elaborados. A fim de averiguar se a ausência de CV é tão estigmatizada, considerada como erro pelos informantes, realizamos três testes que nos permitiram observar a avaliação que fazem da CV. O percentual de 71% de reconhecimento das frases como “certas e erradas” pelos informantes desvenda um grau de percepção alto, um nível de consciência linguística elevado. Tais dados também comprovam os resultados de Labov (1983) nos seus estudos de Nova Iorque que constataram que a classe média baixa avalia negativamente as formas desprestigiadas que ela mesma utiliza em estilos descuidados. Em um estilo de fala ou escrita formal, “cuidado” como o do nosso *corpus*, a tendência é de tais informantes utilizarem com maior frequência a norma padrão, que foi o ocorrido, a CV

foi empregada em 84% dos casos por informantes que podem ser considerados de classe baixa de um modo geral.

Os dados constatados sugeriram que a não percepção da ausência de CV estaria ligada a fatores condicionantes, assim como ocorre na produção de construções linguísticas desse tipo. Assim, os informantes deixariam de perceber a CV e, portanto, produzi-la principalmente devido à posposição, à baixa saliência fônica da oposição singular e plural dos verbos e à ausência de concordância no SN, dentre outros fatores.

A probabilidade de percepção das formas padrão/não padrão é grande em relação à maioria dos tipos de frases. Observamos um predomínio geral de reconhecimento às formas padrão e não padrão independente dos tipos de frases. No entanto, novamente a saliência fônica verbal destacou-se, os alunos obtiveram percentuais maiores de percepção em geral com verbos de saliência fônica maior. Além da saliência, outro fator que impediu o reconhecimento da ausência de CV foi a posposição, com este tipo de frase, ocorreu o menor percentual de percepção, 42% e a probabilidade mais baixa, 0.18. Dado interessante também observado neste teste foi que os informantes não reconhecem a ausência de concordância no sintagma nominal como um erro, como uma inadequação à norma, pois os menores percentuais de percepção com verbos de alta saliência, em que esperávamos maior percepção, ocorreram quando não havia CN no SN sujeito. Pudemos concluir ainda que a CV é tão estigmatizada, tão perceptível quanto as características da variedade denominada "caipira" ou rural, muito condenadas socialmente, como "trabaia, paia, hómi", que apresentaram percentuais de percepção próximos aos das frases que continham desvios de CV.

No teste de avaliação por nós proposto, havíamos levantado a hipótese de que quanto mais o informante corrigisse as ausências de CV nos testes, maiores chances teria de reconhecer as formas linguísticas em acordo ou não à norma padrão; seria, desta forma, um fator condicionante da percepção. Este, sem dúvida, foi um fator muito importante, selecionado como estatisticamente em primeiro lugar pelo GOLDVARB, que nos indicou dois resultados interessantes. O primeiro é que a maioria dos alunos percebeu os casos de ausência de concordância e efetuou as correções propostas nos testes. Em segundo, evidenciamos que os alunos que mais corrigiram as ausências de CV foram os que apresentaram os maiores percentuais de percepção. O percentual mais alto de percepção ocorreu com os informantes que corrigiram todas as ausências. O cruzamento entre os grupos de fatores comprovou que os informantes que não corrigiram nenhuma ausência, obtiveram apenas 44% (89/203) de percepção de ausência de CV com verbos de baixa saliência, já os

que corrigiram todas, perceberam-na em 87% (104/120), dos casos, mesmo o verbo sendo de oposição não marcada.

Os testes do julgamento mostraram que para a percepção das formas linguísticas, a escolaridade demonstrou sua força de atuação, pois foi selecionada pelo programa como estatisticamente relevante mesmo havendo uma proximidade no percentual das séries em geral. A primeira e a terceira série do Ensino Médio foram as que mais reconheceram as adequações e inadequações propostas nos testes. Ao produzirem as formas linguísticas, a variação vem à tona independentemente da série em que estudam, mas ao julgarem-nas, a escolaridade é importante, talvez pelo fato de que os informantes do Ensino Médio já estejam um pouco mais maduros, mais sensíveis às pressões e às normas sociais por estarem no fim do ciclo escolar básico e iniciando uma nova etapa da vida, provavelmente pensando em trabalho, vestibular, enfim, começando a ingressar efetivamente na sociedade e deste modo, mais preocupados com a linguagem. Como sabemos, todos estes fatores nos fazem refletir sobre o uso linguístico que fazemos e consequentemente, aumentariam sua "percepção" em relação à língua, pois como já afirmou Labov (1983), quando um falante muda de posição social, aumentando seu nível, acaba mudando também sua maneira de falar.

Estudamos a possibilidade de relacionar a perspectiva de vida dos informantes ao grau de percepção das formas linguísticas. Em relação a este fator, constatamos que os informantes que ambicionam profissões de médio e alto *status*, reconhecem com mais facilidade as construções pertencentes à norma popular ou padrão. Já os que não têm tanta aspiração, que almejam a profissões de baixa pretensão salarial e *status,* identificaram uma quantia bem menor de adequações/inadequações nas frases propostas. Cortella (2008, p.48), especialista em educação, ao discutir alguns dos problemas da atualidade e em especial da juventude, relaciona muitos deles à falta de perspectiva dos jovens em relação ao futuro. Nesse sentido, afirma:

> [....] O fulcro da problemática é, isso sim, os adultos admitirmos e promovermos o apodrecimento da esperança das novas gerações. A elas vimos negando o futuro e, com facilidade, ouvem de nós aterradores prognósticos. (Não haverá futuro! Não haverá emprego! Não haverá natureza!) Também desqualificamos o presente e o passado delas. (Isso não é vida; vocês não sabem brincar! Vocês não tiveram infância) [...] (CORTELLA, 2008, p.48).

Esta descrença em relação ao futuro, à vida, além de prejudicar todo o desenvolvimento da juventude, impede muitas crianças e adolescentes até mesmo de

apresentarem bom desempenho na escola e, consequentemente, possuem um conhecimento linguístico menor, conforme vimos no teste de percepção.

Embora a maioria dos informantes pertença ao mesmo nível social, há alguns que adquirem um padrão de vida um pouco melhor, indicado pelos bens que declararam possuir. Assim, houve uma tendência de maior percepção por partes dos discentes que usufruem de um nível um pouco melhor que a maioria.

Assim como a correção estaria ligada à percepção, a produção de formas verbais marcadas ou não também demonstraria se o aluno seria capaz de reconhecer as FP/FNP. Desta forma, confirmamos que os informantes que produziram apenas formas verbais com marcas formais de plural foram os que apresentaram o maior percentual de acertos, 80%, em média, enquanto os que produziram apenas formas verbais sem flexão, obtiveram um percentual de percepção de 20% menor do que aqueles.

A importância da leitura não é novidade para nenhum educador, no entanto, nossos testes permitiram-nos concluir que ela é também decisiva para o julgamento que os informantes fazem da língua, pois os que declararam ler três ou mais livros foram os que apresentaram percentual maior de percepção às formas padrão/não-padrão, ao passo que os informantes que afirmaram nunca terem lido um livro sequer, obtiveram o menor percentual de "acertos", de reconhecimento às FP/FNP.

Todos estes fatores tratados acima demonstraram sua importância para a percepção não só da CV, mas de outros traços linguísticos, como a ausência de CN no SN sujeito.

No item que trata do método, detalhamos os casos que não foram incluídos na análise quantitativa, como os denominados casos especiais. Esta seção do trabalho, permitiu-nos ainda averiguar alguns usos da CV que a própria gramática prevê variação, como é o caso do coletivo, por exemplo. Deparamo-nos com um número razoável de construções com verbo no plural referente a um sujeito coletivo, indicando uma possível tendência do uso de verbos no plural independentemente de o coletivo vir acompanhado de substantivo no plural ou não, que não seria o uso padrão. Outro uso cada vez mais frequente na língua é o uso do verbo *ter* no lugar do *haver* para indicar existência. Examinamos uma tendência de o verbo *ter* ser usado no singular.

Estes foram alguns dos principais tópicos abordados neste trabalho, que demonstraram a atuação conjunta de vários fatores condicionando tanto a produção como a percepção da CV.

Finalizamos este estudo com a crença de que ainda há muito a ser pesquisado em relação à CV, mas que pesquisas podem constituir importantes meios de ações pedagógicas que acelerem a reflexão sobre a língua por parte de seus usuários.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES. (Org.). *Introdução à linguística:* domínios e fronteiras. 4ed. São Paulo: Cortez, 2004.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 4ed. São Paulo: Hucitec/INL-MEC, 1982.

BENTIVOGLIO, Paola A. A variação nos estudos sintáticos. In: *Estudos linguísticos*. XIV Anais de seminários do GEL, Campinas, 1987, p.7-29.

BORBA, F. S. (Org.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. São Paulo: Ed: UNESP, 1991.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BORTONI-RICARDO, S. M. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: COUTO, H.H. (Ed.) *Ensaios de linguística aplicada.* Brasília: Thesaurus, 1981.

BRANDÃO, C. *Sintaxe clássica portuguesa.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1963.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Org.). *Sociolinguística.* Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p.17-23. (Enfoque, 3).

BROCKMEIER, J. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. In: *Psicologia: reflexão e crítica.* 2003, 16 (3), p.525-535. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a11.pdf. Acesso em: 15 jan. 2009.

BYBEE, J. *Morphology a study of the reletion between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

CALVET. L. J. *Introdução à sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JUNIOR., M. J. *Estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____*Dicionário de filologia e gramática.* Petrópolis: Vozes Ltda, 1978.

_____*História e estrutura da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Livraria, 1975.

_____*Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa.* 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1978.

CARVALHO, C. *Para compreender Saussure.* Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CASTRO, P. *Gramática da língua pátria***.** Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1937.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* São Paulo: Companhia editora Nacional, 1983.

CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe.* Coimbra: Armênio Amado, 1975.

CORTELLA, M. S. *Não nascemos prontos! Provocações filosóficas.* Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

COSERIU, E. *Teoria da linguagem e linguística geral.* Tradução de Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: EDUSP, 1979.

COSTA, M. A. Procedimentos de manifestação do sujeito. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal*: uma abordagem funcionalista. Natal: EDUFRN, 2000.

CUNHA, A.. *Para compreender Mattoso Câmara.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, M. A. F; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M.E. (Org). *Linguística funcional:* teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DECAT, M. M. Concordância verbal, topicalização e posposição do sujeito. *Cadernos de linguística e teoria da literatura.* Belo Horizonte, ano V, n.9, dez. 1983

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*: Part I: The structure of the clause. Dordrecht-Holland/ Providence RI: USA: Foris Publications, 1989.

_____. *The theory of functional grammar*: Part II: Complex and derived constructions. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1997.

_____Seventeen sentences: basic principles and application of function grammar. In: MORAVCSIK, E. & WIRTH, J. R. (ed.). *Syntax and semantics.* Londres: Academic Press, 1980, v.13.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: Haiman Jonh**.** *Iconicity in syntax.* Amsterdan: John Benjtining, 1985.

_____*Discourse and the ecology of grammar: strategy, grammaticization, and the locus.* Rice: Symposium, MS, University of California: Santa Bárbara, 1993.

DITTMAR, N. *Sociolinguistics.* A critical survey of theory and application. London: Arnold, 1976

FARACO, C. A. *Linguística histórica.* São Paulo: Ática, 1991.

FERNÁNDEZ, F. M. *Metodologia sociolinguistica*. Madrid: Gredos, 1990.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto:* leitura e redação. São Paulo: Ática, 2004.

_____*Lições de texto*: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1999.

FURTADO DA CUNHA, M.A.; TAVARES, M.A. Ensino de gramática com base no texto: uma subsídios funcionalistas. *Àrius:* Revista de Ciências Humanas e Artes. Natal. v.13, n.2, dez.2007, p.156-162. Disponível em: http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/arius/revistas/v13n2/05_arius_13_2_ensino_de_gramatica_com_base_no_texto.pdf. Acesso em: 10 jul. 08

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p.387-408.

_____*Ensaios sobre as gramáticas do português.* Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2001.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar***.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GUY, G. *Linguistic variation in brasilian portuguese: aspects of phonology, syntax and language history.* 1981. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade da Universidade de Pensilvânia, Pensilvânia.1981.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic- the social interpretation oh language and meaning.* Great Britain: Edward Arnold, 1987.

_____*An Introduction to functional grammar.* Great Britain: Edward Arnold, 1994

IGNÁCIO, S. E. *Para uma tipologia dos complementos verbais do português contemporâneo.* 300f. Tese (Livre docência em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, 1984.

ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 21.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____*Temas em funcionalismo: da organização temática ao processamento cognitivo. Boletim ABRALIN*, São Paulo, v.19, p. 39-49, 1996.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 11.ed, 1972.

_____In: FONSECA, M.S.V. e NEVES, M.F. (Org.) *Sociolinguística***.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p.49-85.

_____*Modelos sociolinguísticos* Tradução de José Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

_____*Principles of linguistic change*. Malden: Blackwell Publishers, v. 1: Internal factors, 1994.

_____*Principios del cambio linguístico*. Madrid: Gredos, v.1: Factores internos, 1996.

_____*Principles of linguistic change*. Malden: Blackwell Publishers, v. 2: Social factors, 2001.

LEITE, M. Q. Língua falada: uso e norma. In: PRETI, D. (Org.) *Estudos de língua falada, variações e confrontos.* São Paulo: Humanitás: FFLCH/USP, 1998.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização/Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista internacional de língua portuguesa,* n.12, dez., 1994.

LYONS, J. *Linguagem e linguística, uma introdução*. Tradução de Averburg, M. W. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MATEUS, M. H. et.al. *Gramática de língua portuguesa***.** Coimbra: Almedina, 1983.

MATTOS E SILVA, R. V. Caminhos de mudança sintático-semântica no português arcaico. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v.20, UNICAMP, 1991

_____De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.) *Para a história do português brasileiro.* v.II, tomo II, p. 275-301, 2001, São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP.

_____Variação, mudança e norma - movimentos no interior do português brasileiro. In: BAGNO, M. (Org.) *Linguística da norma.* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

MELLO, H. R. Português padrão, português não padrão e a hipótese do contato linguístico. In: ALKMIM, T. M. *Para a história do português brasileiro,* vol.III. São Paulo: Humanitas FLP, 2002.

MICHELETTI, H. *A indeterminação do sujeito: um estudo do pronome de terceira pessoa do plural*. 2000. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa)- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MOLLICA, M. C. (Org.) *Introdução à sociolinguística variacionista.* Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONGUILHOTT, I. O. S. *A variação na concordância verbal na terceira pessoa na fala dos florianopolitanos.* 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa)- Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, 2001.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos.* 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa)- Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2007.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language* v.57 n.1, p.63-98, 1981.

NARO, A. J.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. *Ciência e cultura* v. 29, n.3, p.259-268, 1977.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. *Delta,* v. 9, n especial, p.437-454, 1993.

_____Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: MCWHORTER, Jonh (Ed.) *Current issues in pidgin and creole linguitics*. Amsterdam, Benjamins. 1999

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

_____Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa* (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 38, p.109-127, 1994.

_____*Norma e uso na língua portuguesa.* São Paulo: Contexto, 2003.

NICOLA. J.; INFANTE, U. *Gramática contemporânea da língua portuguesa***.** 10 ed. São Paulo: editora Scipione, 1993.

PEREIRA, D. C. *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas.* 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva-curso superior.* São Paulo: Nacional, 1956.

PERINI, M. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.

PETTER, M. M. T. Morfologia. In: FIORIN, (Org.) *Introdução à linguística: princípios de análise.* São Paulo: Contexto, 2003.

PONTES, E. S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso.* São Paulo: Ática, 1986.

PRETI, D. (Org.) *Estudos de língua falada:* variaçoes e confronto*.* São Paulo: Humanitas, 1998.

_____*Sociolinguística: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira.* 4.ed. rev. mod. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1982.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RIBEIRO, I. I Quais as faces do Português Culto Brasileiro?. In: ALKMIM, T. M. *Para a história do Português brasileiro***,** São Paulo: Humanitas FLP, 2002, vol. III.

RODRIGUES, A. C. S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. 259 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____Concordância verbal e saliência social no português popular em São Paulo. In: GARTNER,E., HUNDT,C. e SCHOMBERG (Eds.) *Estudos de sociolinguística brasileira e portuguesa.* Frankfurt am Main: TFM, vol 15, p.41-61, 2000.

RODRIGUES, A. C. S.; CAMPOS, O. G. L. A. S. Reflexões sobre fatos de não concordância verbal no português culto brasileiro. São Paulo, *ALFAL*, Costa Rica, 2002.

RODRIGUES, D. A. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco.* 1995. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) Instituto de Estudos da Linguagem- IEL, UNICAMP, 1995

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

_____*Dificuldades da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Acadêmica, 6.ed.1966.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* Tradução de Chelini, A.; Paes, J.P. e Blikstein. J., São Paulo: Cultrix, 1975.

SCARTON, G.; SMITH, M. M. *Manual de redação.* Porto Alegre: PUCRS, FALE/GWEB/PROGRAD, 2002. Disponível em: < http://www.pucrs.br/manualred >. Acesso em: 10 jun. 2009.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____*Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores***.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. In: *Delta,* vol.9, n.1,1993, p.1-4.

_____Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (Org.) *Os múltiplos usos da língua.* Maceió, EDUFAL, 1999. p.26-37.

_____A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas sujeito simples. In: Groβe, Sybille & ZIMMERMANN, Klaus. (Eds.) *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main, TFM, 2000. v. 17, p.136-165

_____Passado e presente na concordância de número em português: evidências do português europeu moderno. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; MURAKAWA, C. A. A.; BERLINCK, R. A.; GUEDES, M. (Org.). *Estudos de linguística histórica do português*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2005. p.31-71.

_____O Papel do tipo de verbo na concordância verbal no Português Brasileiro. *Delta.* v.23, n. spe, p.283-317, 2007.

_____Influência de variáveis escalares na concordância verbal. *Ideia.* Revista da Faculdade de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana. (enviado em 1999)

SILVA, J. A. A. *A concordância verbal de terceira pessoa no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia.* 2005. 323 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Bahia, 2005.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolinguística: teoria y análisis*. Madrid: Editorial Alhambra, 1989

SYLVESTRE, M. A. *Análise sociolinguística comparativa entre alunos de classes regulares e de classes de aceleração.* 2001, 305 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). FCL- Unesp, Araraquara, 2001.

SOARES, M. *Uma proposta para o letramento*. 1ed. São Paulo: Moderna, 2002, p.115.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing Sociolinguistic Variation.* Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Disponível em: http://www.cambridge.org/us/catalogue/catalogue.asp?isbn=9780521771153&ss=exc Acesso: 10 abr. 2009.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

_____*Tempos linguísticos- Itinerários históricos da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.

TEYSSIER, P. *Manual de língua portuguesa.* Tradução de Margarida Chorão Carvalho. Coleção linguística. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction.* Breat Britain, Penguin Books, 1974.

VANDRESEN. P (Org.) *Variação e mudança no português falado da região Sul.* Pelotas: Educat, 2002.

VASCONCELLOS, M. F. M.; BENEDETTI, C. R. *Leitura e produção*. Módulo 1.2. 1º semestre de Letras. Ribeirão Preto: Editora COC Empreendimentos Culturais Ltda, 2007.

VERÍSSIMO, L. F. Um solo delicioso. *Caros amigos.* São Paulo. ano XI, n.130, jan. 2008, p.26.

WEEDWOOD, B**.** *História concisa da linguística*. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Directions for historical linguistics.* Austin-London: University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.* Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZUSAK, M. *A menina que roubava livros.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007. p.10.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO: AVALIAÇÃO SOCIAL

NOME: _____ **Nº:** _____ **Série:** _____ 1

Assinale com um "x" cada uma das alternativas abaixo:

1- O responsável financeiro, isto é, a pessoa que sustenta sua família possui:
(a) Ensino Fundamental Incompleto (1ª a 8ª séries)
(b) Ensino Fundamental Completo (1ª a 8ª séries)
(c) Ensino Médio Incompleto (1º ao 3º Colegial)
(d) Ensino Médio Completo (1º ao 3º Colegial) (V) BDC3T
(e) Ensino Superior Incompleto (Faculdade)
(f) Ensino Superior Completo (Faculdade)
(g) Pós-graduação (Mestrado, doutorado ou especialização)
***Se você respondeu as últimas alternativas, diga qual o curso _____

2- Qual é a profissão do responsável? Operador de caldeira

3- Na sua casa, há:
(a) Um computador 01
(b) Dois computadores
(c) Mais que dois computadores.
(d) Nenhum

4- O responsável pela casa possui:
(a) Uma moto 01
(b) Um carro 02
(c) Dois carros ou mais
(d) Nenhum carro

5- A casa onde vocês moram é:
(a) Própria 02
(b) Alugada
(c) Outro. Qual?: _____

6- Na sua casa, há:
(a) Internet discada.
(b) Internet a cabo. 02
(c) Não há Internet.

7- O responsável assina alguma revista? Em caso afirmativo, escreva qual.
(a) Não 00 (b) Sim. Qual? _____

8- Você se considera:
(a) Branco
(b) Pardo
(c) Negro
(d) Outro. Especifique: _____

9- Quantos anos você tem? 17 anos

10- Quantos irmãos você tem? 1 irmão

11- Você lê livros?
(a) Sim, três por ano. 03
(b) Sim, mais que três por ano.
(c) Quase nunca leio.
(d) Nunca li um livro.
Escreva o nome do livro de que mais gostou. Memórias Póstumas de Brás Cubas

12- Que profissão gostaria de ter? Psicologa

13-Você acha que aprender Português é importante para ter uma boa profissão? Explique:
Sim é fundamental, pois é a base de tudo.

APÊNDICE A – Questionário "avaliação social" preenchido por um informante do *corpus*

Estas frases poderiam ter sido ditas por pessoas com que profissão?

Primeiro leia as frases, depois escolha uma profissão para cada frase.

Professor, médico, operário, trabalhador rural, jornalista, carpinteiro.

a) Muitos pai nunca dialogou com seus filhos. trabalhador rural

b)Muitos animais encontraram nova morada nas cidades. professor

c) Os hómi morreu congelado. . carpinteiro

d) Os homens lutam até o fim. . médico

e) Surgiu novos tecidos no inverno. . operario

f) Apareceram novos meios de comunicação. . jornalista

	X	**Assinale com um x na coluna do seu lado esquerdo apenas as frases que estão escritas como você usa normalmente.** ←	**Frase está:**	**Frase está:**	**A pessoa que falou tem escolaridade**	
		FRASES	**CERTA**	**ERRADA**	**SIM**	**NÃO**
		Crianças, contem a verdade!	x			
		Filhos, nunca conte mentira!		x		
		As pessoas falam mal das outras.	x			
		Aqui, as pessoa costuma falar bem dos outros.		x		
		Os carros novos têm altas tecnologias.	x			
		As mulheres tem sua liberdade.	x			
		Os meninos sai pra encontrar as meninas.		x		
		Os menino faz muita bagunça.		x		
		As meninas faz menos.		x		
		Na verdade, os meninos e as meninas fazem arte!	x			
		Os menino prefere ficar.		x		
		As meninas preferem namorar.	x			
		As garota sai todo dia a noite para passear.		x		
		Os aparelhos fica ligado o dia todo.		x		
		As lâmpadas permanece acesa sempre.		x		
		As igrejas parecem shopping.		x		
		As igrejas lota no domingo.		x		
		Muitas igreja precisa de mais espaço.		x		
		Muitos padre querem mais fiéis.		x		
		Eles corre demais aqui.		x		
		Estas blusas saem mais.	x			
		A polícia pegou os dois ladrão lá na praça.		x		
		Para eles faltarem da escola, não precisa muito.	x			
		Eles saem correndo muito, é perigoso.	x			
		Para elas conseguir o garoto, faz de tudo.		x		
		Eles come sem lavar a mão!		x		
		Elas crescem primeiro.	x			
		Os meninos sai de moto.		x		
		Aí depois fizemo o passeio.		x		
		Os pastores contaram sobre o nascimento de Jesus.	x			

APÊNDICE B – "Teste de percepção" preenchido por um informante do *corpus*

		As escola entregaram os relatórios.		X		
		Seus amigos nunca pediu nada emprestado para você?	X			
		Os colegas contou a verdade.		X		
		Seus pai deixou você fazer isso?		X		
		A minha bicicreta ainda está nova.		X		
		Os cozinheiros inventarão novos pratos.		X		
		Os publicitários criará novas propagandas.		X		
		Alguns operários precisarão ser demitidos.	X			
		Muitas criança necessitará dessa vacina.		X		
		Ela xingou eu por causa da briga.		X		
		Os moleques fez muita confusão no recreio.		X		
		Muitos pai nunca dialogou com seus filhos.		X		
		As meninas fizeram um bom trabalho.	X			
		As meninas foram ao baile	X			
		As pessoas não foram ao enterro.	X			
		Apareceu dois meninos lá	X			
		Elas é de Araraquara.		X		
		Estes cadernos são mais resistentes.	X			
		Estes livros é mais caro.		X		
		Os caderno é melhor do que fichário.		X		
		Os fichário são mais bonitos.		X		
		Elas são de Araçatuba	X			
		Aparece novas tendências para o verão.		X		
		Estes prêmios vão para os primeiros colocados.	X			
		Estes doces vai para os segundos colocados.		X		
		As revista vai para os segundos colocados.		X		
		Os livro vão para os segundos colocados.		X		
		Surgiu novos tecidos no inverno		X		
		O pessoal foro tudo na piscina.		X		
		As meninas são mais comportadas	X			
		A maioria das crianças precisa de carinho e atenção.		X		
		A molecada apronta muito	X			
		O pessoal foi almoçar fora hoje.	X			
		A maioria das crianças gostam de doces.	X			
		A molecada pulam muito		X		
		Meu tio fuma cigarro de paia.		X		
		Hoje estamos bem, nois vive em paz.		X		
		Um dia, seremos todos felizes.	X			
		Nós morava lá no sitio.		X		
		Para sempre nós vai gostar de você.		X		
		Nós vem de ônibus todo dia.		X		
		Meu avô trabaia na roça.		X		
		A professora marcou prova de portugueis.		X		
		O hómi morreu congelado.		X		
		Depois pegamu o ônibus.		X		
		Ele fez uma viagi de ônibus.		X		

3

QUESTIONÁRIO 2

1- Leia as frases abaixo com atenção e veja se tem algum erro nelas, se tiver, escreva embaixo a correção.

a) Morava numa cidade três bons amigos, Felipe, Dorival e Murilo, ambos de 14 anos. (TQ72)

Moravam em uma cidade três bons amigos, Felipe, Dorival e Murilo, ambos de 14 anos.

b) Quando estes já estava longe do acampamento começou a aparecer fadas encantadas.(TQ72)

Quando estes já estavam longe do acampamento, começou a aparecer fadas encantadas.

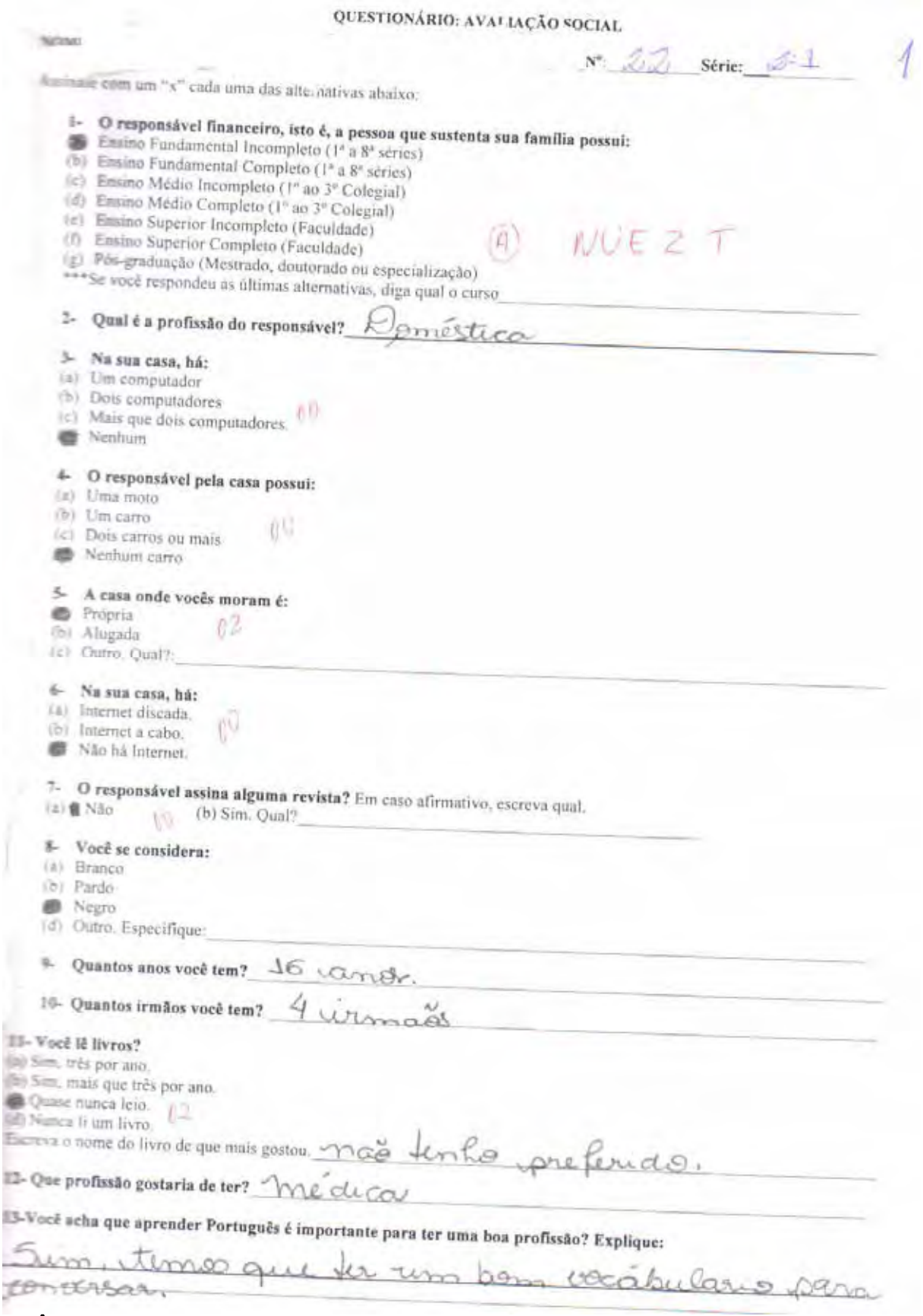
c) Três jovens resolveram acampar João, Danilo e Wilson eles arrumaram as coisas para ficar por lá, armaram uma cabana e ficou lá dentro arrumando as coisas que eles trouxeram e eles estava enjoado de ficar na cabana e resolveram dar uma volta na mata e de repente aconteceu uma grave situação. (EL82)

Três jovens resolveram acampar João, Danilo e Wilson. Eles arrumaram as coisas para ficar por lá, armaram uma cabana e ficaram lá dentro arrumando as coisas que trouxeram. Eles estavam enjoados de ficar na cabana e resolveram dar uma volta na mata, de repente aconteceu uma grave situação.

2- Escreva um pequeno texto falando sobre seus amigos, como eles são e algo que já aconteceu com vocês que ficou guardado em sua memória.

Meus amigos são pessoas de outro mundo, divertidos, inteligentes e às vezes, quase sempre bagunceiros. Posso dizer que eles são a alegria da minha vida, das minhas manhãs. Já meus professores, são bons em certos momentos, mas não adianta nada quando vem a sala bagunçando. Gosto da escola, mas não gosto muito de estudar, apesar de ser boa aluna.

APÊNDICE C – Questionário de "correção" preenchido por um informante do *corpus***.**



QUESTIONÁRIO: AVALIAÇÃO SOCIAL

Nº: 22 Série: 8:1 1

Assinale com um "x" cada uma das alternativas abaixo:

1- **O responsável financeiro, isto é, a pessoa que sustenta sua família possui:**
● Ensino Fundamental Incompleto (1ª a 8ª séries)
(b) Ensino Fundamental Completo (1ª a 8ª séries)
(c) Ensino Médio Incompleto (1º ao 3º Colegial)
(d) Ensino Médio Completo (1º ao 3º Colegial)
(e) Ensino Superior Incompleto (Faculdade)
(f) Ensino Superior Completo (Faculdade)
(g) Pós-graduação (Mestrado, doutorado ou especialização)
(A) NUEZT
***Se você respondeu as últimas alternativas, diga qual o curso _____

2- **Qual é a profissão do responsável?** Doméstica

3- **Na sua casa, há:**
(a) Um computador
(b) Dois computadores
(c) Mais que dois computadores. 01
● Nenhum

4- **O responsável pela casa possui:**
(a) Uma moto
(b) Um carro
(c) Dois carros ou mais 00
● Nenhum carro

5- **A casa onde vocês moram é:**
● Própria
(b) Alugada 02
(c) Outro. Qual?: _____

6- **Na sua casa, há:**
(a) Internet discada.
(b) Internet a cabo. 00
● Não há Internet.

7- **O responsável assina alguma revista?** Em caso afirmativo, escreva qual.
(a) ● Não 00 (b) Sim. Qual? _____

8- **Você se considera:**
(a) Branco
(b) Pardo
● Negro
(d) Outro. Especifique: _____

9- **Quantos anos você tem?** 16 anos.

10- **Quantos irmãos você tem?** 4 irmãos

11- **Você lê livros?**
(a) Sim, três por ano.
(b) Sim, mais que três por ano.
● Quase nunca leio. 02
(d) Nunca li um livro.
Escreva o nome do livro de que mais gostou. não tenho preferido.

12- **Que profissão gostaria de ter?** Médica

13- **Você acha que aprender Português é importante para ter uma boa profissão? Explique:**
Sim, tenho que ter um bom vocábulario para conversar.

APÊNDICE D – Questionário "avaliação social" preenchido por um informante do *corpus*

Estas frases poderiam ter sido ditas por pessoas com que profissão?

Primeiro leia as frases, depois escolha uma profissão para cada frase.

Professor, médico, operário, trabalhador rural, jornalista, carpinteiro.

a) Muitos pai nunca dialogou com seus filhos. Professor

b)Muitos animais encontraram nova morada nas cidades. operários

c) Os hómi morreu congelado. . carpinteiro

d) Os homens lutam até o fim. . médico

e) Surgiu novos tecidos no inverno. . trabalhador rural

f) Apareceram novos meios de comunicação. . jornalista

	X	**Assinale com um x na coluna do seu lado esquerdo apenas as frases que estão escritas como você usa normalmente.** ←	**Frase está:**	**Frase está:**	**A pessoa que falou tem escolaridade**	
		FRASES	**CERTA**	**ERRADA**	**SIM**	**NÃO**
		Crianças, contem a verdade!	X			
		Filhos, nunca conte mentira!	X			
		As pessoas falam mal das outras.		X		
		Aqui, as pessoa costuma falar bem dos outros.	X			
		Os carros novos têm altas tecnologias.	X			
		As mulheres tem sua liberdade.	X			
		Os meninos sai pra encontrar as meninas.	X			
		Os menino faz muita bagunça.	X			
		As meninas faz menos.	X			
		Na verdade, os meninos e as meninas fazem arte!	X			
		Os menino prefere ficar.	X			
		As meninas preferem namorar.	X			
		As garota sai todo dia a noite para passear.	X			
		Os aparelhos fica ligado o dia todo.	X			
		As lâmpadas permanece acesa sempre.		X		
		As igrejas parecem shopping.		X		
		As igrejas lota no domingo.		X		
		Muitas igreja precisa de mais espaço.	X			
		Muitos padre querem mais fiéis.	X			
		Eles corre demais aqui.		X		
		Estas blusas saem mais.	X			
		A polícia pegou os dois ladrão lá na praça.	X			
		Para eles faltarem da escola, não precisa muito.	X			
		Eles saem correndo muito, é perigoso.		X		
		Para elas conseguir o garoto, faz de tudo.	X			
		Eles come sem lavar a mão!		X		
		Elas crescem primeiro.		X		
		Os meninos sai de moto.	X			
		Aí depois fizemo o passeio.	X			
		Os pastores contaram sobre o nascimento de Jesus.	X			

APÊNDICE E – "Teste de percepção*"* preenchido por um informante do *corpus*

		As escola entregaram os relatórios.	X			
		Seus amigos nunca pediu nada emprestado para você?		X		
		Os colegas contou a verdade.	X			
		Seus pai deixou você fazer isso?	X			
		A minha bicicreta ainda está nova.	X			
		Os cozinheiros inventarão novos pratos.	X			
		Os publicitários criará novas propagandas.	X			
		Alguns operários precisarão ser demitidos.	X			
		Muitas criança necessitará dessa vacina.	X			
		Ela xingou eu por causa da briga.	X			
		Os moleques fez muita confusão no recreio.		X		
		Muitos pai nunca dialogou com seus filhos.		X		
		As meninas fizeram um bom trabalho.	X			
		As meninas foram ao baile		X		
		As pessoas não foram ao enterro.		X		
		Apareceu dois meninos lá	X			
		Elas é de Araraquara.	X			
		Estes cadernos são mais resistentes.	X			
		Estes livros é mais caro.	X			
		Os caderno é melhor do que fichário.		X		
		Os fichário são mais bonitos.	X			
		Elas são de Araçatuba	X			
		Aparece novas tendências para o verão.	X			
		Estes prêmios vão para os primeiros colocados.	X			
		Estes doces vai para os segundos colocados.	X			
		As revista vai para os segundos colocados.	X			
		Os livro vão para os segundos colocados.	X			
		Surgiu novos tecidos no inverno	X			
		O pessoal foro tudo na piscina.		X		
		As meninas são mais comportadas	X			
		A maioria das crianças precisa de carinho e atenção.	X			
		A molecada apronta muito		X		
		O pessoal foi almoçar fora hoje.	X			
		A maioria das crianças gostam de doces.	X			
		A molecada pulam muito	X			
		Meu tio fuma cigarro de paia.	X			
		Hoje estamos bem, nois vive em paz.	X			
		Um dia, seremos todos felizes.	X			
		Nós morava lá no sítio.	X			
		Para sempre nós vai gostar de você.	X			
		Nós vem de ônibus todo dia.	X			
		Meu avô trabaia na roça.	X			
		A professora marcou prova de portugueis.	X			
		O hómi morreu congelado.	X			
		Depois pegamu o ônibus.	X			
		Ele fez uma viagi de ônibus.	X			

3

QUESTIONÁRIO 2

1- **Leia as frases abaixo com atenção e veja se tem algum erro nelas, se tiver, escreva embaixo a correção.**

a) Morava numa cidade três bons amigos, Felipe, Dorival e Murilo, ambos de 14 anos. (TQ72)

não encontrei erro.

b) Quando estes já estava longe do acampamento começou a aparecer fadas encantadas.(TQ72)

não encontrei erros

c) Três jovens resolveram acampar João, Danilo, Wilson eles arrumaram as coisas para ficar por lá armaram uma cabana e ficou lá dentro arrumando as coisas que eles trouxeram e eles estava enjoado de ficar na cabana e resolveram dar uma volta na mata e de repente aconteceu uma grave situação. (EI.82)

não encontrei erros

2- Escreva um pequeno texto falando sobre seus amigos, como eles são e algo que já aconteceu com vocês que ficou guardado em sua memória.

Os meus amigos da escola são todos bem legais, as vezes um pouco chatos mais mesmo assim bem adoráveis.

Adora muito ir para escola, por bem tratada pelos professores e pelos os meus amigos também.

APÊNDICE F – Questionário de "correção" preenchido por um informante do *corpus*

ANEXOS

Escreva um texto narrativo em 3.º pessoa com o seguinte Tema: "Três amigos foram acampar em uma floresta e se perderam.."

De volta para casa

Três amigos foram acampar em uma floresta longe de suas casas, mas não sabiam o que estaria por vir...

Chegando no local onde iriam acampar, tiveram uma ideia de sair para procurar um lago para tomarem banho. Eles foram tomaram banho mas na hora de voltarem não conseguiram encontrar o caminho.

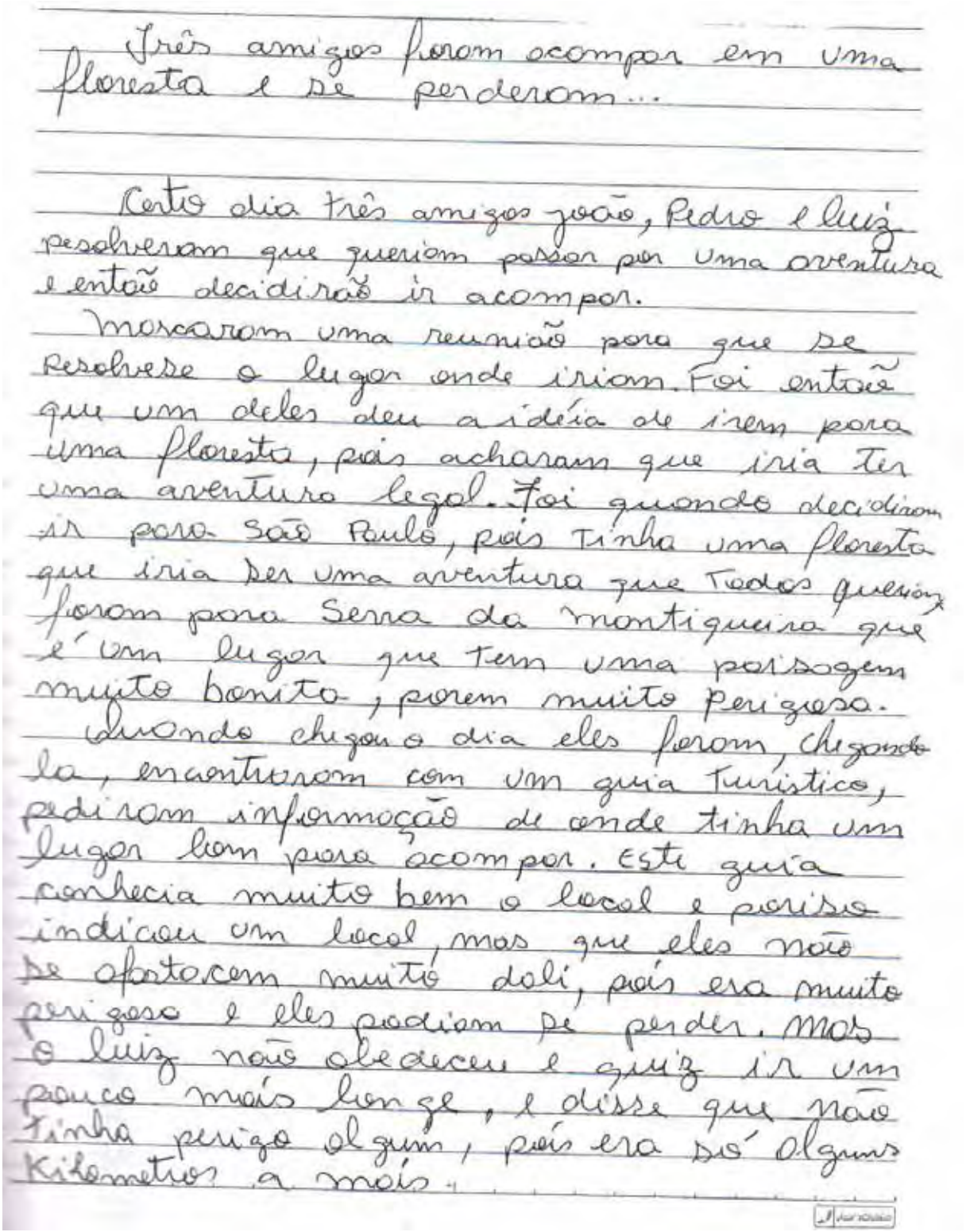
Os três amigos que sempre acampava em varias floresta e nunca se perderam, ficaram apavorados e começaram a andar sem rumo, com sede, fome e mal estar.

A caminhada foi tão longa que pegaram no sono e dormiram, acordaram no outro dia, por um casal que morava, ali perto.

Ficaram muito contentes, pois o casal conhecia a floresta desde crianças porque nasceram lá, os três se alimentaram e o casal deixou eles onde tinham deixado suas malas, quando chegaram na floresta.

Pegaram o ônibus e foram em bora agradecendo a Deus por estar vivo, sendo que na floresta tem

ANEXO A- Amostra 1 de redação produzida pelos informantes



Três amigos foram acampar em uma floresta e se perderam...

Certo dia três amigos João, Pedro e Luiz resolveram que queriam passar por uma aventura e então decidiram ir acampar.

Marcaram uma reunião para que se Resolvesse o lugar onde iriam. Foi então que um deles deu a idéia de irem para uma floresta, pois acharam que iria Ter uma aventura legal. Foi quando decidiram ir para São Paulo, pois Tinha uma floresta que iria Ser uma aventura que Todos queriam foram para Serra da Mantiqueira que é um lugar que Tem uma paisagem muito bonito, porem muito Perigosa.

Quando chegou o dia eles foram, Chegando lá, encontraram com um guia Turistico, pediram informação de onde tinha um lugar bom para acampar. Este guia conhecia muito bem o local e porisso indicou um local, mas que eles não se afastacem muito dali, pois era muito perigoso e eles podiam se perder. Mas o Luiz não obedeceu e quiz ir um pouco mais longe, e disse que não Tinha perigo algum, pois era só alguns Kilometros a mais.

ANEXO B– Amostra 1 de redação produzida pelos informantes

Três amigos foram acampar numa floresta e acabaram se perdendo.

Certo dia três amigos foram acampar em uma floresta, pouco perto do Cachoeiro, eles resolveram montar suas cabanas ali perto quando derrepente eles ouviram um barulho no meio do mato, um deles foi ver aqui uns minutos depois o colega deles não voltou. Os dois amigos que ficou na Cabana ficaram assustados pela demora do colega e Resolveram ir procura-los. Entrando no meio do mato eles começaram a gritar o nome do colega, derrepente outro Colega dele some, e ele fica desesperado gritando socorro, e correndo para um lado, para o outro e nada dos colegas aparecerem, ele continua andando derrepente ele ve uma luz a casa numa velha cabana, na hora que ele abre a porta do Barraco os dois colega gritam feliz aniverssario, o colega deles levo um susto e chego até ficar branco. depois do susto ele falo para os colegas.

— Vocês dois me deixou um susto! mas nada aconteceu com eles eles curtiram a festinha de aniverssario no Barraco velho.

O dia amanheceu e eles se arrumaram guardaram as coisas e foram imbora.

Fim

ANEXO C– Amostra 1 de redação produzida pelos informantes

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE ENSINO DO INTERIOR
DIRETORIA DE ENSINO – REGIÃO DE LIMEIRA
EE Profª. Zita de Godoy Camargo
Av. M-17-A, nº 639 - Jardim Hipódromo - Rio Claro - S.P.
CEP: 13.505-001 - Fone: (019)3534-7380/3523-2519

AUTORIZAÇÃO

A Direção da EE Profª Zita de Godoy Camargo AUTORIZA o uso da foto da escola e dos dados aqui coletados pela professora Maria Beatriz Gameiro, PEB-II de Português na sua tese de Doutorado.

Rio Claro, 08 de julho de 2009.

Rita Rogeli do Cristo Leite
RG: 8.069.283-7
Diretor de Escola

ANEXO E - E–Autorização para uso dos dados da Escola